



Silvio Meira

Os Balateiros do Maicuru

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

358

ism Instituto
Silvio Meira

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Os Balateiros do Maicuru, de Silvio Meira, é um retrato genuíno da Amazônia, que oferece um olhar realista, distante das fantasias sobre a floresta, revelando a dureza e a complexidade da vida daqueles que dela dependem.

Ambientada na região do Rio Maicuru, no estado do Pará, a obra retrata as condições de vida e trabalho dos balateiros — homens que extraíam a balata, uma resina obtida da balateira, árvore típica da floresta amazônica, utilizada na produção de borracha.

Meira expõe as dificuldades enfrentadas por esses trabalhadores: a exploração econômica, as condições extenuantes na floresta e o isolamento social. A narrativa combina elementos históricos e sociais para destacar aspectos como: a relação de dependência entre trabalhadores e patrões, sustentada pelo sistema de aviamento, o qual perpetuava dívidas e desigualdades; as desafiadoras paisagens amazônicas, que moldavam o cotidiano desses homens; e a luta pela sobrevivência em meio à exploração e à injustiça.

Com sensibilidade e profundidade, Silvio Meira transforma personagens historicamente marginalizados em protagonistas de uma narrativa que denuncia a opressão e ilumina aspectos pouco conhecidos da história econômica e social da Amazônia.

Esta nova edição, lançada no âmbito da programação oficial do Senado Federal para a COP 30, realizada em Belém, em 2025, celebra a relevância de *Os Balateiros do Maicuru* como um registro literário e histórico essencial, promovendo reflexões sobre a sustentabilidade, a justiça social e a proteção da Amazônia.

Os balateiros do Maicuru



Senado Federal

Mesa

Biênio 2025/2026

Senador Davi Alcolumbre

Presidente

Senador Eduardo Gomes

1º Vice-Presidente

Senador Humberto Costa

2º Vice-Presidente

Senadora Daniella Ribeiro

1ª Secretária

Senador Confúcio Moura

2º Secretário

Senadora Ana Paula Lobato

3ª Secretária

Senador Laércio Oliveira

4º Secretário

Suplentes de secretário

Senador Chico Rodrigues

Senador Styvenson Valentim

Senador Mecias de Jesus

Senadora Soraya Thronicke

Conselho Editorial

Senador Randolfe Rodrigues

Presidente

Esther Bemerguy de Albuquerque

Vice-Presidente

Conselheiros

Alexandre de Souza Santini Rodrigues

Ana Cláudia Farranha

Ana Flavia Magalhães Pinto

Ana Maria Veiga

Alcinéa Cavalcante

Bruno Lunardi Gonçalves

Carlos Ricardo Caichiolo

Esmeraldina dos Santos

Heloisa Maria Murgel Starling

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Marco Américo Lucchesi

Nathalia Henrich

Rafael André Vaz Chervenski

Victorino Coutinho Chermont
de Miranda

Silvio Meira

Os balateiros do Maicuru



Edições do Senado Federal
vol. 358

Brasília, 2025



Edições do Senado Federal, vol. 358

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

Arquivos cedidos pelo Instituto Silvio Meira (ISM)

Organização e revisão: Cristiano Ferreira

cedit@senado.leg.br

<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/conselho-editorial-1>

Todos os direitos reservados

Secretaria de Editoração e Publicações

Capa: Leonardo Matoso

Projeto gráfico: Eduardo Franco e Leonardo Matoso

Diagramação: Eduardo Franco

Revisão: Anderson Gonçalves e Rodrigo Barreto

Revisão técnica: Myrian Karlla

© Senado Federal, 2025

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº

CEP 70165-900 — DF

Meira, Silvio A. B., 1919-1995.

Os balateiros do Maicuru / Silvio Meira. — Brasília : Senado Federal, 2025.

332 p. — (Edições do Senado Federal ; v. 358) (COP 30)

ISBN: 978-65-5676-667-6

1. Conservação da natureza, Brasil. 2. Literatura, Brasil. 3. Romance, Brasil.
I. Título. II. Série.

CDD 333.72

Vinde todos, e contemplai-nos:
que somos os da terra fatigados,
de cabelos hirsutos
e de joelhos sem força,
com palavras, paisagens, figuras humanas
pregadas para sempre em nossa memória.
(Cecília Meireles – Convite melancólico)

Sumário



Apresentação da Coleção COP 30	9
Prefácio	13
Nota do Instituto Silvio Meira	17
Primeira parte	23
1 Turbilhões na Alma	25
2 A Tropa dos Balatais	49
3 A Borra do Mundo	73
4 Os Salvadores da Pátria	97
5 As Águas que Rolam	115
6 Aonde não Chega a Lei	125
7 Na Terra de Ninguém	143
8 Os Amotinados do Jari	155
9 Os Porões da Pátria	169
10 No Rumo do Eldorado	185
Segunda parte (Os algemados)	195
11 Os Pródromos da Anarquia	197
12 A Feira dos Balatais	207
13 A Última Esperança	215
14 O Regresso — Os Tombos	225
15 A Grota Rica e o Sumidouro	241
16 Conflito na Selva	249
17 As Algemas	265
18 Os Fuzis do Tenente Justino	275
19 Monte Alegre faz-se Triste	287
20 Uma Brasa no Coração	299
21 Os Sonhos de Mauro	309
22 A Virada	315
23 O Círio de São Francisco	323

Apresentação da Coleção COP 30



A realização da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 30), pela primeira vez sediada na Amazônia brasileira — em Belém, no estado do Pará —, representa um marco histórico e uma oportunidade singular para o Brasil reafirmar seu compromisso com a preservação ambiental e com a construção de um futuro sustentável e justo. Em um mundo cada vez mais impactado por eventos extremos como secas prolongadas, inundações, incêndios florestais e avanço do nível dos oceanos, a conferência desponta como espaço crucial para reverter trajetórias de destruição e reafirmar o compromisso global com a sustentabilidade. Esta cúpula multilateral carrega a responsabilidade de transformar promessas em ações concretas. O que está em jogo não é apenas o futuro das próximas gerações, mas o presente de milhões que já enfrentam os efeitos da degradação ambiental.

É nesse contexto que o Conselho Editorial do Senado Federal lança a Coleção COP 30, um conjunto de obras que expressa o esforço do Parlamento em contribuir com o debate climático a partir de múltiplas perspectivas: científica, literária, educativa e política.

Destaco, com especial alegria, que Macapá — a capital do meu amado estado — será subsede dessa conferência histórica. Para nós, amapaenses, que vivemos no estado mais preservado do Brasil, trata-se de uma ocasião ímpar para apresentar ao mundo nossas riquezas naturais, nossa cultura vibrante e o valor da nossa gente. Somos guardiões de parques, de unidades de conservação, de rios que alimentam a terra e o espírito. Somos prova viva de que é possível manter a floresta em pé e, ao mesmo tempo, construir um modelo de desenvolvimento baseado nos frutos da floresta e nas potencialidades do território. Aliás, quem nunca viu o Amazonas não conhece o Brasil em sua inteireza. Ser banhado por esse rio é um privilégio imensurável. A COP 30 será também o momento de mostrar nossas urgências. Nosso povo precisa de dignidade, de oportunidades, de justiça



social. Preservar a floresta é inadiável; garantir justiça para quem nela vive é igualmente essencial.

A coleção apresenta reflexões sobre a Amazônia em toda a sua complexidade humana, cultural e ambiental. Reúne narrativas que resgatem memórias e vivências das populações tradicionais, análises profundas sobre a realidade socioambiental brasileira e textos voltados à educação e à sensibilização das novas gerações. Essas obras revelam os desafios enfrentados pelo país diante das mudanças climáticas, ao mesmo tempo que apontam caminhos possíveis para uma transição justa, com metas efetivas de redução das emissões de gases de efeito estufa, ampliação do uso de energias renováveis, preservação de ecossistemas e fortalecimento de políticas públicas voltadas à adaptação dos territórios e à proteção das populações mais vulneráveis.

A emergência climática impõe também a mobilização de recursos financeiros para que países em desenvolvimento possam implementar medidas concretas de mitigação e adaptação, de forma justa e equitativa. Como alertou o Papa Francisco, em sua memorável encíclica *Laudato Si'*, “o impacto mais grave das mudanças climáticas recai sobre os mais pobres”. Por isso, qualquer solução ambiental verdadeiramente sustentável deve estar comprometida também com a superação das desigualdades sociais entre pessoas e entre nações.

Nesse sentido, os livros da Coleção COP 30 dialogam com as discussões mais atuais sobre financiamento climático e sobre a urgência de mecanismos internacionais mais eficazes e solidários. Ao mesmo tempo, reforçam a centralidade da justiça climática, compreendida como a garantia de que nenhuma comunidade seja deixada para trás, especialmente aquelas que, historicamente, mais contribuíram para a preservação dos ecossistemas: povos indígenas, comunidades ribeirinhas, quilombolas e demais grupos tradicionais.

A COP 30 convida o mundo a escutar a floresta e seus guardiões, a considerar o saber ancestral em diálogo com a ciência e a construir pactos justos e eficazes em defesa da vida no planeta. A escolha da Amazônia como sede não é apenas simbólica: representa o reconhecimento da centralidade dos biomas tropicais e da urgência em protegê-los. Afinal, o que acontece na Amazônia repercute em todo o planeta.

Com títulos como *Estudos da Amazônia Contemporânea*, *Cuidando da Nossa Terra*, *30 Anos de Floresta*, *Os Balateiros do Maicuru*, *Os Náufragos do Carnapijô*, *O Ouro do Jamanxim* e as versões adulta e infantil da *Carta da Terra*, a coleção propõe uma visão ampla, plural e engajada do papel do Brasil — e de suas instituições — no enfrentamento da crise climática. Inclui ainda a *Coletânea Chico Mendes*, com seis volumes dedicados à vida, à luta e ao legado de um dos maiores defensores da floresta e dos povos amazônicos, além da *Coleção Amazonidades*, que valoriza os saberes locais e a diversidade cultural da região.

Mais que um conjunto de publicações, a Coleção COP 30 é uma contribuição concreta do Senado Federal para a construção de uma consciência climática pautada na ciência, na democracia e nos direitos humanos. É a expressão de um compromisso com o futuro — um futuro que precisa ser construído agora, com responsabilidade, coragem e solidariedade.

Senador Randolfe Rodrigues
Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal

Prefácio



A volta por cima do escritor Silvio Meira, balateiro do Maicuru

No meu aprendizado como escritor, circunscrito que sou e estou na Amazônia paraense, obtive valiosas lições e instruções lendo, sobretudo os autores locais e, entre esses, com Silvio Augusto de Bastos Meira, que conheci pessoalmente, em Belém, e com quem proseei algumas vezes. Lendo o seu romance *Os Balateiros do Maicuru*, de 1983, que tenho um exemplar autografado em 1984 — ao jovem escritor e jornalista — pelo conhecido intelectual, de família tradicional e importante no Pará cujos membros atuantes tem relevância cultural e política —, chamou-me atenção por ser bem escrito, tramado, pesquisado, ou seja, um romance que merece ser destacado na literatura brasileira que se produz competentemente no Pará.

E até hoje não vi esse destaque.

E subsiste certo apagamento, tornando o autor invisível, como é sempre tratada a nossa literatura, motivo de minha constante indignação e luta em prol do avanço e reconhecimento de nossa literatura, pois o Pará tem muitos escritores que deveriam, com suas obras, ser conhecidos e reconhecidos de nossa gente, no Pará, no Brasil e no mundo inteiro.

E não são.

Por isso, é bem-vinda a notícia da republicação da trilogia de Silvio Meira:

O Ouro do Jamaxim, *Os Naufragos do Carnapijô* e este — *Os Balateiros do Maicuru* —, sobre o qual me solicitou seu neto, o amigo André Meira, interessado intelectual em preservar a memória e o trabalho dos seus, escrevesse alguma coisa.

Admiro a preocupação do André Meira e é preciso esse trabalho, sobretudo nestes tempos em que o livro, nas várias plataformas, entre os quais, o impresso, de minha preferência, vem perdendo leitores mundialmente, e as novas gerações preferem o visual colorido, com informações sucintas, leves, esquecendo a maravilha que o mundo oferece de tanto material que se pesquisa e disponibiliza, a talvez essa infodemia seja o ponto do desleixo intelectual.



Mas, como não me dou por vencido, creio que esse estremecimento dará lugar a um enorme interesse em que o material nas bibliotecas será novamente e altamente pesquisado e avidamente consumido.

Esses romances citados considero de primeira linha na literatura brasileira que se produz no Pará

Li os três e todos me chamam a atenção como são bem escritos, interessantes e deveriam ser obras de muito conhecimento e leitura entre nós.

E não são.

Silvio Meira, conhecedor da Amazônia, em seu entrelaçamento com o cotidiano, gostava de trabalhar sua literatura, misturando ficção e realidade, subjetividade filosófica e poesia, em seu saber ficcional, linguagem da narrativa de excelente estofo.

Os Balateiros do Maicuru, romance com narrativa feita em vinte três capítulos, trezentas e algumas páginas de edição com feitio moderno que ofertam ao leitor e à leitora, em duas partes, síntese da vida na Amazônia, mais precisamente em Monte Alegre, município paraense situado no Baixo-Amazonas e entorno.

No Rio Maicuru, a saga de Mauro Pedro da Silva, jovem personagem, escrita por maduro autor, experiente da vida, que vai ao cenário de sua contação, vivência, observa, anota as condições desiguais de vida do homem e da mulher, a falta de logística e de amparo à saúde, a péssima educação que é cópia e reprodução do que se pratica na região sul do país, sem nenhum tipo de adaptação e atração, desprezando os valores locais.

A ficção funciona como denúncia e protestos, como sempre acontece, nunca ouvido pelas autoridades, sobre os tiradores, no mato, na selva, do látex da balateira, árvore nativa, que produz a balata [1], produto procurado pela indústria internacional e que, conforme quem conhece, superior ao da seringueira.

E é uma atividade perigosa, difícil e que coopera e muito com a devastação da floresta.

Com este renovo que o André Meira propicia por meio do ISM — Instituto Silvio Meira —, certamente as histórias romanceadas, a ficção bem escrita e mais bem pesquisada de seu avô e de outros autores do Pará, as obras

de nossa literatura avultarão no cenário mundial que lamentará tenha sido de forma tão tardia.

Aguardemos a virada a nosso favor. Isso vai acontecer!

E tudo que a Amazônia produz terá enorme visibilidade, destacando a sua literatura e, entre essa, a do Pará se distinguirá pela qualidade de seus atores, de seus pesquisadores, escritores, de sua história, da cultura de sua gente cabana.

Num certo dia, entrava para ouvir palestra, e o conferencista, o próprio Silvio Meira, brindava seus ouvintes com belas composições que tira de piano afinado, numa audição musical que aliada ao conteúdo do que sabia dizer, valiam por aulas e aulas de conhecimento e, nesse sentido, Silvio Meira se despia de todas as honrarias e títulos que amealhara em seus estudos na Europa — Alemanha e Itália — e de sua vida de homem público que ocupou cargos proeminentes e conversava com seus interlocutores, contando e ouvindo coisas do cotidiano simples da vida que procurava deleitar com a magia das palavras e a suavidade das notas musicais, tocando, pianando, plainando, feliz!

O romance contém memória bonita de se relembrar para não esquecer e valorizar a nossa cultura e nossos mitos coletivos e pessoais.

Silvio Meira mostra o mundo das drogas e a luta que deve ser travada pelas gerações se livrarem delas, sublinha a ambição humana, destaca o precário local de embarque de passageiros pelas linhas fluviais do Pará, a partir da capital Belém através do Porto do Sal, noticia o pintor Augusto Morbach, de Marabá, chama atenção para Waldemar Henrique, Alonso Rocha, para nossos mitos e lendas como a Matintaperera, mostrando as águas que rolam e faz desfilar no entrecho, Sofias, Brigites, Maria do Céu, Purificação, Zeca Andrade, Sidônio, Revoredo, o mistério das inscrições das serras de Monte Alegre, as eleições, a derrota política, os seus caboclos, o general todo poderoso que fazia um poste ser governador, assim quisesse, derrotado, adeus controlador, quem diria. E que venham novas eleições.

O mundo mudou. É tempo de internet, de voto eletrônico, contrapondo voto de papel em urnas de lona, desempenhadas do Cardoso, as balatas da igreja, do padre, do santo, as toneladas do ouro negro...

E o questionamento: por que explorar a balata e não a seringueira? Silvio Meira mostra a dança do marambiré e a repartição do estado pelos políticos em seus nepotismos, como bolo de macaxeira, que todos querem a melhor parte e para os seus, com bem hereditário, o Brasil cercado de ingleses por todos os lados, o movimento das Catalinas da Panair do Brasil. O jacaré dos ares e os versos do poeta:

Eta, Pará, terra boa pra enricar!

Fúria popular como certos incêndios que custam a manifestar-se, mas, quando explodem, conservam-se acesos por muitos dias.

É da natureza do sangue amazônida.

Assim fora durante a Cabanagem, sublinha narrador do romance de Silvio Meira, que se tornou, ao se enfronhar nas matas amazônicas, qual Ferreira de Castro, um autêntico balateiro.

Assim será sempre, pois um dia a Cabanagem revolta...

*Salomão Larêdo, escritor e jornalista
Belém do Pará, 28 de fevereiro de 2022, centenário
da Semana de Arte Moderna, no Brasil.*

Nota do Instituto Silvio Meira



Apresentar esta magnífica obra *Os Balateiros do Maicuru*, escrita pelo meu avô Silvio Augusto de Bastos Meira, que compõe a premiadíssima *trilogia de romances amazônicos*, é, ao mesmo tempo, tarefa fácil, mas também tarefa difícil, pela ligação familiar e, ainda, profissional. Um agradecimento especial ao Conselho Editorial do Senado Federal, por ter abraçado este projeto e este sonho com tanto carinho.

Este livro representa o lado romancista do autor, amazônida de coração e nascença, já consagrado jurista e romanista, pesquisador indelével, quando decidiu romanciar os problemas oriundos da exploração das árvores e da balata na Amazônia.

O autor desta obra, o saudoso professor Silvio Augusto de Bastos Meira, nome literário Silvio Meira, advogado, professor Catedrático e Emérito da UFPA, jurista, jurisconsulto, humanista, germanista, romancista, escritor. Homem de todas as letras. Filho do senador Augusto Meira com Anésia de Bastos Meira, nasceu em Belém do Pará no dia 14 de maio de 1919. Em 1924 iniciou os estudos primários no Instituto Vieira, concluindo em 1929. No ano seguinte, aos 11 anos, ingressou no Gynásio Paraense (Colégio Paes de Carvalho), onde organizou um jornal intitulado *Nihil*, com seis exemplares. Em 1935, aos 16 anos, termina o curso ginásial e realiza o curso pré-jurídico, quando inicia os estudos na língua alemã com a professora Otilia Müller Schumann. Aos 18 anos, escreve seu primeiro livro, *A conquista do Rio Amazonas*, onde conta a história do navegador Pedro Teixeira, e, aos 19, escreve seu primeiro romance, *Mato Grande*, inédito até hoje, quando, também, teve publicado no importante *Jornal do Commercio* um trabalho sobre Frederico Schiller, de sua autoria. Em 1937, ingressa na Faculdade de Direito do Pará. Em 1940, ainda acadêmico de direito, realiza concurso para o Ministério do Trabalho, conquistando o primeiro lugar entre 400 candidatos, assumindo como secretário do Tribunal Regional do Trabalho. Gradua-se em direito no ano de 1942, com o título de “laureado”, sendo o orador oficial da turma.



Em 1943, desliga-se do Tribunal do Trabalho e é nomeado diretor da Junta Comercial do Estado do Pará. Inscrito na OAB-PA sob o nº 305, foi advogado militante por mais de 30 anos. Completou seus estudos humanísticos em bolsa de estudos na Alemanha, França e Itália, nos anos de 1957 a 1962. Em todas as missões ao exterior, manteve contato pessoal com eminentes romanistas, tendo várias de suas obras traduzidas para vários idiomas.

Projetou-se no Pará como legislador (constituente de 1946), presidente da comissão que elaborou o projeto da Constituição Política do estado em 1947 e membro da que elaborou a de 1967. Presidente da Comissão de Constituição e Justiça, contribuiu para a redação do Código Civil de 2002. Foi presidente do Instituto dos Advogados do Pará (IAP) e vice-presidente da OAB-PA na gestão de Daniel Coelho de Souza e Egydio Salles. Silvio Meira também foi deputado estadual (líder da maioria), consultor-geral da Prefeitura de Belém, consultor-geral do estado, membro do Conselho Estadual (desde a sua fundação em 1969) e do Conselho Federal de Cultura (1971 a 1977), bem como 1º suplente de deputado federal e de senador da República.

Além dos inúmeros cargos que exerceu, era membro de várias entidades culturais, nacionais e estrangeiras, tais como a Academia Brasileira de Letras Jurídicas (fundador, na cadeira nº 5), Academia Brasileira de História, Instituto dos Advogados Brasileiros (de onde foi orador oficial por muitos anos), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (e de vários estados, como o do Pará), Academias de Letras (Carioca, Pará, Acre, Paraíba, Alagoas e outras), Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, Sociedade Brasileira de Romanistas, foi presidente da Associação Interamericana de Direito Romano, bem como membro honorário da Academia Paraense de Letras Jurídicas. Com mais de 50 títulos e diplomas honoríficos, entre eles o diploma “Al Mérito”, da Universidade Autônoma e da Universidad Veracruzana do México; “Palma de Ouro”, da UFPA; “Ami de Paris”, do Conselho Municipal de Paris; “Medalha do Mérito”, da Universidade Federal de Pernambuco; “Medalha Osvaldo Vergara”, da OAB-RS; “Medalhas do Centenário de Rui Barbosa”, do Centenário de Plácido de Castro; Cidadão Carioca, pela Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara; “Medalha José Veríssimo”, da Academia Paraense de Letras; “Medalha Cultural Augusto Meira”, do Conselho Estadual de Cultura; Diploma de Cidadão Petropolitano e “Prêmio Clio”, da

Academia Paulista de História (1991), entre tantos outros. Recebeu quatro prêmios da Academia Brasileira de Letras (Odorico Mendes, Aníbal Freire, Alfredo Jurzikowsky e a mais alta comenda cultural brasileira, a “Medalha Machado de Assis”, pelo conjunto da obra). Nas Letras Jurídicas, é o único paraense a receber as três maiores comendas do país: o “Prêmio Pontes de Miranda”, da Academia Brasileira de Letras Jurídicas (1980); o “Prêmio Teixeira de Freitas”, do Instituto dos Advogados Brasileiros (1971, indicado por 36 juristas); e o “1º Prêmio Brasília de Letras Jurídicas”, do Clube dos Advogados do Distrito Federal (1977). Nos anos 70, cursou a Escola Superior de Guerra, sendo orador da turma.

Como professor, em 1947 foi contratado para lecionar Direito Civil e, em 1955, começou a lecionar Direito Romano, conquistando a Cátedra da disciplina em 1958 com a tese “A Lei das XII Tábuas — Fonte do Direito Público e Privado”. Em 1989, foi elevado a professor Emérito da UFPA. Silvio Meira, sobretudo, era um germanista. A convite do governo alemão, estudou e visitou as universidades de Bonn, Hamburgo, Berlim, Munique, Bochum, Heidelberg, Constanz, Instituto Max Planck, entre outras. Traduziu, do original, a obra-prima *Fausto* de Goethe, em versos rimados (5 edições), merecendo por essa tradução os aplausos de eminentes homens de letras brasileiros. Traduziu, também, o drama *Guilherme Tell*, de Frederico Schiller (2 edições), sendo premiado pela Academia Brasileira de Letras. Sobre a cultura tedesca, ainda publicou a bela obra *Estudos Camonianos e Goethianos*. Pelas suas realizações no campo germanístico, recebeu a mais alta comenda cultural alemã, a medalha “Verdienstkreuz”, a Cruz do Mérito da antiga República Federal da Alemanha, em 1ª classe. Sobre a tradução do *Fausto* feita por Silvio Meira, escreveu o saudoso Carlos Drummond de Andrade: “Não preciso dizer-lhe do interesse que me despertou a recriação, em vernáculo, da obra-prima alemã, interpretada com tanto escrupúlo intelectual e conhecimento de particularidades literárias, que tornam esse trabalho realmente digno de admiração”.

Silvio Meira publicou inúmeras obras nas áreas do Direito, literatura, poesia, ensaio, biografia, tradução e romance, mais de 200 monografias, artigos e conferências por todo o mundo e mais de 15 mil pareceres jurídicos. Já tratamos, por exemplo, das obras germanistas, abordando a tradução do

Fausto, de Goethe, e o drama *Guilherme Tell*, de Schiller, ambas premiadas como as melhores traduções para a língua portuguesa. Aliás, sobre o caráter germanista de Silvio Meira, assim pronunciou-se a saudosa escritora Rachel de Queiroz, a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras: “Silvio Meira é um goethiano, cultor e tradutor do Poeta. Isso se compreende, pois as afinidades entre ambos são evidentes, como a multiplicidade de facetas intelectuais, que no paraense descobrimos na cátedra, na ciência, na linguística, na poesia, no romance. E cada qual tão merecedora de aplausos quanto a obra”. Mas Silvio Meira era, também, um romancista. Sua famosa trilogia *Os Náufragos do Carnapijó*, *O Ouro do Jamanxim* e *Os Balateiros do Maicuru*, que retratam a vida na Amazônia, eram obras obrigatórias nas escolas públicas do país pelo Instituto Nacional do Livro (INL). Aliás, sobre *O Ouro do Jamanxim*, pronunciou-se o grande Carlos Drummond de Andrade: “...belo e vigoroso romance *O Ouro do Jamanxim*. Ele nos permite visualizar, de forma dramática, a terra e o homem amazônico, através de uma história que cativa o interesse do leitor. Ficção que reflete a vida em movimento e que, por isso, a par do mérito literário, tem o valor de documento social e humano”.

No campo da história, Silvio Meira escreveu *A Conquista do Rio Amazonas*, *A Epopeia do Acre*, *Fronteiras Sententrionais: 3 séculos de lutas no Amapá*, *Fronteiras Sangrentas*, *Meditações sobre o Fausto de Goethe* (separata) e *Mato Grande* (inédito). Sobre a obra *Fronteiras Sangrentas*, assim comentou o saudoso intelectual Gilberto Freyre: “...o erudito admirável, cujo alto saber nunca se desprende das coisas mais nacionais do Brasil, que é o Prof. Silvio Meira”. No campo da poesia, publicou *Antologia Poética*, *Antologia de Poetas Alemães* (26 poetas), e os ensaios *Estudos Camonianos e Goethianos* — onde faz uma profunda análise comparativa entre o pensamento de Goethe e Camões —, *Andrés Bello e Teixeira de Freitas* e *A missão do orador*. Sobre as Antologias Poéticas, assim escreveu o saudoso escritor Octávio de Faria, imortal da Academia Brasileira de Letras: “Silvio Meira é um ser vivo e pulsante, ao mesmo tempo um romancista, e um poeta, um jurista e um ensaísta, um ser que vibra como todos ante tudo o que existe e se faz sentir no tremendo mundo em que vivemos. Apenas, e antes de mais nada, é um ser voltado para o que há de mais belo e de mais nobre,

para o passado mais clássico em cujo culto foi educado — e, digamos assim, esplendidamente educado”.

Na área do Direito, foi autor de inúmeras obras, artigos, conferências e trabalhos científicos ao longo da vida, especialmente na área romanista, os quais destacamos: *Curso de Direito Romano* (reeditado em 1996 pela LTr em edição comemorativa), *História e Fontes do Direito Romano*, *Instituições de Direito Romano* (um tratado, reeditado em 2017 pelo IASP), *Direito Tributário Romano* (reeditado em 2013 pela Ed. UFPA), *A Lei das XII Tábuas — Fonte do Direito Público e Privado* (sua tese de Cátedra), *Novos e Velhos Temas de Direito*, *O Direito Vivo*, *Noções Gerais de Processo Civil Romano*, *Processo Civil Romano*, *Temas de Direito Civil e Agrário*, *A vocação dos séculos e o Direito Romano*, *Alguns Casos Forenses*, *Direitos de ontem e de hoje*, *Rui Barbosa na Constituição de 1988*, *O Brasil e o Direito Romano*, *O Tribunato da Plebe em face do Direito Romano*, entre tantos outros. Suas obras foram publicadas pelas melhores editoras do Brasil e do exterior. Notabilizou-se com o lançamento das biografias dos dois maiores juristas do Brasil: *Clóvis Beviláqua — Sua Vida, Sua Obra e Teixeira de Freitas — O Jurisconsulto do Império*, ambas premiadas, deixando, ainda, a obra *Couto de Magalhães, o último bandeirante* (inacabada). Sobre a biografia de Teixeira de Freitas, assim escreveu o saudoso Afonso Arinos de Melo Franco, titular da cadeira 25 da Academia Brasileira de Letras: “Agora, com este livro monumental sobre Teixeira de Freitas, o humanismo de Silvio Meira adquire nova dimensão, a de biografia, no seu sentido abrangente de ensaio jurídico, pesquisa histórica, reflexão social e compressão humana”. Silvio Meira compôs inúmeras bancas de mestrados, doutorados, cátedras e livre docências em diversas universidades da Europa e da América Latina, muitas delas na USP. Em 2017, a Universidade da Amazônia batizou a biblioteca do curso de direito com o seu nome.

Silvio Meira casou-se com Maria José Martins Meira (*in memoriam*) e teve sete filhos, Aluisio, Maria Silvia, Arnaldo (*in memoriam*), Heloisa, Celso (*in memoriam*), Fernando (*in memoriam*) e Henrique. Dedicou-se também à arte, especializando-se em pintura na França. A música, que ele tão bem retratava no piano Essenfelder de cauda longa, também fazia parte dos seus hobbies desde a infância. Falava e escrevia fluentemente mais de oito idio-

mas, entre eles o latim, alemão, francês, espanhol, italiano, inglês e grego. Silvio Meira faleceu no dia 31 de dezembro de 1995, em Londres/Inglaterra, depois de retornar de uma conferência em Bruxelas. Foi toda uma vida dedicada à cultura, ao trabalho, à família e à pátria.

André Augusto Malcher Meira

Presidente do Instituto Silvio Meira (ISM). Titular da Cadeira nº 2, ex-presidente e presidente honorário da Academia Brasileira de Direito (ABD). Titular da Cadeira nº 27 da Academia Paraense de Letras Jurídicas (APLJ). Mestre e doutor em Direito. Membro do Instituto dos Advogados do Pará (IAP). Professor Adjunto da Universidade da Amazônia (Unama). Advogado no Brasil e em Portugal.



Primeira parte



Turbilhões na Alma



Só agora Mauro percebia, mirando o céu negro e estrelado, que o mundo não era apenas o que estava em seu redor. Na inexperiência de seus dezoito anos, nunca tivera tempo de olhar para o firmamento. Sua vida se limitava ao que estava em torno: a casa, a escola, os irmãos, os pais, os amigos, um ou outro vizinho. Fora preciso que uma incomensurável desgraça ocorresse para que surgisse oportunidade de levantar a cabeça para o alto, contemplar um mundo diferente, algo impenetrável e inexplicável. Muitas horas ali estava, naquele barco possante, o motor a estrondar, dando marteladas no escuro. Fugia da sorte, ou, talvez, via-se atraído por ela, pelo destino, tão negro, agora, quanto aquela noite densa e fria. Ficara assim imobilizado por muito tempo. Descobria também que a desgraça paralisa as pessoas, prende-as ao solo, ao chão, ao assento ou ao leito, enquanto a alma divaga, procura fugir do corpo. Era o que estava acontecendo. Passava o olhar por toda aquela amplidão, uma noite sinistra, em que milhões de estrelas fulgiam, umas maiores, outras menores, grupadas ou isoladas, estrelas, outros mundos, algo que a curiosidade humana não poderia jamais desvendar. Sentia-se preso àquele banco duro, mal ouvia o que, vez por outra, o comandante, preposto de seu pai, lhe indagava: Não preferia ir dormir no pequeno camarote? Ou na rede, que balouçava ao vento? Não queria um café quente, passado na hora? A chaleira sobre a trempe, as brasas espalhavam faíscas em todas as direções, como se fossem vaga-lumes. Não, não desejava nada!, respondia. Nada! Mal abria os lábios. Queria estar só, tentando esquecer o que lhe sucedera. Mas, apesar da atração pelo negrume do céu, vez por outra voltava-se para o seu próprio íntimo, onde outro céu, também estrelado, existia. Recordava tantas coisas! As boas e as más! As boas lhe pareciam já distantes, episódios da infância, os passeios, as férias, os carinhos maternos, os brinquedos. À proporção que crescia, a vida se mostrava em sua feição



feroz, revelando segredos até então desconhecidos. Internava-se no exame de sua alma, e descobria aquele outro mundo interior, tão vasto como o que alcançam os olhos. Dois mundos parecidos. Um visível, exterior, outro invisível, interno, ambos insondáveis em sua grandeza infinita. Recordava então os versos de Júlio Salusse, que Regina lhe dizia aos ouvidos, baixinho, nos momentos felizes:

*A vida, manso lago azul, algumas
vezes, algumas vezes mar fremente,
Tem sido para nós, constantemente,
Um lago azul, sem ondas, nem espumas.*

O destino tudo mudava. “O homem põe e Deus dispõe”, dizia sua mãe. E assim aconteceu. Ventos invisíveis sopravam para formar tempestades no céu de sua vida. Tudo agora se tornara diferente. Aquele lago azul se transformara num oceano convulso. Turbilhões na alma. Acontecera num repente, não mais que de repente, como nos versos de Vinicius: “da alegria fez-se o pranto/silencioso e branco como a bruma”. Nem sabia bem como viera parar naquele barco, tão seu conhecido. Lembrava-se apenas de alguns fatos, emaranhados no subsolo da memória, de mistura com recordações outras, algumas agradáveis, outras não. De uma coisa está certo: não tivera culpa alguma! Mas como prová-lo? Como convencer o pai furioso? Pai, todavia, é sempre pai, mesmo furioso, e dava-lhe proteção e fuga na hora oportuna. Empurrara-o naquele barco, às caladas da noite, o seu barco, habituado a viagens de Belém ao Baixo Amazonas, especialmente a Santarém, Óbidos, Alenquer e Monte Alegre, locais onde mantinha avantajados negócios. Ora pensava no pai, ora na mãe, essa a única a dar-lhe razão. Não, não e não! — exclamava ela, o filho abraçado ao peito. Mauro não tivera culpa, tudo aquilo era fruto das más companhias. O filho sempre fora bom, estudioso, incapaz de qualquer ato desonesto. Mas que adiantava dizer que o filho era bom e estudioso, se o pai não dava valor nenhum a estudos? Homem de origem humilde, costumava dizer que descendia de cobra com jacaré. Enriquecera na áspera luta da vida, em negócios violentos e perigosos, em plena selva — a extração da balata. Começara sem nada de seu, apenas a vontade de vencer,

e já era muito. Fora empregado de comerciantes de balata, extraíra, com as próprias mãos, o leite grosso e elástico da árvore maravilhosa. Balateiro, uma nova profissão, desconhecida nas cidades. Em plena floresta. Meses inteiros. Ao sol e à chuva. Sujeito a toda sorte de perigos: as doenças, as pragas, os mosquitos, as serpentes, as onças, os homens, e o pior de todos: a solidão. Temia mais os homens, no seio da mata, do que as próprias feras. Essas não possuíam as manhas e artimanhas da alma humana, da razão humana, deste ser feito à imagem de Deus. Chegou à conclusão de que ser empregado não lhe abria as portas do futuro. Devia tornar-se patrão. *Patrão de balateiros*, como se diz na região, título pomposo. Queria dar um pulo na vida. E deu. Começou levando cachaça para os balatais. Em geral os patrões proibiam o uso da aguardente, fonte de muitas tropelias e desgraças. Trocava cachaça por balata furtada. Como poderiam descobrir a negociata, realizada em plena mata, a muitos quilômetros de distância da sede do município? A floresta era um esconderijo impenetrável para os seres humanos, com exceção dos balateiros, misto de gente e fera. No momento da prestação de contas, Pedro Celestino apresentava sua produção normal. Mas a outra, a clandestina obtida a troco de bebidas, já a encaminhara para os revendedores das capitais: Belém e Manaus. Que importava aos exportadores a origem do produto? O que vinha de Pedro (que apelidaram de China ou Pedrão) devia ser seu, pois trazia a sua marca entalhada na crosta dura do bloco como o ferro em couro de boi. E assim Pedro China passou de empregado a patrão. Começou a contratar homens para exploração do produto, com a vantagem de conhecer todos os segredos do negócio, desde o corte da árvore até a exportação para Inglaterra e Estados Unidos. Era mesmo um “negócio da China”, ou, como outros preferiam dizer, um negócio do “China”. Foi enriquecendo. Comprou casas de comércio em Monte Alegre. Depois se transferiu para Manaus e finalmente para Belém. Os negócios crescendo. O dinheirão também. A família aumentando. Por isso Pedro só acreditava no poder da pecúnia. Para que estudar? Era quase analfabeto e se fizera um grande da terra, no comércio, na indústria, até na política. Achava o filho molenga. Menino estudioso! Quando a mãe procurava fazer a defesa de Mauro, era o argumento que lhe subia aos lábios: — “Ele é bom, é estudioso.”

— Não tem nada de bom nisso! Retrucava Pedro. Quero que ele seja é homem! Cabra macho! Homem com H maiúsculo, como eu fui. Vim do nada.

Ostentava nos dedos dois grandes brilhantes, um encravado em ouro, outro em platina.

E batia no peito, como um vitorioso. Seus olhos faiscavam.

Corriam, porém, estórias desencontradas a respeito de sua fortuna. Trocar aguardentes por látex furtado não seria suficiente. Havia outras fontes. Contrabando para o exterior. De pedras preciosas, diziam alguns. E outras patranhas: comprara muito gado furtado dos campos do Marajó. Fundara assim uma fazenda de búfalos. Pois quem iria controlar? Os fazendeiros, em geral, viviam em Belém, quando não estavam no Rio de Janeiro ou em Paris. Difícil o flagrante. As enchentes e as cobras eram a desculpa dos encarregados. Naquela imensidão de terra, água e gado, quem poderia dar pela falta desta ou daquela cabeça? Além do mais, havia as reses fugitivas, que se embrenhavam pela mata, desapareciam para sempre. Viraram coisa sem dono. “*Res nullius*”, dizia o advogado de Pedro. “É coisa de ninguém. Qualquer um pode se apropriar.” O argumento surgiu quando um fazendeiro mais esperto deu queixa à polícia. Pedro China estava comprando gado roubado. Fundando novas fazendas no Baixo Amazonas à custa do Marajó. “*Res nullius*”, repetia o advogado. Era gado fugido. Mas a rês que se adentrava na floresta tornava-se bravia, só seria abatida a tiros. Não aquelas manadas de zebus mansos, alguns *red shindi* de permeio e a quantidade considerável de búfalos. Pedro preferia precisamente bubalinos. Mais resistentes. Habitados à água. Não sofria perdas com as cheias periódicas. E assim foi enricando, crescendo a barriga, passando a pouco e pouco de empregado a patrão, de patrão a grande comerciante, a industrial, frequentando a alta sociedade, os filhos nos melhores colégios, não por sua vontade, mas por vontade da mulher, santa criatura.

— Meus filhos vão ser doutores! — exclamava D. Santa. Doutores de borla e capelo; advogados, engenheiros, esculápios, seja o que for, mas doutores! Dou... tores!

Mulher de fina educação, contrastava com o marido. E gostava de falar difícil. Descendia — afirmava — de alguns dignitários do Império, não sabia bem explicar se do Marajó ou do Baixo Amazonas. Visconde ou barão de

qualquer coisa. Ficava zangada quando o marido zombava: — “Quem rouba pouco é ladrão, quem rouba muito é barão.” Era ela o refúgio do filho, nas horas de fúria do marido, este habituado ao grosso trato dos balateiros.

— Que adianta estudar tanto? Costumava dizer Pedro China, ou Pedrão.

Esses apelidos circularam entre os balateiros. — Nunca estudei e sei mais que muita gente! E rematava, vulgar: — Estudando, estudando, morreu um burro...

Mauro, porém, sentia vocação para os livros. Para o silêncio. Para a meditação. Sempre fora um dos primeiros da aula. Isso, em vez de agradar, desgostava o pai. Só a mãe lhe proporcionava assistência necessária, levava-lhe a merenda na escola, comprava-lhe os livros de que necessitava, vibrava “fibra por fibra o coração”, como um “anjo que se libra”, na primeira infância, “sobre o leito a dormir”. Jamais castigara o menino, enquanto o pai, por qualquer coisa, recorria aos bofetões.

Tudo isso revolvía a alma de Mauro, àquela hora, naquele barco, viagem noturna de Belém a Monte Alegre, uma distância de mais de seiscentos quilômetros, primeiro a baía longa, repleta de embarcações, as luzes fulgindo nos mastros, o vento a lamber-lhe o rosto inquieto, a mata, cada vez mais se aproximando, depois, os furos, as ilhas, o estreito de Breves, em que as margens se apertam. Muitas curvas. As embarcações mal pilotadas dão encontrões nos galhos. É preciso perícia para vencer aquele meandro de ramarias e água, em que não se enxerga terra. As ilhotas parecem boiar sobre a correnteza. As águas roncam, o leito é profundo, escorrem com maior velocidade. Canais em que os grandes navios passam vagarosamente, sob o controle atento de seus comandantes, e dos práticos. Os turistas se deliciam com o panorama. Logo depois daqueles apertados labirintos de folhas verdes e água barrenta surgirá um mar de água doce, o rio-mar, onde, em alguns trechos, não se veem horizontes nem se divisam os contornos. Costumam, os viajantes, jogar moedas ou presente de toda natureza para os caboclos, que se aproximam nas igarités. São miseráveis, julgam, aqueles seres morenos, muitas crianças, em canoas finas e leves, pedindo as sobras de bordo. Mal sabem que aqueles caboclos não são tão pobres assim. Têm à sua disposição um rio repleto de peixes de todas as qualidades, frutas numerosas, ricas em vitaminas, um paraíso terreal, que se desdobra ante seus olhos. Pedem

por vícios, por hábito, por velhacaria, não por miséria, propriamente. Mas a sua riqueza é aquela que Deus lhe deu, a própria natureza exuberante da Amazônia, porquanto os homens, os governos, pouco lhes proporcionam. O que mais lhes falta é a roupa com que cobrir o corpo, o medicamento para as endemias: a malária, principalmente, aliada às verminoses. No mais são felizes e dispõem de um tudo para se alimentar. Mas caboclo é assim mesmo: prefere que joguem dos navios carne enlatada, salsichas, roupas e dinheiro. E se apresentam como se fossem totalmente miseráveis, quando são bem mais ricos que os miseráveis das grandes cidades: os favelados dos morros e os mocambeiros do Nordeste.

Mauro tenta dormir. Não consegue. Passam-lhe pela cabeça os pensamentos embaralhados, recordações do passado, dos colegas, e daquele acontecimento terrível, que veio desviar o curso de sua vida.

Procura esquecer e não consegue. Os fatos voltam como fantasmas à memória, agora, já em estado quase normal, sem os efeitos da droga que lhe passara Evilásio, um mau colega.

A mãe sempre o aconselhava: — “Meu filho, cuidado com essas bolinhas, que andam distribuindo na porta dos colégios. Se algum colega lhe oferecer não aceite. Isso é um veneno.” E prosseguia: — “Quando eu era menina, se ensinava que a Bolívia era grande produtora de estanho. As crianças de hoje a conhecem como exportadora de coca...”

E lhe mostrava revistas com notícias sobre os entorpecentes, fotografias de viciados, artigos de jornais, toda uma propaganda das sociedades médicas e do governo contra os tóxicos. De tanto ler os noticiários foi aprendendo muita coisa, que antes não sabia. Afinal de contas se a campanha era para combater, por que tantas explicações sobre as drogas? O resultado lhe parecia negativo. Despertava a curiosidade. Instruía. O jovem ficava conhecendo os nomes e as qualidades dos tóxicos, onde adquiri-los, a sua procedência e outras coisas mais. De tanto ler tornara-se um catedrático em drogas. Nesse ponto dava razão ao vizinho, médico, Dr. Borromeu, que certa vez dissera, ao atender um enfermo:

— No meu tempo o jovem não sabia o que eram entorpecentes. Ninguém conhecia nada e, por isso, não se procurava usar. Hoje, as tais campanhas orientam e encaminham para o vício. Não há rapaz que não saiba qual a di-

ferença entre maconha, cocaína, heroína e LSD. Pois se os próprios órgãos encarregados de combater explicam com minúcias! Dizem até quem vende, e onde! Campanha burra!

Mauro, todavia, não se interessava pelo assunto. Uma vez apenas, passando férias no Rio de Janeiro, os colegas de curso de judô o levaram a uma “boca de fumo”, à rua Aires Saldanha, posto 6, em Copacabana, repleta de rapazes viciados. Ficara horrorizado. Um mulato se enfurecera, sob ação de tóxico, e quase exterminara um colega. Foram necessárias cinco pessoas para dominá-lo. Bufava e babava, dizia impropérios, os olhos vermelhos, queira matar todo mundo. E matava mesmo. Na porta das escolas havia sorveteiros que vendiam bolinhas com sorvete. Os meninos iam se acostumando, criando dependência. Por isso D. Santa sempre dizia:

— Prefiro que meu filho estude em Belém! Nada de Rio de Janeiro. Há viciados por todos os lados.

As férias no Rio eram suficientes para bom começo. Todavia, com as facilidades de transportes e comunicações, o Brasil ia ficando menor. Aca- bara-se o tempo em que havia provincianos e matutos. Um jovem do Cariri ou do interior da Amazônia poderia ser solto nas ruas de Ipanema e não fazia diferença. Sabia de tudo e fazia de tudo o que fazem os rapazes da antiga metrópole. As moças também. Todas de minissaia, enfeitadas, não eram mais aquelas bobocas de outro tempo, em que se exploravam as diferenças das meninas de Niterói e da Tijuca, das de Copacabana. O Brasil caminhava para ser, todo ele, uma imensa Copacabana, ou melhor, um grande Posto 6, com todos os seus encantos e vícios. Também a frase famosa de que “o sertão começa onde acaba a avenida”, *já era*, com os aviões a jato cortando os espaços, ligando Rio a Recife, Fortaleza, Belém, Manaus em poucas horas. Mais fácil chegar a São Luís de avião do que a Jacarepaguá de ônibus, partindo do Galeão, principalmente depois que o espírito público começou a abrir buracos nas ruas, em obras intermináveis, o trânsito impossível.

Assim Mauro ouvira falar em entorpecentes pela primeira vez. No Rio de Janeiro, em Copacabana, num ninho de garotos transviados. Mas não atendera ao apelo. A voz de sua mãe estava sempre presente na memória: — “Cuidado, meu filho, não aceite essas drogas, quando lhe oferecerem!”

Por que então foi na conversa de Evilásio? Não sabia explicar. Recordava que haviam combinado encontro em uma festinha no Clube do Lago, festinha como todas as outras. Estavam presentes Evilásio, Francisco, Adalberto, Orlando, todos rapazes de boas famílias, amigos, Evilásio ofereceu, insistiu, provocou.

— Esse aí não é homem! É um maricas! Não tem coragem de experimentar! E ainda vem com caqueado. Morou?

Aquele “não tem coragem de experimentar” foi o mote para tudo mais. Mauro nem sequer se lembrou que havia tomado uma dose de uísque. Aceitou o oferecimento, mais por vaidade. Depois, o convite para um passeio. Seu carro novo, presente da mãe, presente que o pai não faria. Foram todos, o automóvel cheio, carreira desabalada... afinal... aquele atropelamento, não sabia bem como, nem onde, apenas o vulto, devia ser um homem, a pancada violenta, a perda dos sentidos. Quando despertou via a mãe em desespero, o pai furibundo, mal divisava as coisas e as pessoas, o escuro da noite a impedir a visibilidade e a favorecer a decisão terrível do genitor, aconselhado ou não por advogado: — É evitar o flagrante! Fugir! Dr. Quelé, um advogado, Clemente, recomendava que dessem sumiço no rapaz.

Pedro exclamava:

— Ele vai curtir o balatal! Ver o que é vida de homem! Logo agora haveria de acontecer isso, quando a política não está favorável no estado! Vão explorar os fatos, os jornais bradarão, a polícia vasculhará minha casa, mas esse moleque não fica aqui. Vai para o balatal!

Mauro foi conduzido às escondidas, o barco felizmente estava no porto do Sal, o “Carinhoso” (isso era lá nome de embarcação!). Se não fosse nesse haveria outros da frota numerosa de Pedrão.

Ainda recordava as últimas palavras do pai ao comandante: — Entregue ele ao Clodoaldo, em Monte Alegre, pra mandar a Cuçaru depois para o balatal.

E passou-lhe uma carta com instruções reservadas. Felizmente, no município, a política lhe era favorável. Ali ficaria sob melhor proteção “até que as coisas aclarassem”, dizia.

— Se for preciso, depois, ele se apresenta. Consolava o advogado. Vamos deixar passar a primeira onda, evitar flagrante, vou controlar o noticiário dos

jornais. Mas tudo isso custa dinheiro. E também o comissário, e o delegado. O diabo é a política contrária no estado! Mas dá-se um jeito...

Aos ouvidos de Mauro ressoavam palavras, gemidos, soluços, gritos, ora o vozeirão do pai, ora a voz suave da mãe, em prantos, seus braços pareciam apertá-lo de encontro ao peito. À última hora ainda teve tempo de fazer-lhe a maleta com objetos e roupas, dizendo-lhe ao ouvido: — Vai dentro um livro. Procure ler e rezar.

Mauro já suspeitava. Devia ser algum livro religioso, a Bíblia talvez, ou a Imitação de Cristo, que a mãe sempre lia, fervorosa católica, sob o olhar de desprezo do pai, que não acreditava em Deus.

— Não sei que diabo tem essa mulher, que reza tanto! Que adianta isso! E rematava, ufano:

— Venci na vida sem precisar de reza. Nem de padre. Nem de igreja. Nem de santo.

E fazendo graça: — Nem reza de padre nem Reza-Pahlevi...

— Mas você tem nome de santo, e de S. Pedro. Replicava a mulher.

— Pedro não, Pedrão. É mais que Pedro. É Pedro Grande, sem ser da Rússia.

Os anéis com brilhantes, os automóveis de luxo, a casa imensa, em que as coisas de gosto eram colocadas pela mulher. O vozeirão de Pedrão tudo dominava. Na política se fazia temido. Contavam muitas estórias de fatos terríveis ocorridos no interior.

— Com Pedrão ninguém pode! Diziam seus correligionários.

Como haveria de um homem tão feroz gerar filho tão brando, inclinado à vida intelectual? Pedrão às vezes exclamava, entre irônico e grosseiro:

— Esse menino parece que não é meu filho! Não tem nada meu, a não ser o tamanho da testa. No que tem dentro é diferente.

E era mesmo. Mauro puxara talvez para a mãe, ou para algum antepassado tranquilo. O médico da família explicava, sem que Pedrão entendesse bem:

— É a hereditariedade, Pedro. A herança não é só física, mas psíquica também. Talvez a psíquica seja até maior. Mas isso não vem direto do pai ou da mãe. Às vezes se herdamos qualidades, temperamento, tendências, de um quarto ou quinto avô. É o que, em medicina, se chama o *gene*. Isso vem

com a fecundação do óvulo pelo espermatozoide. Os *genes* se transmitem de geração a geração. São milhões em luta, até que vence o mais forte. Você não conhece os versos do poeta Augusto dos Anjos? E recitava:

*“Sou uma sombra, venho de outras eras
do cosmopolitismo das moneras
pólipo de recônditas reentrâncias
larva do caos telúrico, procedo
da escuridão do cósmico segredo
Da substância de todas as substâncias.”*

Dr. Barromeu se deliciava com a ignorância de Pedrão, os olhos arregalados, sem compreender nada, mas fingindo que entendia. O médico era muito irônico, gostava de se divertir à custa dos outros. E aconselhava:

— Quando você for a Paris visite o Museu do Homem. Lá está tudo explicado em quadros, fotografias, desenhos, toda a geração do ser humano, desde os tempos primitivos. Às vezes alguns sentimentos são do primitivo e explodem no homem de hoje. Você não vê essas guerras, a bomba atômica, as câmaras de gás? Tudo isso é o selvagem que volta à tona. O selvagem que mora em nós.

E como se tomasse Pedro por exemplo:

— Ainda hoje há pessoas bem colocadas na vida que por dentro são selvagens, primitivos.

Pedrão achava graça. Lembrava que tivera um avô moleirão. Aquele médico era mesmo muito instruído. Por isso gostava dele. Quando se dera o acidente com Mauro fora logo chamado, alta hora da noite o rapaz se mostrava fora de si. o médico foi logo dizendo:

— Andou ingerindo tóxico... essa mocidade está perdida.

Aplicou-lhe uma injeção. Mandou colocar em repouso, mas Pedrão não obedeceu.

— Repouso nada! O menino vai para o balatal! Longe daqui, senão a polícia pega. Repousa quando chegar lá.

E assim conseguiu embarcá-lo. O porto do Sal, felizmente, àquela hora, não apresentava grande movimento. Ninguém suspeitou de nada.

Mauro rememorava. Comandante Ernesto de vez em quando vinha olhá-lo. Um moço de bordo se mantinha postado a certa distância, sem tirar os olhos de Mauro. Eram ordens. O rapaz ainda não estava totalmente senhor de si, podia fazer alguma besteira, jogar-se no rio, cortar os pulsos, cometer uma loucura. Tóxico é tóxico.

— Você não quer um cafezinho? Insistia o comandante.

— Não, respondia secamente Mauro. Seus pensamentos se enroscavam, como cobras dentro de sua alma. Ora lembrava o pai, ora a mãe, ora Evilásio, ora Orlando, e Regina, a namorada, onde andaria ela àquela hora? Quando soubesse da desgraça iria chorar muito. Mauro matara um homem, fora sem querer, mas estava dopado, dois crimes se acumulariam, a desgraça maior. Um pensamento se atravessou pelos outros, como se fora um raio na escuridão: — E Regina, a sua Rege, o esperaria? Que iria acontecer-lhe d’ora por diante, em plena mata, no balatal, em meio de gente tão bruta?

— Não tem outra solução! Dissera-lhe o pai. Se ficar em Belém vai ser preso. Já fez 18 anos. Não quero essa vergonha na minha família. Vai fugir para lugar em que ninguém pegue. Polícia que for no balatal fica lá enterrada. Além do mais o Dr. Carvalhosa já está dando jeito. Gratificou um repórter. Inventou outra estória. O carro fora furtado. Ia um *playboy* na direção, não identificado. E a vítima, diz ele, apareceu com maconha no bolso...

— Botaram maconha no bolso do cadáver! Explicou alguém.

— Cala a boca, homem! As paredes têm ouvido!

Pedrão gostava de dizer que as paredes têm ouvido. Escutara isso da mulher, que costumava exclamar: — *Les murs ont oreils*. Relembrava o francês que aprendera no Colégio Santa Catarina, muito antes de conhecer o marido, quando sua vida era um mar de rosas. No princípio Pedrão reclamava: — “Você já vem com esse seu francês de Caiena.” Um vizinho letrado, de sobrenome alemão, Klug, parceiro de pifpaf, emendava: — “Não é só francês que diz isso. O alemão também. Minha avó hamburguesa costumava dizer: ‘*Die Mauern haben Ohren*.’ É a mesma coisa. Isto é, põem orelhas nos muros e eles escutam tudo o que se fala.” E Klug, bom jogador de pife-pafe e bebedor de cerveja, procurava ostentar alguma cultura: — “Vocês não conhecem a estória do rei Midas, que tinha orelha de burro? Era um segredo. Ninguém

sabia. Ele preferiu a flauta de Pan à lira de Apolo e este, com tanto poder, sapecou-lhe duas orelhas de asno.”

A essa altura Pedrão intervinha:

— Você já está contando as suas histórias da Cabanagem...

— Não é Cabanagem, não, seu Pedro. É mitologia. A Cabanagem se passou no Pará, foi uma revolução horrível, de 1835 a 1840. Mitologia grega é outra coisa. Midas era rei dos frígios. O povo não sabia das tais orelhas. Mas um dia o barbeiro descobriu, tomou um susto danado. Como era homem muito linguarudo, mas com receio de falar aos amigos, cavou um buraco na terra e enterrou o segredo.

— Fez como os gatos. Escondeu as feiuras. Interrompia Pedrão.

— Nada disso, homem. Depois de enterrar o segredo, começaram a nascer roseiras em torno. Quando soprava o vento as plantas falavam: “O rei Midas tem orelhas de burro.”

Era a eterna inconfidência. A revelação dos segredos. As pessoas que não podem guardar uma confissão. Assim se fizeram revoluções, a começar pela independência do Brasil, a morte do pobre Tiradentes, vítima de uma inconfidência. Com uma diferença: Midas era frígio, e a do Tira foi nas Minas Gerais.

O segredo de Mauro poderia ser descoberto. Mas o advogado inventava estórias. A vítima se atravessara na estrada, estava emacinhada. Ela é que atropelara o carro. O motorista fugia, ninguém sabia quem era. Um jovem *playboy*, puxador de carros. Suspeitava do Zezinho da Frutuoso. Mauro, àquela hora, estava em outro local, em casa da namorada, Regina. Havia declarações escritas dos vizinhos. Boas testemunhas. Mesmo assim Pedrão, com a política contrária, não confiava. E aproveitava a oportunidade para realizar um velho sonho: mandar o filho para o balatal. Queria que adquirisse a sua experiência. Começasse na floresta, como ele. Se fizesse homem também, e não um marica. Homem com H maiúsculo e anéis de brilhante nos dedos.

Mauro cumpria assim o seu destino. Quantas horas ali preso ao banco, olhando o céu, a noite escura, escutando o tuque-tuque do motor, enquanto a quilha da embarcação cortava as águas! Na noite negra não dava para ver o rio. Nem mesmo as margens, salvo quando o comandante Ernesto acendia

o farol da proa, a luz se espalhava sobre a superfície lisa como um caminho de prata, ao fundo o muro negro da mata espessa, dando a impressão de não haver saída. Ernesto, porém, era experiente. Sabia onde estavam as curvas, os paranás, os furos, as pedras, o olhar atento sondando a escuridão. Conhecia todos os segredos. Seus olhos furavam a noite.

Mauro ainda sentia um gosto amargo na boca. Vez por outra dormitava. Pesadelos. Visões, quase sempre, de bichos horrendos. Morcegos. Baratas desconhecidas. Cobras. Aranhas. Quando despertava sacudia a cabeça. Mudava de posição. Melhorava um pouco. Depois voltava àquela legião de bichos, uma fauna grotesca. Intimamente perguntava: “Por que nas horas de delírio a mente engendra monstros? Qual a diferença entre a aranha, a serpente, a pomba e o passarinho, nas horas de desespero? Por que não lhe apareciam outras visões, águas brancas, avezinhas de todas as cores, e sim cobras e jacarés?”

A mente humana! Um mundo a decifrar! Um mundo a devassar, a descobrir! Enquanto os cientistas de todos os continentes não se convencerem de que o mundo interior é tão ou mais importante do que o exterior, de nada adiantarão as viagens interplanetárias. As distâncias entre os planetas e os astros se tornam inexpressivas, insignificantes diante do infinito. Todos nós possuímos no íntimo um outro infinito. Mauro ainda se lembrava, no Ginásio, do velho Avertano, sábio professor, explicando o *Nosce te ipsum* de Sócrates. “Conhece-te a ti mesmo.” Entra pelos desvãos da alma, abre caminhos, encontra passagens, grutas, continentes e oceanos talvez, ventos e turbilhões, forças invisíveis, misteriosas, capazes de alterar a face da Terra.

Em poucas horas mudara tudo em sua vida. Cortara-se o fio, a linha reta. Agora tudo era negro como aquela noite, insondável como aquelas matas, mortificante como aquele martelar do motor — tuquetuque-tuque — que se assemelhava ao bater de seu coração.

Logo mais estaria chegando a Monte Alegre. A cidade berço do pai, de que tanto falava, Monte Alegre no Brasil, filha de outra, a Montalegre de Portugal. O Pará era assim, um prolongamento lusitano no Novo Mundo: Santarém, Óbidos, Alenquer, Alter do Chão, Vila-Franca, Sousel, Cintra, Bragança, Chaves, Soure, e muitas outras, com nomes lusitanos transplantados. Governos lusófbos apagaram alguns. Retiraram Sousel, e chamaram-na à

moda indígena, substituíram Cintra por Maracanã. A mania de tentar destruir nossas raízes portuguesas. Enquanto a Argentina se orgulhava de sua linda Córdoba, a Colômbia conservava com carinho a sua Cartagena, o seu Monserrate, e tantos elos à mãe pátria, nós, ou melhor, os maus homens públicos, tentavam apagar os laços da tradição.

Pedrão, quando ouvia falar em mãe pátria, ficava irritado:

— Que mãe pátria, que nada! Onde já se viu uma terrinha tão pequena parir um gigante, o Brasil, pendão da América, independente ao som do heroico brado, a terra mais garrida!

Mauro escutava aquilo tudo, discordava, mas tinha que aceitar. Afinal de contas pai é pai. Quanto ao “mais garrida” lembrava-se da infância, a professora mandava cantar o hino nacional. A mestra se chamava Margarida. Toda vez que chegava naquele ponto, Mauro gritava, convicto: “Do que a terra, Margarida...”

Um dia a professora escutou e pensou que fosse gozação, molecagem.

— Que estória é essa de Margarida, seu Mauro? Você não sabe o que é “mais garrida”..? E aí veio toda a explicação sobre o sentido de *garrida*, que Mauro não aceitava, lembrando o dono da mercearia da esquina, galego de Lugo, que se chamava Garrido. Como poderia comparar a pátria com “seu” Garrido, quando seria mais bonito equipará-la à Margarida?

Um outro trecho do hino, que o intrigava, era aquele em que dizia: “Nos teus campos tem mais flores.” Ele não conhecia os campos do sul, Gramado, por exemplo em Rio Grande, nem Araxá, em Minas, cidades floridas; seus campos eram outros, os de Monte Alegre e Alenquer, os do Marajó, onde a natureza é bravia, e as flores, quando existem, são silvestres. O que havia era muita floresta, um emaranhado de ramos, cipós, canaranas e folhas de todos os matizes, de mistura com espinhos. Difícil cultivar rosas na Amazônia, mais propícia aos melões, bacuris, açaís e a pimenta-do-reino, ou as imensas vitórias-régias.

Mauro se assustou. Cortou-lhe o pensamento uma imagem luminosa, rasgando a noite. Era um navio grande, em sentido contrário, a iluminação feérica espantando a quietude da selva. Comandante Ernesto teve que manobrar habilmente, procurar a margem direita, com receio do rebojo das ondas. Era um belo pacote de passageiros, sem dúvida, lembrava a Mauro

a lenda da cobra-grande, em pintura de Morbach, que seu pai ostentava na sala de visitas. Quando chegava alguém em casa, era a primeira coisa que mostrava:

— Este quadro representa a cobra-grande. É de um grande pintor, muito modesto, Morbach... filho de Marabá.

O quadro era um misto de cobra e navio, todo iluminado, a lenda amazônica em tela. A chaminé fumegando, como se a cobra imensa estivesse fumando.

O navio foi passando mansamente, as águas lisas turbadas pelas quilhas pesadas, o estrondo do rebojo atacando as margens estreitas, naquele trecho, a mata negra em redor. Foram momentos de êxtase, aquele panorama grandioso, o rio e a selva iluminados, passageiros na amurada. Divisavam-se apenas as sombras. Logo depois a noite foi tudo recobrando, o navio se afastando, rumo de Belém, enquanto o barco de Pedro, o “Carinhoso”, seguia sua viagem para Monte Alegre, levando como principal carga Mauro com todas as suas inquietações. Inquietações na alma. O corpo cansado. A boca amarga. Restos dos entorpecentes a minarem o organismo. Visões, pesadelos, alucinações passageiras, enquanto o vento lambia-lhe o rosto e se espalhava pelo toldo, agitando as lonas.

Em breve a escuridão se enfeitou de luzes no horizonte. O céu começava a clarear, com prenúncios da alvorada. Monte Alegre, ao longe, dava seus primeiros sinais. A cidade antiga, fundada no século 18 pelos missionários da Piedade, no local em que habitavam os índios Gurupatuba, à margem do rio desse nome. Depois transferiram-se para o local mais alto, pequena elevação, que lhe empresta aspecto pitoresco, e justifica o apelido: Monte Alegre. Criada sob a invocação de São Francisco de Assis, segundo autores divergentes (sempre há os oposicionistas da história e da literatura), fundada pelos capuchinhos de São José, o que dá no mesmo, todos franciscanos. Mais de duzentos anos de existência, elevada à categoria de vila desde 27 de fevereiro de 1758, por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador e capitão-general do Grão Pará, durante a viagem que realizou à barra do Rio Negro. Furtado, irmão do Marquês de Pombal, viera para a Amazônia com a missão de fundar um novo e grande império luso. Daí a grandiosidade de suas realizações. Mauro lera isso na escola em livro de Arthur César Ferreira

Reis e nunca mais esquecera. O sonho se esfumara no passado. Ali estava a pequenina cidade, aos poucos se aproximando dos olhos amargurados de Mauro, que, apesar da angústia, esboçou ligeiro sorriso ao lembrar o que se diria de um seu colega com sobrenome idêntico ao do insigne vulto histórico, o Eduardo, apelidado Bidu: — “Este é o único Mendonça que foi furtado.” Mesmo na hora do infortúnio a mente humana abre uma porta para a ironia e o riso. Afinal de contas o Bidu era um excelente colega.

Mauro sentia-se cansado, como se houvesse levado uma surra. Doía-lhe o corpo todo. Um calor momentâneo o fazia transpirar, a blusa molhada. Não havia razões para aqueles suores. A temperatura exterior estava amena, agradável mesmo. O calor vinha de dentro, efeito do entorpecente. Mauro retira a blusa e a coloca ao lado. Aquele sufoco não era do clima. Em pleno rio, o termômetro baixa nas madrugadas, um ligeiro nevoeiro cobre a superfície lisa das águas. A umidade, o rio, as matas, o vento, tudo concorre para que o termômetro desça a 18 graus. O professor de Mauro lera, na escola, página de Euclides da Cunha na qual o escritor afirmava que o clima da Amazônia era caluniado. E, noutro escrito, que fora obrigado a decorar, não menos célebre: “O artista atinge-a de um salto; adivinha-a; contempla-a, d’alto; tira-lhe, de golpe, os véus; desvendando-no-la na esplêndida nudez de sua virgindade portentosa.” Bonitas palavras, não só palavras, com raízes naquela realidade, que agora extasiava os seus olhos, as luzes do céu começando a dourar o horizonte, de onde surgia uma mataria espessa, moldura irregular daquele quadro imenso. Mauro contemplava a paisagem por meio dos olhos indormidos, restos de entorpecente a turbarem as imagens. Pequenos momentos de sonolência, com visões estranhas, pesadelos entrecortados de despertares. Vento leve e suave. O clima! Como se deliciavam na Amazônia os cientistas franceses. Henri Coudreau e esposa, descrevendo-a e pintando-a nos seus pormenores, meses e meses subindo os rios, ora o Tapajós, ora o Xingu, ora o Itacaiunas, ora o Cuminá, viagens narradas em obras de pesquisador e de cronista, com coloridos autênticos. O velho cientista morrera naquela selva. Sua sepultura ainda fora visitada pela mulher, nas matas de Trombetas. Sua missão parecia misteriosa, a serviço talvez da causa francesa nas Guianas, mas tão forte amor lhe criou no coração toda aquela gleba, que acabou por cumprir missões do gover-

no do estado, transformando-se em brasileiro, como ocorrera com tantos outros estrangeiros.

Mauro pouco sabia de Coudreau. Mas esse episódio lhe fora narrado em aula de História. Sua vocação para os livros, muito pronunciada, era cortada pelos ímpetos utilitários do pai.

— Não quero filho com livro na mão, feito padre. Quero filho macho! Vai para o balatal, começar como eu comecei!

Usava a mesma filosofia de vida dos primeiros e bravos imigrantes portugueses. Embora ricos, consta que punham a vassoura nas mãos dos filhos infantes, varriam a loja, arrumavam as prateleiras, carregavam caixotes, para se habituarem ao trabalho duro. Assim era Pedrão, filho de cearense emigrado, nascido para os lados de Uruburetama.

Mauro acordara com a aurora. Mas um enjoo forte o forçava a vomitar. Debruçado sobre a amurada, despejava no Amazonas toda a carga alimentícia, de mistura com bôlis. O comandante manda-lhe o cafezinho, muito quente. Recosta a cabeça, o olhar fixo no horizonte, contemplando Monte Alegre, que se aproxima. Construída num pequeno monte, a cidade domina as distâncias. Daí ser conhecida como “o Mirante do Baixo Amazonas”. A vista se alonga para todos os lados, o Rio Paituna, vindo do Maicuru, pelo lado leste; o Rio Gurupatuba, pelo lado do sul; o Lago Grande, mais a sudeste, com cerca de trinta quilômetros de extensão, por dez de largura. E as ilhas: a Grande Gurupatuba, defronte da cidade, entre o curso largo da Amazonas e o Rio Gurupatuba. Ilha tão extensa que se dá ao luxo de conter vários lagos. Tudo muito verde. Paisagem alegre; não apenas no alto, mas também as várzeas, nos baixios, nos furos, nos lagos repletos de peixes, nos céus; onde voam ruidosas garças, que pousam, em bandos, na montanha, ao fundo. Muito ao longe as serras se sucedem: a Itanajuri, com cerca de trezentos e sessenta metros de altitude, a Paituna, a Ererê, a Azul, mais ao norte.

Monte Alegre, vista de longe, é um quadro colorido a encher os olhos. As águas ali correm céleres, levando, aqui e acolá, pedaços de terras caídas, capins e até pequenos arbustos, que sobrenadam, e acompanham a margem do rio, em direção do mar.

— Hoje tem muita premembeca — diz Solano, moço de convés, dirigindo-se a Mauro.

— Que é premembeca?

— Essas ilhas de capim boiando. Debaixo vai muito peixe. Pirarucu e peixe-boi se escondem por baixo da premembeca.

Mauro começava a aprender coisas simples e rústicas, que jamais estudara. Uma outra escola surgia em sua vida, em contato com a natureza rude, selvagem, mas repleta de encantos e suavidades.

Que destino o aguardaria? No barco, outros passageiros estremunhados começavam a despertar, desmontar as suas redes, armadas no toldo coberto de lona, balouçadas pelo vento. Alguns eram pessoas de confiança. Empregados de Pedrão, ou conhecidos de Monte Alegre, correligionários e amigos, incapazes de uma delação. Outros eram passageiros estranhos. Mulheres e crianças se misturavam com os homens naquele despertar sem-cerimônias, todos procurando a porta do sanitário, pequeno e incômodo, junto à casa do motor.

Mauro se reanimara um pouco depois do vômito. O café quente o fortalecera. Via tudo mais claro. Mesmo assim, vez por outra, dormitava. Sonhava. Agora com Regina, em sonho atribulado. Regina em desespero abraça-o, beija-o muito, desejava afastá-la e não possuía forças. Queria gritar e não podia. Depois lhe apareciam em sonhos pessoas da família como num desfile organizado, representação teatral em que cada um desempenhava seu papel. O pai sempre falando alto, o charuto na mão, os anéis faiscando. A mãe piedosa, chorava muito, queria o seu filho de volta. Dava-lhe um livro. Mas que livro? Arrumava-lhe a mala com todo carinho, salpicando de lágrima a roupa. O irmão menor, Geraldo, muito espantado; a irmã pequenina, Rosenda, mais espantada ainda. Pessoas da família que chegavam, na noite do embarque, assustadas com a notícia: Mauro matara um homem. Estava dopado. Ainda ouviu as palavras mal disfarçadas de uma tia, Cremilda: — “Mas que vergonha para a família!” Sim, vergonha para a família, ele Mauro, o menino estudioso, bem educado pela mãe, mais do que pelo pai, ser a vergonha da família! O mais compreensivo era o tio Astrogildo, vivido e sofrido, político forte para os lados de Alenquer, patrão de balateiro, ex-vereador, candidato a deputado, empenhado numa luta com adversários, que lhe mataram o melhor amigo, Valentiniano. “Isso é assim mesmo! Exclamava Astrogildo. Faz parte da vida! O garoto não teve culpa. Ele é um

bom menino.” E tentava segurar o irmão, Pedrão, este com ares de quem desejava esbofetear Mauro.

— Faça isso não, mano. Sua obrigação é proteger o rapaz. Manda ele pra Monte Alegre. Ou para Alenquer, para a minha fazenda. Lá ele tem toda proteção. A política lá é do nosso lado.

Pedrão se acalmava. Ouvia muito a palavra do irmão.

— Vá lá! Dizia Pedrão. Preparem a maleta! Ainda bem que o “Carinhoso” está no porto. Vou entregá-lo a Ernesto. É bom falar com Monte Alegre pela fonia e avisar Clodoaldo. Ele despacha o rapaz para o balatal. Quero que vão para o Maicuru.

Pedro possuía vários balatais, ou melhor, o direito de exploração, na selva, das árvores de balata, geralmente dispostas em grupo pela natureza. O bom mateiro conhecia de longe onde havia aglomeração de balateiras. Uma “rebolada”, diziam. Árvores altas, de porte considerável, destacavam-se pela sua estatura e pela sua beleza. Era preciso abrir “estradas” para acesso àquela riqueza vegetal só existente na linha do Equador. Pedro explorava balatais enormes nos Rios Maicuru, Cuminá, Curuá e Paru, nos municípios de Monte Alegre, Alenquer e Almeirim. Astrogildo possuía os seus em Alenquer, especialmente no Curuá e no Cunani. Os municípios eram vizinhos. As comunicações pela selva. Tanto Pedro como Astrogildo conheciam todos os segredos daquele deserto verde. Os rios, os paranás, os lagos, as cachoeiras, as riquezas minerais, as serras, os vegetais. Nada lhes era desconhecido. Uma vida toda dedicada à atividade rude em plena brenha.

A exploração tornava-se cruel, mas o mercado internacional precisava daquela matéria-prima, para a paz e para a guerra, tinha aplicações especiais na indústria de aviões, de eletricidade, em todos aqueles artigos em que apresentava utilidade a guta-percha. Este produto intermediário entre a guta-percha e a borracha, com as qualidades de ambas, elasticidade da borracha e ductilidade da guta, resistência, tensão. Pedrão costumava explicar em casa, repetindo noções que escutava de especialistas:

— A balata possui cinquenta por cento de guta e quarenta e quatro por cento de resina. É isolante, os ingleses e americanos precisam dela para material telefônico, elétrico, telegráfico, eletrônico e de iluminação. Fazem

polias, correias de transmissão, válvulas mecânicas e servem até para cobertura de casas. É um produto maravilhoso, dádiva da natureza.

E ante os olhos surpresos dos filhos, ainda pequenos, e da mulher, que pouco entendia do assunto:

— A balata é um presente de Deus para o Brasil. Só existe na linha do Equador, na margem esquerda do Amazonas. Por isso se encontra também nas Guianas, em todas três, na Inglesa, na Francesa e na Holandesa. Os franceses exploram-na desde o século passado. Os holandeses já negociavam balata em Amsterdam por volta de 1880. Nós no Brasil só começamos a descobrir essa preciosidade depois de 1930. Foi a guerra. A necessidade do produto.

— Onde você aprendeu isso tudo? Indagava a mulher, curiosa.

— Ora, mulher! Eu sou do ramo. É meu meio de vida. Converso com os botânicos do Instituto Agrônomo, do Museu Goeldi, e leio de vez em quando alguma coisa. O leite da balateira, o látex, serve de alimento. É só misturar com água e pode beber. Alimento forte. E as folhas, dizem os entendidos, dão um chá que faz bem para paralisia. É tônico dos nervos. Ainda tem mais: as frutas, qualquer pessoa pode comer. Os morcegos são doidos por elas. Têm gosto de sapoti.

Pedrão, em certas horas, perdia um pouco a rudeza. Gostava de falar sobre balata. Corria à pequena estante, de onde retirava um folheto com dados sobre o produto.

— Vejam aqui. Ela tem um nome complicado, diz aqui, *minusops bidentada*. Isso é invenção de cientista. Em Monte Alegre as variedades têm nomes que se entendem: *maparajuba*, *muirapiranga-roxa*, *pau de esteira*, e outros. Além disso, a madeira é maravilhosa, de cor arroxeadas, própria para móveis finos e construções navais, obras hidráulicas, peças de marcenaria. Até para bengalas. Se queimar desprende um cheiro agradável, parece canela da Índia...

D. Santa rematava:

— É a árvore que chora... retalham a pobrezinha... sangra. Esgotam e arrasam com a espécie. Aquelas fotografias que você trouxe dos balateiros cortando a árvore toda, do tronco até os galhos, é uma judiaria. Isso quando não a decepam e destroem, para extrair todo o leite. É uma sangria.

— Isso é assim mesmo, mulher! — Explicava Pedrão. A gente vive disso. Olha essa casa (e apontava para o imenso prédio em meio do terreno, duas entradas para automóveis, o muro alto, jardim extenso, móveis caros). Olha esses móveis, esses quatro automóveis. Tudo isso quem dá é a balateira. Sem esse leite eu ainda estava vendendo couro de jacaré na beira da praia.

— Sim, mas alguns enriqueceram vendendo couro de jacaré.

— Bem sei, o Bennuello e o Malaquias. Mas esse negócio está na mão de uma meia dúzia. Antigamente havia milhões de jacarés na Amazônia, agora só se vê jacaretinga, que não serve para nada. Exportaram tudo e não cuidaram de conservar e reproduzir.

— É o que está se dando com a balata. Cortam as árvores, abatem, sugam todo o leite. Isso um dia vai acabar.

— Mas até lá, mulher, estou mais rico. E vamos todos morar no Rio de Janeiro, naquele apartamento grande da Ayres Saldanha...

Os filhos escutavam o diálogo entre Pedrão e D. Santa. Mauro, vez por outra, tentava um aparte, mas suas ideias não coincidiam com as do pai. “Puxava para a mãe”, dizia Pedrão, e rematava grosseiro:

— Esse menino não nega que é filho da mãe!

E era mesmo. Por isso Pedrão desejava intimamente afastá-lo da presença materna. O destino lhe oferecera oportunidade. O acidente. A vítima estirada ao chão, fotografia no jornal no dia seguinte, com título enorme: MORTE NA ESTRADA. Durante toda a noite Astrogildo se movimentara pelos jornais, impedindo que saísse o nome do sobrinho. Não era justo. O garoto não tivera culpa. Afinal de contas aquilo seria motivo para explorações políticas. Os adversários estavam alertas. Não faltaria jornalista cretino para colocar título assim: O FILHO DE PEDRÃO CHINA MATA UM HOMEM NA ESTRADA. USAVA O CARRO ADQUIRIDO NO TEMPO DAS VACAS GORDAS.

Havia gente capaz de tudo, de infamar, de mentir, de exagerar, só para provocar maior sofrimento.

— Vou ter que soltar dinheiro — dizia Astrogildo. É preciso controlar a polícia antes que o governador saiba e faça pressão. Ele é nosso inimigo.

Mauro escutara retalhos das conversas. Seu estado mental não permitia discernir bem. Na noite inquieta, durante a viagem, vez por outra vinham-lhe à lembrança alguns fatos. Outros, desconhecia completamente. Iam e vinham

os sonhos terríveis, visões, pesadelos, ora Regina, ora Astrogildo, ora os colegas, Eduardo e Orlando, ora as cenas da rua Ayres Saldanha, no Rio, a *boca de fumo*, José da Turca oferecendo cigarros de maconha e explicando:

— Estes vieram da Bolívia. É um motorista de táxi que compra. Ele vai sempre à fronteira. Vem de Santa Cruz de la Sierra.

Outro garoto, apelidado Pintacuda, trazendo coisas novas, um produto diferente, informava:

— Este vocês não conhecem. É heroína. Joia! Coisa muito cara. Quem quiser vai pagar caro. Sei onde tem mais em Ipanema. Quem vende é um gringo. Mas é preciso segredo.

Mauro desconhecia tudo aquilo. Fora arrastado. Regressando a Belém se vira subitamente envolvido com maus colegas, e agora... ali estava, o barco cada vez mais perto da margem, as águas barrentas e *lisas*, o céu aclarando aos poucos, quase chegando ao destino. Monte Alegre! O trapiche. A cidade baixa e a cidade alta. A praça Ernani Chaves, o prédio da Prefeitura, a igreja de dois santos: São Sebastião e Santa Luzia. No alto, o templo de São Francisco.

Seus olhos contemplam a cidade baixa, o porto do Papagaio, muitas canoas; no Rio Gurupatuba, já àquela hora, com a alvorada, garotos tomando banho. Bois mansos deitados sobre a relva. Alguns barcos virados, como se tivessem afundado, e crianças pulando de cima. Montes de capim boiando, as premembecas, deslizando lentamente. O contraste das águas. A do Rio Gurupatuba limpa, e do Amazonas, lá fora, barrenta amarelada. No trapiche principal barcos maiores atracados. Do outro lado casas da várzea, barracas alagadas pelas águas altas, no começo do inverno. Os que têm alguns recursos, vindo as enchentes, passam-se para o lado da cidade, enquanto suas casas, da outra margem, se inundam até o teto. Só a casa do tabelião Acilino Lins sobressai, por ser mais alta, e escapa à fúria das águas. Uma enorme samaumeira no porto, onde pássaros se acolhem à noite e, despertos, na aurora, saúdam a natureza. Ao longe a serra ocidental, onde as garças, no cair da tarde, se recolhem, e no despertar do outro dia, se agitam, alçam voo de regresso à floresta. São centenas ou milhares de garças brancas e voejarem no alto da serra. Uma natureza paradisíaca, completada pelos lagos em torno, o Tagibã, o São João, o Branco, o Lago Grande, repletos de

peixes, de mistura com cipós titica, premembecas e os resíduos, que a flora despeja nos alagados.

Aquele ar fresco e puro parecia reanimar um pouco Mauro. Seus olhos sondavam o porto, o trapiche, a praia. Algumas pessoas aguardavam a embarcação, de mistura com pescadores e canoieiros, sempre presentes naquele local. Mauro reconheceu logo a figura de Clodoaldo, gorducho e careca. Amigo, preposto e representante de Pedro no município. Grande prestígio local. A fonia funcionara bem. Outras pessoas em torno. José Pereira, o Pe-reirão, guarda-livros da firma; Nicácio, comerciante do Cuçaru, fornecedor de balata; Joaquim Farripas, português do alto Minho, comerciante de beira de barranco, na saída do Cuçaru, ponto estratégico para quem demanda o alto Rio Maicuru e suas riquezas escondidas na floresta.

Aquela comissão toda dava a Mauro a impressão de uma recepção festiva. Não, não era. Todos amigos, correligionários, dependentes financeiros de Pedrão, solidários. Havia escutado notícias pelo rádio, em que se dizia “constar” que o automóvel causador do desastre era dirigido por Mauro, filho de um chefe político da região de Monte Alegre. Já sabiam de tudo. Ali estavam cumprindo ordens e, também, por solidariedade.

Mauro, a muito custo, se levantou. Estava ainda com o corpo dolorido, a mente confusa. Comandante Ernesto o ajudava pelo braço. O peito nu, buscava a blusa, que retirara durante a noite. Não estava no lugar. Ninguém achava. A blusa desapareceu. Fora furtada, sem dúvida, por algum daqueles passageiros mais pobres.

Alguém sugere:

— Deve ter caído no rio... O moço deixou a blusa ao relento e na certa o vento levou para a água.

Vento nada! Fora furtada, enquanto Mauro dormitava. O vigia não sabia dar explicações. E assim Mauro desceu em Monte Alegre, calça “Lee” e peito nu, em grotesca recepção matinal, contemplando a revoada de garças brancas e, no horizonte, o verde da floresta, que o aguardava para um novo destino.

Qual seria a sorte daquele jovem, “bom e estudioso”, como tanto proclamava a mãe amorosa e aflita?

Até que enfim iria penetrar no submundo dos balatais. Uma outra vida, para aprender a ser macho, como tanto desejava o pai.

Na cidade estremunhada ainda havia restos de vida noturna. Um palanque armado, faixas políticas, bandeirolas amarradas em fios, garrafas vazias pelo chão, expressões eleitorais do patriotismo caboclo. Mais adiante, na calçada de uma casa-grande, vários homens dormiam ao relento, bêbados, cansados da farra da véspera. Não despertavam com os ruídos dos passos, nem com as vozes, nem com o vento, nem com o grito ou o canto das aves. A cidade despertava para uma nova vida. Mauro em companhia dos amigos de seu pai, se dirigia, mudo, através das ruas mal calçadas, como um prisioneiro escoltado. E era prisioneiro, àquela hora, de mil laços, que lhe armara o destino.

Ainda lhe escoavam aos ouvidos as palavras da Tia: — “Que vergonha para a família!” Pobre Mauro.

A Tropa dos Balatais



Em poucos dias parecia a Mauro ter vivido um século. A chegada a Monte Alegre, cercada de todo carinho, abria-lhe ante os olhos um mundo novo e desconhecido. Filho embora de um homem que esgotara quase toda a vida naquela região, Mauro não a conhecia bem. Uma ou duas vezes, na infância, ali estivera e as recordações voltavam à memória como fragmento de nuvens ou de sonhos. Visões antigas da Cidade Baixa, algumas da Cidade Alta, mas apenas retalhos, que procurava recompor. Nada mudara. Nem três séculos de existência seriam capazes de retirar o velho burgo do seu crônico marasmo. Cidades novas, no Sul do país, como Londrina, se agigantavam, enquanto na Amazônia os séculos passavam sobre as povoações como um sopro invisível, incapaz de agitá-las. Pararam no tempo.

Nos primeiros momentos Mauro não se sentia à vontade, muito embora Clodoaldo fosse íntimo da família, sempre em Belém, às voltas com assuntos de comércio e política. Pereirão e Nicácio, com maior assiduidade, vez por outra apareciam na capital, ficavam para almoçar e se estendiam em longas conversas reservadas. Vinte e quatro horas na casa de Clodoaldo serviram para um pouco de repouso. Quase todo tempo deitado, contemplando, lá fora, as nuvens em movimento, Mauro tentava recompor os fatos que o haviam levado até aquele local. Não lembrava certas minúcias. Depois que ingerira a bolinha e saíra, em desabalada carreira, com vários colegas no automóvel, pouco recordava. Vinham-lhe fortemente à lembrança a mãe aflita e a imagem da Regina. A figura materna e a da mulher amada suplantam a todos os torpores. Eram momentos felizes aqueles, repletos de recordações. O rosto de Regina, pele fina e rosada, os cabelos de Regina, ligeiramente alourados, os olhos de Regina, claros, olhos que costumava apertar quando contemplava à distância. Uma miopia que lhe dava graça. Lembrava então Mauro artigo que lera em revista qualquer sobre os “defeitos que embele-



zam as mulheres”. O de Regina era aquele fechar de olhos, como se fosse japonesa, mas os olhos eram grandes e luminosos. Ecoava em seu coração a cantiga que ouvira Joel Pereira executar, tão suave e delicada, de autoria de Osvaldo de Souza, compositor potiguar:

*Ainda ontem eu vi Regina
Debruçada na janela
Onde tu vai Regina?...*

E depois de um intervalo:

*Para onde eu vou, Regina vai
Passa pra trás Regina,
Pra onde eu vou Regina vai...*

Regina era assim. Seguia seus passos. Sabia onde estava sempre: na escola, em casa, no cinema, no clube. Telefonava, indagava, se inquietava por Mauro. Sua vigilância se apagara momentaneamente naquela noite sinistra. O anjo-da-guarda dormitava um pouco e Mauro ficara sem proteção. Merecia punição, o anjinho, como sentinela que abandona o posto.

Misturavam-se na lembrança Regina e o artista cantando, esse um exemplo de força de vontade. O vigor do espírito sobrepujando a matéria. Animava-lhe o ser, dava-lhe novas energias. Afinal de contas, nem tudo estava perdido. Moía a alma de Mauro saber que matara um homem. Mas não desejara aquele desfecho. Fora o acaso, o destino, tinha que acreditar em destino, em forças ocultas, que nos arrastam para caminhos indesejados, capazes de forçar renúncias formidáveis. Forças ocultas!

Pereirão, o volumoso guarda-livros, palavra franca, procurara sempre incentivar:

— Essas desgraças acontecem! Ninguém pode evitar! Você agora vai se distrair um pouco nos balatais e ver muita coisa bonita!

Que coisas bonitas poderiam encantar os olhos de Mauro? Todo o mundo dizia que a Amazônia era um Inferno Verde! Certo escritor se dera ao trabalho de escrever um livro com esse título. Bastaria ser inferno para indesejar-se, mas ainda aquele *verde* por cima, não verde da esperança,

que é suave e repousante, mas outro verde, sinistro, quase negro, próprio de um inferno. Refletia então sobre todos os matizes do verde, desde o suavíssimo verde-esmeralda, o patriótico verde-oliva, o verde-papagaio, o poético verde-cobalto, tão do agrado dos pintores, ao lado do azul-cobalto, um dos segredos de um grande artista, e ainda o verde-musgo, este um tanto infernal, o verde-garrafa, que lembra a Mauro o colega Sinésio, bebedor de cerveja:

— Eu quero uma loura de casco verde...

No início Mauro não entendia bem aquela estória de loura de casco verde. Seria alguma égua alazã? Não. Loura deveria ser alguma mulher, mas não era. Mulher não tem casco. Referia-se à cerveja, que, segundo afirmava, tomava-se mais saborosa em garrafa verde, o *casco*. Todos aqueles matizes de verde passavam ante os seus olhos extasiados e Mauro se perguntava como é que as fábricas de automóvel inventaram um verde Amazônia e o azul Xingu, quando havia, na região, pelo menos umas dez tonalidades diferentes, desde o verde-horizonte ao verde-maniçoba? E esquecera o verde-piriquito.

Na verdade, aquelas “coisas bonitas” a que se referia Pereirão, existiam mesmo, e isso Mauro foi logo observando na viagem de Monte Alegre a Cuçaru, pequeno povoado, ponto de partida para as expedições longas ao curso do Rio Maicuru, em plena selva. Clodoaldo preferiria o percurso por água, muito embora existisse precária estrada ligando a sede do município ao vilarejo — mas era preciso despistar, não chamara atenção e, no barco, viajava com mais conforto, vendo abrir-se ante seus olhos um cosmorama de cores, desde o barrento das águas na saída do Maicuru, que deságua no Lago Grande e deste no Amazonas; o azul do céu, que se cobre totalmente de branco em certas horas, e que em outras, na aurora ou no crepúsculo, se torna róseo e se tingem de sangue no horizonte. E de mistura com o amarelado das águas, o azul do céu, o branco das nuvens, o vermelho do sol moribundo, aquele verde permanente, para todos os lados. Farripas, o bom português do Minho, homem leal a Pedrão, comerciante forte de Cuçaru, dizia Mauro, em momento de bom humor:

— Você está vendo toda essa mata? É o que mais há nesta região: são os sanitários da Hileia!

A imagem grosseira tinha, porém, a sua razão de ser. Como em todo o interior as casas, na maioria, não possuíam sanitários. A tarefa de sanear

a região ainda não conseguira atender a todos os cinco milhões de quilômetros quadrados da grande Amazônia. E em alguns lugarejos, instalados os *aparelhos*, os matutos os conservavam fechados, sem uso, preferindo a sombra do matagal.

Farripas procurava distrair Mauro, afastá-lo de suas recordações. Ao falar em Grande Amazônia, Mauro, curioso, indagou:

— Mas o que o senhor considera Grande Amazônia? Existe alguma pequena?

— Meu filho. Responde o lusitano. Há várias Amazônias. A brasileira, a peruana, a colombiana, a venezuelana, etc... E dentro do Brasil também há diversas, as de verdade e as de mentira... as reais e as legais...

— Como assim?

— A Amazônia real, que acompanha os cursos dos rios, afluentes do Rio-Mar, com os limites do Acre, Amazonas, Pará, e territórios federais do Amapá, Roraima e Rondônia. Há uma outra Amazônia, por força de lei, um tanto forçada, incluindo áreas do Maranhão, Goiás e Mato Grosso. Os nortes de Goiás e de Mato Grosso ainda se admitem como prolongamento amazônico, mas o Maranhão deve estar fora.

E Farripas abria os braços com espanto.

Rematava:

— Você observa que o Rio Amazonas tem um curso de oeste para leste. Seus tributários, como o Xingu, o Tapajós, o Madeira, o Purus, o Negro, o Trombetas, o Maicuru, o Paru, e outros pertencem à mesma região, ao mesmo complexo geográfico. Entre o Pará e o Maranhão há o Rio Gurupi, que não é tributário do Amazonas. O Mearim, *idem*. A vegetação, o clima, os costumes, tudo é diferente, até as lendas. Basta dizer que o nosso Mapinguari, das lendas indígenas, no Maranhão se chama Caipora ou Caapora. O nosso açaí, lá, é juçara. Não conhecem as nossas comidas. Comem um tal cuchá, com gergelim e camarão, que é desconhecido na Amazônia. Comida africana.

— E por que fizeram isso, seu Farripas?

— É política, meu filho. A maldita política. Você não vê o minério da Serra dos Carajás, em vez de ser exportado pelo Rio Tocantins, via aquática natural, vai ser desviado para o Maranhão? Um absurdo. Uma estrada de mais de setecentos quilômetros, quando o Pará possui costa marítima imensa, com mares fundos, como na Ilha dos Guarás.

Mauro não entendia daqueles assuntos, mas já se mostrava curioso com a exposição de Farripas, português muito branco, magro, alourado, sangue celta bem perto. Seus óculos eram de lentes grossas, aumentando o tamanho dos olhos, capazes de assustar crianças.

— É a maldita política. As bancadas do Pará não têm força. Eu queria que Pedrão fosse deputado federal para gritar bem alto e botar aquela gente para se movimentar. Dizer palavrão no Congresso Nacional.

— Com essa estória ou história de Amazônia legal, outros estados vão levando recursos que deveriam ser do Pará. Você vê, por exemplo, Monte Alegre tem reservas de calcário suficiente para organizar várias fábricas de cimento. Todo candidato, em vésperas de eleição, fala nisso, depois esquece. E as águas minerais sulfurosas. Vieram verbas para construir uma casa de saúde junto às fontes e as construíram, na cidade, em frente ao colégio, alterando totalmente o programa. E ninguém pode chiar... tem que ficar de bico calado. As fontes estão jogadas fora... E a riqueza em vegetais, a balata, você vai ver agora. Sem falar nos minerais, o ouro, as pedras e o alumínio. Toda esta região, desde o Jari até o Trombetas, é rica em bauxita.

Mauro mistura a paisagem com aquela exposição verbal tendo como fundo sonoro o ruído rítmico do motor. As ilhotas passam ao lado, algumas ao longe, outras mais perto, montes de capim, premembecas deslizam lentamente, o céu ameaça chuva, as nuvens azuladas se acumulam, tornam-se negras, pouco a pouco.

Farripas prossegue, boquirroto:

— Você vai gostar de Cuçaru, é lugar pequeno, pobre, mas tem nome na História. Aí morava o homem que desbravou essas matas, foi o primeiro explorador de balata da região, chamava-se Henrique Souza. Era a vocação dos Henriques para o pioneirismo as descobertas. (Farripas, como bom português, lembrava o Infante D. Henrique, o Navegador.) Teve coragem para subir o Rio Maicuru, atravessando as cachoeiras, enfrentando índios e doenças. Houve um outro pioneiro, apelidado Umbuzeiro, que seguia pelos mesmos caminhos. O Brasil só tomou conhecimento da balata na década de trinta por causa da guerra. No entanto, nas Guianas, ela já era explorada e exportada desde meados do século passado. A Guiana Holandesa vendia o produto em Amsterdam. De 1889 a 1898 exportou mais de oitocentas toneladas. A Inglesa chegou a produzir mais de cem toneladas por ano. Tenho

um livro que descreve toda a produção das Guianas, de um autor francês. É qualquer coisa como *La gomme de balata en Guyane*. Já lembro, são dois autores: Van Soolen e Georges Negre. Livro do começo do século... Li e reli. Farripas levanta, abre a estante, e volta com um livro nas mãos:

— Você lê francês? Indagou Mauro.

Mais ou menos. Fiz meus primeiros estudos em Portugal, vim de lá rapazinho. Meu pai queria que fosse padre. Colocou-me num colégio de Évora. Um belo dia resolvi fugir e emigrar. E aqui estou.

Mauro passou a interessar-se por Farripas, homem bom, experiente, sabia coisas e loisas. O luso tratava-o com ar paternal, talvez em consideração a Pedrão.

— Hoje sou brasileiro. Explica Farripas. Casei com brasileira, tendo filha brasileira e bens no Brasil. Meus parentes morreram em Portugal. Se hoje for lá, serei um estranho, um brasileiro. Não me acostumaria mais. Mesmo assim ainda sinto saudades. Saudades do Rio Minho, das amizades da infância, da colheita das uvas e das azeitonas, as comidas que minha mãe fazia, temperadas com puro azeite...

Os olhos de Farripas parecem aumentar de tamanho. Mesmo através das lentes Mauro percebia que eles se turbavam. Era a saudade da pátria, do chão palmilhado na primeira idade; coisas pequenas, que marcam para sempre o ser humano: um galo que canta, um carneirinho de sela, um ruflar de asas, um ruído de cascatas; até o vento é diferente nos céus da pátria.

— A natureza lá é bem outra. Explica Farripas. Às vezes eu viajava com meu pai até Valença do Minho, na fronteira. Uma cidadezinha construída dentro da fortaleza, como um enorme presépio. Ficava horas em cima da muralha olhando o Minho a escorrer. Do outro lado a Espanha, Tuy, mais adiante Porriño, depois, para oeste Baiona e Vigo, grande porto. Meu pai tinha negócios para o lado de Vigo. Eu lhe fazia companhia, algumas vezes, quando estava de férias.

— Esse nome Tuy é engraçado...

— É histórico. Foi ali que Afonso Henriques capitulou na luta com os espanhóis. Não fora isso Portugal talvez fosse bem maior. A Galícia se estendia por todo o norte. Aquilo devia ser português.

— Pergunte a um espanhol e ele vai dizer que o Minho devia ser da Espanha...

— Vá lá! Eles também têm as suas razões! São gente boa, amiga e trabalhadora. E há um fenómeno interessante, o espanhol da Galícia gosta de emigrar para o Brasil, através da cidade do Porto. Sente-se bem nesta grande pátria... Perto de Pontevedra há uma região chamada “dos brasileiros”. São os espanhóis que enriqueceram no Brasil e dali são originários.

A manhã avançava. O sol, cada vez mais forte, dourava a paisagem. O rio se estreitava, no encontro com águas do Maicuru, que desce em direção do Lago Grande. Num braço de canal, montado sobre o barranco, avistava-se Cuaru, esmirrado povoado, entreposto entre Monte Alegre e o vasto e sinuoso Rio Maicuru, que se estende pela mataria adentro.

Sempre o mesmo verde, as águas ora mais claras, ora mais turvas. O Maicuru desce de longas distâncias, da chamada Guiana Brasileira, como se fora um ser vivo, uma imensa serpente, rebentando em cachoeiras, encurvando-se a todo momento. O acesso será difícil, ante tantos obstáculos naturais. Não apenas a selva bruta, mas as pedras, as corredeiras, as quedas d’água frequentes e as curvas numerosíssimas, que exigem o dobro do tempo para o percurso até os balatais.

A chegada a Cuçaru, a propriedade de Farripas à beira do barranco, o trapiche de madeiras grossas, a casa de comércio na frente, o balcão extenso e lúcido, envernizado pelo uso, as prateleiras envidraçadas com variedade enorme de mercadorias, desde peças de fazenda grossa, para roupas de homens, a chitas estampadas para mulher, calças e blusas feitas, louças, vidros, copos, jarras, painéis de alumínio de todos os tamanhos, correias, latas de querosene no chão, caixas e gavetas com arroz, açúcar, feijão, farinha, ao fundo uma seção de ferragens, com facões, enxadas, ancinhos, machados, facas grandes e pequenas, espingardas, especialmente nas cartucheiras calibre 20, 24 e 28 (sendo mais preferidas pelos balateiros e caçadores as calibre 20), objetos pendurados dos tetos, especialmente candeeiros, painéis, urinóis, remos, linhas de pesca, varas e anzóis, redes de dormir e redes de pesca. Nas prateleiras martelos, enxós, pacotes de pregos, artigos de matéria plástica por todos os lados, desde jarros a copos, embaixo do balcão fogareiros de carvão e de querosene, sacarias e sobre elas, sonolento, um gato malhado. Outro gato cinzento pula sobre o balcão e se esfrega sensualmente nos braços e nos ombros dos fregueses. A casa é vasta, com dez portas de frente, mais o depósito ao lado, quase sempre fechado, mas

repleto de gêneros, que abastecem o comércio, sacas empilhadas de farinha, feijão, cofos com sal, uma variedade imensa de gêneros úteis aos homens da região. Em outro depósito isolado, Farripas armazena produtos silvestres para exportação, especialmente balata em blocos, amostras de oleaginosas, cumaru e sementes variadas, tambores de ferro com óleo de pau rosa, peles de jacaré, de onças e gatos maracajás, fardos amarrados de pirarucu salgado e outros peixes, de que é rica a região.

Perto do Lago Grande e de outros lagos, Cuçaru, em posição estratégica, se presta à exploração da pesca e extração dos produtos silvestres nas florestas, com acesso pelo Rio Maicuru. A variedade de peixes é imensa, desde o pirarucu ao taumatá, o curimatã, o jacari, o araqu, o acari, o acujuba, o peixe-boi, o catauari, o socoró e mil outros.

Variam as espécies de quelônios, as tartarugas, as peremas, os muçuãs, jabutis e uma variedade considerável, de todos os tamanhos e sabores.

Os pés de Mauro pisavam o assoalho rústico do trapiche, porto típico do Baixo Amazonas, construído de madeiras que resistem ao tempo, tábuas largas de piquiá e maçaranduba. Numerosas canoas amarradas aos esteios aguardam seus donos, que fazem compra na loja de Farripas. Em volta a mataria envolve aquele porto, a casa de comércio coberta de telhas e atrás a residência, no mesmo estilo, larga, arejada, limpa, com uma grande varanda ao lado, onde se armam redes, multicores vasos com plantas penduradas, e arames, onde se enroscam trepadeiras floridas, jasmineiros, belas-da-noite e brincos-de-princesa.

— Essas plantas são da minha filha. Explica Farripas. Ela tem paixão por flores.

E levantando a voz:

— Laurinda, é Laurinda? Onde anda essa rapariga?

— Já vou, pai. Responde uma voz delicada do interior do casarão.

Mauro se surpreendeu ao avistar em plena selva aquela moça loura e branca, os olhos muito azuis, franzina e delicada, boa aparência, vestida à moda da capital.

— Aqui está Mauro, filho do nosso amigo Pedro Celestino. Apresenta Farripas.

A mulher de Farripas, brasileira também muito branca, filha de cearenses,

dizia ela, devia ter algo de sangue holandês nas veias. Possuía o segredo de certas mulheres, que conservam a juventude e escondem a idade.

— Esteja em casa, moço. Seu pai é muito amigo do Quincas.

Quincas era o apelido de Joaquim Farripas, só usado em casa. Era Quincas no lar, “seu” Farripas para os caboclos, Joaquim Farripas para os políticos, e J. Farripas & Cia. para as repartições. O & Cia. representavam a mulher e a filha.

— Tudo o que eu tenho está aqui. Dizia Farripas a Mauro. É o que você vê. Este comércio, a mulher e a filha. Já ia me esquecendo, a casa de Belém, também. E restos de herança em Portugal, terra e casa na aldeia, que se partem e repartem com as mortes e os herdeiros acabam ficando com pedacinhos tão pequenos que é melhor imigrar. É o que se deu com a minha família. Meu avô possuía uma bela propriedade no Minho, perto de Valença. Quando morreu dividiram por sete. Cada filho ficou com um pedaço. Meu pai, por sua vez, teve cinco filhos e por sua morte cada herdeiro recebeu sete palmos para uma cova. O jeito foi emigrar. Eu vim para a Amazônia, outro, de nome Gil, para Angola, o mais velho, Américo, preferiu o Canadá, o Manoel, este está na Venezuela, onde diziam que corria muito dinheiro. A irmã, Maria João, casou com um “bronco” e foi a única que ficou por lá. Português é assim: emigra sempre para lugares onde sente faro de dinheiro. Com as restrições dos últimos tempos, emigram para as Áfricas, para o Canadá, Estados Unidos, Venezuela, Argentina, Austrália. Onde houver possibilidade de trabalho e ganho vão para lá, sentem cheiro de dinheiro como gato o do queijo. Mas não rejeitam trabalho.

— Mas isso é natural, Farripas, pondera Mauro. Não fosse esse espírito de aventura e capacidade de trabalho do português e o Brasil não existiria.

— Lá isso é verdade, menino. Esses pândegos andam a dizer por aí que o Brasil seria melhor com outra colonização. Não creio. Veja o que realizaram os franceses em Caiena e na Argélia, o que sobrou dos holandeses e ingleses na Guiana, os espanhóis não fizeram maior obra do que a dos lusitanos. É bem verdade que os Estados Unidos cresceram e se tornaram enorme potência, mas ali há esforço de todos, irlandeses, suecos, italianos, japoneses, chineses. O contingente de portugueses também é grande, principalmente na Flórida e Boston. Nova Iorque tem mais italianos do que Roma. Já houve um ministro da Corte Suprema americana filho de português: Benjamim

Cardozo. O luso no Brasil, no início, lutou sozinho, conquistou as terras, fixou as fronteiras, levantou fortalezas, combateu ingleses, franceses, holandeses e conseguiu construir este imenso império, milagre de unidade territorial e política, unidade que os espanhóis não obtiveram nas suas colônias. Os outros imigrantes já encontraram as fronteiras definidas e a casa em paz.

Mauro esquecia por um momento os dissabores. Encontrar aquela casa portuguesa em plena floresta, aquele emigrado, dedicado à atividade rústica, mas homem de regular instrução, com pequeno escritório, onde se via uma estante com bons livros (alguns dicionários), aquela mulher dedicada, esteio do lar, e a filha de boas maneiras, constituía doce surpresa.

— Eu estudei no Colégio Santo Antônio, em Belém. Explica a moça.

Vivendo embora em plena selva, os imigrantes não perdiam contato com os grandes centros. Mandavam os filhos para as capitais. Alguns seguiam para Portugal, tornavam-se estudantes em Lisboa, Coimbra ou Évora. Quem via aqueles homens simples, de tamancos nos pés, mal podia julgar que às vezes tinham um filho quase médico em Coimbra. Geralmente, quando casavam com brasileiras, jamais voltavam à terra natal. Poucos traziam as esposas. Os que vinham com mulher acabavam regressando a Portugal, depois de amealhados bons recursos. Era natural. A gleba natal possuía atrativos e encantos. As mulheres, muito apegadas aos seus, sonhavam com o regresso. A mãe distante era outro fator de atração permanente. No trabalho rude o pensamento voava para a pátria longínqua, a mãe velhinha fazia parte das preocupações quotidianas. E era cantada nos seus fados:

*Minha mãe é pobrezinha
não tem nada para viver...*

Mauro gostou de tudo, do local, da natureza, da mataria envolvendo as habitações, numerosos ninhos de japiins pendurados dos galhos, a orquestração das aves, em voo baixo sobre a casa. Aquele rio escorrendo, sempre cantando nas pedras. Agradaram-lhe as pessoas, Laurinda especialmente, e a mãe, Leonor, sempre acolhedora, e, sem perder o sotaque cearense, se dizia chamar *Leonô*. A casa denotava conforto, bem-estar, os móveis modestos, mas tudo muito limpo, pisos de régua de acapu e pau-amarelo ou,

em alguns compartimentos, de mosaico bicolor.

E a fartura da mesa. D. Leonor perguntava o que Mauro gostava de comer. Se queria bacalhau à portuguesa ou pirarucu fresco ou frescal, tambaqui no tucupi ou uma tartarugada. Era exagero, para quem vinha cansado, desarvorado, a alma em desespero, sem tempo nem vontade para pensar em tais coisas. Mas a dona da casa insistia. A filha também, perguntava-lhe coisas, enquanto cuidava de orquídeas, à sombra do caramanchão.

— Você gosta de orquídeas? Pergunta-lhe Laurinda. Essas vieram da região dos balatais, no Paru.

Na verdade Mauro nunca tivera tempo de pensar em orquídeas. Sua mãe cultivava também as suas roseiras, essa vocação parecia ser da natureza de todas as mulheres. Mas em D. Santa já era uma obsessão. Enchia a casa de vasos de todos os tamanhos, no jardim mandava armar pérgolas para trepadeiras, escolhia as espécies, misturava pés de *bougainville* vermelha, com branca, cor salmão, formando um conjunto multicolor, podava as papouleiras, regava as begônias, as “orelhas-de-burro”, os tajás. Mandava buscar em Monte Alegre tajás silvestres, principalmente aqueles que “assoviava” e, segundo a credence popular, atraía sorte para casa. Eram tantos os tajás na entrada que desgraça alguma poderia penetrar naquele lar. Por isso Mauro não acreditava nessas “busões”. Se fosse verdade não lhe teria acontecido aquela desgraça. A mãe, tão religiosa, tão católica, com santos por todos os lados, devota de Santo Antônio, como poderia aceitar credences de origem indígena? Gostava de cantar baixinho o Tamba-Tajá, de Waldemar Henrique:

*Tamba-tajá me faz feliz
que meu amor me queira bem
que seu amor seja só meu
de mais ninguém
que seja meu, todinho meu
de mais ninguém.*

— Pelo sim, pelo não, dizia ela, é bom respeitar as crenças.

Mas tais credences vinham da infância. Assimilara das empregadas, a ama, velha mucama vinda do interior, olhos de índio e cabelos lisos, chamada

Irecê, que lhe metia estórias na cabeça. Menina ainda, quando não queria dormir, a cabocla ameaçava com o Murucututu. Como seria esse Murucututu, da “beira do telhado”? A mucama o descrevia como uma espécie de coruja grande, olhos acessos, sempre postada, à noite, na cumeeira das casas. Se a má-criação era forte, a empregada apelava para o Mapinguari, monstro das matas, enormes, cabelos compridos cobrindo o corpo, braços, mãos e unhas como garras, tornava-se o mais temido. Seu ponto fraco, diziam as gentes, estava no umbigo. Tinha que acertar o tiro, ou a flecha, diretamente no meio da barriga, do contrário o Mapinguari agarrava e... zás! Irecê falava também em Matintaperera, que alguns escrevem Matinta-Pereira, num hibridismo inexplicado; e no Curupira, essa espécie de protetor das matas, indiozinho com os pés para trás, todo “mucio”, isto é, sem orifícios naturais. As estórias do boto eram criadas por todos, o peixe emprenhador das meninas afoitas, as que andavam nas praias em horas mortas. Constituíam pretexto também para justificar muita gravidez inesperada. As empregadinhas vinham do interior para a capital trazendo na cabeça todo um mundo de crendices e mitos, que transmitiam aos filhos dos patrões, meninos geralmente brancos, filhos ou netos de portugueses ou nordestinos. E assim essas crenças iam penetrando nas alminhas, tomando força, se misturando com a fé católica, ensinada no lar ou nas escolas. Por isso D. Santa era devota de Santo Antônio, não faltava às missas aos domingos, mas acreditava Rio Mapinguari e no Murucututu. Lia com regalo o que escrevia sobre eles Luís da Câmara Cascudo, o maior potiguar vivo.

Na casa de Farripas as crendices deveriam ser em maior número, encravada que se achava na floresta. Mauro pergunta:

— Vocês não têm aquele tajá que assovia?

— Olha ali, responde Laurinda.

A posição escolhida para as plantas expressava também a sua significação. As que protegiam o lar ficavam à entrada. Algumas em vasos de porcelana na sala da frente, outras até no quarto. E a categoria se distinguia pelos recipientes: vaso de barro ou de porcelana.

Farripas, sempre muito ocupado, devia dar atenção a tudo. Cuidar do negócio. Vender e comprar. Preparar os balateiros, que subiam o Maicuru no dia seguinte. Chegavam os homens contratados. As expedições variavam

em pessoal e número de embarcações. Havia canoas para três homens, geralmente de vinte a vinte e dois palmos, construídas de tábuas de itaúba. As embarcações de vinte e três a vinte e cinco palmos comportavam cinco homens. Mas para subir o rio sinuoso e encaichoierado eram preferíveis as canoas menores, mais leves, que deveriam ser carregadas nas costas em alguns trechos pedregosos, ou arrastadas, com cabos de manilha, nas corredeiras.

Numerosos patrões de balateiros financiavam tais expedições, que duravam cerca de seis meses na floresta. Aqueles homens engajados eram chefes de família, possuíam mulheres e filhos, que ficavam na sede do município ou em lugarejos próximos, sustentados pelo patrão, até o regresso. O número variava. Dependia do inverno, do interesse internacional sobre o produto, dos locais a explorar. Na fase áurea cerca de cinquenta patrões, em todo o estado, financiavam “aviados” e estes se responsabilizavam pelos balateiros, aos milhares, embrenhados nas selvas de Almeirim, Monte Alegre, Prainha, Alenquer e outros municípios da margem esquerda do Amazonas, na linha equatorial. Milhares de homens deixavam suas famílias no princípio do ano, no começo do inverno, aproveitando as águas altas para subir os rios, e regressavam em junho, julho, ou agosto, quando as águas começavam a baixar. Era preciso aproveitar os rios cheios, do contrário o balateiro ficaria isolado na floresta, sem meios para deslocar os blocos de balata, geralmente transportados em lingadas sobre as águas, amarrados com fios de aço e madeira leve, em condições de boiar. A colheita e o transporte se faziam em função das leis da natureza. O inverno era a fase propícia, muito embora, para o balateiro, fosse pior: morar na selva seis meses, longe da família, fazendo a própria comida, distante do mundo, sem possibilidade nenhuma de comunicação. Quanto mais se embrenhavam, mais balateiras virgens encontravam, boas para corte e colheita de seu leite generoso. Depois de três meses de busca na mata, mudando de pouso a toda hora, residindo em tapiris de palha, já se encontravam a grande distância dos rios, afluentes do Maicuru. Um dia deveriam regressar. Qual a distância? Não podiam imaginar. Calculavam-na de acordo com o número de “tombos”. Terminada a safra deveriam regressar trazendo nos ombros blocos de sessenta a oitenta quilos de balata. Quando cansavam caíam ao chão. Era o “tombo”. E assim

contavam os tombos, um a um, até atingirem a margem do riozinho. Havia balateiros que se afastavam cerca de cinquenta ou sessenta tombos, num deserto que eles próprios desconheciam. Para eles não havia metros, nem léguas, mas tombos, uma via-crúcis em plena brenha.

O drama sofrido nas selvas do Maicuru era o mesmo nas terras cortadas por outros rios, até maiores, como o Jari e o Paru, repleto de riquezas, e mais ao ocidente o Trombetas, o Cuminá e outros mais.

Pedrão, depois que se transferira para a capital, mantivera os seus “aviados”, uma rede de homens de confiança, que por sua vez contratavam os balateiros para a guerra da balata. O patrão ficava subordinado ao grande exportador, que fornecia dinheiro antecipado, geralmente em Belém ou Manaus. Esse fora o plano de Pedrão, passar de “patrão” a “exportador”, eliminando o intermediário. Havia hierarquia, uma carreira organizada, que se iniciava com o balateiro, o trabalhador das florestas, o “aviado”, isto é, o financiado pelo patrão, e o exportador, este em comunicação com Nova Iorque, Londres, Amsterdam e outras praças. Um exército. Pedrão encontrava resistência. Como passar de patrão a exportador se o comércio estava controlado por meia dúzia de libaneses e judeus, com ligações internacionais? Mr. Blomberg, de Nova Iorque, não sabia quem era Pedrão. Muitos Pedrões havia espalhados pela Amazônia. Conhecia apenas o Marcos Benacron de Manaus, o Samuel Benaury de Belém, o Habib Sadat e mais uns dois ou três. A faixa internacional era vedada ao cearense. O primeiro que tentou foi arrastado à falência, o pobre do Severino Barroso. Nova Iorque e Londres baixaram os preços, com instruções de Benacron e Banaury. Cortaram os pedidos. A balata de Severino ficou depositada durante dois anos. O cearense era teimoso. Não queria ter prejuízo. Pois como poderia vender abaixo do custo? Despendera muito mais do que pretendiam pagar os importadores estrangeiros. Financiara balateiros, sustentara famílias inteiras. Um deles morrera, o Janjão, Severino continuava fornecendo gêneros para a viúva e filhos. Não largavam. Outros adoeceram, era conveniente dar-lhes assistência, pois do contrário, quando precisasse de homens para a extração, não os encontraria com facilidade. A balata continuava estocada. Depois de dois anos surgiu uma oportunidade. Habib queria comprar a balata de Severino. Pagava-lhe preço mais razoável. Havia um grande pedido do ex-

terior, a guerra em vista pedia a matéria-prima, era imperioso ampliar o arsenal aliado, e a guta-percha se fazia necessária para o tipo de aparelhos elétricos, de tração e até para pneus de aviões.

Quando Severino abriu o depósito e mandou cortar um bloco, estava estragado. A ação do tempo corrompe o látex, “enferruja”, dizem os caboclos, apodrece, torna-se imprestável. Severino teve que jogar no Rio Amazonas todas as cinquenta toneladas, que guardara com tanta usura. Prejuízo total. Falência.

O advogado, Dr. Pedrosa, explicava:

— Não adianta, Severino, você quer lutar contra essa gente! Isso é um truste internacional, tem matriz em Nova Iorque, ramificações em Inglaterra, Holanda, por todo o lado. Os holandeses já exploravam a balata da Guiana desde o século passado. Os franceses também. Mesmo assim, quem domina é o americano e o inglês. Você não tem dinheiro para enfrentar gente tão poderosa.

E colocando a mão sobre o ombro de Severino:

— Quer um conselho de amigo? Alie-se a eles. Faça o jogo deles. Tentar embarçar-lhes os passos é suicídio. O mesmo acontece com a exportação de outros produtos: os óleos comestíveis ou para indústria de perfumaria, o pau-rosa, por exemplo, o sebo de ucuuba, a castanha, dendê. São empresas colossais, as chamadas multinacionais. Você não sabe nem onde está a matriz. Têm ramificações por todo mundo, como um polvo...

— Ou como um câncer...

— É a mesma coisa, polvo ou câncer... Você precisa transformar o polvo em *salpicón*, à moda espanhola, e o câncer em *caranguejo* e comê-los, os dois. Essa é a boa política. Você não vê como o Clodoveu sempre sobrevive? Dança conforme a música. Alie-se aos poderosos.

— Esse é um puxa-saco de gringo...

Farripas tinha ordem de Pedrão para fornecer o que fosse necessário à expedição. Três barcos, sendo dois de vinte polegadas e um de vinte e três, foram julgados suficientes, os dois primeiros com três homens cada um e o maior com três balateiros e Mauro.

— Seu pai — dizia Farripas, dirigindo-se a Mauro — quer que você conheça a vida dura dos balatais. Ele tem suas razões. Quando regressar será

um homem com H maiúsculo. Recomendo-lhe muito cuidado. Evite qualquer desavança com os balateiros. Os nossos são escolhidos, pessoas conhecidas, mas é bom não facilitar.

Leonor não se conformava:

— Isso não se faz! Mandar esse moço, acostumado na cidade, enfrentar a floresta! Tanta onça e gato maracajá! Tenho arrepios quando me lembro de uma cobra sucuriçu.

Laurinda procurava mostrar sua solidariedade puxando conversas sobre assuntos de toda espécie, colocava discos na eletrola, perguntava qual a preferência de Mauro, se samba, tango ou música do Caribe, bolero ou cumbia. Mauro esquecia um pouco sua desgraça, aqueles sorrisos tão claros de Laurinda, os seus agrados o atraíam, aquela casa tão ampla e acolhedora, a varanda repleta de plantas, a gritaria dos japiins lá fora, tudo aquilo o convidava a ficar. E o banho de rio, água fina corrente, olhando o verde em redor.

— Mauro bem podia ficar aqui em casa... ousou propor Laurinda. É seguro.

— São ordens do pai; respondeu Farripas. Pai é pai. Tem seus motivos. E baixando a voz para que só a mulher escutasse:

— A justiça pode bater por aqui qualquer dia. Já pensou? No balatal ninguém vai. E terra de ninguém. O risco é grande, mas pior será se o rapaz for preso. A situação política no estado é contra nós. Coronel Cardoso é violento e contra ele nada pode o general Zeferino. Em Belém tem havido o diabo. Nosso chefe, é verdade, é general, mas quem manda no estado é o coronel. Arranjaram o general Zeferino Pantaleão como uma bandeira. Não havia outro jeito. O homem, além do mais, é ambicioso. Quer o governo para ele e tudo fará para derrotar o coronel Cardoso.

— Mas Pedrão, assim mesmo, tem uma influência com os deputados e na administração.

— Tem, sim, em assuntos comerciais, em que pesa o dinheiro. Mas no caso do filho é vingança pessoal. Os inimigos querem destruí-lo. Se pegam o rapaz fazem miséria. Ainda outro dia meteram um jornalista no xadrez e fizeram cobra e lagarto com o infeliz.

— Mas ele não podia ter mandado o filho para o Rio?

— Qual nada! No Rio a polícia localiza e prende. Só há um lugar seguro: é a mata. Ali não chega a lei. Você já pensou, uma expedição policial subindo esses rios durante trinta ou sessenta dias, em plena selva, cheia de índios e feras? Balateiro conhece os segredos da floresta, soldado não. Numa emboscada morre tudo, isso se a onça não pegar, ou a malária.

— Quer dizer que Mauro deve mesmo ir para o balatal? Qual deles? Tem o do Jari, o do Paru, o do Maicuru e o do Curuá.

— Ele vai mesmo é para o alto Maicuru. Se for preciso passa para o Curuá, em Alenquer, ou o Paru, em Almeirim. Ninguém pega. Vai o Neco Dantas, o “Gato Selvagem”, que é bom mateiro e até gateiro. Ele é de confiança. Protege bem o rapaz.

— Aquele do olho de gato? E quais são os outros?

— Vão o Purificação, o Zózimo, o Ernestino, o Manoel Pedreira, o Chico Revoredo, o Zeca Andrade, o Sidônio e o Sebastião Silva. Com o Neco Dantas formam nove, e mais o filho de Pedrão.

— Esse Pedrão é de morte! Diz Leonor. Você se lembra, o que fez com aquele rapaz, o Cândido, que chamavam Zolhudo? Mandou dar-lhe uma surra de umbigo de boi. Não sei como homem tão fera teve um filho tão bonzinho. O rapaz é uma moça.

— Moça nada, mulher! Todo homem é homem! Por baixo da pele está a fera. Você vai ver como a floresta vai dar um jeito nele. Ou se faz homem ou quebra de uma vez. A mata tem essa virtude: se o rapaz é forte reage e vence; se é fraco se apaga. As vezes uma dificuldade é necessária. Faz parte da educação. Você sabe com que idade eu emigrei de Portugal? Era rapaz, larguei família, terras, tudo, e joguei-me para o Brasil sem conhecer ninguém. Leia a Bíblia, mulher, lá está escrito: “Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam nem fazem provimentos nos celeiros; e, contudo, vosso Pai celestial as sustenta. Por ventura não sois vós muito mais do que elas? E assim não andais inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã a si mesmo trará seu cuidado; ao dia basta a sua própria aflição.” Está no Evangelho de São Mateus, 6, 26 e 35. Farripas repetia o texto de memória.

— O rapaz parece ter espírito forte. Pelo menos não se queixa. Ainda há pouco eu o surpreendi sorrindo, quando conversava com Laurinda.

— O tempo, mulher, o tempo, tudo apaga. É o melhor bálsamo. Você vai

ver o homem que ele vai voltar. Já recomendei aos balateiros toda atenção, mas sem que ele soubesse. É preciso não apaparicar muito... A final de contas não se trata de um beldroegas qualquer.

Começam a chegar vários homens, todos fortes, cor de bronze, queimados de sol, silenciosos.

— São os balateiros. Avisa Farripas. É bom chamar Mauro.

Mauro já ouvira falar em alguns deles, pelo pai. Eram velhos exploradores das matas, conhecedores de todos os seus segredos. Neco Dantas — o “Gato Selvagem”, caboclo embora, possuía os olhos verdes, rosto redondo, grande porte, ombros largos.

— Esse é o comandante. Informa Farripas a Mauro. É homem de disciplina. Já foi sargento, nos bons tempos. E fazendo troça: primeiro aluno em ordem unida.

Neco abriu a boca larga, mostrando dentes amarelos e vigorosos. Os olhos brilhavam. Lembrava mesmo um gato, ou uma onça.

— Sebastião Silva, o Sabá, é bom no rifle.

Baixo e grosso, quase preto, Sabá gostava que elogiassem a sua pontaria. Matava jacaré de longe, acertando no olho.

— Purificação pega onça à unha. Já foi gateiro.

Homem de mediana estatura, mas com músculos desenvolvidos, João da Purificação tinha fama de bom caçador de onças e maracajás. Uma profissão definida: gateiro.

Leonor recomenda:

— Seu “Pura”, me traga um couro de onça-pintada, bem bonito.

Toda a região ao norte possuía muita onça e gatos maracajás. Os exportadores só queriam as peles de onças pintadas. As vermelhas não serviam para nada. A indústria refugava. Nenhum valor comercial. A onça preta era raríssima. Os gateiros se embrenhavam pelas florestas, usando de inteligência e artimanha para capturar as feras, salvando-lhes as peles sem defeitos. Nada de tiro no lombo. Estragava o animal. Era preciso acertar na cabeça, no pé do ouvido, na testa, nos olhos, de forma que, depois de esfolado, a pele ficasse inteira, sem marcas nem furos. Às vezes os gateiros matavam um veado e arrastavam seu corpo sangrando pela mata, a fim de atrair as onças. O sangue e o cheiro, de mistura com a folhagem, tentavam as feras, que assim se dirigiam, calmamente, para o cativeiro. Quando menos

esperavam estourava a armadilha, prendendo-as de várias maneiras. Outro tipo de armadilha, muito usado, consistia na colocação de um animal vivo, um macaco, um veado pequeno, de preferência um bode, dentro de caixa gradeada e por fora, em maiores proporções, a jaula de madeira forte, com a porta suspensa. A onça farejava de longe; ao avistar o animal caminhava em sua direção, entrando, assim, na jaula. A porta suspensa, deslocada por uma corda, baixava, vedando a saída. Um dos meios mais bárbaros consistia na colocação de um pedaço de carne sangrenta sobre um espigão de ferro. A carne de anta e a de veado serviam bem. Quase sempre, no primeiro impulso, a fera arrebanhava com a pata a carne, num soco violento sobre o espigão de ferro, que a mantinha presa. Amarrada a peça de ferro em cordas ou cipós, o animal se debatia sem poder fugir, numa luta desesperada, misturando o seu sangue com o sangue da isca. Era o tempo suficiente para que o gateiro, de tocaia, ou atraído pelo ruído, lhe desfechasse um tiro certo, abatendo-a.

Havia muitos gateiros a serviço de firmas comerciais. Esvaziavam as florestas, exportando as peles, legal ou clandestinamente, para os grandes mercados internacionais. Tonelada saíam pelos portos de Belém, Santarém e Manaus, por todos os meios de transporte, e até com outros nomes.

Purificação, com velha experiência, costumava dizer:

— Matar onça não faz mal. É um animal feroz, que destrói as outras espécies e, dele, só se salva a pele. Mesmo assim, a vermelha ninguém quer. As onças comem os veados, porcos, antas, por onde passam deixam a destruição e delas pouco se aproveita. O prejuízo que causam é bem maior do que o lucro que podem oferecer. Por isso mato onça sem pena.

Nos altos rios elas constituíam ameaças constantes. Penetravam à noite nas pequenas fazendas, nos currais, quando menos se esperava era aquele alarido em plena madrugada, corre-corre, “é a onça, é a onça”, todo o mundo em desespero, os cães adestrados latindo, os tiros escoando na mata. Quando surgia o dia, a luz do sol mostrava o estrago. Porcos dilacerados, arrastados pelas feras até o meio da floresta, garrotes ou bezerros estraçalhados, uma devastação, aliada ao sobressalto de todas as noites.

— Você não tem medo, seu “Pura”? Perguntava D. Leonor a Purificação.

— Tenho não, Dona Leo. Onça é bicho covarde. É preciso saber lidar com ela. Às vezes avista a gente e sai correndo. Mas é traiçoeira. Sobe nas árvores e prepara o pulo. Quem estiver distraído ela pega. Pois não é que

o meu cachorro, acostumado a caçar onça, foi destroçado por uma? O cão passou latindo por baixo de um pé de pau, não viu a fera em cima. Foi só passar e levar uma patada, que o jogou longe, já quase sem vida. Depois o pulo. Só encontrei a ossada.

O contato com o perigo enrijava aqueles homens, destinados a viver longe da família durante meio ano, enfrentando feras, doenças, cansaços. Mas já estavam habituados. Aquela vida selvagem criara-lhes uma segunda natureza. Não saberiam viver de outra forma. Muitas vezes, depois de “baixarem”, sentiam saudades da vida solta, na brenha, debaixo de tapiri de palha, pendurados pelos fios de aço nos troncos das balateiras, as esporas de ferro pesando-lhes nas pernas, subindo, subindo, o facão amolado abrindo feridas no córtex. O leite vegetal escorria, muito branco, caindo nos sacos embutidores, presos ao tronco, cada um com capacidade para três a quatro quilos. Sacos feitos de pano grosso e revestidos com látex da balata, “encauchados”, impermeáveis. Depois o líquido passa para os sacos tanques, ou sacos carregadores, com capacidade para dez a doze latas. Quando a quantidade é razoável, fervem o látex à temperatura de cem graus, até “dar o ponto”, isso geralmente após um dia inteiro de coleta, depois de jantar. A refeição fazem-na pelas cinco horas da tarde. É preciso encher o dia, quer com o corte das árvores, quer com a caça para alimentação, quer com o preparo da comida, quer com a fervura do produto. Essa fervura dura cerca de quatro horas. O grande depósito às vezes é feito de barro, revestido de látex endurecido, com boa capacidade. A fervura se realiza em grandes bacias de alumínio ou de ferro. Em plena mata, aquele fogo aceso, a panela imensa parece ferver a “sopa do diabo” da feiticeira faustiana. Uma cena estranha, aquela, em fins de tarde e noites sombrias, úmidas, molhadas pelas chuvas próprias da estação. Pronta a fervura, colocam o líquido e vasilhames próprios, na medida exata dos blocos, para que esfrie e se solidifique. São blocos de sessenta quilos normalmente. Alguns os fazem de maiores proporções, quando dispõem de homens fortes, em condições de transportar nos ombros aquela carga sinistra, através da floresta, dando os seus tombos frequentes, até atingirem o primeiro rio. Difícil será dizer o que se toma mais perigoso e cansativo, se a fervura do líquido, o preparo dos blocos, e seu transporte, ou a própria extração: o balateiro com “perneiras” e uma “espora de ferro” em cada pé, servindo-se de seis metros de arame de aço

para atracar-se à árvore imensa. Sobe aos poucos, lentamente, só as mãos e os pés trabalham. As mãos seguras no arame de aço a fim de ascenderem, ou utilizando o facão para cortar o tronco, os pés com as pontiagudas esporas fincadas nas árvores, como ponto de apoio.

A balateira, vegetal de bom porte, às vezes excede em tamanho a seringueira. Encontram-se algumas com troncos que só três ou quatro homens de mãos dadas podem abarcar. árvore generosa, sacrificada, sangrada. Realizada a sangria, só depois de dez ou quinze anos poderá sofrer novo corte, isso quando não morre, ressequida, chupada até a última gota.

Além disso, o leite da balateira, ao contrário do da seringueira, é alimento. Dissolve-se, como se fora produto animal condensado, em um pouco d'água, e assim se bebe com açúcar ou café. E os frutos, semelhantes ao do sapoti (pois a espécie pertence ao gênero das sapotáceas), de bom paladar, servem para consumo humano. Os morcegos são frequentemente assíduos dos balatais, cujos frutos devoram e transportam pelos ares, jogando as sementes para todos os lados, numa função natural de semeadores, por toda a floresta. Por isso os balatais proliferam. Os morcegos, seus aliados, são os grandes semeadores, obedecendo a um instinto que só a suprema inteligência do Criador seria capaz de incutir em seres tão horripilantes.

— Não se matam morcegos. Recomenda Purificação. Eles cooperam. O homem não precisa plantar balateiras, os morcegos se encarregam disso.

Na verdade, as árvores se encontravam na mata, em distâncias regulares, ora amontoadas, em “reboladas”, como dizem os caboclos. Feliz do explorador que encontrasse, em suas entradas, uma “rebolada”, conjunto maravilhoso de belas árvores, como virgens expostas àquela profanação.

O maior perigo, porém, não estava na rudeza da tarefa, nem nas feras ou nas endemias, mas nos próprios homens. Preparados os blocos, havia ainda a hipótese de furto e de crimes nunca esclarecidos, nem punidos. Como medida protetora, cada batateiro marcava, à ponta de faca, os blocos que preparara, com suas iniciais. o “aviador” ou o patrão marcava-os a ferro em brasa, como se fossem reses de um rebanho vegetal, parido pelas matas.

Cada homem tem a sua especialidade ou a sua preferência. Purificação acostumou-se a caçar onças, ofício que aprendeu com o pai. Este, possivelmente, a recebera do avô. Uma família de gateiros. De tanto lidarem com essas feras ficavam com expressão felina, ou tigrina. Alguns pegavam até

o apelido, como Neco Dantas, o “Gato Selvagem”. Purificação, às vezes, era chamado de “Pura”, não apenas pela simplificação do nome, mas, também, pelo uso da boa cachaça.

Um problema para os patrões. A cachaça. Seu transporte e uso proibidos. Os homens deviam habituar-se a isso. Aumentar os perigos, em plena floresta, se fosse aceita a embriaguez, naquela solidão, expondo a vida e os bens (os blocos de balata), no fim da safra. Corriam muitas estórias de crimes terríficos, furtos, assaltos, alguns para o lado de Alenquer, no Curuá, outros em Almeirim, e Jari, nas terras do coronel José Júlio de Andrade.

Zózimo ajudava Purificação nas caçadas às onças. Era, como ele mesmo dizia, um “aprendiz de gateiro”, categoria profissional ainda não prevista na legislação.

— Aprendiz de gateiro ou de feiticeiro? Indagava Farripas. Título engraçado.

— Não respondia Zózimo, feitiçaria é com Zeca Andrade.

Na verdade Zeca Andrade, filho de índio *apalai*, ao que se dizia, convivera, na infância, com os da tribo. Como às vezes acontece, ele se desgarrava, aderira aos que habitavam “lá em baixo”. Assim os indígenas dos altos rios, das cabeceiras do Jari e do Paru, se referiam aos “brancos”, que viviam nas cidades marginais do curso do Amazonas. Descera com balateiros e se criara em casa de Juvêncio Andrade, um dos pioneiros da região ao tempo de Henrique Souza. Tornara-se *civilizado*. Quando alguém precisava de um remédio silvestre, alguma erva miraculosa, recorria a Zeca Andrade, nome que herdara do padrinho. Zeca sabia interpretar o canto dos pássaros, as aves agourentas ou as que anunciavam boas novas. Imitava bem a gargalhada do Jurutaí. Conseguia, em lugares secretos, ervas que operavam maravilhas. Não revelava a ninguém onde as encontrava. Procurava-as sozinho, ao pôr-do-sol, aproveitando as sombras. Preparava um pó, tipo rapé, o paricá, para aspiração; utilizava o *yagê* só em dias de festa, dizia que adivinhava o futuro das pessoas, era pajé, o alucinógeno funcionando com violência. Falava também numa outra droga, de Origem amazônica, o Ipadu, que conhecera nas suas viagens, quando rapaz, no regatão do Adib Chaim. Zeca Andrade se engajara como empregado de Adib, e assim subia com ele o Rio Amazonas, até o Solimões, o Purus e a Boca do Acre, no troca-troca de mercadorias. Dinheiro não funcionava quase. O regatão trazia

uma infinidade de coisas, desde bugigangas, artigos de armarinhos até sal, charque, facões, espingardas, um verdadeiro arsenal sobre as águas. Trocava espingardas por balata; sal por pélas de borracha; charques por pirarucu e assim ia enriquecendo. Durante cerca de cinco anos, Zeca Andrade andara naquela faina e aprendera com os índios do Rio Negro e do Purus o uso do Ipadu, ou coca, e de outras drogas alucinógenas, que lhe davam o prestígio de filho de pajé. Nunca mais vira Adib. Este enriquecera. Vendera o barco pequeno e comprara navios. De vez em quando passava em Monte Alegre, rumo à Boca do Acre, um dos muitos navios de sua propriedade, entre eles o “Adib 1º”, o “Boca do Acre” e outros. Fora um bom patrão, mesa farta, mão aberta com os amigos, um patrão que deixara saudades. Zeca Andrade, todavia, continuava naquele misererê, como balateiro, a vida de seu agrado. Filho de índio, gostava do sussurro da mata, cheia de assovios dos duendes da selva. Acreditava na história das mulheres que viviam sozinhas, algumas tinham por marido antas. Ele mesmo contava lendas cheias de mistério, em que figuravam animais da floresta, ou a lua e o sol. Semicivilizado, tornou-se um empregado fiel, trabalhador de grande produção no corte dos balatais.

Ernestino e Manoel Pedreira, filhos do Marajó, emigraram para Monte Alegre, em busca de dias melhores.

— Marajó não dá futuro, não, gente. Dizia Manoel Pedreira. Se nasce filho de vaqueiro e morre, quando tem sorte, como vaqueiro. Ninguém passa de porco a porqueiro. Não é como na balata. Vocês não vêm como seu Pedrão hoje é homem rico, e começou no corte?

Chico Revoredo era nordestino, não largava o punhal, muito calado, só animava quando havia festa, cantoria. Improvisador, bom tocador de viola, gostava de desafiar outro nordestino, Sidônio, filho do Rio Grande do Norte, das bandas de Caicó. A viola fazia parte de sua bagagem, junto com o punhal.

*A viola é meu serviço
Tem sempre motivação
Ora louva padre Ciço
Ora louva Lampião*

Ao que Sidônio respondia:

*O punhá é meu ofiço
Não precisa de caução
Não invoca padre Ciço
Só respeita Lampião,*

E completando:

*É muito bom no serviço
Vai certo no coração.
Revredo replicava:
Vai certo no coração
mas não é arma de sorte
só semeia perdição
e é causador de morte.
Já meu pobre violão
Conhecido em todo o norte
Acerta no coração
Das moças do meu sertão
E jamais causou a morte.*

Sidônio insiste:

*Ora moço, se comporte
Não arrisque a sua sorte
Se quiser cantar comigo
Como homem de bom porte
Jogue fora o violão
Agarre o punhal na mão
E se defenda da morte.**

* Esses homens, rudes e bravos, constituíam a chamada “Tropa dos balatais”.

A Borra do Mundo

Mauro jamais imaginara que haveria de viver dias e noites em região tão deserta, plena floresta, no acampamento do Buriti, em companhia de homens desconhecidos, os balateiros, vindos de várias regiões do estado ou do país, cada qual com a sua história, o seu passado, o seu romance ou a sua tragédia. Alguns até pareciam bons, afeitos ao trato com o patrão, humildes, obedientes. Mas nunca se poderia saber o que se escondia por trás daquelas feições grosseiras, daqueles olhos nem sempre amigáveis, daquelas máscaras endurecidas pela luta, pelo sofrimento, pelo sol.

Muitos dias haviam passado desde a partida de Cuçaru, as canoas abarrotadas de embrulhos e sacos, os homens musculosos cuidando de não esquecer nada, porquanto bastaria a falta de fósforos, ou de munição, ou de sal, para estragar toda uma expedição. Farripas relacionava os gêneros em grossos cadernos de contas, com os respectivos preços. Não havia necessidade de fornecer dinheiro. Na floresta, a moeda corrente era a mercadoria, não comprariam nada, nem teriam a quem adquirir, porquanto, dali por diante, só encontrariam raros tapiris de palha à beira dos rios, com caboclos que vivem da caça e da pesca. As habitações são palafitas, no verão parecem muito altas, as águas descem, as estacas de fora; no inverno, submersas, com o rio às vezes cobrindo os trapiches e ameaçando tudo: as casas, os currais e os galinheiros. Em torno a floresta compacta, árvores desconunais, enlaçadas por cipós, um silêncio de deserto, o maior dos silêncios, como se a natureza toda fosse um templo, que exigisse recolhimento e meditação.

As embarcações subiram o Rio Maicuru, enfrentando obstáculos de toda sorte, especialmente as cachoeiras ou as corredeiras de pedras disfarçadas pelas águas, que se encrespam, espumam, borbulham. Às vezes se viam forçados a contornar, por terra, a grande massa de pedra, as águas marulhando, os homens carregando sacos e caixotes, os barcos puxados com cordas e

fios de aço, para não se despendarem no arrastão. E assim foram vencendo, um a um, os contrafortes opostos pela própria natureza, que se defende do ser humano, invasor de suas entranhas. O homem é o grande inimigo.

Mauro se extasiava com o espetáculo daquelas corredeiras chiando nos pedregulhos, um marulho delicioso se misturando, aqui e ali, com gritos de pássaros. Tinham de “apeiar-se” da embarcação, pisar na água fria e empurrá-la. Só não gostava na proximidade das cachoeiras, onde se concentram borrachudos, mosquitos terríveis, que deixam marcas e a sensação de dor e ardume, por muito tempo. Temia também os puraquês, peixes elétricos. Venceram — uma a uma — as famosas cachoeiras do Portão, a primeira, assim chamada por ser a espetacular entrada da selva, a Muira, a da Fartura, a Pancada Grande, em que a água despenca com força bruta, difícil de vencer, e mais as que seguem, cada qual com o nome pitoresco, batizado não se sabe por quem, no passado: cachoeira da Santa, a do Macaco, Rebojo, Jacaré, Morro Grande, Quebraquilha, Repartimento, da Onça, da Lage e tantas outras.

Tudo aquilo Mauro lembrava, deitado em rede nova e colorida, que lhe arranjava Leonor. Ainda recordava quando Laurinda se despedira, recomendando: — “não deixe de armar o mosquito”, um largo mosquito de tarlatana, muito usado na região.

No vasto barracão de madeira, coberto de palha, chão de barro batido, enfileiravam-se as numerosas redes dos balateiros, paralelamente. Cada qual trazia o seu mosquito, defesa contra a malária e, também, necessidade: centenas ou milhares de mosquitos, naquelas regiões, não permitiam sono tranquilo. Um cão famélico, dormitava, vez por outra desperto pelo ruído dos carapanãs, que o faziam abocanhar o ar, como um caçador de coisas imaginárias. Os mosquitos rondavam os seres vivos, chapavam-lhes o sangue, transmitiam-lhes doenças, não apenas malária, mas outras, como a filariose. Picavam homens, cães, bois, antas, numa luta feroz na floresta entre seres grandes e pequenos, criação estranha da natureza, uns devorando os outros, uns perseguindo os outros, numa guerra desigual entre os mais fortes e os mais fracos, que não acaba nunca.

No barracão do Buriti, Mauro assistia apenas o começo daquela sua estranha odisséia. Era o ponto terminal da primeira investida coletiva, o

“acampamento”. Dali deveriam partir os grupos de homens em busca dos balatais, cada qual numa direção, ao encontro das “reboladas”, perdidas na floresta. Esses grupos se distanciam, às vezes, quinze ou vinte quilômetros, uns dos outros.

Observa os homens dormindo, à meia luz de lamparinas, reforçadas pelas brasas de rústico fogão de barro, ao fim do “salão”. São oito a dormir, porquanto Purificação, sem sono, se encontra lá fora, chuchando o seu cachimbo, sentado num pedaço de tronco. A natureza em volta dormita ou desperta a cada momento. É a insônia da floresta.

Aqueles seres adormecidos não parecem os mesmos, quando despertos. As feições mudam, talvez de acordo com o estado de alguma de cada um, os seus sonhos, essas misteriosas manifestações inconscientes, que, até hoje, nem a ciência, apesar dos esforços de Freud e Jung, nem a religião, apesar de suas profundas meditações, conseguiu desvendar.

Mauro não tem sono. Seu pensamento voa, não como se fora um pássaro, mas qual morcego, que realizasse evoluções no ar, entrasse e saísse pelos desvãos da consciência, como em casa velha. Certa vez, na escola, o professor de literatura lhe dera para ler alto e interpretar uns versos do poeta Augusto dos Anjos, que comparavam a consciência a um morcego:

*A consciência humana é esse morcego
Por mais que se faça à noite ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto*

Mauro nunca lera em público. Ficara um tanto embaraçado. O professor insistia. Que lesse, para que toda a classe ouvisse. Mauro parece ter-se saído bem, diante dos aplausos gerais da turma. Mas correu o risco de ser apelidado “o morceguinho”. E ficava-lhe sempre uma dúvida, se aqueles aplausos eram sinceros ou simples gozação, vaia. Os estudantes, às vezes, não podendo vaiar, aplaudem imoderadamente, o que importa no mesmo.

— Gostei de ver, meu filho! Disse-lhe o professor.

Os estudantes redobravam em aplausos, um ou outro batia com as mãos na mesa, alguém gritou um “viva”, outro um “uipe orra!”, já levando o caso para a anarquia, ao que Mauro observou:

— Estão fazendo pouco de mim, professor.

Estão não, meu filho. Isto aqui não é a França, onde vaiaram aplaudindo o nosso grande Graça Aranha!

Desconhecia o episódio de Graça na Sorbonne. Também não sabia o que era Sorbonne. Apenas uma vez ouvira o médico da família, o Dr. Mário, que o pai adorava, dizer ao velho:

— Fiz um curso de altos estudos no sul. Um dos colegas, lá, dizia que aquilo era a “Soborne brasileira”. Soborne ou Sorbone o certo é que Mauro não entendia bem as observações.

O pensamento divagava, ou melhor, voava, com uma rapidez incrível, ora estava em Belém, lembrando a mãe bondosa, o pai furibundo, os amigos e, principalmente, Rege, sempre presente, mesmo quando parecia ausente. “Para onde eu vou Regina vai.” Sucedia, porém, algo estranho: é que Regina às vezes lhe parecia com traços de Laurinda, a “Lau”, e Mauro pensava que até seria possível criar um novo nome de mulher, Regelau, algo que lhe soava como apelido estrangeiro, talvez alemão, ou nome de produto enlatado, margarina ou creme para a pele. Regelau! Nada lírico.

Morcegos, mais morcegos entravam e saíam do barracão, enormes, as asas negras roçando às vezes as franjas da rede, ou passando tão perto que dava para sentir o sopro do ar. Se fosse em Belém, iria apavorar-se com aqueles bichos estranhos. Nos balatais a multidão dos morcegos acompanhava sempre os homens, a natureza os dispõe com uma missão especial, a de comer os frutos e lançar as sementes em várias direções, aumentando, na floresta, o número de balateiras, e impedindo a extinção da espécie. Um feio amigo do homem, o morcego, como o são os urubus. Mas úteis.

Alguém já avisara:

— Cuidado com os morcegos! Eles chupam sangue humano, quando se está dormindo.

Fazem o mesmo com os cães, antas e outros animais da floresta. São hematófagos.

Mauro contemplava aquelas feições grosseiras dos homens, como se estivessem mortos. Neco Dantas dormia com os olhos verdes totalmente abertos, a boca também escancarada, mostrando os dentes fortes e amarelados, rindo da vida, ou da morte, ou do mundo. Que estaria sonhando,

com aquele riso que parecia real? Vez por outra deixava escapar um grande suspiro e mudava de posição, envolvendo a cabeça com os dois braços. Zózimo, que custara a adormecer, agora roncava o tempo todo. Ernestino, na rede ao lado, balançava a de Zózimo, que parava de roncar por pouco tempo, em outra posição. Ernestino, naqueles arrancos, semiacordado, parecia um sonâmbulo, depois se acomodava, todo encolhido, qual um feto no ventre materno. A rede era o ventre. Manoel Pedreira não roncava, mas chiava respirava fundo, com obstrução nasal. Chico Revoredo falava, dizia coisas desconexas, só uma vez Mauro escutou com nitidez: “Oh boi! ôôô... dá!” Revoredo sonhava com o seu Nordeste, talvez alguma vaquejada, pois se agitava, esticava o braço direito, como se agarrasse o rabo imaginário de alguma novilha, nas lagoas do Jenipapo ou no vale do Maxaranguape, no Rio Grande do Norte, “ÔÔÔÔ dá!”

Mauro se divertia com aquele espetáculo, uns sorrindo, outros fungando, alguns roncando, cada qual conjugando o verbo de sua preferência. Revoredo falava, às vezes gritava, naquela “corrida aos touros” que só existia na sua imaginação, ou melhor, no seu inconsciente. Ah, o inconsciente! Esse turbilhão de forças incontroladas e desconhecidas, que a ciência humana mal conhece e julga desvendar! O inferno ou o céu estaria no inconsciente? Mauro assistia, no seu colégio, às conferências do Padre Acevedo, querendo demonstrar as suas verdades parapsicológicas, como se fossem incontestáveis e eternas. Uma infabilidade papal. Aqueles dois círculos gizados na lousa, um grande e outro pequeno, simbolizando o inconsciente e o consciente, deixaram impressão forte na sua imaginação de adolescente. Não entendera muito as tais conferências, apenas ensaiou uma perguntazinha ao Padre: — “Quer dizer, Reverendo, que de acordo com as suas explicações não existe milagre? Tudo é força anímica, nada de sobrenatural? O senhor não vai acabar com os santos?”

O padre respondia, mas a estudantada não ficou muito convencida de algumas coisas, como por exemplo de que tudo aquilo que fora explicado não admitia contestação. — “Como assim, — perguntara um professor presente — se tudo no mundo é luta e contestação, é ação e reação, forças que se entrechocam e desse entrecchoque surge um equilíbrio, a harmonia universal?”

Muitos aplaudiram o tal professor, que parecia ser médico, o homem muito seguro do que dizia, querendo encostar o conferencista na parede, enquanto este, muito inteligente, não falava, esgrimia com a palavra, demonstrando muita sabedoria e pouca humildade. Furava rostos e braços insensíveis com agulhas, parecia um demo.

— Há um equilíbrio no mundo, prosseguia o professor, teimoso, refutando o conferencista. Leia em Goethe: “Como Tudo no Todo se equilibra, na harmonia da vida que palpita e vibra!” Tudo se equilibra no Todo, é a harmonia universal. O supremo equilíbrio “que faz o bom gosto, que faz o bom senso, que faz a verdade”, como escreve Amoroso Lima. E citava Santo Tomás de Aquino, ante o olhar apalermado dos estudantes, que não entendiam o latínório: “*proportionatus bono communi; proportionatus gloriae aeternae*”.

Mauro divagava, esquecia que se achava no acampamento de um balatal, a centenas de quilômetros da margem do Rio Amazonas, em plena selva, no meio de estranhas figuras de seres humanos de variadas cataduras. É a força do pensamento, livre das carnes.

Os gritos de Revoredo, em seus sonhos deliciosos no agreste nordestino: “Ô boi! Boi dá”, e os roncões de Zózimo o levaram, assim, inconscientemente, para o campo oposto, o de uma original associação de ideias, às vezes sem lógica e sentido.

Zeca Andrade, filho de índio, preferia deitar no chão, reto como uma múmia, dormia silencioso, com aparência de morto. Mauro às vezes tinha impressão de que Zeca estava realmente morto, tal a imobilidade, as pernas retesadas, o peito alto, os cabelos negros e lúzidos escorrendo pelo pescoço e ombros. Qual a diferença entre a morte e o sono? Que era o sono, indagava mentalmente. Preparador do equilíbrio orgânico e mental, (lá vem o equilíbrio), um interregno nas lutas da vida, uma preparação para a morte? Mas a morte sem dúvida não fomentava sonhos, devia ser algo diferente, que Mauro preferia não investigar, naquele deserto, tão perto devia estar aqueles domínios invisíveis. O estranho domínio da morte, do qual alguns tentavam arrancar qualquer mensagem, outros o consideravam matriz de nova vida, não poucos, principalmente os poetas, iam buscar nele, como fonte perene, personagens para as suas tragédias ou epopeias, como Sófocles, Shakespeare, Dante e Goethe. Mauro se deleitava nas aulas de literatura

com o professor explicando o sentido das tragédias gregas. Como era forte! Como mexiam com os nervos! Naquele momento, comparava mentalmente, estava vivendo uma tragédia grega, era um personagem de Sófocles, de qual de suas peças maiores, da “Antígona”, de “Electra”, “Édipo Rei”, “Ajax”? Ou encarnaria um personagem de Eurípedes, em Alceste, Andrômaco, Hipólito Coroadado, Electra? Ou antes seria a reencarnação de uma figura de Ésquilo, em “Prometeu encadeado” ou em “Electra”? Mentalmente indagava por que “Electra” sensibilizara os três trágicos gregos, porquanto todos escreveram tragédias tendo como tema Electra, filha de Agamenon e Clitenestra, irmã de Orestes, vingadora, como este, de seu pai? Em Ésquilo a tragédia se chamava “Os Coéforos”, parte de Orestes, escrita em pleno quinto século antes de Cristo, há cerca de dois mil e quinhentos anos! Era sempre a *vingança* o tema para tragédias, a vingança roncando no coração dos homens, que se matam, como requintes de perversidade! A vingança grega não era diferente da vingança do conde de Monte Cristo nem da praticada no sertão do Ceará ou das Alagoas, ou de Pernambuco, famílias se entredevorando, pais matando e sendo mortos, filhos vingando pais e avós, numa herança sangrenta, que atravessa os séculos. Mauro mesmo, naquela selva, vítima do destino, estava fugindo de possíveis vinganças políticas contra seu pai, porquanto a balança da justiça nem sempre pesa com os mesmos pesos. Já dizia Vieira, o grande pregador, “que a justiça é mais zelosa contra os que podem menos”.

Mauro recordava as aulas de literatura e agora se convencia de que a arte imita a vida, e, no seu caso, a vida imitava a arte. Estava ali acorrentado, não a um rochedo, mas a um acampamento na selva, velho barracão de chão batido e coberto de palhas, tendo em torno a muralha da floresta e, mais adiante, o curso oleoso do Rio Maicuru, barrento, pegajoso, coleante, única via de acesso àquelas paragens, repleta de obstruções.

Sidônio dormia intranquilo, fazia ruídos estranhos, por todos os orifícios, produto de má digestão. A comida lhe pesava. Era o feijão com a carne de anta, a farinha grossa. Naqueles primeiros dias ainda podiam regalar-se com café, porquanto os mantimentos eram calculados para todo o período da colheita, até seis meses. Se acabassem teriam que regressar, e a volta se fazia mais difícil do que a vinda. Deveriam transportar dezenas, ou centenas

de blocos de balata, amarrados em madeira e fios de aço, boiando sobre as águas, com risco de perda total.

Sabá dormia abraçado ao rifle. A arma era a sua obsessão, a sua consorte. Costumava dizer que acertava em formiga a dez metros de distância, tal a perícia no tiro. Entroncado e forte, sem ser gordo, tinha algo de suíno no aspecto corpulento e brevílineo. Acariciava a arma como se fora uma mulher.

Em torno era a mata. Nenhum sinal de civilização, de cultura agrícola organizada, nem sequer, ao lado da casa, como de hábito, um mamoeiro ou uma laranjeira. Frutos, ali, só silvestres e assim mesmo não muito variados. Os da balata, as castanhas e outros próprios da selva.

Lá fora Purificação pitava o seu cachimbo, sem sono, preocupado talvez com a família, que deixara em Monte Alegre, a mulher grávida, os filhos pequenos, necessitando de ajuda, casara já madurão, mulher jovem, um filho por ano. Gostava de justificar: — “para cavalo velho, capim novo”.

Mauro sentia simpatia por Purificação, homem magro, de boa estatura, feições rijas, um tanto nervoso, mas ágil, bom na pontaria, gateiro de profissão. Naquele conjunto heterogêneo de seres humanos, logo nos primeiros encontros, simpatizara com alguns e antipatizara com outros. São os mistérios da natureza humana, as seleções afetivas, que surgem espontaneamente, sem causa aparente. Assim foi com Farripas e Laurinda, esta dizendo ao ouvido de Mauro, num momento em que não havia testemunhas: — “parece que conheço você há tanto tempo!” Eram as “afinidades eletivas” goethianas, os mesmos sentimentos e preferências, talvez, atrações de signos (dizia ainda Lau): — “Você é de Touro e eu sou de Virgem! Combina bem.” O diabo é que Rege lhe dizia a mesma coisa, apenas trocando o signo: — “Você é de Touro eu sou de Câncer.” Ficava então Mauro vacilando, entre as duas atrações astrais, se Virgem ou Câncer, muito embora a segunda também o fosse, ou parecesse. Ideias amalucadas que se enroscavam no pensamento de Mauro, fomentadas pelo silêncio. Ah! O silêncio! Esse grande incentivador do espírito, que sopra sobre a alma como um vento forte, em braseiro, levantando labaredas.

As afinidades de Muro já se definiam a favor de Purificação, talvez porque esse o tratasse como a um filho, dando-lhe conselhos sobre a vida na selva e contando estórias de seu passado, de suas lutas, de seus trabalhos

e de seus desenganos. Fora um homem de muito prestígio no município, mas perdera tudo. Conhecia os problemas da região, como poucos. Os rios, as matas, os lagos, os paranás, os costumes, percorrendo com facilidade admirável, um sonhador.

Pura gostava de falar sobre a Amazônia e suas riquezas, que conhecia bem.

Mauro não tem sono. Prefere abandonar a rede e, à luz bruxuleante das lamparinas, vai para o relento conversar um pouco com Purificação.

— Está pensando na vida, seu Pura? E fazendo trocadilho: — Aqui fora o ar está puro...

— É verdade, moço. Penso na vida. Trabalhei a vida toda e hoje não tenho uma casa para morar! Experimentei muitos negócios, deu tudo errado. Tentei a exploração de minerais. No Curuá há muita riqueza, no Paru, no Jari. Não se faz nem ideia! No Curuá se encontra cristal de rocha, ametista, numa extensão enorme. Não sei na Amazônia em que eu não trabalhei.

— E a política?

— Tentei também, mas essa é uma estória muito comprida. Depois eu conto. E como quem não quer perder o fio do pensamento.

— Tem coisa muita nesta região que você precisa conhecer, menino. Mineral, vegetal, animal, o diabo. Tem galena em Monte Alegre, no quilômetro 18, descoberto por um homem chamado Brilhante. Foi cavar uma cacimba e encontrou o minério. Veio para a cidade dizendo que havia encontrado ouro. O povo se assanhou. Foi uma correria. A galena em estado natural é cor de chumbo. A mina ainda foi explorada pela firma que comprou, de Manaus. Ela possui também baritina, que serve para tintas e remédios. Brilhante era cearense e vivia sempre bêbado. Vinha para a cidade a cavalo e, o que é mais interessante, o cavalo acompanhava o jogo do corpo e ele não caía. Pedia a todo balateiro que quando encontrasse pedra ou substância estranha trouxesse amostra. Foi assim que encontrei cassiterita no Paru, no Jari e tantalita no Rio Cuca, já na confluência do Rio Jari. Há tantalita e cassiterita. A tantalita serve para utilização na navegação aérea.

Puxa uma pitada e continua:

— Desejei fundar pequena fazenda nos campos gerais. Menino, esses campos são uma riqueza abandonada. Um mundo de terras jogadas fora.

Servem para criação de bodes, por causa da elevação, são ondulados, chão duro como os campos de Minas Gerais. Dá bem bode ali, criação econômica, que produz carne e peles para exportação. Nas baixadas tem buritizais e carananzás de forma que há sempre água nas baixadas, o que remedia as secas. O bode se alimenta de qualquer coisa, capim seco, raspa de pau, o que houver. Encontrei também uma mina de cassiterita do Rio Paru ao Jari. Fui procurado por dois engenheiros para verificar a mina. Passaram quinze dias na mata, quando voltaram me convidaram para ir até Rondônia, onde estava o presidente de uma empresa de cassiterita. Fui até lá e me mandaram para São Paulo. Pagaram todas as despesas, mesmo que não chegasse a um acordo. Pois, menino, em São Paulo me hospedaram num hotel na avenida São João, me ofereceram um almoço e propuseram que me comprariam a mina, dando cem mil cruzeiros à vista ou então quinhentos, depois de fazer um levantamento total. Eu achei que era melhor uma pomba na mão do que duas voando. Peguei a oferta à vista, recebi a gaita, passei o recibo. Não vendi à terra. Vendi apenas o achado da mina.

E depois de uma pausa:

— No Molocopote havia uma tribo em extinção com quarenta e cinco índios. O tuchaua já era mais civilizado, pois vinha sempre a Macapã e andou viajando pelas ilhas. Com a morte do outro tuchaua, foi chamado. Ele me disse que a vida dos índios era um inferno. Nós aqui “em baixo” tínhamos toda a vantagem que eles não possuíam lá. Aqui “em baixo” quer dizer o Rio Amazonas. Eles chamam os brancos “os amazonas”. Assim dizem os índios do Apalai e de outras tribos. No Rio Cuca há tribos também, já perto da Guiana. Recebem muita coisa da Guiana Francesa.

Purificação não cansava de falar. O silêncio do deserto, em plena noite, servia-lhe de estímulo. Queria narrar, recordar, reviver, pôr para fora tudo aquilo que o seu cérebro fervilhante engendrava. Da mata surgiam ruídos estranhos, gritos espaçados de aves noturnas, e sempre aquele voejar de morcegos, ou besouros, dando pancadas no tabuado do barracão. Ouve-se, do lado do rio, um assovio, muito familiar a Purificação, mas desconhecido de Mauro.

— Que é isso? Pergunta Mauro amedrontado.

— Não é nada de mais, menino. Não vá pensar que é a matinta-perera. São antas. Nas noites claras elas se aproximam da beira do rio. Vêm de longe. Esse assovio é delas. Não tivesse tanto mantimento disponível e eu ia acertar numa agora.

O ruído aumenta, tropelia pela mata, com assovios estridentes dos animais em desespero.

— É onça perseguindo as antas. Afirmo Purificação. Amanhã você vai ver o estrago.

A tropelia se distancia cada vez mais. Ouve-se um estrondo de galhos, como se uma árvore desabasse.

— Pegou! Exclama Pura. A armadilha funcionou. É de gancho. A onça deve estar pendurada.

Não era em vão que Pura se fizera famoso como gateiro. Conhecia todos os segredos da profissão. Caçar onça na mata era vocação que lhe vinha de longe, da infância, aprendida com o pai. Por isso, nem sequer fizera menção de apanhar a espingarda. Na noite, embora clara, tornava-se difícil a pontaria, os animais de mistura com a folhagem.

Uma grande lua aclarava o cenário. Mauro contemplava o disco imenso, o céu opalino, lembrava as histórias da infância, o cavalo de São Jorge, a lua dos apaixonados, hoje transformada em ponto estratégico no espaço, procurado pelos homens. Tudo se desvanecera. A poesia da lua, o seu misticismo, o seu valor simbólico, no amor, na religião, na tradição popular, nos preconceitos e crendices, nas lendas, em que se mostrava fértil a imaginação indígena. Ela estava sempre presente. Lua cheia ou lua nova, quarto crescente ou quarto minguante. O “mundo da lua” a que se referia seu pai, quando Mauro divagava, absorto em seus pensamentos: — “Esse menino anda no mundo da lua!” Andava mesmo. Um mundo que só ele conhecia.

Agora Mauro se sentia na verdade no mundo da lua. Um mundo diferente. Aquele deserto. Aquele mata. Aquele rio. Aquele conjunto de rumores estranhos, cortando o imenso silêncio. E a lua tudo dominando, como rainha daqueles sertões que o homem, audaz, tentava devassar. Regina costumava ler para Mauro versos sobre a lua. Achava-os lindos, não só por serem de bons poetas, como pela maneira de recitá-los, baixinho, a voz fumê, mas sonora, aveludada, é que se pode envolver a voz em veludo. Algo sensual

emanava daqueles sons. Gostava dos versos de Alonso Rocha, com aquela lua, não de prata, mas de celofane, ultramoderna, não a lua seráfica dos poetas do passado. E rememorava:

*Lua de celofane — lua amarga,
a mensagem de amor que hoje me trazes,
rasga, no coração, como tenazes,
essa dor que se alarga, que se alarga...*

E se alargava mesmo. Era como um *fórceps* abrindo o seu coração. Mauro estava sendo experimentado pelo destino, em plena juventude. Mas começava a sentir uma reação estranha. Em vez do abatimento, que seria natural, sente surgirem forças de dentro de sua alma, como uma fonte nova, energias desconhecidas, imprevistas, que vêm à tona, que o animam a prosseguir, a lutar, a combater. Seria o exemplo daqueles homens, tão pobres e tão confiantes na vida, e no futuro? Enquanto vivera em pleno conforto, tendo tudo à disposição, não se apercebera de que precisava lutar por alguma coisa. Agora não. Jogado pelo destino em meio bruto, convivendo com feras, sentia a necessidade de também ser fera. Uma vez apenas chorou durante a viagem pelo rio, na travessia de uma cachoeira, a Pancada Grande. Um cabo rompeu, a canoa ia despencando do alto do barranco. Por todos os lados os borrachudos zuniam e picavam. Mauro escorregou e feriu o pé. Nessa hora sentiu saudades de casa, da cidade, do conforto, da mãe, de Regina, de tudo. Vieram lágrimas aos olhos, que logo estancaram, ante a observação de Zózimo:

— Homem não chora! Ainda mais essa! Hum!...

Aquele *huumm!* pareceu-lhe uma punhalada. Prometeu a si mesmo não chorar daí por diante. Imitar aqueles homens, que o ensinavam mais do que todos os cursos da escola.

Por isso, contemplando aquela lua, sentia que as lágrimas, imitando as cachoeiras, queriam voltar a jorrar. Mauro, porém, se lembrava daquele *hum!* de Zózimo e da promessa. Chorar não! Regina devia compreender, saber esperar. Seu coração se fazia amargo pouco a pouco e os versos de Afonso, a voz de Regina, o transportavam para longe:

*De sofrer já cansei, mas dizes: ama!
E tua luz — espelho onde me encanto —
Na antemanhã deserta, se derrama.*

Esquecera por um momento o assovio das antas acossadas pelas onças, o ruído inusitado da armadilha em que caíra a fera. Ainda se ouvia o farfalhar de folhas. Pura explicava:

— É a onça se debatendo. Foi agarrada pela pata. Amanhã vamos pegar a bicha.

E prosseguia:

— Só me lembro quando estava no Molocopote. Meu patrão possuía uma fazenda lá. Patrão bom, o seu Duarte. Pois não é que uma noite ouvimos o barulho no quintal, as galinhas alvoroçadas, os porcos grunhiam. Era ataque de onça no curral. Saímos atirando pra todo lado. Mas só de manhãzinha seria possível ver o estrago. As feras liquidaram vários porcos, que arrasavam para a floresta. Encontramos esfaqueados, comidos pela metade. Outros mortos, com as tripas de fora, mas as feras não tiveram tempo de devorá-los. Um perigo, menino! Essa região de mata bruta vai custar muito a se civilizar. Já nas baixadas a coisa é um pouco melhor, há fazendas e muita cultura de juta branca e roxa.

— Qual a diferença da juta branca para a roxa, seu Pura? Indaga Mauro, curioso.

— Olha, menino, nesse assunto de juta eu sou doutor. A juta roxa tem a base escura e grossa. Ela é também mais alta que a branca. Dá melhor fibra, mais forte, mais longa e sua produção vai até cinco meses. As outras jutas, além de serem menores as fibras e mais fracas, a colheita se dá em período menor. Mais alta que a roxa só mesmo a chamada “bambu”, mas a fibra é mais fina. Começa-se a cortar roxa com três meses e vai até cinco. O ideal para plantar é antes da chuva de novembro, chamada de “todos os santos”. Dá mais tempo para colher. Dia 3 de novembro, infalivelmente, todos os anos. Mas a maioria planta em dezembro para colher em março até junho, o mais tardar. Se você planta uma juta boa, sã, ela dá bem. Mas quando colhe juta de capoeira e semente ruim, a produção não vale nada. Não é classificada. Convém escolher. A de capoeira é “minguzinha”.

E depois de uma pausa, como quem procura recordar:

— Certa vez meu patrão comprou semente em Santarém, de uma firma importante, que dava que era um colosso, mas não prestava. Era juta *camapu*, produzia muita semente, mas a fibra não vale nada, por—que é pequenina e só deita rama. Tivemos que roçar tudo. É preciso escolher, para que a safra dê uma porcentagem de 95% de germinação. A gente guardava a semente em latas de querosene, lacradas com solda. De um ano para outro dava 90%. A juta da terra firme é reta, boa, chegamos a plantar cem hectares em Alenquer. O japonês dizia que não dava em terra firme, só em terra baixa, alagada. No entanto nós provamos o contrário. O relatório do meu patrão era para fazer um trabalho de transferência da juta do alagado para a terra firme. A sementeira podia ser em tanques de alumínio, como experiência. Tem mais: uma pessoa que trabalha dentro d'água, tirando juta, perde logo a saúde. As mulheres, coitadas, em período de menstruação, com o sol de inverno na cabeça e as pernas dentro d'água, não resistem muito. O sol do inverno é pior que o do verão. A vantagem da terra firme, além de facilitar a plantação, é que defende a saúde dos juteiros. É fácil de cortar rente ao chão, dando maior rendimento “naquele”... Chegou a ter onze espécie de juta, a começar pela *camapu* e a terminar pela *bambu*, que é a última que apareceu. O maior município produtor de juta é Santarém, ou melhor, nas estatísticas. Há muita produção de Alenquer que sai despachada por Santarém, de forma que cresce o volume de um município e diminui o do outro.

— E os japoneses?

— Não tem mais. Tinha o Kotaro, pioneiro, e o Sauaki, mas pouco a pouco eles vão deixando, se transferindo para a capital ou para São Paulo. As enchentes também prejudicam muito a plantação da juta. Era outro motivo para transferir para a terra firme. E se mecanizar, então aí fica uma beleza. Se meu patrão fosse prefeito ele mandava fazer aterros para proteção dos varjeiros, defendendo das inundações. Em cima dos aterros estenderia a juta colhida para secar. Se mecanizar, aterrar e transferir para terra firme, o problema fica resolvido. Era um meio de aumentar as várzeas. Hoje estão plantando capins nos murizais. Outra ideia de meu patrão era plantar agave na Amazônia. Ele foi ao Rio Grande do Norte estudar o assunto no sertão. O agave é o ideal para a nossa região. Em oito anos dá o espigão, que o

sertanejo até come. Chegamos a exportar quarenta mil toneladas de fibras e hoje em dia o Brasil está ameaçado de ter de importar.

— E o seu patrão conseguiu alguma coisa?

— Conseguiu nada! Fez um relatório para o ministro, não adiantou. Fez outro para o banco, também não adiantou. O resultado é que está ameaçado de grandes prejuízos. Por isso eu larguei o serviço dele e agora estou na balata, com seu Pedrão. Ainda fui convidado para trabalhar na borracha, mas não aceitei, preferi a balata. O patrão tinha também planos para a exploração da seringueira. Onde houvesse derrubada de mata a prefeitura ou o fomento agrícola estava na obrigação de fornecer muda de seringueira para plantio. A vantagem da seringa é que não impede qualquer outro cultivo. Onde há seringueira pode plantar bananeira, pimenta, cacau e outras coisas mais. O patrão chegou a preparar um memorial para entregar pessoalmente ao presidente da República, em Belterra. Passou dois dias esperando. Parece que o homem mudou de rota e o relatório ficou na mão, até hoje.

— Esse seu patrão tinha muitas ideias.

— Ele costumava dizer que se botasse um carço na boca e falasse atrapalhado como estrangeiro, todo mundo acreditava. Mas falava como brasileiro e ninguém dava fé, ainda achavam graça.

A noite expele ruídos estranhos. Dir-se-ia que a mata, em seu conjunto colossal, possui um corpo só, com vida própria, vibra, pulsa, se agita, e tem uma alma. Mauro procura demonstrar naturalidade e coragem ante aquele homem rude, mas, no íntimo, tem medo. Medo daquele isolamento total; medo daqueles ruídos estranhos, que engendram superstições na alma. Mas recorda o “hum!” de Zózimo e se contém. Só agora compreende por que o índio e o caboclo são supersticiosos, medrosos diante do desconhecido, e criam, em sua imaginação vibrátil, as figuras horrendas do *mapinguari*, da *matinta-perera* e de outros monstros. Vêm então à memória os contos da infância, a mucama originária daquelas regiões contando-lhe histórias recheadas de superstições, em que entravam elementos heterogêneos: a lua, a mata, os rios, os peixes, as onças, as mulas (e nesse ponto recorda a mula sem cabeça). Mas a final de contas, por que atribuir apenas ao índio essa vocação para o fantástico? A professora não lhe contara que os espanhóis teriam “visto” as Amazonas brasileiras, índias nuas, sem seios,

montadas em cavalos, ou em antas, talvez, com o arco e a flecha na mão, defendendo a floresta virgem? Orellana, lembrava bem o nome, era aquele hispânico que se aventurava com seus homens, pelos idos do século 15, em busca do Eldorado. E aí, nesse exato momento, se atravessou em sua memória o que lhe narrara um colega amazonense, na escola, filho de um figurão daquele estado. O governador encomendara ao famoso pintor um quadro de grandes proporções para enfeitar o Palácio do Governo. Qualquer coisa com as dimensões de dez metros por cinco, maior ou menor um pouco, do tamanho da coroação de Napoleão de David. Pronto o quadro, lá se foi o governador ao Rio de Janeiro a fim de recebê-lo. Olhou, olhou, olhou, colocou a mão no queixo, ante a impaciente expectativa do pintor, já famosíssimo, que esperava um rasgado elogio e o cheque polpudo em pagamento do notável trabalho.

— Não, não serve! — exclamou o governador. Não gostei!

— Não gostou por quê, governador?

— O senhor pintou índias montadas a cavalo. Na Amazônia do século 15, não havia cavalos, que só vieram depois do descobrimento português com os governadores-gerais e capitães-mores. Amazonas a cavalo só na Grécia, não na minha região. O quadro não serve.

O governador, homem instruído, não aceitara a pintura como alegoria. Queria talvez as índias nuas montadas em onças, antas ou capivaras. Um negócio telúrico, cheirando a terra molhada, nada de cavalos.

A decepção do notável artista levou-o a um gesto de revolta. Recortou toda a imensa tela em pedaços pequenos, um com uma cabeça de índia, outro com a de cavalos, outro um trecho de mata, outro com um lance de rio. Multiplicou o quadro por dez ou vinte, distribuídos em belas coleções particulares ou oficiais. Quem conseguir comprar todos os pedacinhos poderá, um dia, reconstituir a obra-prima do afamado pintor.

— Quem te contou esta estória. Jujuca? Indagou Mauro ao colega.

— Foi meu pai, que era amigo do pintor e do governador e assistiu tudo.

Um morcego imenso nesse momento raspou o rosto de Mauro e penetrou no barracão.

Purificação permanecia, agora, calado, a bagana de cigarro entre os lábios, os olhos semicerrados, dando a impressão de que dormitava. Mas era

tudo impressão. O homem estava desperto, atento aos gemidos da natureza, pensando, talvez, em ver surgir daquela floresta densa mulheres nuas a cavalo, os cabelos negros escorrendo pelo dorso, os animais afogueados, afrontados de tanto correr no meio de paus. Pensa Mauro: será que o espanhol se enganou? Não seriam homens, os tais índios sem peito, com os cabelos compridos? Índio de longe pode parecer mulher, principalmente para um espanhol, longe de Castela, de Aragão ou da Galícia, sedento de mulheres, se é que mulher dá sede e não fome. Pensaria melhor, talvez, dizendo em seu íntimo: faminto de mulher. Sede, só de água e cachaça.

— Você já ouviu falar das amazonas, seu Pura? Indagou Mauro.

— Ora se! Isso é estória que todo mundo sabe, todo mundo conta. Mas para estas bandas as melhores são as dos índios, do curupira, e da matinta-perera. Quem sabe muita coisa é Zeca Andrade, filho de índio, pai e mãe. É apalai. Eu só sei que o curupira defende as florestas, tem os pés voltados para trás. E é “muciço”, isto é, não tem buraco no corpo.

— E não faz xixi?

— Onde você já viu um demônio, mesmo de índio, fazer xixi? Não precisa. Tem tudo. Quando a gente entra na mata, lá pelas tantas, houve uma batida na água, parece remador dando com o remo. É o curupira batendo nas árvores.

— Mas batendo para quê, seu Pura?

— Pra ver se estão fortes, se resistem à tempestade. Ele defende as plantas. E quem derruba árvore sem necessidade o curupira pune. A pena é para o infeliz vagar dia e noite, sem rumo, no meio da mata. Não acerta voltar pra casa.

A noite avançava. A lua aclarava tudo. Convidava ao sossego, à tranquilidade. Espalhava mensagem de paz por todo aquele deserto, como se sua luz fosse um bálsamo. Mauro, por momentos, esquecia que estavam lugar tão remoto, se empolgava com os contos de Purificação, provocava-o mesmo. Queria ouvir mais, como se nele ainda estivesse presente a criança de quinze anos atrás, quando dizia à mãe: — Conta mais, conta mais. E a “velha” espremia a cabeça para inventar estórias de gatos, ursos, raposas, coelhos, leões, jacarés, avestruzes, numa mistura de bichos europeus, africanos e americanos, em que todos confraternizavam. Mauro tinha vontade

de dizer ao balateiro: — “conta mais, conta mais, conta mais, seu Pura.” Mas não era necessária a solicitação. Pura queria falar, pôr para fora todo aquele misterioso mundo de coisas e impressões, que se acumulara em seu inconsciente, como se este fosse uma bateria carregada, que era preciso esvaziar.

— Moço, você não pode avaliar quanta coisa já passei na vida, neste mundão de Deus!

E abria os braços, contemplando a mata e a lua, como se quisesse contê-los num só abraço.

— Conheço toda a Amazônia de ponta a ponta, até no estrangeiro, na Venezuela, Colômbia, Peru para as bandas do Equador. O rio facilita, é estrada aberta, e a gente entra com facilidade. Vai varando esse mundão e quando menos pensa está longe. Foi assim comigo. Na minha mocidade passei cinco anos no alto Napo, já perto do Equador, em terras do Peru, terra de índio bárbaro, os Jívaros.

E depois de pitar o cigarro, virando-se bruscamente para Mauro:

— Você nunca ouviu falar dos índios que reduzem as cabeças dos inimigos?

Sem esperar resposta, juntando as duas mãos com os dedos em círculos:

— A cabeça diminui e fica gitinha assim...

Purificação fixava os olhos na distância, mas não estava mirando nada em redor. Contemplava com os olhos da alma um passado distante. Parecia sorrir, às vezes, noutras fechava a cara, o semblante carregado, como se estivesse em perigo. É que recordava algo desagradável, alguma aventura tenebrosa em que se metera.

— Eu já vi no jornal e nos livros. Diz Mauro. Uma cabeça dessas está em Belém, parece que na Comissão de Limites. Um francês tentou roubar. Foi lá como turista, queria conhecer a repartição etc. e tal, e quando procuraram a cabeça de índio o gringo levava.

— O gringo era sabido. Uma cabeça dessa vale uma fortuna no estrangeiro. Não tem preço.

Depois de uma pausa, Purificação prossegue, indiferente à cantilena dos carapanãs nos ouvidos, em ondas que vinham da mata, como se fossem esquadrilhas organizadas:

— Meu filho, o que eu vi no Alto Amazonas é de arrepiar os cabelos.

— É a região dos índios Jívaros e Aguarunas. São covardes. Atacam de surpresa, todos pintados de negro. Ficam medonhos. Você já imaginou uma tribo toda enfeitada de penas e besuntada de negro? Não oferecem combate de peito aberto. Investem de surpresa, como o pulo do gato em cima do rato. Aproveitam as horas de sossego da tribo inimiga, os Huambisas, e caem sobre ela repentinamente, matando e devastando tudo.

— Defendem, como podem, mas de surpresa não há tempo de pegar as armas. Os Aguarunas usam machadinhas amoladas, lanças, bordunas. Em geral a metade dos Huambisas foge apavorada, deixando no chão os mortos e os feridos. Nessa hora é que surge a tragédia. Os Aguarunas começam a cortar os pescoços, separando as cabeças. É uma degola geral, da qual não escapam nem mesmo os feridos. Degolam os vivos, a sangue-frio, no chão.

Mauro sentia arrepios. E se ali houvesse também índios antropófagos? Não desejava dar sinais de fraqueza. Fingia-se forte e provocava Purificação.

— Mas pra que esse degola toda?

— Vingança. São tribos inimigas. Faz parte dos costumes deles. Cortam todas as cabeças. Os machados são de pedra amolada. Nada de metal. Usam também facas de bambu, com as pontas afiadas, que cortam tanto quanto o aço. E outras armas feitas de madeira, de conchas ou de cascos amolados com areia.

— E que fazem com tantas cabeças?

— Transportam para a tribo vencedora. Fazem festa. Os corpos sem cabeça ficam expostos, comida de urubu. Para transportar enfiam um pedaço de cipó pela boca, saindo na nuca, como se fosse cabeça de porco ou de peixe. Enchem uma canoa com aquela carga e, quando desembarcam, jogam na areia. Eu esqueci de dizer que os rios naquela região têm muitas praias. As cabeças são arrumadas em fila na areia, enquanto os pajés da tribo começam a cerimônia. Muitos índios, todos nus, ficam sentados no chão, em frente das cabeças cortadas. O pajé começa a mascar tabaco e de vez em quando puxa a cabeça de um índio, encosta a boca no nariz dele e cospe um pouco de tabaco. O índio fica meio zozzo. Só aqueles que receberam essa dose de nicotina podem preparar as cabeças cortadas. É uma coisa nojenta.

— Eu já estou ficando com enjojo. Diz Mauro.

— Isso não é nada. Escute lá. Eles dão um talho de fora a fora na cabeça, da testa até a nuca e arrancam o couro com cabelo e tudo. É como quem esfolia um coelho. Você já viu esfoliar coelho? Para você entender bem: é como quem descasca uma tangerina. O crânio sai todo, inteiro, limpo.

— E os olhos?

— Bom. Nos olhos, nas orelhas, na língua e no nariz dão uns cortes para facilitar o serviço. Quando retiram o crânio liso, os tecidos e os músculos ficam presos ao couro. Não largam. Só saem os olhos e a língua. O mais fica tudo inteiro, perfeito: nariz, testa, cabelos. Costuram então o corte com agulha de bambu e linha de fibras de palmeira. É o que eles chamam *chambira*. Costuram a boca também, na qual enfiam três lascas de bambu e amarram com fibras que caem, longas. Tudo é bem costurado. Só buraco do pescoço fica sem costura. Os olhos ficam abertos, com pequenos pedaços de bambu. Enquanto isso outros índios acendem fogueiras com potes de barro, de forma cônica, com mais ou menos meio metro de largura e outro tanto de profundidade.

E Purificação levanta a mão direita para indicar o tamanho dos potes.

Depois prossegue:

— Eram muitos potes, cada um para uma cabeça. Ficavam fincados no chão e apoiados em pedras. Assim facilitava a fervura. Eles enchiam os potes com água e colocavam dentro as cabeças. Mas essa fervura não podia demorar muito, senão desmanchava as carnes.

— Virava sopa. Aparteia Mauro, fazendo humor negro.

— Isso mesmo. Ficava como uma sopa. Quando dava o ponto certo era preciso tirar logo. As cabeças então encolhiam, ficavam pequenas, gatinhas. Enquanto isso a festa continuava, aos pulos e gritos selvagens. Os potes eram jogados no rio para não serem mais usados por ninguém.

— Como os russos fazem com as taças, os gregos com os pratos. Aparteu Mauro.

— Isso mesmo. Jogavam os potes fora e esquentavam areia para encher as cabeças já reduzidas. Mas não findava aí a cerimonia. Fincavam muitas lanças no chão, em cada uma colocavam uma cabeça, as cabeleiras negras caindo e aquela carinha horrível olhando pra gente... Virgem! Dançavam e pulavam em torno das lanças. Uma farra doida... Dum lado e do outro

havia índios. Uns lançavam flechas para os do outro lado, como quem faz um jogo. E as cabeças no meio, espetadas. Depois enchiam de areia quente, pelo pescoço, uma a uma, aquelas cabeças. Assim elas tufavam. Tomavam forma. Mas a pele ainda estava grossa. Esquentavam pedras e passavam pelas cabeças cortadas, uma a uma, como quem passa roupa a ferro. Isso servia para amaciar o couro. A pele ficava polida, como se estivesse envernizada. A operação estava quase no fim. Mas esta última fase era a mais demorada. Levavam dois dias polindo aquelas cabeças horrorosas. Os índios se revessavam e a festa continuava. Depois de dois dias completavam a operação: penduravam novamente as cabeças, com areia quente, nas lanças, no fumeiro. Faziam uma defumação.

— Como no borralho, em Portugal. Aventura Mauro.

— Eu acho que sim. Com a fumaça as cabeças diminuía mais ainda. Ficavam do tamanho de uma laranja, mas perfeitas.

— E a areia? Indaga Mauro.

— Bom, quando a areia esfriava, esvaziavam a cabeça e enchiam de novo com areia quente. Repetiam a operação várias vezes. Assim como as pedras quentes voltavam a funcionar muitas vezes.

— E que fazem depois com as cabeças?

— É incrível, mas no dia seguinte, ao término da cerimônia, as cabeças costumam ser tosquiadas. Retiram os cabelos, fazem cintos trançados, que os Jívaros usam, como sinal de vitória sobre o inimigo. As cabeças já tosquiadas são jogadas no rio, imprestáveis. Alguns, porém, as guardam com cabelo e tudo, como recordação da batalha na selva. Penduram nas lanças, como troféus. Essa que você diz que há em Belém ainda não foi tosquiada. Está perfeita.

— A que o francês quis roubar...

— Às vezes os índios dão as cabeças tosquiadas para os curumins brincarem...

Mauro indaga, curioso:

— E como você conseguiu sair de lá?

— Eu fugi de noite, numa igarité, fui descendo o rio até sair no Marañon, que outro não é senão o Amazonas... Dei no pé enquanto era tempo. Os

índios ali parecem ferozes. As cobras são enormes. Há uma, chamada *anaconda*, que chega a vinte metros de comprimento. Deve ser a nossa boiuna...

A noite avançava. Mauro se sentia cansado. Precisava dormir. Naquela imensa solidão a conversa com Purificação dava-lhe algum alívio. Que fazer nos dias seguintes? Ficar no barracão ou seguir para os balatais? A primeira hipótese parecia inviável. Naquele deserto costumavam fechar o barracão, enquanto iam para a faina na mata, ou então deixavam um só homem tomando conta. As instruções de seu pai eram para que lhe dessem liberdade de escolha. Queria o filho criado como homem. Se tivesse coragem, que enfrentasse a selva. Mauro se lembrava bem das últimas palavras do pai:

— Você vai passar pelo que eu passei para ser homem com H grande.

Purificação parecia dormir, sentado no tronco. O cachorro, “Lampião”, abocanhava mosquitos no ar. Um torpor desceu sobre o corpo de Mauro, que estremunhado voltou ao barracão, jogando-se como um fardo na rede. Ao menos dormindo esqueceria tantas coisas desagradáveis e sonharia com Regina ou com a filha de Farripas.

Os balateiros roncavam, cada qual à sua maneira, as faces medonhas, uns soprando, outros gemendo, os silenciosos com expressão própria, de acordo com o que, àquela hora, lhes revolia o inconsciente. Nenhum havia ainda utilizado o mosquiteiro de tarlatana, que reservavam para a vida a floresta. Apenas Mauro, ao cair da noite, instalara o seu, defendendo-se da orquestra desafinada dos carapañas. Mas todos aqueles homens, expelindo sons variados, eram também uma orquestra sinistra montada em plena selva, a tocar uma sinfonia de amargura e desespero. Sinfonia de roncoss, bufas e gemidos, expressão de suas vidas.

Logo mais a aurora. O horizonte se manchava de vermelho como se uma fogueira imensa se acendesse aos poucos, dourando as copas molhadas das árvores descomunais, num contraste de cores impressionante: o verde da mata e o vermelho, o róseo, o laranja, o amarelo, no painel multicolorido do céu.

Purificação, bem cedo, já estava à procura da onça presa à armadilha. A fera, cansada de estrebuchar, repousava entre arbustos e cipós, mas, à vista de seres humanos, tentou alçar-se de repente. Sua pata direita estava presa ao espigão pontiagudo de ferro, que a atravessara, pendurado na corda amarrada a um grosso tronco. Impossível fugir, seu único direito o de

estrebuchar, enquanto Purificação lhe apontava a espingarda Winschester. Mauro se lembrava do outro advogado do pai, Dr. Fabrício, que gostava de falar em *jus estrebuchandi*. Era aquilo

— Atira na cabeça, seu Fura. Vê se pega no olho, para não estragar o couro. Fala Zózimo.

— Deixa lá, menino, você quer ensinar padre-nosso pra padre...

Enquanto isso Lampião, cão gateiro, latia em frente à onça, sem demonstrar nenhum receio.

Um estampido na mata selou o destino da fera. Um belo espécimen de onça-pintada.

O sol já se mostrava de todo no horizonte e sua luz tentava secar as folhagens ensopadas na água da chuva, que caíra ao fim da madrugada. Novo dia se abria, em que o destino daqueles homens iria enfrentar a mais dura tarefa, dentro da selva bruta, como se fossem bandeirantes do século 17 em pleno século 20. Todo esse sacrifício para quê? Ao fim da batalha, os despojos seriam para os vencedores, os intermediários, o patrão de balateiro e o exportador de Manaus e Belém, degraus da hierarquia econômica montada na região, cujo elo final se achava em Nova Iorque e Londres: industriais de aviões, automóveis, de artigos elétricos, em que a balata — mais dura e resistente do que a borracha — era matéria-prima insubstituível, com seus 50% de guta-percha.

Os balateiros pareciam ser a borra do mundo e se encontravam no último degrau daquela hierarquia econômica, que começava em Nova Iorque e terminava nas sombras da floresta. Ou seriam heróis anônimos a serviço da humanidade? Sim, eram heróis. Quem seria, então, a borra do mundo?

Algo vinha preocupando Mauro. Talvez fosse a razão de não conseguir dormir. A insônia o perseguia. Ainda não se acostumara com aqueles homens de feições patibulares, ressonando como animais.

Um tanto tímido, pergunta a Purificação:

— E mulher, seu Pura? Aqui não há mulher?

— Nem mulher nem cachaça, meu filho! São as duas desgraças do mundo. Quando o balateiro volta para Monte Alegre, ele se esbalda nos primeiros

dias. Bebe a valer e arranja a mulher que quer, quando não tem a dele. Mas aqui, não! São ordens! Balatal em que entra mulher e cachaça vira bagunça. Não apresenta produção e sai morte... Você está doido!

— E como é que vocês se arranjam?

— Cada um se vira como pode...

E pensando um pouco, com olhar maroto:

— Tem muita macaca aí por essa mata afora... E muita anta mansa...

— Vou lhe dar um aviso. Dê um jeito de separar Zózimo do nosso grupo.

— Por quê?

— Não consigo dormir. Se ele tentar me perturbar mais uma vez... mato ele!

Era o sangue de Pedrão que começava a ferver nas veias de Mauro...

— Já entendi tudo, menino... Fala Purificação, paternalmente. Já entendi tudo. Vou ver se Zózimo segue com Neco Dantas...

— Eu não estou falando por falar, seu Pura. No meio desta mata eu já estou perdido. Matei um sem querer em Belém, coisas do destino... mas se esse bandido insistir, mato ele a terçado... Já dei o aviso...

No silêncio da noite essas palavras ecoaram com tons de tragédia.

Purificação via no olhar de Mauro, agora, não aquele rapaz inexperiente ali lançado pela sorte, mas o próprio Pedrão jovem, afoito e atrevido, capaz de surrar balateiro com vara de acapu.

E passou a respeitá-lo mais, sempre atento aos seus movimentos, receoso de alguma desgraça em pleno balatal.

— Zózimo pode ser gateiro, bom atirador ou o que quiser... Mas eu como ele a faca...

E meio descontrolado:

— Ele pode conhecer as malandragens da mata, mas eu conheço coisa melhor: as malandragens do Posto 6, em Copacabana, no Rio de Janeiro... Meto um sapo na barriga dele...

Até Purificação ficou meio apavorado com aquela reação, que não esperava fosse tão violenta.

Enfim... quem falava era o filho de Pedrão, com nome na história dos balatais.

Os Salvadores da Pátria



Enquanto os balateiros se preparavam para a grande aventura na floresta, em pleno deserto do Buriti, o destino de Mauro se decidia em Belém, os fios invisíveis da sorte tecidos dia a dia. A política era um dos ingredientes. Viriam eleições. O povo vivia excitado, a oposição encontrara um chefe, ou melhor, um comandante, com os dons que os maioraís da província julgavam necessários; quatro estrelas de general no ombro, mais do que as do chefe local, este apenas coronel. A figura do comandante levantava energias, fazia dos fracos fortes e atrevidos, de indivíduos mofinos e amarementos, intrépidos oradores de praça pública e de reuniões políticas. A multidão parecia mudar de psicologia, o que fazia um dos advogados de Pedrão dizer-lhe com ares de pavor:

— O povo paraense é normalmente calmo e ordeiro. Custa a se exasperar. Mas quando perde a calma é como uma tempestade que desabasse. É a grande dose de sangue de índio, seu Pedrão. Nesse ponto parece com o mexicano: quando se exaspera ninguém segura. Torna-se violento, sanguinário.

— Já estão ocorrendo assassinatos. Fala Pedrão. A toda a hora matam gente no interior. O delegado Carlino faz das dele. Ameaça raspar a cabeça dos adversários.

É preciso cuidado. O povo está nas ruas. A polícia começa a ficar impotente para dominar a massa insuflada por uma meia dúzia.

— Mas que você quer, Dr. Benvenuto, com um governo de merda como esse? Veja como o povo está pobre, as ruas sujas, as obras paradas, o jogo do bicho imperando, o contrabando é o grande negócio do dia.

— Dr. Benvenuto, não, Pedrão. Benevenuto. Falta um E no nome. Já lhe expliquei muitas vezes. Meu nome é italiano. Meu pai gostava de nomes bonitos para encobrir um sobrenome feio. Tinha mais, punha o nome completo. Eu sou Benevenuto Celini Muriçoca. O sobrenome veio do Ceará. E



apelido de família, que virou nome. Meu irmão é Marconi Edson. O caçula é Carrantium. Só não chamou um de Papa Pio, porque a família protestou.

— Carrantium? Que quer dizer isso?

— É quarenta e um em francês. Em francês se escreve *quarant-et-un*. Mas meu pai não sabia francês e sapecou um Carrantium. Sabe por quê? Meu avô tinha quarenta netos. Quando nasceu esse, não teve jeito, foi mesmo o Carrantium. Depois veio o *Carrandê*.

— Mas como eu ia lhe dizendo. Esse povo quando se assanha, ninguém agarra. O senhor não viu quando torpedearam os navios brasileiros em 1939? O povo veio para a rua, quebrou casas de alemães e italianos, arrasou tudo, fez miséria. Quando a multidão chegou na avenida São Jerônimo, em frente da Casa Barcelona, um do povo gritou: “Onde é que fica Barcelona?”. Felizmente algum letrado respondeu que não era na Itália e sim na Espanha, não carecia tocar fogo. Por um triz não arrombaram as portas da mercearia. É um povo perigoso esse, quando se enfeza. E dizem que o general Zenário só botou soldado na rua depois do quebra-quebra.

Dr. Benevenuto era criminalista e defendia Mauro no processo que corria à revelia. O réu estava em lugar incerto e não sabido. A polícia colhia notícias, sabia que o réu se refugiara em Monte Alegre, mas lá a política era contrária ao governo, além disso, outra comarca — explicava Dr. Benevenuto — era preciso Carta Precatória e, para cumpri-la, requisitar força policial do estado. O contingente de Monte Alegre era tão pequeno que não dava para nada. Além do mais podia sofrer influência política do Clodoaldo Poranga, chefe local e representante de Pedrão.

O juiz mandara expedir a tal precatória. Benevenuto tranquilizava:

— Deixa pra lá, Pedro. Em último caso a gente recorre para o Superior Tribunal dos Oficiais de Justiça.

— Que tribunal é esse, doutor?

— Ora, quando está tudo perdido, com o juiz, no tribunal do estado e no Supremo, na hora de cumprir o mandado, o Oficial de Justiça certifica que não encontrou o réu, está em lugar *incerto e não sabido*. Quem vai contestar? O Oficial tem fé pública. O que ele escreve vira verdade, mesmo que não seja. Tanto assim que menciona: “O referido é verdade e dou fé.”

Sentia agora Pedro que toda a máquina da Justiça, dispendiosa e vasta, era como um imenso edifício que repousasse sobre poucas pilstras: os oficiais de justiça e os escrivães.

— E a correição, Dr. Benevenuto? Não tem correição?

— Tem sim, amigo, mas de século em século. Já se foi o tempo em que magistrados como o velho Barbacena, quando corregedores, reviravam o fórum pelo avesso, examinando um a um os processos. Hoje tudo é na moleza. Sabe como é...

Pedro confiava. Os jornais noticiavam os fatos a seu modo. O *Radical* atacava Pedrão todo o tempo. Era de política oposta. A *Folha do Povo* defendia, mas tinha que pagar cada linha com sangue, suor, lágrimas... e muito dinheiro.

Tudo isso se amontoava na cabeça de Pedro, preocupado com mil negócios, e ainda os financiamentos aos balateiros. Àquela hora, centenas de homens estavam vivendo por seis meses na mais remota floresta, e Pedro financiando tudo, os balateiros e as famílias que ficavam nas cidades, isto é, em Monte Alegre, Almeirim e Alenquer. Os balatais se estendiam por várias regiões do estado, à margem esquerda do Amazonas, tendo como ponto de apoio aquelas três cidades. Os Rios Cuminá, Trombetas, Maicuru, Paru, até o Jari eram devassados, suas florestas rasgadas por homens intrépidos, totalmente isolados do mundo. Um risco para todos: para os balateiros, para Pedro, como responsável único perante Marcos Benacron, em Manaus, e Elias Benaury, em Belém, estes intermediários entre o extrator e o importador americano ou inglês. O dinheiro que estava em jogo, em última análise, vinha de Nova Iorque ou Londres, preferencialmente. Raramente as empresas estrangeiras mandavam um representante à Amazônia. Certa vez aparecera Moshe Levinat, de Nova Iorque, e depois David Levingston, de Londres. Dois homenzarrões vermelhos, barrigudos, estranhando o calor da região, suando por todos os poros, apressados e nervosos, agressivos quando viam ameaçados os seus dólares e as suas libras naquela imensa aventura na floresta. Pareciam feras brancas, de olhos azuis.

Pedrão, por mais que quisesse, não poderia alçar-se à condição de exportador direto. Não falava a mesma linguagem daqueles gringos, capitães

de indústria em várias áreas do mundo, ligadas a outras áreas, as de guerra. E a balata era necessária.

Assinados contratos vultosos, Benacron fizera um adiantamento: o estritamente necessário ao custeio das expedições aos balatais e o sustento das mulheres e filhos, moradores de palhoças misérrimas, nas cidades de Monte Alegre, Almeirim e Alenquer. Àquela hora, centenas de homens penetravam nos mais recônditos sítios da Amazônia, onde só vivem feras e índios, expondo a vida e a saúde, numa aventura das mais arriscadas a que se pode lançar um ser humano. Seis meses longe da família, dos amigos, do mundo, vendo amanhecer e anoitecer monotonamente; contando os dias nos dedos das mãos, sofrendo ataques de feras, sujeitos à malária, ao beribéri, alimentados com a caça que a própria floresta oferece, bebendo as águas nem sempre puras dos igarapés. E na época mais ingrata do ano, o inverno, a fim de aproveitar os rios cheios, vias de acesso natural e propícias ao escoamento da produção. E deviam fazer tudo, desde o tapiri de palha em que habitariam por tanto tempo, à comida improvisada, tendo ainda por tarefa, além do corte das árvores e colheita do látex, o seu acondicionamento, a sua fervura, trabalho para muitas horas. Quando chegasse a noite, seus corpos estavam fatigados, pedindo repouso, mas que repouso? Dentro de um cobertor de palha sobre paus fincados no chão, em redes só limpas nos primeiros dias, sonhando com o regresso. E quando voltassem, que iriam encontrar? Àquela hora as suas mulheres ainda estariam vivas? E seus filhos, que orientação recebiam, soltos como animais, chafurdando no lamaçal dos subúrbios, alegres por disporem do seu único regalo: os banhos de rio.

E os contratos seriam cumpridos à risca. Cada árvore de balata deveria produzir de dezoito a vinte quilos. Cada bloco pesaria de trinta a sessenta quilos ou um pouco mais. Os mercados consumidores dos Estados Unidos e da Inglaterra estavam à espera daquele produto, do qual poderia depender a produção de toda uma série de artefatos, para a guerra e para a paz.

Veza por outra Pedrão precisava também percorrer as sedes dos municípios, o que, nos últimos tempos, ocorria raramente. Em cada um possuía um representante de confiança. Havia um pequeno exército de homens em plena selva a seu serviço, sendo ele o responsável único perante Benacron ou Benaury, conforme o tipo de contrato. Benacron negociava mais com a

América do Norte; Benaury, com a Inglaterra. E os contratos fixavam prazos, a ser respeitados.

Todo esse complexo de atividades absorvia as atenções de Pedro, agora agravados pela política e o infortúnio do filho, logo do filho, a sua grande esperança!

Em Monte Alegre, Clodoaldo e Pereirão controlavam o financiamento, o fornecimento de víveres às famílias dos balateiros, mulheres e crianças famintos, todos os sábados à porta do escritório. Precisavam de tudo: alimento, roupas, remédios. Clodoaldo transformava-se numa espécie de tutor ou curador daquela gente desamparada. Perigoso deixá-los à míngua. Seria a ruína de um lar paupérrimo, sem ter para quem apelar. E de vez em quando surgia uma novidade, uma surpresa, um acidente ou uma desgraça:

— Me socorra, seu Clodô, que meu filho foi mordido de cobra! Pode morrer!

— Pelas chagas de Nosso Senhor, seu Clodô, vá lá em casa que o menino caiu no poço.

— Pelo amor de Deus, seu Clodô, derrubaram a cerca lá de casa e as galinhas fugiram.

Era seu Clodô para cá, seu Clodô para ali, seu Clodô para acolá, sempre a mesma ladainha. Seu Clodô acabava se transformando num protetor de todos, movido pela piedade. Daí o seu prestígio na comunidade, a influência política, as vitórias eleitorais.

Comerciantes menores, de outros lugarejos, de Cuçaru, Piguiá, Çamará, Surubeju, Pariçó, nas suas aperturas, se socorriam de Clodoaldo. Com sua gorda pança e a careca luzidia, tornou-se figura humana admirável e admirada em todo o município.

Sem ele, Pedrão estaria de pernas quebradas.

Além da ajuda comercial havia o lado humano. Recebera afetuosamente Mauro e lhe dera destino, de acordo com as recomendações do pai.

Em todo esse quadro pungente, que se estava formando, a mais sofredora era D. Santa. Se antes rezava muito, agora passava os dias com o terço na mão. Fez promessas para todos os santos. O filho não lhe saía da alma, àquela hora, no meio da floresta entre balateiros e feras. Pobre Mauro!

— Deixa de bobagem, mulher! Fala Pedro. Você vai ver que ele volta de lá homem feito! Formado! É um curso que ele está fazendo! Vem de lá doutor em balata!

Ah! Doutor em balata! Nenhuma universidade ainda pensara em criar tal curso para os rapazes, estórias, os desviados do bom caminho, os viciados, os toxicômanos. Mas o pobre Mauro não era toxicômano incorrigível. Fora vítima de uma experiência malograda. Nada mais. O rigor do pai — dizia D. Santa — iria pô-lo a perder. Homem de coração de ferro, Pedrão.

Apesar de toda essa dureza, Pedro, por dentro, também sofria. Nas horas mortas recordava o filho, tinha saudades dele, queria revê-lo. A mulher chorava baixinho, ele não chorava ostensivamente, mas por dentro chorava. Tomava providências. Contratava advogado. Falara ao general. Este prometera interferir indiretamente, porquanto não poderia, como chefe da oposição, dar ordens a ninguém. Amigos, que os há sempre por todos os lados, haveriam de ajudar. Era a solidariedade secreta dos políticos em luta, que falam baixo, não se expõem, para não serem demitidos, mas se entendem e se ajudam. Em toda parte, nas repartições, havia gente do contra. E a polícia estava minada. A justiça também.

O general Zeferino, por sua vez, via-se às voltas com muitas dores de cabeça. O coronel Cardoso não era de brincadeira. Para enfrentá-lo só mesmo um de posto mais alto. Por isso, o Dr. Gaudêncio, um dos líderes da oposição, dizia ao seu colega deputado Filismino: — Temos que dar uma chave de galão nesse coronel de barranco, que se diz general de praia!

Pedrão marcara entrevista com o general na quarta-feira, na sede do partido. Na hora exata lá estava.

— O chefe não veio, foi logo lhe dizendo o deputado Bereta. Você não sabe? Está havendo um charivari danado na casa do general. Afinal de contas ele ainda é da ativa, está no comando, e parece que vai prender o coronel.

As notícias corriam de boca em boca com uma rapidez de relâmpago.

A sede do partido regurgitava de gente. Homens vindos de todos os quadrantes do estado. Alguns eram chefes de diretórios em municípios do interior. O prefeito de Monte Alegre era gente sua, o Penafiel, de prenome Manoel, eleito por Clodoaldo, com ajuda do dinheiro que lhe fornecia Pedro.

Àquela hora, exatamente quando Pedrão deveria falar com o general Zeferino, estava este em sua residência, o palacete que o governo federal lhe pagava para morar, comandar e fazer política.

A manhã era acinzentada. Chuvisco fino e incômodo caía sobre a cidade. Era uma poeira de chuva, teimosa, que apesar de rarefeita, molhava tudo: as mangueiras da rua, os veículos, os calçamentos, as pessoas, até mesmo os corações. Uma cena histórica se desenrolava no belo palacete amarelo da rua José Veríssimo, no Centro da cidade.

Seis horas da manhã general Zeferino telefona para o coronel Gonçalves, seu auxiliar imediato.

— Desculpe a hora, coronel! Mas preciso falar-lhe com urgência!

O general parecia intranquilo. Forte, de boa estatura, espigado e calvo, seus olhos estavam vermelhos. De vez em quando se aproximava discretamente da janela do pequeno escritório, no segundo pavimento, no mesmo andar dos aposentos.

Lá fora passavam os primeiros ônibus da manhã, repletos de passageiros, na maioria funcionários, estudantes e donas-de-casa. Era a hora de “descer” para o trabalho, para a escola ou mercados. A sentinela, imóvel, montava guarda, atenta aos movimentos da rua.

Coronel Gonçalves, baixa estatura, bastos cabelos, não se fez esperar. Em poucos minutos já está subindo as escadas, ansioso para saber de que se trata.

— Pronto, meu general, o que é que se passa?

— Coronel, preciso dos seus serviços. É um trabalho urgente e para já. Vá ao batalhão e mande de minha ordem preparar acomodações para o coronel Cardoso. Vou prendê-lo hoje. Providencie para que o coronel esteja aqui às onze horas. Mande um oficial transmitir-lhe a ordem. É uma ordem de superior para subordinado, às onze horas aqui.

O general não escondia a sua irritação. Que se passava? Coronel Gonçalves, íntimo do general, ousa uma pergunta:

— General, perdoe, mas posso saber o que se trata?

— Pode, sim. Certos telefones estão censurados. O comando é informado diariamente. Foi captado ontem um telefonema do Cardoso em que me insultava. Para ele sou forasteiro, general de vacaria e outras coisas mais.

Não quero repetir tudo. Preciso de um ajuste de contas com esse homem e se reagir eu o prendo na hora.

— Mas general, pondera Gonçalo, talvez ele quisesse se referir à cidade de Vacaria, no Rio Grande do Sul, brava e heroica.

— Coronel, eu ouvi a gravação. É insulto mesmo. Executa a missão!

Coronel Gonçalo saiu às pressas. Cumpriu as duas ordens. Já passavam das dez horas quando voltou ao palacete. O general se fardara. Iria receber o coronel, que era da reserva, este à paisana.

Os jornais da manhã, os mais importantes, de partidos opostos, jogavam mais lenha na fogueira. A *Folha do Povo*, do lado do general, colocava os retratos dos governistas de cabeça para baixo e não poupava insultos: o *Radical*, do lado do governo, se excedia também em violentos artigos. Era ação e reação, cada qual mais violenta. Dias antes publicara editorial no qual dizia que o capitão Andrelino abria as braguilhas do general para este verter águas. Um artigo torpe, sem dúvida. E injusto. Afinal de contas todos os atacados eram homens de responsabilidade. Mereciam respeito. Mas a injúria funcionava de parte a parte, aliada à calúnia. O ódio político degrada a todos. O bom senso fugira da alma de todos aqueles homens, empenhados em luta provinciana, com mira no poder, luta inglória e vulgar.

O tal artigo concorrera para a irritação do general. Já enchera todas as medidas. Era preciso reagir, dizia ele.

Andava de um lado para outro na pequena sala, cancelara todo o expediente do dia, nem sequer saíra de casa para o comando. Aquele encontro era necessário. Uma imprudência, diziam alguns, poderia ser causa de morte. Além do mais não se manda chamar o adversário usando o poder, principalmente quando esse poder depende de uma função oficial e de uma hierarquia. Poderia parecer covardia.

Mas o homem era impulsivo. Queria pedir contas e ajustá-las, nem que fosse a bofetões. Tinha que ser naquela manhã ou nunca mais. Não deixaria a oportunidade passar.

O coronel, por seu lado, sempre foi o homem mais poderoso da região. Figura temida e destemida de militar e de homem público. Adorado pelo povo miúdo, principalmente os pobres dos subúrbios e do interior. Uma figura carismática, dessas que só aparecem de cem em cem anos. Difícil

seria explicar, em termos racionais, aquele fenômeno das massas, o culto a um homem de maneiras rudes, violento, mas com rasgos de franqueza e destemor postos à prova em várias oportunidades. A franqueza e a coragem o fizeram atender ao chamado, ou melhor, à ordem do inimigo, hierarquicamente superior, em sua própria residência.

Antes de tomar o automóvel, um amigo íntimo o aconselhou:

— Não vá, coronel! O homem quer humilhá-lo. Ele é seu inimigo, e o senhor nada tem a fazer na casa dele. Se for, vá armado!

— Se eu não for vai chamar-me de covarde. Vou enfrentá-lo, sim. Não me mete medo. Usa da farda e do posto, o que está errado. Mas vou.

E foi.

Onze horas em ponto. O automóvel negro do coronel Cardoso para à porta da casa do general. O motorista Ziraldo rapidamente abre a porta para que saia aquela figura atarracada, baixa e grossa, vigorosa, pisando firme, que a *Folha do Povo* costumava chamar de *pilão fardado*. A peitorra naturalmente saliente, o pescoço taurino, terno claro e chapéu de massa, bem diferente dos capacetes militares que usara toda a vida e com os quais aparecia nos cartazes verdes pregados por todas as paredes das repartições.

A ordem era para subir. General Zeferino estava só no gabinete. Coronel Gonçalo, na outra sala, mantinha-se atento. Talvez precisasse intervir. Podia sair tiro, agressão, ocorrer morte. Dois inimigos se defrontarem assim, sem mais nem menos, “a convite”, era cena rara. E dois inimigos que eram líderes, de alta hierarquia, ambos rudes e agressivos.

Gonçalo sempre fora amigo dos dois. Colega de ambos, do mesmo posto de Cardoso, apenas cumpria ordens. Acompanhou-o até a porta do gabinete.

— Bom-dia, general. Recebi seu convite. Aqui estou.

Zeferino recebeu-o de pé e de pé ficou. Não estendeu a mão. Cardoso também de pé. Fitou o coronel nos olhos, por um segundo:

— O senhor andou me detratando ontem pelo telefone!... E o seu jornal também vive me caluniando! Quero satisfações! E já!

Aquele “E já!” soou nos ouvidos de Cardoso como a resposta do infante D. Pedro, depois II, quando lhe indagaram se queria ser emancipado, para assumir o governo do Império — Já e já! Ou — É para já! de conformidade com os compêndios.

— Já e já! Bufava Zeferino.

Cardoso ia responder, mas não houve tempo. Os olhos do general ficavam mais vermelhos, começava a suar, dava murros na mesa.

A cada tentativa de resposta, Zeferino mais se exasperava.

Gonçalo, na outra sala, em certo momento, ouviu o ruído dos socos na mesa e dos gritos que ecoavam por toda a casa. O mundo vinha abaixo. Era hora de intervir. Abre a porta. Zeferino esmurrava a mesa como se ela fosse a cara do coronel e vociferava:

— Seu filho da...! seu cachorro! seu patife! Eu o mando prender! Me chamar de general de vacaria, seu coronel de merda!

Em dado momento avança para Cardoso e o tenta agarrar pela gola, o braço direito levantado com o murro no ar. A mão de Gonçalo aparou o golpe. Cardoso ia reagir também, mas não teve tempo.

— Não faça isso, general. Interfere Gonçalo. Não faça isso! Tenha calma!

E pronto separa com dificuldade os dois, ambos vigorosos. Arrasta Cardoso para a antessala, enquanto Zeferino grunhindo pornografia se recolhe ao gabinete.

— Você está vendo, Gonçalo! Isso é coisa que se faça. O Zeferino não devia fazer isso comigo. É só o que diz o coronel.

Os olhos de Cardoso se encheram de lágrimas. Nunca fora homem para chorar. Eram lágrimas, sim, mas não era choro. Mantivera a calma. Mostrara-se corajoso atendendo o convite, ou a ordem do superior hierárquico, inimigo declarado. Soubera dominar-se. Na atitude fora mais general que o seu adversário. O que Zeferino queria é que reagisse, tentasse agredi-lo, para dar-lhe voz de prisão, ou matá-lo “em legítima defesa”, em seu lar.

As acomodações no Batalhão já estavam prontas à espera do prisioneiro, que não foi. Com essa atitude Cardoso evitou a prisão. Expôs-se ao vexame. Dominou-se. Seu comportamento, embora imprudente, foi mais corajoso que o do contendor. Este abusou do posto. Atitude pouco recomendável. E ambos mantinham sob o comando político milhares de brasileiros confiantes.

Decidia-se do destino de um estado da Federação.

No dia seguinte Cardoso estava com um dos olhos totalmente vermelho.

— Foi um derrame sanguíneo. Explicou-lhe o médico, Dr. Virgilino.

E rematou:

— Se esse derrame fosse interno, no cérebro, era um homem liquidado, se não morto, aleijado. A sua sorte é ter sido no olho.

Talvez o derrame explique as lágrimas que Gonçalo viu nos olhos do coronel, depois de agredido.

Seria uma acha de lenha na fogueira, esse incidente. O ambiente das ruas era de franca baderna. Baderna de província. Insultos pela imprensa de parte a parte. Correrias e passeatas. Comícios agitados com oradores que muito falavam e nada diziam. Nos do coronel Cardoso, quem quisesse levantar aplausos era só pronunciar o nome dele. Recurso vulgar, que muitos exploravam.

— O estado precisa do nosso chefe no governo! É o único homem capaz de assumir o governo: Cardoso! Cardoso! Cardoso!

As palmas estrondavam. Ocos de ideias, vazios de bons ideais, os discursos se repetiam, sem substância. Mas o povo gostava. Soltava foguetes. Vibrava. E o coronel tufava o peito. Líder incontestado, com estranhas forças de uma personalidade forte, insuperada, na época.

Zeferino, com todas as suas estrelas a mais, não possuía a energia interior, a capacidade de captação de amizades imorredouras e de ódios eternos, como o seu opositor. Uma figura vulcânica, que o outro poderia vir a derrotar, servindo-se, porém, de recursos que não dependiam de suas qualidades intrínsecas. Era homem de comando, Zeferino, capacidade rara de supervisão, atitude pronta, iniciativa e oportunidade no ataque. Era bem um general, com raras qualidades de comando. Faltava-lhe, porém, o enraizamento na terra, que o outro possuía, a tal ponto, de chamar aos seus eleitores humildes “os meus caboclos”. Eram dele mesmo, até tentavam carregá-lo nos braços quando percorria o interior.

Eram dois opostos, dois antagônicos, que se encontravam. E desse encontro haveria de sair atrito e explosão.

Os amigos, os correligionários, os humildes, que cercavam os dois, é que, muitas vezes, pagavam o alto preço da luta: com a vida, com a saúde, com o emprego perdido, com a prisão e outras mazelas da vida de província, desgarrada no setentrão brasileiro.

Mal sabia Pedrão, quando esperava Zeferino na sede do partido, que àquela hora estava se desenrolando uma cena histórica, inusitada. Pois onde já viu um inimigo atrair o outro à sua casa, para, do alto de seus ga-

lões, chamá-lo filho disto e filho daquilo? Nem mesmo o tirano Rosas, o sanguinário argentino, ou Facundo, o Quiroga, da vida banhada em sangue, herói literário de Sarmiento, fariam isso. Sim, porque estes mandariam logo degolar o inimigo, pendurar a cabeça num poste para os abutres.

Ambos quiseram dar prova de macheza. E já eram dois homens avançados em anos. O coronel, bem mais velho, o que, sem dúvida, conta ponto a seu favor. Até pela idade deveria ser respeitado. Mas também, para que foi chamar de “general de vacaria” ao seu adversário? O respeito devia ser recíproco.

Os nervos de Zeferino agora estavam descarregados. Queria uma satisfação e a teve à sua maneira. Mas o episódio não lhe trouxe glória nenhuma. A análise fria dos eventos retira-lhe a razão, que antes tinha, que era sua, mas que passou para a mão do inimigo voluntariamente.

Pedraõ voltaria para casa ao meio-dia. A chuvinha passara. O céu agora estava claro. As mangueiras ainda úmidas, a cidade úmida, no mês de grandes chuvas invernais. Chuvas diferentes das de verão. Estas agudas, mas rápidas. Caem como um imenso jato que se derramasse maciçamente do céu, as de inverno são persistentes, duram dias inteiros, entram pela noite e cantam nos telhados por toda a madrugada. Ajudam a dormir.

No automóvel, abre o jornal, a *Folha do Povo*, e na parte policial depara com a notícia: O JUIZ DE MONTE ALEGRE REQUISITA FORÇA POLICIAL PARA PRENDER MAURO E CUMPRIR PRECATÓRIA. Aperta-lhe a garganta. Homem forte, curtido nas lutas, seu coração amolece. É o filho, o seu filho. Tem que fazer algo. Muito difícil será um contingente policial subir o Maicuru, cheio de cachoeiras e prender o filho no balatal. Não o encontraria nunca. E corria o risco de ser todo ele abatido na selva. Seus homens também sabiam atirar. Estavam armados. Iria para lá lutar pessoalmente. Seria uma batalha na floresta, em que os soldados levariam a pior, desacostumados do contato com os cipós, os espinhos, as feras, e outros óbices naturais. O comandante da polícia sabia disso. Mas juiz é juiz. Teria que cumprir ordens. Os soldados iriam. Mas quem pagaria tanta despesa, desde o transporte ao rancho?

Avaliava quanto o irmão Astrogildo estava gastando com o caso de Alenquer, em que, como queixoso e interessado devia custear tudo: os transportes das praças, a alimentação, os perigos médico-legais.

Precisava falar com Dr. Benevenuto (diabo de homem de nome complicado, pensava). Dois nomes num. Bastava chamar Bené, ou então Venuto, e recordava o que lhe dissera o médico de família nas longas conversas depois da consulta:

— O nome, Pedrão, ajuda a pessoa a vencer na vida ou concorre para o fracasso. Isso até em concurso de beleza. Veja lá: Marta Rocha, Teresinha Morango. Quem vai esquecer? Você já viu como certos sujeitos têm o nome fácil de gravar, a gente não esquece nunca? Outros são complicados. Diziam que se Hitler usasse o nome da família nunca teria governado a Alemanha nem conseguido adeptos. Não passaria de cabo. Era um nome feio. Um sujeito que se chama Cornélio sofre desde os tempos da escola. Ou quem tem sobrenome Carijó, nome de raça de galinha. Já pensou uma senhora Vicentina Carijó. Ou Cornélio Veado?

— Carijó é nome de índio...

— Eu conheço uma família Uruburuçu. Você já viu? O sujeito se chamar, por exemplo, Cornélio Uruburuçu?

— Até que fica bonito.

— Devia haver uma lei proibindo que o Registro Civil aceitasse certos nomes... Outro dia eu vi no jornal um tal de Viavaca. Outro era Dez Pras Quatro, só porque nasceu quando faltavam dez minutos para as quatro horas. Por esse sertão todo deve muita gente se chamando Cafiaspirina e Bucéfalo. Bucéfalo Uruburuçu, um belo nome.

E completa, com ar doutoral:

— Quando fizeram a Independência do Brasil, houve muita gente largando o nome português e adotando os indígenas. Há uns bonitos. Mas outros são horríveis. Dizem que o Imperador Pedro II fez perfídia com um figurão do Império, que mudara o nome de Gomes Brandão, para Acayaba de Montezuma. O imperador deu-lhe o título de Visconde de Jequitinhonha. Você sabe o que é Jequitinhonha em tupi? Nada mais do que barro podre ou merda seca. O velho deu o título, mas se vingou em nome de Portugal.

— E ele aceitou?

— Quem é que não aceita ser visconde, seu Pedro, mesmo que seja desse material? Você já não leu os livros de Monteiro Lobato? Veja lá o Visconde

de Sabugosa... Montezuma era um grande homem, jurista de peso, uma glória do país.

Tudo isso voltava ao pensamento de Pedrão, no trajeto do partido para casa, pensamento em que se misturavam as histórias do médico com a imagem do filho, a paisagem do balatal, Clodoaldo, Dr. Benevenuto, o general, o coronel, Astrogildo, D. Santa, um complexo de ingredientes heterogêneos, atormentando a sua alma, sempre forte e rija, mas agora solapada nos alicerces, pois a alma, por estranho que pareça, também tem seus alicerces.

O carro deslizava macio pelo asfalto molhado. Pedrão há muito não dirigia. Contratara o Zezinho, baixo, pequenino, serviçal, pau para toda obra.

— Segue pra casa, Zezinho. Estou chateado de tudo. Vamos pra casa.

Fora uma manhã perdida.

Àquela hora (imaginava), que estaria fazendo Mauro em plena selva, no balatal do alto Maicuru?

Mas logo lhe voltavam as energias acumuladas no passado. O rapaz devia estar gostando. Era uma nova aventura. Banho de rio. Caçadas. Experiência. Aprendendo a ser homem. A se defender e a atacar na hora exata, engrossando as mãos finas. Sabendo distinguir uma onça-pintada de um gato maracajá, armando arapucas e armadilhas maiores, comendo de tudo, desde carne de macaco a mutum assado. E aquilo tudo feito na hora, na brasa, tendo como salão a floresta compacta, um luxo a que nem todos têm acesso. Os príncipes da Europa não procuravam a selva para fazer caçadas?

E se fosse picado de cobra venenosa? E se pegasse malária? Ou se sofresse um acidente, cortasse a mão, o pé, pisasse em falso, até mesmo numa armadilha, como tantas vezes acontece? Que diria Santa, sempre com terço na mão, se agarrando com outras santas, a Rita de Cássia, a dos impossíveis, e a do Perpétuo Socorro, que não falha nunca, nas horas mais difíceis?

Os momentos de fraqueza de Pedrão eram passageiros. Um minuto apenas. Logo lhe nasciam forças, que vinham de dentro. Era o homem curtido, desde a infância pobre e amargurada, nas lutas do mundo. A única luta que de antemão perdera, pois nem sequer ousara iniciar, fora contra Benacron e Benaury, na tentativa de exportar diretamente para o exterior. Luta desigual. Não conhecia a América, nem a Inglaterra. Não sabia escrever nem falar em inglês. Não possuía conhecimentos nesses países. Teria que se submeter aos

intermediários. Mas, por outro lado, aqueles homens ágeis e inteligentes desempenhavam um papel na economia amazônica: um papel de banco financiador. O dinheiro a custear todo aquele mundo de despesas era deles, vinha de Nova Iorque ou de Londres. Não era do governo. Arriscavam. Era justo o lucro. Podiam sofrer prejuízos. E se a balata não fosse entregue no prazo os gringos vinham cobrar a conta, com juros e tudo. Seria a desgraça dos dois exportadores, que nunca mais encontrariam financiadores internacionais.

Das matas da Guiana brasileira às fábricas o produto passava por várias mãos, intermediárias entre a produção e o consumo: os balateiros, os patrões de balateiro, os exportadores de Belém e Manaus, os compradores de Londres e Nova Iorque, até chegar ao destino final, as fábricas.

A *Levinat, Import and Export Ltd* possuía tradição no mercado internacional. A *Gummy Import Company*, de Levingston, dominava o mercado europeu. Ambas ligadas, na estratosfera das finanças mundiais, a bancos, refinarias de petróleo, fábricas de automóveis, aviões e até empresas de colonização e de refrigerantes. Um emaranhado de interesses em jogo, um sistema de pesos e contrapesos, no qual não se sabia ao certo quem era o dono, ou quais os donos, tantas as organizações, as siglas, o capital esfarinhado em ações, mas com o controle acionário na mão de meia dúzia, que, nunca vistos, manobravam na sombra os cordões que conduzem os destinos do mundo para qualquer lado. Figura de mil faces, devoraria os que tentassem decifrá-la.

Como poderia o desconhecido Pedrão enfrentar esse poderosíssimo emaranhado internacional, cujo comando não se sabe onde está? Intuitivo, inteligente de nascença, Pedrão sabia que devia se acomodar ou perecer. Seus rompantes, suas grosserias, mais aparentes do que reais, lhe diziam que o bom caminho era o da composição com essas forças que ele sabia invencíveis, cujo potencial não seria capaz de medir. Recordava o caso do pobre balateiro que quis lutar contra os trustes, os *pools*, os monopólios, e acabou na miséria, a balata podre, jogada no Rio Amazonas, como coisa imprestável.

— Malandro não estrila! Dizia-lhe Clodoaldo, em Monte Alegre. Os gringos dão dinheiro a ganhar. Derramam milhões todos os anos. Afinal de

contas, que seria dessa gente miserável, esses balateiros, se não houvesse um homem chamado Benacron e outro Benaury, a canalizarem seus tostões para a selva? Esperar pelos governos, quando a miséria mora nas grandes cidades, nos morros do Rio de Janeiro, de São Paulo, de todas as capitais, e ronda as portas dos palácios dos homens que mandam?

Farejavam-lhe as portas, como as sinistras figuras do segundo Fausto de Goethe, a necessidade, a penúria, a dívida e a preocupação. Tentavam penetrar em vão, mas as portas do palácio se mantinham fechadas e mudas. Ali só teria acesso uma das três mulheres grisalhas e sinistras: a Preocupação. Entraria pelo buraco da fechadura. Iria atormentar o poderoso em seu leito, insone, que assim ficaria às voltas com aquela dama que lhe penetrara na alcova, sua consorte de todas as noites.

Assim estava agora Pedrão. A Preocupação seguia-lhe os passos, sentava-se ao seu lado no automóvel, na mesa de almoço e de jantar, e à noite, estendia-se no leito, confundindo a sua imponderável imagem com o corpo de Pedrão, um forte em luta consigo mesmo.

Soprava-lhe coisas ao ouvido: — Lembra que Mauro é teu filho!

Inspirava sonhos e pesadelos. Pedrão despertava altas horas da noite chamando por Mauro. Sonhara com ele. Vira-o em desespero, em plena mata, amarrado a um tronco, não lembrava bem se eram cipós que o prendiam ou cobras. Voltavam de seu inconsciente cenas que vivera trinta anos antes, na sua lida no balatal, e que agora transferia para o filho. Um quase afogamento nas águas barrentas do Maicuru, ou um passo em falso em cima de uma armadilha, o filho pendurado pelos pés, como se fosse uma onça, gritando por socorro, e lembrando, não o nome do pai, mas o da mãe, pela qual tanto chamava na hora da amargura.

D. Santa despertava também, sempre tranquila, aparentemente. Punha água na fervura:

— Você precisa rezar, Pedrão. Peça para Jesus. Mauro vai se salvar disso tudo.

Mãe é sempre mãe. É um “anjo que se libra” e vive a “desdobrar fibra por fibra o coração”. No entanto, nas horas de luta e de amargura, elas, as mães, são as mais visadas. Zeferino fora logo ao alvo, invocando a mãe alheia, que

nada tinha a ver com a história. Coisa ridícula, dois velhos brigando, um chamado pela genitora do outro.

Depois que contaram o incidente a Pedrão, esse se recordava da infância, as brigas com os moleques da vizinhança, em que, antes de saírem os bofetões, se invocavam as mães recíprocas. Fazia um círculo no chão, com uma vara ou com o dedão do pé (que a professora chamava artelho), e provocava Murilo, e apelido “gatinho malhado”, porque tinha muita sarda no rosto:

— Taí, Gatinho, vou pisar na tua mãe.

E jogava um objeto qualquer dentro do círculo, um pedaço de pau ou de pedra, uma folha seca, aquilo era o símbolo da mãe, lançado ao solo, recebendo as pisadas dos desafetos. Àquela hora as mães estavam passando roupa a ferro ou cosicando as camisas dos filhos.

Pisada a mãe, vinha logo a briga.

Pedrão começava a se inquietar, ainda não chegara ao desespero, pois era homem de muito controle e resistência. Só não conseguia dominar a tal Preocupação, criatura horrível.

As Águas que Rolam



No dia seguinte, na sede do Partido Conservador, os correligionários acorriam pressurosos, no afã de prestar solidariedade ao chefe ofendido. Formavam roda. O hábito de entrar um por um se alterava. Afrouxou-se a disciplina. Havia um círculo de amigos em torno do chefe, todos querendo apertar-lhe a mão, demonstrar sentimento e estima, protestar contra o desacato e... ver como estava o olho. Na verdade, olho ainda se mantinha muito vermelho, como se lhe tivessem instilado sangue, um aspecto ruim. O médico, sempre solícito, Dr. Hugolino, tranquilizava: — O pior já passou. Agora é fazer um pouco de repouso e voltar ao normal.

Vereador Salena, com fama de débil, chama Dr. Hugolino para o canto da sala e pergunta indiscreto: — Doutor, desculpe (e baixando a voz), aquilo é derrame mesmo ou foi bofetão?

— Você está doido, homem? Ainda mais essa!

O perigo de derrame cerebral estava ultrapassado. Teria que ser na hora. E o médico perguntava, intranquilo, fazendo humor negro:

— O senhor já pensou, coronel, se esse derrame, em vez de ser no olho, é no cérebro e o senhor cai fulminado na hora, na presença do general?

Seria uma tragédia shakespeariana, que, para bem de todos e felicidade geral da nação, não se efetivou. O coronel andando normalmente, pisando firme, embora bufando de raiva, pois a vontade que tinha era de dar uns empurrões e quebrar a cara e a careca do general. Mas se conteve, venceu-se a si próprio, seguiu a máxima de um pensador, cujo nome esquecera, mas que se lê geralmente nos bons calendários: “Quem se vence, tudo vence.” Aliás, não apenas em folhinhas. O barbeiro Pedrosa mantinha sempre afixado um grande cartaz, na cara dos fregueses, assim escrito: “Quem se vence, TUDO vence.” E o TUDO estava impresso em letras maiúsculas, despertando a curiosidade dos fregueses, até que um dia, um poeta, cliente velho, indagou.



— Oh seu Pedrosa, que diabo você quer dizer com esse TUDO. Se vence tudo então por que você não é presidente da República, governador do estado, ao menos gerente de banco, e não conquistou a Sofia Loren ou a Brigitte Bardot? Continua barbeiro, nesse misererê danado.

— Ora, Dr. Afonso, esse cartaz é só para uso da freguesia. Não faz efeito dentro de casa.

Era receita para uso externo. Lembrava certas fórmulas de farmácia.

Foi assim com o coronel. Saiu o grande vencedor daquela batalha, mais moral do que física. Dera um exemplo de autodisciplina admirável. Depois que o general acalmasse e bem refletisse haveria de concluir que fizera um feio papel, em desacordo com a sua fama.

Aliás o coronel formara sua personalidade em rude disciplina. A poucos amigos, uns dois ou três mais íntimos, costumava mostrar livros que comprara em Caiena, no tempo do exílio, *Comment se devenir energique*. E indicava um trecho, riscado a vermelho: — “Contra uma vontade forte e poderosa, nada pode, nem o homem, nem Deus, nem a própria natureza.”

— Nem Deus? — protestava Totó Quirino, deputado e pastor — mas isso é blasfêmia!

De fato, era proibido invocar o santo nome do Criador em vão.

Os correligionários do general não ficavam atrás nas solidariedades, provas de apreço e consideração, mas noutro estilo. Procuravam enxergar algum arranhão no rosto ou sinal de unhada na calva do grande homem. Aquele era o partido que vinha redimir o estado, usando linguagem bíblica, talvez por influência de um de seus destacados integrantes, líder religioso, capaz de fazer tremer montanhas com um discurso. Um vozeirão danado. Conseguia um milagre: conciliar a agressividade com a brandura e a fé. Sim. Era um agressivo não violento (coisa rara), incapaz de uma violência material contra seus semelhantes, um pró-homem, sem dúvida, desses que são o esteio das nações. Cem iguais fariam a riqueza de um Estado. Família numerosa. Quase todos com nomes de santos. Quando reunia a gurizada em casa dava a impressão de estar-se na porta do céu. A mãe, angélica criatura, chamava de vez em quando: — Tomás de Aquino! Era o mais velho. Isidoro de Sevilha! Lá vinha outro. Maria do Céu! Era uma das filhas, cara redonda, linda de morrer. José de Arimatéia! Um taludo jovem, fornido de

carnes. Mateus! Esse menorzinho, magrinho, muito provocado no colégio pelos colegas que costumavam brincar: — “Mateus, primeiro os teus!” O outro se chamava Bosco, em homenagem ao santo, ao qual os amiguinhos se dirigiam, como poetas em embrião: — “Bosco, Bosco, vem brincar conosco.” E seguia a escadinha humana, aquela família santa não apenas nos nomes, mas pelo exemplo do velho, um varão. Homens assim fortificavam o partido, o tal Renovador. Davam-lhe altitude para enfrentar uma dura luta contra o chefe tradicional, o amado do povo, dono dos caboclos, como um fazendeiro quando diz: — “Tenho dez mil reses, cinco mil bovinas, três mil bubalinas e duas mil equinas.”

Também no dia seguinte da briga dos dois chefes, no Partido Renovador, a correria era grande. O capitão Melódio, apelidado “Fininho”, não saía de lá, ora com um bruto revólver Taurus do lado ora com metralhadora portátil, todo equipado, como quem monta guarda e está pronto para entrar em ação. Era pouco maior que a metralhadora: miúdo e enfezadinho.

— Essa eleição vai ser nossa! — dizia o Fininho. Nem que eu tenha que revirar aquele tribunal.

No canto da sala um pobre correligionário do interior, camisa de fora, calça amassada e pés na chinela, de vez em quando soprava para o ar uma baforada de fumo, e ia até a porta cuspir. Quando acabou o cigarro pôs-se a cantar baixinho, distraído:

*As águas vão rolar
garrafa cheia eu não quero ver sobrar
Pego o saca-saca-saca-rolha
e bebo até
o sol raia...
Deixa as águas rolar...*

Capitão Fininho lançou-lhe um olhar de repreensão de caserna. Aquilo não era lugar para cantarolas. O pobre homem se encolheu em si mesmo como um caracol.

Acabavam de chegar chefes políticos do interior. Todos queriam falar com o general e aproveitar a oportunidade, também, para a solidariedade

de praxe. Este era menos formal que o coronel, estalava abraço para todo o lado, como se abraço ganhasse eleição. Mas havia muito fingimento, de lado a lado.

Pedrão, a muito custo, conseguiu ter acesso ao homem, *El Hombre*, tantas eram as pessoas que o cercavam.

— Vamos entrar. Disse-lhe o general.

E passaram para outra sala.

Pedrão expôs o seu drama. Mostrou-lhe o noticiário dos jornais. A situação do filho no balatal. O governo perseguindo. Sim, aquele processo era fruto de perseguição, má vontade. A política estava parcial. O promotor seguia o que estava escrito. O juiz desejava o réu presente, mas bem que podiam deixar correr à revelia, arquivar os autos, dar um jeito.

— Seu Pedrão. Falou o general. Se eu ganhar esta eleição, (e vou ganhar!) dou um jeito nisso. Por enquanto pouco posso fazer. Sou oposição. Procuro os meus amigos da polícia e da justiça. Vou ver se falo com algum de lá. Depois lhe dou notícia. Mas não esqueça o seu apoio em Monte Alegre. Recomende ao Clodô todo o trabalho e nada de fraquezas. Vamos ganhar! Depois da vitória ajustaremos contas. Enquanto isso vá deixando o filho por lá. Se for preso vai ser uma humilhação para o rapaz.

Pedrão saiu mais esperançado. As eleições estavam perto. Se a vitória fosse do Partido Renovador, tudo se transformaria e seus problemas ficariam resolvidos, mesmo os financeiros, com aqueles processos de empréstimo dependendo apenas de um empurrão.

Saiu mais calmo, ecoando nos seus ouvidos a canção do caboclo de Curuçabamba, simplório e desligado:

“As águas vão rolar...”

E começaram mesmo a rolar, pois mal pôs os pés na rua, precipitou-se uma violenta chuva de inverno, diferente das da manhã. Sim, as chuvas da tarde não são iguais às matutinas. Vêm impetuosas, cheias de ventos, as portas e janelas batendo, vidraças caindo e se estilhaçando na calçada, galhos de mangueiras desabando sobre os automóveis, as mãos do vento revolvendo, como cabeleiras desnudas, as copas imensas das centenárias

mangueiras de Nossa Senhora de Belém do Grão-Pará. Com isso as mangas sobreviventes da última safra, já em número insignificante, abatiam-se sobre as cabeças dos transeuntes ou reboavam em cima dos carros, quebrando vidros e formando feridas na lataria. Recordava a sua infância, quando corria para a rua apanhando aquelas mangas enormes, que caíam sobre o calçamento, aos gritos da molecada:

— Olha um caranguejo! Peguei um caranguejo!

A manga grande, espatifada em contato com o solo, era, para eles um “caranguejo”. E Pedrão então se lembrava de sua infância desprotegida, no subúrbio, recolhendo manga na rua, cabeça ao vento, pés descalços, braços nus, os paneiros cheios, infância bem diferente da de Mauro, que só comia manga uma vez ou outra, servida em prato, bem lavada, com faca e garfo e ainda mais, só depois de passar pela geladeira. Duas gerações diferentes, a segunda, porém, bem mais fraca do que a primeira, embora rica e cheia de conforto. Enquanto Pedrão menino ia para a escola a pé, com duas mudas de roupa o ano todo, tirando uma para lavar e vestindo a outra, Mauro não sabia o que fazer de tanta calça, camisa e sapatos. E só andava de carro, não sabia marchar a pé longas distâncias. Pedro, porém, caçoava:

— Esses meninos de hoje parecem frangos de granja! Vocês já viram como frango de granja, quando é colocado ao relento, não se levanta? Não sabe andar, desaprendeu, ou melhor, nunca aprendeu. As pernas fracas não aguentam o corpo. Passam o dia todo deitados, recebendo a ração na boca. Não acertam a pisar na terra.

Fora esse aliás um dos motivos que levaram Pedrão, diante do drama de Mauro, a enviá-lo para os balatais. Em tempos normais não conseguiria. Seria uma choradeira. A mãe abraçada ao filho, o filho agarrado na saia da mãe. Difícil para Pedro impor os seus métodos. Com coração de mãe não se brinca. Fora o momento psicológico da desgraça, a ameaça de um mal maior, que lhe dera a chance de mandar o filho para o reformatório da selva. Afinal de contas, entre vê-lo preso, exposto a contato com ladrões e vagabundos, era preferível tê-lo entre gente amiga, embora rude e primitiva. O futuro, Deus daria. D. Santa sempre lia em voz alta a passagem bíblica: “olhai os lírios do campo...” Pedrão já recebera cartas de Clodoaldo, de Pereirão e de Farripas, falando muito de Mauro, um rapaz educado, que encantara a todos, espe-

cialmente a Laurinda, filha de Farripas. A menina, antes “posta em sossego”, agora não falava noutra coisa. Estava de cabeça virada depois que Mauro partira. Sempre pensando nele. Sempre falando nele. Chegou até a querer acompanhá-lo na selva, eis que amor tudo pode e tudo alcança, quando um simples gesto nos sujeita. Farripas lia Camões em voz alta, e escrevia bem, como todo português de boas letras. Fizera amizade com o moço. Gostava dele. Chegara até certa vez a entoar um fado e a contar-lhe a história da Severa, infeliz artista, cantada por muitos em várias línguas, em prosa e verso.

E o velho português, olhos muito azuis, entoava:

*Na rua do Cap'lão
Plantada de rosmaninhos,
Eu beijo as pedras do chão,
Qu'ela pisar nos c'minhos...*

Revirava os olhos, lembrava a santa terrinha, os bailaricos, as moças com sete saias, quando bastava uma para criar dificuldades.

Tudo isso vinha contado nas tais cartas. Mas o que Farripas não narrava é que Mauro lhe perguntara o que era “Caplão”.

— Oh rapaz, não entendes? Caplão é caplão.

— Mas que é caplão, seu Farripas?

— Não sei.

Laurinda socorreu o aflito, separando bem as síbalas:

— É ca-pe-lão. Você não sabe o que é capelão?

— Ah! agora entendi, Capelão, o padre.

— Isso mesmo, homem de Deus! Caplão.

Muitos anos de Brasil não haviam retirado a Farripas o acento típico — e forte — lusitano, língua que, com pouca corrupção, diz-se latina.

Mauro gostara daquela gente simples, boa, acolhedora, a casa limpa, mesa farta. Antes de partir para o Buriti escrevera uma só carta para a mãe, em que dava notícias da viagem, da recepção, da acolhida generosa de Farripas, uma casa portuguesa, com certeza, em plena selva, mas com todas as características de afeto e carinho bem lusitanos. Farripas era um exemplo apenas. Milhares de outros Farripas existiam por aquele mundo

selvagem, à beira dos rios, fazendo comércio e educando os filhos na capital, legítimos descendentes dos primeiros desbravadores do tempo de João III e de D. José I. Desbravadores mandados por Pombal construir fortalezas nas fronteiras para assegurar o domínio da terra. Desbravadores de séculos anteriores, desde o 17, com Bento Maciel e Pedro Teixeira rasgando as florestas, dominando índios, expulsando ingleses, franceses e holandeses. Heróis, sem dúvida.

Farripas, ante a ignorância demonstrada por Mauro, resolveu dar-lhe uma lição de fados (e isso fora contado na carta a Pedrão), a carta que ele trazia sempre no bolso, e lia, relia e tomava a ler, às vezes às escondidas, com saudades do filho.

— E dizia para Santa:

— Há muito tempo que eu devia ter mandado esse menino passar umas férias com Farripas. Até mesmo para trabalhar. Teria sido bom para a saúde dele e fugiria das más companhias, esses garotos drogados que andam por aí.

Em Belém, Mauro nunca ouvira falar em Severa e não queria nada com fados. Suas músicas eram do embalo, aquelas americanas bem sensuais e barulhentas, tocadas em guitarras elétricas, a zoadeira enchendo a casa, espantando as galinhas no quintal, fazendo tremer as vidraças. Adorava as “frenéticas”.

— Não sei que graça esses rapazes vêm nessas músicas. Protestava Pedrão.

Mas os seus protestos esbarravam ante a bondade de D. Santa. Que deixasse! Aquilo era coisa de mocidade, que um dia haveria de passar. Estava na moda, o *rock-and-roll* e outras maluquices próprias da época. Afinal de contas, em matéria de música, não era só alemão, francês, russo e italiano, Beethoven, Debussy, Verdi e Tchaikovski. O americano tinha que dar a sua contribuição para a arte mundial e só sabia fazer aquilo. O St. LouisBlue não era tão bonito? A barulheira infernal, as telhas saindo do lugar quando Mauro ligava o toca-fitas, com os alto-falantes no mais alto grau. Um dia todo mundo iria ficar surdo naquela casa, o que era justo, pois os otorrino-laringologistas também são filhos de Deus e têm direito de viver.

Pois Laurinda conseguira convencer Mauro de que o fado era lindo, como de fato é. E Farripas contava a Mauro a história da Severa.

— Era uma cachopa muito bonita. Virou a cabeça a muitos filhos d’algo. Nasceria em Lisboa. Era cantora de fados. Dizem os biógrafos que a mãe dela também era bonita, um mulheraço, alta, mas... tinha bigodes.

— Como assim, seu Farripas, mulher de bigode?

— É verdade, menino. Leia o que se escreveu sobre ela e lá está. Possuo um livro que fala nisso. A mãe tinha bigodes. Enfeitava-se muito com cordões de ouro e todos os dedos traziam anéis. Mas a filha era mais discreta, e linda. A mãe era ovarina.

— O que, seu Farripas? Ovarina? Que negócio é esse?

Soava mal a palavra aos ouvidos de Mauro, ao que Farripas explicou:

— Era filha da cidade de Ovar. Ovarina! Leia lá o Eça de Queiroz que ele descreve até a estação de Ovar! Pois bem. O pai dela diziam ser cigano, desses que viviam aqui e ali, fazendo contrabando. Isso por volta de 1833, no tempo em que se ganhava um tostão por dia.

A essa altura Farripas se levanta, vai à pequena estante e retira um livro com a capa gasta pelo uso:

— Leia aqui, menino, leia lá o que está escrito neste livro sobre a Severa, publicado em Portugal, do escritor Júlio de Sousa e Costa: “Aos dezoito anos era alta, delgada, mas não magra, seio opulento, pele muito branca, olhos pretos, bastos cabelos negros, sobranceiras carregadas, boca pequenina muito vermelha, belos dentes, cintura fina e o pé pequeno.” Ai, com todos os diabos, devia ser uma bela rapariga!

E prossegue lendo:

— “Punha todo o seu esmero na cabeleira que a tinha soberba, ondeada, e que ao sol tinha reflexos azulados, metálicos, que eu não posso explicar. Onde estava o seu encanto era no olhar... Depois caiu na desgraça. Como isso sucedeu é que não sei dizer. Talvez as alcoviteiras tivessem essa grande responsabilidade.”

— Ai, coitadinha! Lê lá: “... nunca usou, que eu visse nas faces ou nos lábios, o carmim tão querido das suas companheiras de infortúnio. O traje habitual, de verão, era casaco claro de manga curta com renda, saia preta com muitos folhos, de grande roda e barra de veludo da mesma cor e meia branca; calçava umas vezes chinela coimbrã, de polimento, outras de sapato de bezerro, sem tinta. No inverno usava, invariavelmente, casaco escuro e

meia cinzenta. Fizesse frio ou calor andava sempre com o pescoço ao léu com fio de ouro e cruz de esmalte azul, se a memória me não atraíçoa.”

Mauro observa:

— Se eu conhecesse essa descrição, tinha mandado minha irmã fazer uma fantasia para o carnaval, que faria sucesso. Fantasiada de *A Severa!* Um barato! Primeiro lugar no concurso.

— Tem mais, menino. Olha cá: “Usou sempre brincos muito grandes, à ovarina, e jamais lhe vi anéis, cordões ou lenço na cabeça.” Foi uma grande cantora, mas a coitadinha morreu na miséria e foi enterrada na vala, comum, no primeiro cemitério de Lisboa, no Alto de São João. Dá aqui até o número do registro no livro, 3 fls. 117. Isso em 31 de dezembro de 1918. Faleceu na rua do Capelão, número 35-A, e seu nome todo era Maria Severa Honofriana.

Farripas se empolgava com a leitura da história da Severa, e comentava:

— Como é lindo o fado do Conde de Vimioso... E sabe mais? Ela era disputada por muitas gentes. Cantava ao som da guitarra aqueles versos do cavaleiro Sedvem, despeitado por ter o amor de uma saloia contrariado:

*Deus te salve, saloiada,
Gente manhosa!... porém
De muita ronha acabada...
Vendes só couve espigada
E que não vale um vintém!*

— Que é saloio? Indaga Mauro.

— Saloios eram os aldeões dos arredores de Lisboa... Em geral descendentes de mouros. As mulheres saloias eram bonitas. Uma delas deu o contra no autor desses versos, que a Severa cantava ao acompanhamento da banza:

*Oh, saloios mentirosos!
Oh saloios, gente lerda!
Tipos velhacos, manhosos
Com cheiro fedentinosos
Grandes macacos de...*

Tudo isso vinha narrado em linguagem castiça e boa caligrafia.

Pedrão recebera a tal carta narrando os diálogos de Farripas, Laurinda e Mauro. Um verdadeiro relatório, com todas as minúcias, que Pedrão, o homem de coração duro, não cansava de ler.

D. Santa, por sua vez, trazia a carta do filho junto ao seio, perto do coração. Lia e chorava sobre ela, muitas vezes, sem forças para continuar a rezar.

E assim o tempo passava.

As preocupações corroíam a alma de Pedrão e Santa.

A política fervia, se é que política ferve. A cidade se agitava. O prato do dia, ou melhor, do mês, era a briga dos dois chefes. O solicitador Camarinha, nas altas rodas, vencendo a natural gagueira, que o tornava muito simpático e estimado, comentava:

— Vo... vo... vo... cês já pen... pen... saram se os dois se aaaaatracam e caacaem no chão cococomo dois moleques ee não tete tem ninguém papapara aaaapartar?

Na verdade, a observação era acertada. Se não fosse o coronel Gonçalves a briga poderia apresentar consequências trágicas, ou cômicas, ou mesmo tragicômicas, como em certas obras-primas das letras universais. O coronel mordendo a careca do general, o general rasgando a camisa e o paletó do coronel e dando-lhe murros na cara. Depois de meia hora de luta haveria morte ou dois meninões esfarrapados, só de cuecas, de olho inchado, sangue escorrendo, relembrando os bons tempos da infância, quando ninguém apartava e deixava brigar, formando círculo em torno. Manda! Manda! Manda!

O mal, ou o bem, é que sempre há alguém escalado para apartar. Diziam até que o deputado Teodomiro se postara atrás da cortina, como testemunha ocular do evento, para a hipótese de uma reação do coronel e a sua prisão em flagrante. Seria testemunha idônea. Mas o boato foi desmentido. Teodomiro não iria fazer tal papel. Mas teria muito de que se divertir. Um bom espetáculo de teatro bufo à disposição dos cultores da arte de Sófocles. E com entrada gratuita. Num palacete soberbo no centro da cidade, com sentinela à porta.

Evidentemente, o coronel caíra numa esparrela, como a onça do Buriti.

Aonde não Chega a Lei



Um mês de luta na mata parecia um ano, tantas as novidades que surgiam nos primeiros dias. Depois, a vida entrava em seu ritmo normal, se é que se pode chamar normal aquela repetição de tarefas, todos os dias, desde a aurora até o crepúsculo. O ser humano possui uma capacidade de adaptação extraordinária. É o hábito, a segunda natureza. Mauro não podia fugir à regra. Vencidos os primeiros choques, os primeiros traumas, tudo a pouco e pouco passava a tomar-se rotina, interrompida, é verdade, aqui e ali, por sustos inesperados. Um mês de experiência. Primeiro o rio. Depois a selva. Deixando o acampamento, os balateiros se distribuíam em dois grupos, cada qual com um rumo. Formavam grupos distintos. Mauro preferiu seguir com o de Purificação, já seu amigo, experiente e bom no gatilho, capaz de ensinar-lhe muita coisa, e com paciência. Não queria nada com Zózimo, mal encarado e zombeteiro. Ante qualquer falha de Mauro, Zózimo tinha sempre uma palavra de ironia ou de velada censura. E quando não vinha a palavra, surgia o olhar, e, pior que olhar, aquele “Hum!” incômodo, que encobria muitos desaforos. Mauro guardava também o seu geniozinho, nunca fora de levar desaforos para casa, não faltava a quem puxar, muito embora, na aparência, todos o julgassem com o temperamento da mãe. Em certas horas, porém, surgia nele a figura do pai, que se achava escondida, nos refolhos de seu íntimo, e embuçado ou entrincheirado no seu inconsciente. Por isso Mauro preferiu a companhia de Purificação. Zeca Andrade. Revoredo e Sidônio. Era um grupo menor, com quatro balateiros. O filho do patrão não contava, era extranumerário, hóspede e tutelado de Purificação, naquele imenso deserto.

A ordem superior fora no sentido de explorar novas reboiadas de balateiras, além das estradas já sangradas no ano anterior. Primeiro viajaram pelo Rio Maicuru, tomando logo um dos afluentes da margem esquerda, o Honorato, em direção do vale do Rio Paru.



— Essa região é muito rica. Dissera-lhe Purificação. As cabeceiras do Maicuru, do Paru e do Jari despejam para o sul uma considerável massa d'água e atravessam, esses rios, glebas riquíssimas nos três reinos da natureza. Vegetais, próprios à coleta do látex, caucho, seringueiras, balateiras, murupita, uma variedade considerável de espécies assemelhadas, mas de porte e finalidade diferentes; oleaginosas, babaçu, cumaru, castanhas-do-pará, sapucaias; madeiras de lei, desde o acapu, o pau amarelo; minerais ainda não explorados, ouro, manganês, bauxita, diamantes, caulim, principalmente. A fauna nada fica a dever, enquanto o homem não destruir as espécies sobreviventes, que se encontram ainda em estado primitivo. E índios, já acuados em seus domínios, encurralados em seus redutos pelos “civilizados” invasores, especialmente gateiros, seringueiros, castanheiros e balateiros. Mauro se surpreende às vezes. Noutras se apavora. As mãos criam calos. É preciso ajudar em alguma coisa. Purificação deu-lhe um facão e um rifle municiado. Afinal de contas já é um homem e como tal deve comportar-se. Nada de medos, nem de fraquezas diante de tantos sertanistas arrojados. Os pés, agora com sandálias de couro cru grosseiras, para defesa dos espinhos, a barba em começo, mas já se tornando densa, o seu aspecto é outro, bem diferente de um mês atrás. Depois de navegarem de canoa por vários dias, pararam no local indicado por Purificação.

O percurso na mata deixara recordações, até atingirem a primeira rebolada de balateiras, ainda virgens. Mas até lá chegarem, foram necessários dois dias de caminhada, ora entre cerrados e espinhos, ora em trechos limpos e sombreados, onde preponderam as castanheiras e sapucaias. Surpreendeu a Mauro, durante o trajeto, um número considerável de árvores mofinas, quase secas, poucas folhas, semimortas. Pura explicou:

— São balateiras mal cortadas. Vão morrer. Sugaram todo o leite. É preciso poupar as árvores. Do contrário elas só produzem no primeiro corte, e morrem.

— E por que fazem isso? Indaga Mauro.

— É gente sem consciência. Há balateiro que corta todos os galhos e depois o tronco. Acabam com a árvore e sugam todo o látex. Outros fazem certo, mas exageram. Realizam as incisões, mas não se contém, querem o

máximo de produção. O resultado é esse que você está vendo. Vão morrer todas essas balateiras enormes. Secaram. Tiraram a seiva toda.

E para que Mauro bem entendesse:

— Balateira é como vaca leiteira. Nunca se tira todo o leite. O bom vaqueiro deixa sempre um pouco no ubre para o bezerro e para que a própria vaca não enfraqueça. Se esgotar o ubre a vaca também seca. O leite chama o leite: é uma defesa da natureza.

A explicação era lógica.

Purificação completa:

— A balateira cortada só depois de dez ou quinze anos pode produzir de novo, isso quando não morre. Em geral cinquenta por cento secam e morrem.

Essa a razão por que teriam que andar tanto, à procura das árvores ainda virgens em lugares remotos.

— Cada árvore — continua Pura — pode produzir por sangria de 18 a 20 litros. Cada balateiro deve apresentar produção de 800 a 2.000 quilos por safra e sangrar de 200 a 300 árvores. É trabalho para leão. Quando termina a safra estão todos estropiados, isso se não adoecem ou morrem...

E Purificação olhava de esguelha para Mauro, a fim de sondar a sua reação.

— Você está entrando em uma das regiões mais ricas da Amazônia. Continuava Pura.

O balateiro repetia o que Mauro ouvira de Farripas, em uma de suas longas conversas com o lusitano. Este lhe fizera uma pergunta à queima roupa, dias antes, no Cuçara:

— Você sabe onde é o Piemonte?

— Já ouvi falar..., mas não me lembro... Não é no Vaticano?

— Que Vaticano, que nada, oh rapaz! Piemonte é no norte da Itália, junto aos Alpes. Pois bem, o Piemonte no passado dominou a Itália, pela sua posição estratégica. Pois essa região que você vai percorrer, o Maicuru, Paru e Jari, é o Piemonte da Amazônia. Quem a ocupar dominará toda a Hileia...

E completava:

— Aliás isso não é meu. Li num livro. Vou lhe mostrar...

E retirando da estante dois velhos volumes, indicou a Mauro:

— Olha aqui, é um cientista francês, chamado Henri Coudreau, neste livro em que ele defende uma França Equinocial aqui nesta região, do Atlântico ao Rio Negro. Diz exatamente isso, que assim como o Piemonte domina a Itália, esta zona domina a Amazônia... E é verdade. Das serras de Tumucumaque e Acaraí para baixo fica o nosso Piemonte. Com uma diferença — que esta nossa terra é infinitamente mais rica.

— Você lê francês? Indagara Farripas.

— Não. Estudei mais inglês.

— Pois eu vou ler para você. Olhe aqui.

E aproximando o livro da luz elétrica (o gerador roncava lá fora):

— Vou logo traduzindo com meu resto de francês que aprendi com os padres em Portugal, quando era miúdo: “A França Equinocial. Estudo sobre as Guianas e a Amazônia. Página 432 do volume I: a França tem na Amazônia uma colônia comercial muito próspera e muito influente. Ora, a Amazônia formará muito provavelmente, um dia, dia possivelmente bem próximo, um Estado independente separado do Brasil.”

Farripas comenta:

— O interessante é que esse livro é prefaciado por um brasileiro, F. J. de Santa-Anna Nery, figurão do Amazonas, no século passado. E muitas obras desse autor foram publicadas com dinheiro do governo do Pará, em Paris...

— Veja cá o que diz na pág. 460 do outro volume: “... esse território ao sul das montanhas, território que comanda a Amazônia como o Piemonte comanda a Itália...” Este volume já tem o subtítulo “Viagens através das Guianas e Amazonas.”

Todas essas recordações, de poucos dias, se acumulavam no inconsciente de Mauro. O silêncio da floresta forçava-o pensar, a recordar fatos, nas suas menores minúcias. A refazer diálogos. Ora com Laurinda, ora com Farripas, ora com Leonor, ora com Purificação e os demais balateiros. Quanta coisa nova, agora, se apresentava ao seu espírito em formação, enriquecendo-o! Via homens lutarem com feras e, graças à agilidade e inteligência, dominá-las. Impressionara-o, sem dúvida, aquele número imenso de árvores secas em plena selva, sangradas, sugadas. O seu sangue, que era a seiva, a estas horas estaria nos mais adiantados centros civilizados do mundo,

transformado em pneus de aviões, fios elétricos, instalações telefônicas, bolas de golfe...

E recordava um jogo de golfe que, durante as férias, assistira no Rio de Janeiro. Um gramado imenso, sujeitos fleumáticos dando pancadas firmes numa bola que deslizava sobre a relva. Não sabia, então, que para chegar à perfeição daquela bola dura era necessário expor tantas vidas, no setor mais tenebroso da floresta amazônica. Para ele foi um sossego encontrarem, depois de tanta busca, uma rebolada de balateiras ainda não sangradas.

— É aqui que vamos parar. Falou Purificação. Temos que armar o tapiri. Encontramos as nossas virgens.

Purificação, Zeca Andrade, Sidônio e Revoredo saíram com facões a cortar esteios e palhas de ubuçu. A missão de Mauro consistia em carregar as palhas e as madeiras rústicas, já cortadas. Cipós também eram necessários. Utilizavam o material disponível, aquele que a experiência de muitos anos aconselhava e que podiam transportar nas costas, como soldados equipados: facões, facas, um ferro de cova. A espingarda e a munição, algum farnel de sal, farinha e feijão e a rede completavam o arsenal daqueles homens. Os mais teriam que obter pelo próprio esforço: o peixe, quando próximo dos rios, e principalmente as caças, abundantes na região. Era o alimento principal. Os frutos contribuía muito, também, para a sua sobrevivência. Jabutis e muçuãs eram de fácil apreensão. Mutuns e outras aves deviam ser abatidos a tiro.

— Você já comeu macaco? Indagou Pura a Mauro.

Mauro respondeu com um esgar.

— Você, quando provar, vai gostar. Depende do macaco. Há uma variedade enorme. É preciso conhecer. E a sopa de macaco? É uma delícia.

Tentando observar as reações de Mauro, Purificação prosseguia:

— No Alto Amazonas há um macaco pequeno, chamado coto, que tem a carne deliciosa. Há também o *maquisapa*, muito gostoso. Geralmente são comidos assados. Os intestinos são postos fora. Mesmo assim, quando a fome é muita, fazem também uma tripa...

— A moda do Porto. Atalhou Mauro.

— Não, à moda dos índios. É um negócio que só vendo e provando...

— Os bichinhos morrem como se fossem seres humanos. Olham para a gente com tanta ternura, como se pedissem misericórdia...

— Para com isso, seu Pura! Não aguento mais!

— Você se acostuma, menino. Fala Purificação, paternalmente. Mesmo se você não quiser comer macaco, tem outras opções: a cobra surucucu, e a jiboia, e a sucuri ou sucuriçu. É preciso tirar o veneno da surucucu; o jacuraru ou jacuaru, um lagarto de língua grande, parece um camaleão; o matamatá, uma tartaruga feia pra burro, mas a carne é boa; e se quiser provar o jacaré, é o que há de melhor. Tem desde o grande, o jacaré-açu até o pequeno, jacaré-tinga. E tem mais: na água não se pega só peixe. Tem a ariranha. É perigosa. Ataca o homem e morde todo. Carne boa é da anta.

— Bom, essa eu como. Parece um porco grande. Só se alimenta de erva.

— Tem mais, tatu peludo, o tapiti ou coelho do mato, o quando, a capivara, a cutia, o caititu, a paca. Tem tamanduá e preguiça.

Mauro se admirava da rapidez com que aqueles homens caçavam ou pescavam. Mal viam a caça, às vezes disfarçada entre as folhagens, quando ecoava o tiro e logo iam buscá-la. Isso facilitava o sustento. Cabia a Mauro preparar o fogo, ajudar na “cozinha”. O fogão eram três pedras, isso quando não acendiam uma fogueira grande, para espantar as feras, os mosquitos, e aquecer. Sim, aquecer, porque a mata, em pleno inverno, permanentemente molhada, esfriava de madrugada. Frio úmido, que obrigava Mauro a se embrulhar no cobertor grosso que D. Leonor lhe empurrara na pequena maleta, à última hora. Ainda recordava a sua recomendação:

— Não esqueça o mosquiteiro e se cubra bem. É preciso evitar malária e gripe.

Mauro sempre trazia aquela voz em sua lembrança, voz maternal, como de uma segunda D. Santa, que houvesse encontrado naquelas lonjuras: — “... e se cubra bem!”

A armação do tapiri foi mais rápida do que pensava. Purificação cavava os buracos, Zeca Andrade e Sidônio fincavam os esteios. Revoredo amarrava-os com cipós. As varas eram também atracadas com cipós, paralelamente, e em breve a palha se estendia, as folhas dobradas, bem arrumadas uma sobre a outra, amarradas às varas, à guisa de caibros, formando uma compacta cobertura. Os esteios deviam ser bem fincados e grossos, a fim de suportar

o peso dos homens deitados nas redes, que se estendiam em sentido longitudinal. Tapiri para cinco redes. O fogo quase sempre aceso e a fogueira. Não só a necessidade de cozinhar e assar, mas o fogo se destinava também a ferver o leite das balateiras, quando em quantidade suficiente para formar blocos de cinquenta e sessenta quilos.

Mauro, nos primeiros dias, estranhava o trabalho. As balateiras, grupada em plena floresta, formavam a rebolada.

— Que é rebolada? Indaga.

— Nem sempre se encontram balateiras todas juntas. Há lugares em que uma está distante da outra cem, duzentos metros e mais. A rebolada é quando tem um montão delas reunidas. É o nosso caso. Mas depois de cortar estas, vamos ter de entrar pelo mato à procura de outras reboladas. Aqui deve ter cinquenta. Na safra toda, cada homem tem que cortar pelo menos 200 balateiras. Já pensou!

Mauro não gostava de calcular nem medir a tarefa, que lhe parecia ir-realizável. A cinquenta centímetros do solo Purificação fez um golpe no tronco da primeira árvore, com a grande faca afiada. Parecia mais um facão. O leite branco começou a surgir. Colocou na parte inferior o saco impermeável (preparado com a própria balata ressecada sobre o pano rústico). Começaram a cair os primeiros pingos no saco, o embutidor. Logo mais, com rapidez incrível, foi realizando talhos circulares em tomo de todo o tronco, que convergiam para o primeiro corte vertical. Aumentava a quantidade de látex, que se acumulava no canal principal, vazando para o embutidor. Era preciso subir na árvore. Purificação colocou as esporas de ferro nos pés e atracadas nas pernas. O cinto grosso e rústico, onde se pendurava o facão, o defendia também do contato do fio de aço, que fez circundar o vegetal, dando-lhe apoio e segurança. Fincou os dois esporões no caule e deu empurrão com as mãos no fio de aço, subindo, a impulsos, até a altura suficiente para realizar outros golpes no tronco e assim foi cortando, de baixo para cima, toda aquela imensa árvore, não apenas no tronco principal, mas nos galhos grossos, um a um, depois nos galhos mais finos, sempre subindo, apoiado nos esporões e no cinto e fio de aço que o amarrava à balateira. Em breve toda a árvore, de cima a baixo, era um ser vivo ferido, cortado, expelindo aquele leite muito branco, a sua seiva, que vinha depositar-se no

embutidor. Leite que iria alimentar indústrias poderosas. Leite que, fresco, o ser humano podia beber, dissolvido em um pouco d'água. Enquanto isso, legiões de morcegos revoavam em torno das balateiras à procura dos frutos, muito parecidos com os sapotis, os mais bem colocados pela natureza nas pontas dos galhos muito altos, a defendê-los da mão humana.

Mauro, quando em Belém, nunca pudera imaginar quão rude era aquele trabalho! O pai falava muito, descrevia, contava estórias, mas nem sempre a imaginação é capaz de reconstituir cenas como aquela em que os olhos podem transmitir a real brutalidade do espetáculo. Toda a árvore sangrava, é a expressão, pois aquele era o sangue branco da bela espécie vegetal.

Também não sabia que a balateira alcançava grande porte. Maior às vezes do que as seringueiras, o que tornava o seu corte mais difícil, e o trabalho dos extratores bem mais brutal do que os dos seringueiros e caucheiros. Dadas as grandes proporções das balateiras, muitos extratores desalmados preferiam cortá-las pelo tronco, abatendo-as. Colheita maior, mas efêmera, a árvore destruída, inerte como uma vítima de crime que as leis não punem. Dezenas de anos levaram aquelas espécies vegetais para crescer e assumir tais envergaduras. Em minutos o ser humano, de machado em punho, reduzia a sacos de leite ou bolas de látex toda uma luxuriante vegetação. E o processo preparatório, condenável, por meio da fervura, que fazia a balata perder muitas das suas qualidades. Contendo grande parte de guta-percha, o calor afetava a elasticidade da matéria-prima, sendo por isso preferida e produzida na Guiana Holandesa, em que os balateiros não fervem, põem-na para secar à sombra, em estendais, formando lâminas, como se fossem couro de porco seco.

Muitas experiências surgiam para Mauro, a toda hora. Sentia também uma transformação “por dentro”, novas energias afloravam em sua alma, sem saber como, nem por que, mas despontavam, borbulhavam. Assim como na mata havia nascentes que “ferviam”, olhos d'água vindos das profundezas da terra, assim também notava que fervilhavam nascentes interiores, forças estranhas, algo que jamais sentira em toda a vida. Havia em tudo um contraste. Ao lado da saudade de Belém, da mãe, dos irmãos, dos amigos, de Rege, principalmente, uma outra onda de sentimentos vinha à tona: vontade de enfrentar aqueles perigos, tornar-se mais forte, dominar

os obstáculos. Começava a sentir-se parecido com o pai, e dar-lhe razão em muitas coisas, quando dizia:

— A vida, menino, é luta. Viver é lutar.

Os próprios balateiros observavam a mudança. Eles, que esperavam o fracasso, viam nascer daquele menino quase imberbe uma outra figura, que lembrava Pedrão na mocidade. Principalmente a comandar, a saber dar ordens, coisa que jamais tentara na cidade.

Aquela altura já se encontravam a grande distância do Rio Maicuru. A floresta se mostrava densa e bela, embora não fosse impenetrável. Surpresas surgiam a todo momento. Assusta-se com um apito ao longe, como se fosse de locomotiva. — É jaquiranamboia, explica Purificação. Uma cobra que apita. Parece trem chegando. As árvores muito altas permitiam que os troncos sobressaíssem e as capoeiras não se tornassem tão compactas. Com o uso do terçado poderiam adentrar mais e mais, cortando galhos baixos, cipós e canaranas. Na rebolada que deviam explorar havia balateiras de vinte metros de altura, colossais, algumas até mais altas um pouco. Purificação fazia humor:

— Essas muito grandes são as virgens velhas. Tem mais de cem anos.

Mauro não cansava de admirar árvores tão belas, os galhos acinzentados e espessos, as folhas ovaladas, às vezes elípticas, com um toque de prata aveludada, ou glabras na página ventral, com uma leve penugem, pelos curtos e ásperos, esparsos, umas maiores, outras menores, obra-prima da natureza. Mauro passou a ter a atenção despertada para as plantas desde a estada em casa de Farripas, o amor por elas demonstrado por Laurinda neste ponto muito superior a Rege (comparava mentalmente as duas mulheres). Rege era moça da cidade, não demonstrava interesse pelas plantas e pelas flores; enquanto Laurinda todos os dias regava com as mãos as trepadeiras, na hora exata, quando o sol se fazia propício, afagava com as mãos aveludadas as folhas também aveludadas, via surgirem as flores, dava-lhes os nomes. As plantinhas todas tinham também os seus nomes vulgares ou científicos, que ela aprendera de cor, nos livros do pai ou pela tradição oral dos caboclos, que lhe traziam amostras novas colhidas na floresta. Mauro muito aprendera em poucos dias e agora, naquele deserto, sentia atração natural por todas aquelas espécies vegetais diferentes. Nenhuma igual à outra. Algumas agressivas, espinhosas, como se tivessem garras ocultas ou

à mostra, sempre prontas a ferir o animal que se aproximasse; outras tenras, delicadas, vivendo à sombra, mas rebentando em flores de todas as cores. Quando Purificação aplicou o primeiro golpe longitudinal em uma balateira, de alto a baixo no tronco grosso, (que três homens de mãos dadas mal abarcariam), pareceu sentir na pele o golpe, como se aquele leite branco e grosso que começava a jorrar fosse o seu próprio sangue, deslizando, deslizando, pelo sulco fundo, abastecido por outros sulcos longitudinais e paralelos, afluentes daquele riozinho aberto no dorso do vegetal. Mauro examinava tudo atentamente. A colocação dos embutidores, feitos da própria balata endurecida, vasilhame de pano grosso lambuzados de látex ressequido. Vendo escorrer o látex pelo tronco bruto, pensava nas flores daquela árvore imensa, flores pálidas, pequenas rotáceas, contrastando com o verde da floresta, arrumadas pela natureza em fascículos auxiliares. E pensava no mistério da natureza, capaz de produzir flores tão delicadas. sem ajuda do ser humano; e na pequenez do homem diante da obra de Deus. A mão do homem poluía a obra de Deus. Ao seu contato, as flores murchavam; os frutos secavam, as árvores mudavam de cor o viço verdejante de suas folhas amarelecia e se tornava ressequido como se estivessem no outono, isto é, nos limites do inverno. Quanta coisa reunida em uma só planta o látex, que podia ser bebido como leite ou industrializado; as flores delicadas; a madeira quase roxa, dura, mas dócil à serra e ao cepilho do marceneiro, excelente para construções navais, dormentes, obras hidráulicas, artigos de carpintaria, móveis, adornos, portas, forros e janelas, pronta a receber bem o verniz, porquanto a tinta a óleo retiraria a visão de toda a sua beleza suavemente colorida. E ainda mais era excelente combustível, com alto poder calorífico capaz de competir com outros combustíveis não vegetais. É uma planta generosa: queimada, em vez de reagir em torcimentos de dor, pelo contrário, desprende suave aroma, semelhante ao da canela da Índia. É o perdão da natureza ao ser humano, uma planta bíblica, que perdoa aos que lhe fazem mal e os regula com o sutil aroma, bálsamo e incenso.

Como se tudo isso não bastasse, ainda oferece frutos, semelhantes aos sapotis, grandes, ovóides, lisos, com massa comestível doce e saborosa ao paladar. Os morcegos são seus grandes fregueses. Regiam-se. Voltejam em bando sobre a planta indefesa, tomam-lhe os frutos e os transportam

e devoram no ar, lançando longe as sementes. Desempenham também o seu papel esses agricultores inconscientes, de feia figura e asas longas. Pagam o alimento com o prêmio da disseminação por toda a floresta de um sem-número de embriões, que irão germinar e transformar-se em árvores e frutos, à disposição do ser humano.

— Por que explorar a balata e não a seringueira? — indagara Mauro certa vez ao pai.

— É que a balata concentra 50% de guta-percha. Uma porcentagem enorme com aplicação industrial. Contém também muita resina, cerca de 44%. É uma dádiva de Deus, — respondia. Pedrão em arroubos de entusiasmo.

E prosseguia:

— Nunca se viu tanta qualidade reunida numa só planta!

E explicava que a balata é isolante, próprio para artigos elétricos, como telefones, telégrafos, aparelhos eletrônicos, iluminação, tendo aplicação variada na confecção de correia de transmissão, válvulas mecânicas, solas e até em cobertura de casas, com resistência perene.

— E você sabe mais? As folhas possuem qualidades antiparalíticas, com aplicação na medicina.

Mauro estudara botânica nos cursos primário e secundário. O professor falara em muitas espécies vegetais europeias: em parreira, em oliveira, nunca dissera nada sobre balateira. Até o professor de desenho, um português neurótico e minúsculo, colocava na parede uma folha de parreira em gesso, para que os alunos copiassem. Por que não utilizava uma folha de balateira, aveludada, peciolada, ovalada ou elíptica, modelo excelente e sugestivo? É que aquele professor, sem dúvida, jamais ouvira falar em balateira, em *demimusops bidentada* dos cientistas, fitoespécie da família dos sapotáceas. Em plena Amazônia, Mauro e seus colegas aprendiam tudo sobre outros mundos, menos sobre o seu mundo, a sua terra, a sua gleba, o seu torrão molhado, que atraía a atenção de sábios alemães e italianos e franceses e austríacos. Quanta riqueza reunida em um só vegetal, do qual nada se perdia, nem a madeira resistente e bela, capaz de perfumar o ambiente, se queimada; nem as folhas medicinais e ornamentais; nem os frutos comestíveis; nem o leite em condições de produzir artigos que nenhum produto sintético seria capaz de substituir!

Mauro às vezes se atrapalhava nos diálogos com os balateiros. Esses falavam indiscriminadamente em *maparajuba*, sinônimo para alguns de balateira; outros referiam a *muirapiranga-roxa*, expressões vulgares, algumas de origem indígena. Numerosas outras espécies da família botânica das sapotáceas poderiam confundir-se com a árvore da balata, ante olhos menos experientes, como a maçaranduba, a *Mimusops huberi*, e o caucho, *Castilloa ulei*, esta da família das Moráceas, tão conhecidas e explorada no Alto Amazonas, num processo predatório selvagem, com o corte sumário da árvore, para extração do leite.

Um novo amor nascia no coração de Mauro: o amor pelas plantas, que lhe incutira a filha de Farripas, em tão poucos dias. Sentia na carne quando Purificação fixava, com pregos, no tronco da árvore, o saco impermeabilizado com látex ressequido. Era o embutidor, com cinquenta por trinta centímetros. A pouco e pouco, aquela incisão de mais ou menos meio metro de altura ia se alongando para o alto, servida pelas incisões circulares e paralelas, circundando o caule. A operação repetia nos galhos, de preferência nos mais grossos, em cuja base se fixavam embutidores, com pregos, alimentados pelo leite que escorria de todas as direções. Em pouco tempo aquela planta seria um ser quase sem seiva. Sua beleza desaparecia: seu verde arrefecia; seu brilho se extinguia nas folhas aveludadas. Nem ao menos se poupava a espécie, fazendo incisões parciais, apenas de um lado da planta, como sugerir a Purificação o seu antigo patrão Antônio Duarte Brito, para que a árvore não secasse de todo. Dividindo-a em quatro faces a produção se reduziria para uma quarta parte, mas poupava-se o vegetal. Seria possível, pouco tempo depois, voltar à sangria, sem destruir totalmente a fonte. Todos riam da sugestão, dizia Pura. Queriam sempre mais e mais. A sobrevivência da espécie era problema alheio às cogitações dos balateiros, dos patrões e dos intermediários de Manaus e Belém. Estes jamais tiveram oportunidade de ver uma balateira de perto. Aquele látex representava dinheiro, o rei do mundo. E assim muitas plantas destroçadas sobreviviam ressequidas, com possibilidade de nova incisão depois de decorridos dez ou vinte anos. Outras morriam logo, seus galhos secos eram feridas na floresta. As reboladas, *bouquets* de copas a sobressair na floresta, pelo seu colorido diferente, tomavam-se hiatos na paisagem verdejante. Chagas na

mata, presentes dos homens à mãe-natureza. Não bastava a incisão com ferro no liber dos troncos, atingindo o lenho. Usavam ainda esporões de aço, presos aos pés e às pernas, a serem cravados nos troncos, e fios de aço, que contornavam a árvore e o corpo do batateiro, permitindo o fácil acesso. Urna longa experiência nesse trabalho bruto dava-lhes agilidade, subiam e desciam como se fossem artistas de circo, naquele abraço bizarro à árvore que estavam destruindo. O bicho-homem, assim preparado, parecia um estranho parasita que, num amplexo desesperado, sugasse o leite do vegetal para sua própria sobrevivência.

E ainda mais. Aproveitavam o inverno, quando o excesso de águas permite maior produção. De janeiro a agosto as forças da natureza inundam a floresta. Todo um aparato, um cerimonial é aplicado, desde a exploração preliminar pelos mateiros, a fim de localizar os grupos, ou reboladas; até a abertura de aceiros, que permitam bem delimitar o balatal, colocando as balateiras “em picos”.

É, também, maneira de prefixar o domínio sobre aquela área, que nenhum outro poderá penetrar durante a safra. Uma posse precária em terras devolutas.

Pedraão às vezes falava em fazer o transporte por via aérea, uma inovação dispendiosa e pioneira. Outros tinham a mesma ideia. Antônio Feitosa já iniciava a abertura de um campo de aviação para os lados do Curuá, em Alenquer. Era um sonhador. Desejava substituir os barcos por aviões. Reduzir as distâncias. Economizar o tempo. Propiciar fácil acesso às matas. Transportar, se possível, em avião, os blocos de balata. Mas isso era ainda um sonho, que o velho balateiro tentava concretizar, abrindo campo de aviação por sua conta, a braço. Um herói anônimo, visionário e empreendedor, sem auxílio de ninguém.

Tudo aquilo necessitava de uma engrenagem que pudesse funcionar normalmente. Qualquer evento imprevisto poderia transtornar os planos: a morte de um balateiro, a enfermidade, a suspensão das chuvas antes do tempo, com redução do nível dos rios, roubos e outros fatores que concorriam para perturbar todo o esquema prefixado. Os balateiros deveriam obedecer ao mateiro. E em cada grupo havia alguém com essa função. Purificação, no tapiri, era o mateiro, uma espécie de chefe improvisado, um responsá-

vel direto pelo serviço, ao qual todos prestavam contas. No primeiro dia de exploração Mauro, no fim da tarde, assistia a coleta do látex dos sacos embutidores, recolhido a outro muito maior, com dimensões de um metro por setenta centímetros, que é levado ao tapiri.

Uma grande cisterna fora cavada no solo. Mauro indagara curioso quando, na véspera, Zeca Andrade e Revoredo preparavam aquele enorme buraco.

— Para que serve isso, seu Revoredo?

— Amanhã você vai ver, menino.

Gente estranha, aquela. Por que Revoredo não explicou logo?

Depois de ultimado o buraco os dois homens o revestiam de látex, a fim de impermeabilizá-lo. A própria balata oferecia o impermeabilizante necessário aos sacos embutidores e à cisterna, esta com capacidade de cerca de cem litros.

Ao fazer-se a coleta dos embutidores no saco maior Mauro ficou observando as operações posteriores, todo aquele leite lançado na cisterna. Logo ela se encheria, tantos eram os sacos retirados dos troncos e dos galhos de muitas árvores da proximidade.

— Por enquanto vai tudo bem. Explicava Pura. As balateiras estão perto. Mas quando a gente tiver de carregar todo esse leite de longe, vocês vão ver a mão de obra que dá.

Na verdade, a cisterna logo ficou repleta. O fogo já estava preparado, com a bacia de ferro zincado, de regular proporção, pronta para receber todo aquele líquido, posto a ferver. Era preciso mexer com uma pá de madeira.

— Esse trabalho é seu, Mauro.

Falou Purificação, pondo-lhe nas mãos uma pá de madeira leve.

— Mexa bem, até engrossar.

Mauro se via agora na situação de um estranho cozinheiro, em plena mata, com uma “colher de pau” na mão, mexendo e remexendo aquela enorme bacia com a pasta branca fumegante. Tudo fora previsto. Dias antes Revoredo fincara ao chão algumas forquilhas, a regular distância uma da outra, com traves rústicas. Mauro não entendera bem para que serviria aquela gerigonça, mas evitou perguntas. Nem sempre Revoredo estava disposto a dar explicações.

Você depois vai ver. É o que diria Revoredo, homem de temperamento oscilante, ora alegre, ora triste, ora risonho, ora enfezado, ora afável como uma criança, ora azedo como um facínora.

— Quando a pasta ficar bem grossa você me chama. Orientou Purificação.

Mauro mexia. Trocava de mão a pá. Procurava descansar uns segundos. Mas logo recomeçava. Era preciso pôr em movimento aquela sopa, que lhe recordava uma história que lera em livro infantil adaptado, de uma bruxa que preparava a sopa do inferno, antes de vaticinar o futuro das pessoas.

— Desta vez eu vou virar bruxo. Ponderou Mauro, irônico.

A pasta fumegava, dava pequenos sopros. Mauro levantava a pá, a fim de verificar a consistência.

— Parece a sopa de pedras do “seu” Farripas...

Purificação, Sidônio, Revoredo e Zeca Andrade se dedicavam a outros serviços. Revoredo levava embutidores de volta para o tronco de balateiras a serem sangradas. Purificação ajustava novas forquilhas ao chão. Zeca Andrade cortava madeira, com diversas finalidades. Sidônio vez por outra olhava a fogueira menor, em que deviam preparar o jantar. Ali uma outra sopa poderia surgir, não de látex, mas de carne de veado ou de anta, ou de macaco.

A pasta endurecia, pegajosa e elástica. Mauro chama Purificação. Estava no ponto. O trabalho agora consistia em estender toda aquela massa, em lâminas, sobre o pau horizontal, com as extremidades apoiadas em forquilhas. Outra fase da operação lhe foi ensinada. O “puxamento”, a sova, a amassadura manual, enquanto a pasta esfria. Faz-se o espichamento, a lavagem para retirar impurezas. Retiram-se folhas, pedaços de madeira, gravetos, entranhados no látex, lavado a água fria, surrado a pau e amassado com as mãos, como se fossem bizzaros padeiros, em plena selva.

Com o contato da água a pasta esfria, é preciso sová-la e tratá-la com rapidez e perícia. Terminada a operação aquelas lâminas são colocadas, ainda moles, em formas de tábuas, cada qual com as dimensões de setenta centímetros de comprimento por cinquenta centímetros de altura e vinte e cinco centímetros de largura. São caixotes, revestidos de folhas verdes, a fim de isolar o látex da madeira.

Purificação, com imensa experiência, a tudo comandava. Já preparava vários tornos de madeira, que colocava no interior daqueles caixotes, antes de neles depositar o látex. E explicava:

— Quando a balata esfriar de todo e endurecer, a gente tira da forma.

E descia a minúcias:

— Essas folhas verdes impedem que a balata grude no caixote. E o torno é para que fique um buraco atravessando o bloco. Isso facilita transporte, passagem e prova para o americano que o bloco é maciço, não tem bandalheira.

— Que quer dizer isso? Indaga Mauro, curioso.

— É o seguinte. Se o bloco for maciço, o comprador quer que corte ao meio, como faz com a borracha. Isso porque antigamente alguns seringueiros enchiam de pedra, pau e outras porcarias as pelas de seringa. Quando o americano colocava a borracha nas fábricas, dentro só tinha pedra e até barro. Quebrava as máquinas. Sujava tudo. Dava um prejuízo danado. Americano passou a exigir que borracha vá cortada.

— E com a balata não é diferente?

— Não. Já houve balateiro que colocou pedra dentro. Até esse barro de barranco, argila, eles davam jeito de misturar. Barro branco aguado fica parecido com o leite de balata. Mas quando chega na América o exame de laboratório acusa.

— Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão. Interfere Revoredo. O americano rouba a gente por um lado, a gente rouba ele por outro.

— Aqui não. Fala firmemente Purificação. Nos balatais de Pedrão não se faz isso. Nosso produto é de primeira. E conhecido. A gente bota esses tornos para deixar o bloco furado. A balata é pura.

— O senhor faz a purificação... — zomba Mauro, bem-humorado.

— Isso mesmo, moço. Purificação tem que ser completa. Comigo não tem porém. Quando a gente for transportar a balata pelo rio, no fim da safra, você vai ver para que servem esses furos. Passa por eles o fio de aço, que forma a lingada, com madeira leve. É só jogar no rio e seguir a correnteza.

— E quanto tempo vai ficar nesses caixotes?

— Três dias chegam. Daqui a três dias isso está tudo durinho. É só tirar das caixas e ferrar.

— Ferrar?

— Sim. moço, ferrar, como quem ferra bezerro. Pôr a marca do dono, com ferro em brasa. É o sinal do proprietário. Evita roubo e em caso de extravio, na baixada, sabe-se o nome do dono.

Mauro aprendia muita coisa. Mas haveria ainda a aprender com aqueles homens rústicos.

— E o transporte disso tudo até a beira do rio?

— Você vai ver, moço, quando chegar a hora. E se prepare para ajudar. Tem que carregar nas costas. Cada bloco pesa pelo menos sessenta quilos. Você tem que comer bem para estar forte. É trabalho de homem.

Mauro já não se assombrava muito com tais ameaças. Sua alma, cada dia que passava, mais se desprendia de certas lembranças da cidade. Só o inesquecível permanecia: D. Santa, Rege, as festinhas da casa de Orlando, a alegria irresponsável da juventude rica e despreocupada. E o ano de estudos perdido, tanta matéria a rever, os colegas de turma passando adiante, com possibilidade de formar-se antes dele. E Mauro se embrutecendo, mas aprendendo coisas que nenhuma escola ou universidade ensina com tanta perfeição: a luta pela sobrevivência em plena floresta e o trato com o ser humano. A gargalhada do urutai o assombrava. Era como se a floresta es- carnesse da luta dos homens.

Já se adestrava no uso do rifle. Tentava caçar e até abatera uma anta nova, num tiro feliz. Sua curiosidade, porém, se satisfazia com outras que nem sequer despertavam a atenção dos balateiros: a variedade botânica da mata, o desejo de satisfazer o amor de Laurinda pelas plantas. Se pudesse, levaria de volta para ela amostras de orquídeas desconhecidas. Ainda não lograra encontrá-las, mas seus olhos sempre procuravam, em cada expedição pelos arredores, o refúgio em que se encode do mundo, solitárias e belas.

Evitava sempre recordações. Elas o machucavam muito. Somente à noite sentia-se indefeso, com aqueles ruídos indefinidos, da floresta, gritos de animais que não via, grunhidos das guaribas ou canto de pássaros, na auro- ra. Os ruídos noturnos eram diferentes. Mil seres despertavam. Pirilampos cortavam o negrume da noite. A vida se limitava em horizontes estreitos. Os equipamentos de que dispunham eram os mais rudes possíveis: esporões de ferro, cintos de balateiro em cabos de aço, pás de madeira para mexer a pasta incandescente, sacos de pano para formar embutidores revestidos de

látex, sacos maiores para os “transportadores”, peneiras de telas, lanternas de pilhas, faróis a querosene, machados, facões, trado de madeira para furar as boias de flutuação, cabos de aço de 7m x 1/2 polegadas, cafeteira, facas, lima de aço de 8 polegadas, pratos inquebráveis com talheres, canecos, três mudas de roupa para cada balateiro, botas de borracha.

Eram indispensáveis os medicamentos, especialmente para distúrbios digestivos, e malária; mantimentos, consistentes em café, farinha, sal, conservas, açúcar. Cigarros e fósforos eram necessários. E munição para as armas.

Todo o mundo se reduzia àquele pequeno mundo no meio da floresta, ouvindo o tique-taque do pica-pau nos troncos, o coaxar dos sapos, a gargalhada do urutai, o apito da jaquiranamboia e os uivos das guaribas. Só agora Mauro compreendia por que D. Santa lhe dizia, quando estava gripado e tossia cavernosamente:

— Este menino está com tosse de guariba!

Nada poderiam desejar além do que dispunham. E se acabasse, ou se perdesse qualquer daqueles materiais, dificilmente conseguiriam outros. Seria o começo do fim.

Na Terra de Ninguém



Mauro, em plena floresta, mal podia imaginar o que se passava em Belém e em Monte Alegre.

Os jornais, de política contrária a Pedrão, divulgavam notícias tendenciosas, com manchetes enormes, alterando os fatos. O *Radical*, na seção criminal, criava um novo apelido para Mauro: “a fera dos balatais”. Pobre Mauro! tão jovem e inexperiente, era agora, para aqueles jornalistas, um criminoso vulgar, uma fera, que se tomava necessário enjaular, levar às prisões. As manchetes causavam desespero a D. Santa: **DECRETADA A PRISÃO PREVENTIVA DA FERA DOS BALATAIS**. Ou então: **EXPEDIDA PRECATÓRIA PARA PRISÃO DA FERA**, ou ainda: **JUIZ SEM MEIOS PARA PRENDER A FERA NOS BALATAIS REQUISITA FORÇA POLICIAL**.

Dr. Clodomir criticava. São tão burros que não respeitam nem mesmo o português. Devia ser “o fera dos balatais” e não “a fera”. Que insultem apenas um inocente e não dois: Mauro e a língua.

Toda a enxurrada de substantivos e adjetivos se acumulava nas linhas impressas. Mauro deveria ser preso. Era réu de morte. Enquanto isso os jornais simpáticos à política de Pedrão defendiam o jovem. Não, não havia nada daquilo que se dizia, tratava-se de um inexperiente rapaz, ainda estudante, vítima de uma brincadeira de mau gosto, arrastado por alguns ruins companheiros. E não cometera crime algum. Não fora ele. Estava sendo objeto de perseguição por ser filho de homem rico e político. A riqueza e a política atraíam malquerenças, inveja. Grande parte dos homens que serviam à polícia e à justiça simpatizava com a política do governo do estado, à qual se opunha Pedrão. Ser oposicionista era pôr-se na mira de muita gente. Todas as armas seriam utilizadas, desde a calúnia e a injúria à perseguição fiscal e policial.



D. Santa sofria por todos. O terço na mão, rezava dias e noites. Pedia a N. S. de Nazaré proteção para o filho. Que o salvasse! Subiria as escadarias da Basílica de joelhos, depois do Círio de Nazaré, no segundo domingo de outubro. Se arrastaria pela laje fria. Mas salvasse o seu filho àquela hora perdido no meio dos balatais a centenas de quilômetros de Belém! Nunca menos de setecentos quilômetros de distância, de água e selva.

Havia no ar um cheiro de pólvora, de revolução, de baderna. Cada vez as correntes adversárias se acirravam mais em seus ódios. Ódio inferior, que afastava amigos, indispunha parentes, insuflava vingança. Ódio que se alimenta de sentimentos espúrios e explode em convulsões coletivas. Vez por outra se incendiava um jornal, ou se matava impunemente um adversário, da capital ou interior. Noticiário de dois dias apenas. Depois o fato caía no esquecimento, salvo quando fosse especialmente alimentado pelo fogo da imprensa adredeamente preparada para insuflar.

Era o caso de Mauro. Diziam os jornais que o chefe de polícia preparava expedição armada, por requisição do Judiciário, a fim de dar cumprimento ao mandado judicial de prisão, onde quer que fosse encontrado o réu. O juiz de Monte Alegre, com meia dúzia de serventuários desarmados, nada podia fazer. A polícia local, por sua vez, estava reduzida a alguns soldados mal armados e também não devia afastá-los da delegacia, sob pena de os presos se evadirem. Xadrez do interior, em que uma abertura no telhado ou um bom empurrão nas grades pode dar saída aos infelizes detentos.

Mas como? Interrogava Pedrão desesperado! Como irão prender meu filho na mata? Os soldados não estavam habituados à vivência na floresta. As feras e os espinhos os afugentariam; as cachoeiras só seriam transpostas por mateiras habituados àquela vida. Além do mais, em qual balatal iriam procurá-lo, se Pedrão os possuía em Alenquer, no Curuá, no Trombetas, no Cuminá, no Paru, no Maicuru e no Jari? Qual o traidor que forneceria as pistas, indicando exatamente onde se escondera o filho? Além do mais, dera ordem para que os balateiros penetrassem fundo na floresta, procurassem se afastar do Maicuru em busca das margens do Paru. Poderiam subir por um rio e descer por outro. Seis meses de circuito, enfrentando tantos perigos, em centenas de quilômetros, não permitiam que os perseguidores, em curto prazo, atingissem o seu objetivo. As autoridades policiais e judiciárias, sem

dúvida, não sabiam o que é viver na selva, romper a selva, numa vida de combates permanentes, em que é preciso defender e atacar no momento oportuno. O perigo está em toda parte.

Amigos aconselhavam Pedrão a enviar emissários a procura de Purificação, a fim de dar-lhe aviso daquela expedição policial-militar. Talvez fosse aconselhável, mas trabalhoso e difícil. Os homens de Clodoaldo saberiam onde encontrar Mauro. Expediria ordens nesse sentido. Bastavam dois mateiros experientes, que alcançariam o objetivo antes da força militar. Levariam recomendação para se aproximarem do rio Paru, já em outro município, o de Almerim, e outra comarca judiciária. Temia Pedrão um atrito na selva, muito embora julgasse que seus homens levariam vantagem. Todos estavam armados. Num tiroteio cerrado os policiais saíam perdendo. Os balateiros estavam habituados a caçar onças e maracajás. Sabiam disfarçar, formar emboscadas. Um valeria por dois ou três. Mas as consequências desse combate seriam piores ainda. A vida de Mauro estava em risco. Poderia ser baleado e morto, largado em plena selva, sem sepultamento, exposto aos urubus. Sonhos pungentes perseguiram D. Santa, à noite. Via o filho crucificado, pendurado em dois galhos de balateira, o sangue pingando no chão e ao atingi-lo as gotas se transformavam em chamas. Um pesadelo terrível, que durante todo o dia a acompanhava na lembrança e no coração.

Pedrão, todavia, contava com a colaboração dos políticos de Monte Alegre. Clodoaldo, habilmente, controlava toda a situação local. Preparou bom esquema. Se chegasse o contingente policial, combinou com o prefeito, dir-se-ia que Mauro fora para os balatais de Alenquer, no Curuá, perto do campo de aviação que Antônio Feitosa começava a abrir, no encontro das cachoeiras, no lugar chamado Confusão. Seria uma boa saída. O campo da Confusão traria maior confusão ainda. Ninguém sabia no município para que lado fora a expedição de Purificação e Neco Dantas. Somente Farripas e sua família, instalados nos confins do Cuçaru. E Farripas, muito leal, nada revelaria. A ordem era desviar o contingente para as terras de Alenquer, para o Curuá, ou para o Trombetas e seus afluentes. Estariam perto do Pacoval, o quilombo de negros enquistado na floresta. Descendiam de antigos escravos de Marajó, foragidos no tempo do império e refugiados naquele lugarejo em que se aclimataram, formando um povoado com os ritos, os alimentos, os

costumes, tudo africano, em plena Amazônia! Farripas, nas longas conversas com Mauro, falara a respeito do Pacoval, e sugerira mesmo:

— Você devia conhecer esse lugar! É um povoado de negros puros, com costumes africanos.

Farripas não cansava de descrever o mocambo dos negros, com hábitos africanos, a dança típica, o *marambiré*:

*Auê, auê
Cambinda, aluá,
A vida do preto é triste penar,
Auê, auê
Cambinda, aluá.*

Recitava versos que ouvira por lá:

*Pacoval dos pretos velhos,
Dar cor das noites escuras
Tem madrugadas na alma
E luar nas dentaduras.*

Clodoaldo, porém, resolvera outra coisa. O destino seria Maicuru, com opção por um desvio na mata para o Rio Paru. A selva ali, embora densa, seria de mais fácil acesso, os rios são mais definidos, a terra firme, embora as cachoeiras atrapalhem a navegação. Mas até isso Mauro teria oportunidade de ver: as cachoeiras do Paru, um dos mais belos espetáculos do mundo, desconhecido de milhões de brasileiros.

Em viagem a Belém, Clodoaldo ponderara a Pedrão:

— Precisamos ganhar tempo. Esperar as eleições. Se nosso general vencer muda tudo de figura. A polícia e os cartórios ficam logo do seu lado. Poder é poder. Meu pai dizia que o governador é como a cozinheira com uma cuia de milho na mão. Basta fazer: tô... tô... tô... e os bichinhos todos correm para pegar o milho...

E ria bonacheirão, as faces gordas e rosadas.

— E o destacamento policial? Indaga Pedrão.

— Já combinei tudo, à socapa. O prefeito vai indicar um mateiro, que servirá de guia. Vamos mandar o João Foguete, gente nossa. Vai desviar o rumo para o Curuá. Daqui a dez anos ainda não encontraram Mauro. A mata é o nosso último refúgio. A nossa defesa. Você não conhece a história do Cabralzinho, do Amapá, na luta com os franceses! Quando o oficial francês mandou saquear e fuzilar, a população se refugiou na mata. Cabral só não foi eliminado porque teve a floresta como refúgio. É nossa proteção.

Os dias, para Pedro, passavam vagarosamente. As preocupações também abatem os fortes. Sentia-se avassalar por estranhas ideias. A mulher o acalmava, mas ela própria, abraçada com a fé e crendo em todos os santos, rezava, rezava, rezava. Era sua salvação.

Astrogildo, com os problemas de Alenquer, via-se a braços também com a justiça e a polícia. Acusavam-no de acoitar o sobrinho. Um bom pretexto para desviar o contingente policial para outro município. Pedrão conseguiu que a *Folha do Povo* desse uma nota informando que Mauro se refugiara em terras do tio, em Alenquer. Talvez pegasse o estratagema.

O advogado, por sua vez, aconselhava:

— Deixa ir a expedição policial. Não vai dar em nada e ganhamos tempo. Nosso aliado é o tempo. As coisas esfriam. Vêm aí as eleições. Se o general for vitorioso você vai ver que vão conceder a Mauro diploma de honra ao mérito. Vai ser eleito sócio benemérito da Associação dos Jovens Filantropos do Pará ou do Clube Atlético Futureense. O negócio é ganhar, vencer. Aos vencedores as batatas, já dizia Eça de Queiroz.

— Eça de Queiroz? Não é um escritor cearense? Indagava Pedrão em sua ingênua ignorância.

— Seu Pedrão, seu Pedrão! Você não nega que já viveu no campo da Confusão, em Alenquer. Está confundindo Eça de Queiroz com Rachel de Queiroz. Todos dois são escritores famosos, cada qual melhor, mas ele é homem e português; ela é mulher e cearense, autora daquele livro que você deve ler: *O quinze*, uma obra-prima. Vou lhe dar um de presente.

— Bom doutor, eu em letras sou fraco. Só entendo de letras de câmbio e notas promissórias. Gosto muito de ler, mas não sei onde começa nem onde termina a estória. E quanto a autores esqueço logo o nome. Quando eu era menino só me davam sopa de letrinhas...

O destino de Mauro, portanto, dependia da política, mais do que de outros fatores secundários. Os negócios de Pedro também sofriam as influências, boas ou más, da famigerada política. Exportar por Belém ou Manaus dependia também desses motivos imperceptíveis ao homem comum. Marcos Benacron em Manaus e Samuel Benaury em Belém se alternavam nas preferências. Mas essas preferências deviam ser definidas por antecipação, por serem financiadores. Uma vez firmados os contratos, não havia como fugir ao seu comprimento. Recebera dinheiro daqueles comerciantes, os quais, por sua vez, eram intermediários dos americanos e ingleses.

Benacron advertira:

— A exportação este ano está ameaçada. Os americanos compraram as fábricas da Inglaterra.

— E por que a ameaça? indagara Pedrão.

— Acabam com a concorrência inglesa e vão impor o preço. Há perigo de baixa. Os importadores ingleses de agora por diante nada mais são do que agentes dos americanos.

Pairava sobre a região mais esse flagelo. Centenas de famílias, que viviam da extração da balata, sentiriam na carne os resultados do truste internacional. Nem passava pelas cabeças daqueles homens incultos, que sacrificavam a saúde e a vida na floresta, o que poderia ser um truste, um monopólio, um *pool* e outras maquinacões diabólicas dos magnatas internacionais. Nada mais seriam do que pobres servos da terra, escravos de muitos senhores, estes sem compromisso maior a não ser o de pagar o preço que eles próprios impunham. Governo? Onde estava o governo? Às voltas com a política estreita dos bastidores, grupos ambiciosos de ambos os lados, uns, na oposição, querendo salvar o mundo, mas só da boca para fora, outros, com o poder e o dinheiro do estado, manipulados mediocrementemente, cercados de vorazes ambiciosos. Os horizontes dos homens públicos muito limitados. Incultos e sem visão política, vivendo de empregos e favores, sem grandeza nem ideal. Os leprosários se enchendo de enfermos; o de tuberculosos com a construção paralisada, imensa ossatura de cimento e ferro de mais de dez andares, com os matos entrando pelos orifícios, que deveriam ser portas e janelas; a filariose penetrando pelas casas com os minúsculos carapanãs e se revelando, já tarde, quando a perna inchava irreversivelmente; as crianças

sem escolas e os chefes políticos, dos dois lados, batendo no peito castrense, bem nutrido com os feijões da pátria, uns dizendo-se redentores do estado, outros apegando-se a argumentos vulgares e regionais. Tudo isso dentro de uma natureza portentosa, de uma flora que deslumbrara Humboldt e Agassiz, de uma fauna arrasada pelos exportadores e contrabandistas de peles de crocodilo, de onça e de outros animais; banquetando-se com os quelônios que mais e mais rareavam nas mesas pobres e nos mercados; e uma riqueza mineral que a própria imaginação não encontrava forças para medir. Que gerações de gigantes poderiam algum dia surgir para dar à gleba o merecido valor, quando aqueles homúnculos desaparecessem e dessem lugar a outros mais capazes de conduzir a região a nobres destinos? Quando? As próprias escolas, seguindo os métodos do sul do país, impostos por alguns reformadores medíocres nascidos em outras terras, não propiciavam aos meninos o ensinamento do que estava em redor. Ensinavam que a capital da Inglaterra se chama Londres e da França, Paris, mas incapazes de mostrar no mapa cidades como Marabá e Altamira, perdidas na selva, cercadas e minerais por todos os lados.

A Amazônia devia a sua sobrevivência como parcela política da nação ao espírito desbravador de homens como Pedrão e muitos outros, alguns nordestinos, como José Júlio de Andrade, filho do Ceará, proprietário de um império que se estendia do Rio Jari ao Xingu; de um José Porfírio, outro imperador caboclo das margens do Xingu, desbravadores à sua maneira, donos de navios numerosos e terras, que exploravam, cada qual a seu modo, acusados e atacados como exploradores do trabalho servil de milhares de homens, mas, de qualquer forma, desempenhando um papel social, que, se fosse eliminado, transformaria tudo num imenso deserto verde e inaproveitado. Eram um mal necessário, numa fase histórica determinada. Sem eles, teria sido melhor, ou pior? O seu luxo era ter belas casas, viver bem, sempre muitos amigos ou falsos amigos em redor, longas temporadas em Paris, a frequência periódica da Ópera e da Comédia francesa, *nouveaux riches* com grandes anelões de brilhantes nos dedos. Cada rio possuía o seu imperador. No Tapajós, Raimundo Brasil, nordestino também, caboclo no Baixo Amazonas e milionário em Londres, de casaca e cartola. São os milagres da cartola: um filho de imigrante de mãos calosas, moreno como

um mouro ou louro como um celta, vestido de casaca e cartola pode ser recebido até pela rainha da Holanda. Parece figura de manequim, ou de museu de cera. Olhado por fora dá aparência de um grande senhor. A altura, a pose, a cara prussa pode emprestar-lhe o aspecto de um grande senhor; mas, olhando de perto, põe à mostra a mão operária, a alma rural, a estrutura mais apropriada a puxar arados e manejar enxadas do que a de lidar com as coisas públicas. São homens que, imitando os muars, dão coices morais.

Era o caso de Pedrão, homem rústico, em que nem as cartolas poderiam dar outro aspecto, no seu dom de fazer milagres e transformar as pessoas. Seria sempre um patrão de balateiro, rico embora. É que a figura no trato, a delicadeza na alma, o apuro no gosto e na sensibilidade se formam lentamente, em gerações e gerações que se educam, que se aprimoram, formando o homem do futuro. É o berço o grande estigmatizador das personalidades com nobreza na alma e no coração. O berço que faltava a Pedrão e que sobrava em D. Santa, suave e amena criatura, sempre a orar pelo filho, sua esperança. A educação platônica, que começa, cem anos antes do nascimento.

A política no estado se fazia à base de desaforo e pancadaria.

Delegado Carlindo, com cara de anjo decaído, achava graça quando lhe contavam que o comissário Epaminondas aplicara um “telefone” num preso e este ensurdecera. Ficara mouco, não ouvira nada mais. Com as duas mãos para o alto o comissário se especializara neste estranho mister: tapa nos ouvidos, e dos dois lados. Um telefone sinistro que estourava com os tímpanos do mortal. Nenhum sentimento nobre poderia vicejar em tal ambiente. Para mudar era preciso alterar tudo, até o curso da história, desde a chegada da Caldeira Castelo Branco, o fundador da cidade, em 1616. Recomeçar tudo de novo, desde o Forte do Presépio. Por isso Pedro se inquietava quando refletia na situação do filho, caso fosse aprisionado. Que fariam com ele aquelas autoridades sinistras, bizarras guardiãs da lei?

No interior tudo seria possível. Recordava o episódio trágico ocorrido em Alenquer, Raimundo Santiago Sobrinho assassinado, em pleno balatal das Sete Varas, no Curuá, pelo negro Geraldo, balateiro que ele próprio financiara. Geraldo, vendo-se com a produção na mão recusou fazer a entrega a Santiago, patrão de muitos balateiros e por todos estimado. Eliminou o patrão, julgando, com isso, apropriar-se de toda a balata. Preso por um piloto

de avião civil e levado para Alenquer foi recolhido ao xadrez. Treze balateiros desceram o rio de canoa e atacaram a delegacia, afugentaram os guardas, invadiram o xadrez e massacraram o prisioneiro, que tentava se defender com uma pequena mala de madeira. Mais de trinta tiros de revólver e espingarda, dentro da própria delegacia, acabaram com a vida do criminoso.

A violência era geral. A polícia mostrava-se muitas vezes impotente. A justiça pelas próprias mãos, em certos casos, constituía o último recurso. Mauro estava também exposto a agressões gratuitas. Felizmente Purificação o protegia, com sua autoridade de velho batalhador da selva, por todos respeitado. Zeca Andrade e Revoredo também possuíam bons antecedentes, embora se mostrassem naturalmente rudes e às vezes agressivos. A agressão neles era de seu natural. Não se confundia com a ferocidade de outros.

O pensamento de Pedro oscilava, ora se fixava nos tumultos da polícia, ora em Clodoaldo, ora nos estrangeiros implacáveis no momento de cobrar o cumprimento do contrato, ora nos balateiros Neco Dantas, Ernestino, Manoel Pedreira, Sebastião Silva, Zózimo para um lado e Purificação, Revoredo, Sidônio, Zeca Andrade para o outro; ora no filho enfrentando lutas, que ele bem conhecera na mocidade, e que costumava chamar “a sua universidade”.

Sim, Mauro estava agora cursando a “universidade da selva”, dizia Pedrão, tentando encobrir com uma ponta de humor o desespero que o assaltava por dentro. Subir o Rio Maicuru em canoa já era uma aventura para muitos meses, seguir por um dos afluentes, talvez o Igarapé Honorato, ou o do Bicho ou mesmo o Apolinário, mais distante, em busca do curso do Paru, era aventura para bom mateiro. No seu íntimo, por vezes, sentia-se orgulhoso do filho, imaginava-o em pleno balatal ajudando os mateiros a cortar lenha, a fazer fogo, a retirar embutidores, a ferver látex, a surrar as lâminas ainda mornas e, ao fim de tanto trabalho, ver amontoados os caixotes com a balata já dura, pronta para receber a marca de ferro em brasa. Pena é que não ultrapassasse o Rio Paru, seguindo no rumo do Jari, uma das regiões mais ricas do mundo, e não fosse conhecer a “Grota Rica”, a mina de ouro perdida na selva, com uma reserva ainda incalculada. Pedrão incluía entre os seus planos mandar explorar aquela mina, da qual já conseguira certa vez cinco quilos de ouro. Mas os homens empregados no garimpo o enganaram, apresentaram produção menor, ficaram com a parte do leão, fugiram.

Outros metais podiam ser explorados naquele trecho entre o Paru e o Jari, o manganês, a bauxita, o feldspato, o ouro, o urânio. O de menor valor era o caulim, mas para servir de cortina de fumaça era o que aparecia nos relatórios: o caulim do Paru e do Jari, quando, na verdade, o que havia muito ali era ouro, o Eldorado, tanto assim que havia até um monte ou serra chamada Monte Dourado. Dourado de quê, se não de ouro? Não podia ser dourado de caulim. Pedrão sabia de tudo. Ouvira certa vez de Zózimo, que por lá andara trabalhando em serraria. Havia uns estrangeiros que exportavam madeira em toros. Em certas partes da serraria nenhum brasileiro podia entrar. Corria a notícia de que retiravam todo o miolo do tronco e o enchiam com minério. Depois refaziam a abertura, com madeira e resinas. Quem ia lá descobrir o que se achava dentro. Seriam pedras? Havia também diamantes a valer e outras pedras semipreciosas, entre elas ametistas muito roxas, cujas amostra Pedrão trouxera para Belém e serviam de brinquedos das crianças, rolando pelo chão. A este tempo Mauro era muito pequeno e se divertia enchendo carinhos de boi, caminhõezinhos com ametistas, grosseiras embora, porquanto eram simples amostras, sem valor comercial, ou com amazonita, um tipo de feldspato.

E Pedrão se fixava nessa expressão “sem valor comercial”, que servia para justificar tudo. De vez em quando o jornal dava que fora encontrado um tal metal em tal lugar. Era aquele corre-corre, aquela agitação, mas os técnicos diziam que a produção não tinha valor comercial. O Brasil precisando de petróleo. Nada de encontrar. Quando aparecia em algum ponto era aquela vibração em todo o país. Manchetes enormes: ENCONTRADO PETRÓLEO NO FURO DA MUCURA. Furo da Mucura devia ser algum lugar perdido no mapa, tão pequeno e desconhecido que ninguém sabia onde ficava. Lá iam os técnicos examinar. Eram assessorados por gringos. Vinha depois a notícia: NÃO TEM VALOR COMERCIAL. Diabo de expressão que perseguia o Brasil. Nada aqui tem valor comercial. Basta atravessar a fronteira, entrar no Peru, na Venezuela, na Colômbia, na Argentina e do lado de lá há petróleo. O Brasil já nasceu alérgico a petróleo, alergia ainda não compendiada pelos médicos de nações enfermas. No seu rude entender Pedrão às vezes se exaltava:

— O que é preciso é quebrar a cara desses técnicos! Quebrar mesmo! Fazer de uma duas! São uns vendidos! Essa nação enorme, gigante pela

própria natureza, dormindo em berço esplêndido o tempo todo, sem levar uns tapas para acordar.

Dr. Clodomir ponderava:

— Os gringos não deixam. Isso só conserta quando tivermos um presidente como aquele do México, o Juarez. Estamos precisando de um Juarez, índio mesmo, nada de gringo. O Brasil é lusitano, negro e índio, seu Pedro. Você vê, por exemplo, o que foi o Império e a Primeira República.

— Qual a diferença?

— O país era pobre, mas tinha homens notáveis. Veja um Prudente de Moraes, um Rodrigues Alves, um Wenceslau Braz, um Artur Bernardes, um Eptácio Pessoa, um Washington Luís, todos tinham nomes de origem latina. Eram figuras respeitáveis, prata da casa. A respeitabilidade não está só na cara. Estava dentro, bem dentro deles. Deixavam o governo e iam para casa, com dignidade, sem pensão sem nada.

Pedrão esquecia um pouco as suas amarguras com aquelas longas conversas. Queria salvar o Brasil, mas não tinha forças. Ele mesmo estava a serviço inconsciente de capitais internacionais, que, de qualquer forma, eram também a sua salvação pessoal. Sem tais financiamentos, Pedrão teria que voltar a ser o que fora na mocidade: trabalhador braçal, um pária perdido no deserto amazônico. Até sentia vontade de dar vivas ao capital internacional, sem o qual não sobreviveria. E pedia a D. Santa que rezasse por Benacron, sua salvação, e da sua família.

Os nacionalistas que se danassem!

Os Amotinados do Jari



Três meses de vida na floresta já representavam, para Mauro, uma existência. Não parecia mais o mesmo menino medroso dos primeiros dias. Aprendera duras lições com Purificação, Sidônio, Zeca Andrade e Revoredo. A lei era “adaptar-se ou perecer”. Não havia muito tempo para lazer. Só trabalho e vigilância, de dia e de noite. A balata se acumulava nas formas. Convinha colocá-la em lugar seguro, coberta de folhas de ubuçu. Não havia perigo de roubo. Àquela distância, quem haveria de alcançar tão fundo o coração da mata? De qualquer forma, dizia Purificação, “seguro morreu de velho”, era sempre conveniente esconder a produção em face dos constantes deslocamentos. Poderiam surgir índios. Naquela primeira rebolada de balateiros haviam sangrado oitenta árvores. Levantaram acampamento e seguiram em direção leste, sempre no rumo do Paru. A balata, eles a carregavam nas costas, quando o afastamento fosse maior e em caráter definitivo. No segundo acampamento conseguiram sangrar cinquenta árvores. Mesmo assim era pouco. Depois de alguns dias de caminhada localizaram outra rebolada maior.

— São mais de cem balateiras! Exclamava exultante Purificação.

Cada homem, ao final da safra, deveria ter cortado pelo menos duzentas unidades. Os três precisavam atingir o considerável número de seiscentas balateiras, sem contar a colaboração de Mauro. Esse não se arriscava a usar os esporões nem o cabo de aço, enfiado em argolas, presas ao cinto. Assim mesmo ainda experimentou duas ou três vezes teimoso, mas verificou que sua inexperiência não permitia competir com aqueles mateiros, criados em atividade tão bruta.

— Você corta por baixo. Ordenava Purificação.

Mauro fazia as incisões iniciais, no tronco, formando as calhas baixas. Já era uma boa ajuda. Não carecia subir pelos galhos a alturas consideráveis, como o fazia com gosto Revoredo. Mauro ficava no solo, enquanto os outros



galgavam as árvores. Vez por outra Revoredo advertia:

— Cuidado com onça, seu moço! Se aparecer atire logo na cabeça.

Tudo dependia do sítio em que se concentrassem. Ao atravessarem os alagados, Purificação, à noite, gostava de caçar jacarés. Mauro nunca imaginara uma caça de jacarés, em pleno negrume noturno. Utilizavam lanternas, cuja luz riscava o pantanal. Os olhos do jacaré atraíam, eram dois holofotes imensos em pleno breu noturno. Dois holofotes que avançavam, avançavam, e ofereciam alvo certo para a pontaria. No dia seguinte mudava o cardápio. Em vez de carne de anta, mutum, veado ou macaco (que Mauro não apreciava), fartavam-se com jacaré na brasa.

Cada deslocamento trazia uma série de trabalhos novos. Ficava o tapiri na mata. Se pretendiam voltar, todos os apetrechos também aguardavam ali o regresso, salvo o necessário ao trabalho e à defesa: a espingarda, o facão, os esporões, o cabo de aço e as pequenas outras coisas. Se a transferência se tomava definitiva, teriam que transportar tudo. A balata aumentando. Carregada nas costas, de tombo em tombo, até atingir o ponto de destino. Exercício também para Mauro.

À noite, depois da fervura do látex, era a hora da “janta”, único momento em que Revoredo desanuviava o semblante, narrava episódio de sua terra, o Rio Grande do Norte, de onde viera acossado pela seca devastadora do sertão.

Revoredo não esquecera, entre os seus teréns, a velha viola, já polida do manuseio por tantos anos, mas sempre boa de som. E cantava a estória de Frei Damião, padre italiano, místico, que durante decênios percorria a pé o Nordeste brasileiro, em peregrinações e pregações. Diziam-no milagreiro. Ninguém o conhecia por Padre Bozzano, seu apelido de família. Pra todos era Frei Damião, o santo, sucessor de Padre Cícero. E cantava a modinha que conservava na memória, de autora do cantador de nome Pontual:

*O mundo já deu 3 tombos
Com outro mais ele vira.
Então depois de virado,
Ninguém mais desarrivira.
Jesus não é vingativo,
Porém se enche de ira...*

E logo mais:

*Eu peço a quem for ateu,
que mude de opinião,
Vá à missa e se confesse,
Quem pede é Frei Damião.
Apostolado divino
Da Virgem da Conceição.*

Outras vezes recordava o “Boi Calemba” de sua terra natal:

*Abri-me a porta, senhor,
na serena madrugada.
Se não me abirdes a porta
Não sois feliz nem sois nada.*

E mais adiante:

*Senhora dona casa.
Sua alma da graça cheia,
é quem perdoa o Lalaia
de mandar na casa alheia.
É confiança demais
Pra nego, castigo é peia.*

As chuvas, constantes, perturbavam muitas vezes momentos de preocupação. Desabavam sem aviso, o céu escondido das vistas. O seu anúncio se fazia de longe, com as chicotadas do vento nas copas mais altas ou o ruído, que crescia de intensidade, à proporção que a pancada d’água se aproximava do acampamento. O trabalho prosseguia, muitas vezes, mesmo debaixo de chuva. Não era possível perder tempo. Passado o temporal, teriam que trocar de roupa, três mudas apenas disponíveis, quase sempre uma secando, outra no corpo e a terceira de reserva. Roupa grossa, capaz de resistir a seis meses de floresta, mais parecendo de couro do que de pano.

Mauro por vezes sofria abatimentos inesperados. Um desânimo profundo o assaltava, principalmente à noite. Durante o dia tudo era atividade, dava para esquecer. Mas à noite, quando se recolhia à rede, apesar de cansado, nem sempre conseguia adormecer. Sentia que seu coração vibrava, como se falasse ou chorasse. Era um som, uma música interior, um queixume que vinha de dentro, penetrava na circulação, nos nervos, subia para o cérebro, e não deixava dormir. Outras vezes, tal era o cansaço, que Mauro adormecia e sonhava, ora com Rege, ora com Laurinda, ora com Farripas, e quase sempre com D. Santa e o pai. Sentia vontade de abandonar tudo, voltar pelos mesmos caminhos, regressar à casa, ao conforto, às amizades, ao colégio, apresentar-se à justiça, ser preso, cumprir pena se preciso, mas voltar, voltar, voltar. Queria a casa, o lar.

Pela aurora o sol se encarregava de apagar as más recordações e os pesadelos noturnos. Sua luz dourava as copas verdes, ensanguentava o horizonte, a visão verdejante da salva injetava em Mauro novas forças. Já não pensava mais em voltar. Queria ajudar. Colocar ou retirar embutidores. Fazer incisões nos troncos. Ferver a pasta branca de látex. Retirar os blocos já duros, das formas. Ferrá-los com aquela marca inesquecível, dois enormes PP. Mauro indagara:

— Por que dois PP. Não basta um?

Um P é de Pedro, dois PP é Pedrão, explicava Revoredo. Tem muito Pedro por esse mundão de Deus. Mas Pedrão, nos balatais, é só um.

E rematava:

— Um Pedro na terra e outro no céu, com as chaves.

A referência a Frei Damião ficava dançando na alma de Mauro até altas horas da noite. Não conseguia dormir. No tapiri as redes amarradas a esteios grossos abrigavam, paralelamente, os balateiros. Zeca Andrade vez por outra dormia deitado ao chão. A luz bruxuleante da lamparina projetava sombras lúgubres, que esperneavam no fundo de palha mal disposta. O braseiro sempre aceso, dia e noite, ajudava a aclarar um pouco toda aquela escuridão terrificante. Mauro se lembrou de algo. Na hora da partida, D. Santa lhe colocara na maleta um livro, que ainda não tivera ocasião de ler. Que seria? Fora uma ideia de última hora, um impulso, algo como uma compulsão interior espontânea, vinda da alma, que fazia transmitir ao filho

aflito alguma mensagem espiritual. Mauro, com muito cuidado, para não despertar os companheiros, deixa a rede e procura a maleta, depositada em um improvisado jirau. Toma do livro e tenta ler: “Exercícios espirituais de Santo Inácio de Loiola”, edição que fora organizada pelo Padre Pierre Jennesseaux, da Companhia de Jesus. Abre-o ao acaso e lê o primeiro trecho, que lhe cai sob os olhos: “A desolação tem três causas principais. Primeiro, ela pode ser um castigo. Nossa tristeza, nossa preguiça, nossa negligência nas práticas da piedade, afastam de nós toda a consolação espiritual.” Mauro procura enxergar em si mesmo alguma daquelas causas, mas a primeira não lhe cabia, pensava. Prossegue na leitura: “Em segundo lugar, ela é uma prova. Deus quer provar o de que somos capazes, e até que ponto somos capazes de avançar em seu serviço e trabalhar pela sua glória, privado dessas consolações abundantes e desses favores especiais.” Mauro suspende a leitura e reflete. Estaria sendo provado? Por quê? Tão jovem, sem vivência e sem grandes pecados, qual a intenção de uma prova daquela natureza? Continua, curioso, na leitura: “Em terceiro lugar, ela é uma lição. Deus quer dar-nos o conhecimento certo, a inteligência prática, e o sentimento íntimo que não depende de nós fazer nascer ou de conservar em nossos corações em devoção terna, um amor intenso acompanhado de lágrimas, nem qualquer espécie de consolação espiritual. Tudo é um dom e uma graça de sua divina bondade. Ele quer ensinar-nos a não colocarmos muito *alto* a nossa morada, permitindo ao nosso espírito se elevar e se deixar ir a qualquer movimento de orgulho ou de vanglória, atribuindo a nós próprios os sentimentos da devoção e os outros efeitos da consolação espiritual.” Era a nona regra própria a fazer discernir e sentir, de qualquer maneira, os diversos movimentos excitados da alma. Ainda com inesperada curiosidade Mauro lê o preceito oitavo: “Aquele que está na desolação deve esforçar-se por se conservar em paciência, virtude diretamente, oposta aos ataques que sofre; e espere que será logo consolado, contando que empregue, conforme indicamos na regra sétima, os meios necessários para vencer a desolação.”

Mauro estava lendo de trás para diante, passando do preceito nono para o oitavo e agora se via atraído para o sétimo: “Que aquele que se acha em desolação considere como o Senhor, para pô-lo à prova, o deixa entregue a suas energias naturais, a fim de que resista, por si mesmo, às diversas

agitações e tentações do inimigo; pois ele pode com o socorro divino, que lhe resta sempre, embora não o sinta, pois o Senhor lhe retirou este fervor sensível, este amor ardente, essa graça poderosa, não lhe deixando senão a graça ordinária, mas suficiente para a salvação eterna.”

Enquanto não chegava o sono Mauro lia. Era como se os textos fossem recitados ao seu ouvido por uma voz estranha, talvez a voz de D. Santa. Não eram apenas os olhos que liam, mas algo que envolvia todos os seus sentidos. Não só o órgão da visão, mas a audição, algo que só ele escutava, em plena floresta, quase madrugada, absorto, como se estivesse fora do mundo, ou em comunicação com forças estranhas. Compreendia então que devia resistir pelas suas próprias energias. Que o socorro ele o tinha dentro de si mesmo. Passando por tantos perigos, podendo estar morto àquela hora, devorado por feras ou arrastado pelas cachoeiras. Mauro começava a sentir alguma coisa que jamais imaginara existir, um poder, uma luz, um socorro, que vinha não sabia de onde, mas que lhe oferecia tranquilidade e segurança diante do infortúnio.

Quantas páginas leu não seria capaz de recordar! Pela manhã, bem cedo, quando se ouvia os primeiros gritos das araras, os balateiros observaram Mauro em sua rede, a feição tranquila e sobre o peito o livro aberto.

— Pois não é que o menino virou doutor?

Foi a observação zombeteira de Revoredo, o devoto de Frei Damião, o santo peregrino do Nordeste.

Com um novo dia novas tarefas se apresentavam: outras árvores a sangrar, a coleta dos embutidores já cheios, a fervura, a ferra dos blocos endurecidos e frios. Um trabalho quase sem solução de continuidade e que, com o tempo, se ajustava bem a todo o horário durante o decorrer do dia. Havia momento de cortar, momento de sangrar, momento de colher, momento de cozer, momento de caçar e de comer, menos momento de repousar suficientemente. Os repousos eram entremeados de aflições e de sobressaltos permanentes. Somente Mauro, vez por outra, encontrava um pouco de alívio nas mensagens de Santo Inácio de Loiola.

Ainda havia muita batalha a vencer. Terras novas a percorrer. Talvez encontrar índios, os Apalais, os mais próximos, aldeados nas terras banhadas pelos Rios Paru e Jari. Estavam muito longe dos Oiampi e Urucujanos,

vizinhos da Guiana Francesa, dos Rangu-Piqui, das proximidades da fronteira com a Guiana Holandesa, dos Pianocotó e Paricotó, estes nas cabeceiras do Rio Trombetas e seus afluentes, para os lados da Guiana Inglesa. Os indígenas preferiam os lugares altos e secos. Os rios desciam dos contrafortes das senas do norte e se despenhavam pela Guiana brasileira em direção do Amazonas. Difícil atingi-los por terra. Só no futuro, com os campos de aviação que Antônio Feitosa iniciava a construir, seria possível o acesso. Feitosa, o idealista, pretendia instalar campos de pouso, rústicos, embora, no Anatum, no Molocopote, no Confusão e em outros lugares estratégicos para exploração da balata e, possivelmente, com acesso a recursos minerais. Quando o conseguiria?

Mauro continuava aprendendo. Já podia considerar-se “doutor em bala-ta”, título de que tanto se orgulhava o seu pai. Três meses se haviam escoado. A expedição policial para prendê-lo ainda não dera sinal de vida. Extraviara-se talvez nos meandros da selva, levada para o outro lado da imensa região, em busca do Rio Curuá, no município de Alenquer. Purificação mais e mais se aproximava do Paru e descrevia as belezas da gleba, as cachoeiras do formoso rio e as do Jari, tudo aquilo propriedade de um só homem, no passado, seu amigo, seu padrinho e seu patrão, José Júlio de Andrade, que ele não cansava de referir.

João da Purificação fora criado, desde menino, nas propriedades de José Júlio, em Arumanduba. Nascera em povoado na margem do Rio Jari. Sua vida toda era um desenrolar de acontecimentos, ora pitorescos, ora trágicos. Vez por outra narrava um episódio para Mauro, e o fazia depois do jantar, quando nada mais havia a providenciar, em certos dias. Rememorando, revivia. Dava a impressão de que rejuvenescia ao lembrar fatos antigos, alguns da infância, outros da juventude.

— José Júlio possuía terras que davam para fazer uma nação, moço. A sede dos negócios, em Arumanduba, era uma verdadeira cidade. Muitas casas e porto concorrido. Basta dizer que o velho possuía muitos navios que navegavam por toda a Amazônia, transportando castanha, borracha, balata, pirarucu, oleaginosas, madeira, pau-rosa. Pelo menos seis navios grandes, entre eles o “Almeirim” e muitas lanchas. Eu me lembro bem do “Almeirim” por causa da revolta...

— Que revolta, seu Pura?

— Ah moço, foi uma revolta do pessoal do Alto Jari. Houve muitas mortes. Zé Júlio tinha a seu serviço centenas de homens, por todos os pontos do Rio *Paru* e do Jari. Extraíam castanha, balata e outros produtos. O velho financiava tudo. Pois a briga começou no barracão de Francisco Rodrigues Monção, em Iratapuru, no alto Rio Jari. Esse rio pertence ao município de Almeirim. Havia lá um castanheiro de nome José Cesário de Medeiros, que trabalhava no Igarapé Amazonas e que um dia resolveu assaltar o barracão de Monção. Conseguiu a adesão de sessenta homens, veja bem, sessenta! Todos armados, pois mateiro nunca está sem a espingarda e o facão ou o punhal... Medeiros e seus homens cercaram o barracão, prenderam Monção e exigiram a entrega de todas as mercadorias e armas. Ora, você sabe que nesses barracões há sempre muita espingarda e munição. Tomaram tudo. Roubaram o que puderam e só de malvadez, para não deixar sobras, misturaram com querosene o que não podiam transportar.

— Eu já ouvi falar que índio é que gosta de fazer isso.

— Sim, mas eles não eram índios. Os índios viviam nas suas malocas e muitas tribos desciam para cumprimentar Zé Júlio, vender artigos e receber ajuda. Não eram selvagens, eram ditos “civilizados”. Roubaram o que puderam e desceram o rio. Era uma expedição doida. Durante três dias se organizaram melhor e conseguiram a adesão de moradores de toda aquela redondeza. Já somavam duzentos homens sob o comando de Cesário. Era de meter medo. Baixaram pelo Rio Jari até Cachoeira, trazendo presos Monção e seu filho.

Houve um segundo saque em Cachoeira. Naquele tempo se calculava o prejuízo em sessenta contos de réis. Era muito dinheiro. Roubaram tudo, até coisas sem necessidade, como os livros comerciais. Rasparam tudo, dinheiro, mercadoria, joias, tudo.

— E depois, para onde foram?

— Esperaram catorze dias. Sabiam que de quinze em quinze dias devia passar por Cachoeira o navio “Almeirim”, de grande porte. Entre os prisioneiros estava João José da Silva, comerciante no lugar Cachoeira do Itacará, conduzido em canoa, amarrado como um porco. Saquearam também o barracão de João José. Fizeram miséria com esse pobre homem. Obrigaram a assinar recibos de venda de castanha, sem que nada recebesse e uma de-

claração de que mandara matar um mateiro. Os dois chefes do movimento, a essa altura, eram Cesário e um outro sujeito conhecido pela alcunha Cabo Velho. A chegada do navio Almeirim estava prevista para a manhã do dia seguinte. Coagiram o gerente de Cachoeira, de nome Francisco Loureiro e o empregado da Casa Limão, Heronides Arruada, a receberem o navio na forma de costume, sem nenhum alarme, sob pena de serem liquidados. E assim foi. Manhã cedo o navio apitou dando sinal de chegada e os dois se dirigiram para o porto como sempre faziam.

Mauro se interessava pelo assunto. Sempre ouvira seu pai falar em José Júlio, homem muito rico, dono de um império, que possuía casa em Paris e andava com os dedos cheios de brilhantes.

Purificação prossegue:

— Os amotinados entraram no navio e aprisionaram o viajante da casa de Arumanduba, Antônio Moura Bastos. Só se ouvia Cesário gritar: “Entra, rapaziada!” E ocuparam todo o navio, aos gritos: “Escangalha, mete esta joça no fundo, o navio é nosso.”

Os principais da tripulação foram amarrados, juntamente com Francisco Monção, seu filho, João José da Silva, Antônio Filomeno de Souza e um seu filho e vários outros. Debaixo de ameaça de morte conseguiram que alguns tripulantes largassem o navio rumo a Arumanduba, sede principal dos negócios de José Júlio. O navio ia cheio de bandidos, já era uma revolução. Em cada porto que passavam assaltavam e matavam. Tocaram em Pacanary, Arapiranga, da firma Barata & Leite, de onde levaram muitas armas, mercadorias e até libras esterlinas. Libras de ouro! Encontraram essas libras na mala de um dos sócios, de nome João Carlos Barata. Eram cinquenta e duas libras de ouro, e cento e setenta mil réis em dinheiro. Pararam ainda nos portos Caracuru, Terra Preta, Cuieiras e Serrinha, realizando a mesma devastação.

— E quantas pessoas iam no navio? Todos?

— A essa altura já eram cerca de quinhentos amotinados. Não há nenhum exagero nisso. Quinhentos homens, todos armados, pois em cada barracão havia sempre espingardas para uso da casa ou para venda e munição a valer. Rumaram assim para a fazenda de gado Saudade, de José Júlio, onde roubaram um boi para abater e mercadorias. Era preciso dar de comer a toda aquela gente. Depois rumaram para Arumanduba, onde chegaram à uma

hora da madrugada no dia 3 de junho. Lembro-me bem, era dia 3 de junho de 1928. Cesário mandou apagar todas as luzes do navio e arriar as sanefas, atracando no trapiche comercial de Arumanduba. Era de costume dar três apitos. Cesário só deu um. Ao atracarem prenderam logo os trapicheiros. Desceram em terra cem homens armados, distribuídos em quatro grupos de vinte e cinco cada um. O primeiro grupo, comandado por José Cesário de Medeiros, dirigiu-se logo à casa do gerente, pessoa de confiança de José Júlio, Sr. Manoel Pinto Neno; o segundo grupo, comandado por Antônio Joaquim da Silva, vulgo Cabo Velho, foi para o armazém geral; o terceiro grupo, chefiado por Manoel Ferreira da Mota, mais conhecido por Zaranza, tomou o rumo da usina elétrica e oficina de consertos. Alfredo Tavares, um dos amotinados, obrigou o foguista a cortar o fio que ligava a rádio, impedindo assim a comunicação com a capital, o quarto grupo, tendo a frente Manoel Moreira de Oliveira, vulgo Manoel Cozinheiro, foi realizar o certo à casa do coronel José Júlio de Andrade.

— É muita coragem! observa Mauro.

— E atrevimento. Você já pensou, em plena madrugada, o homem dormindo, ter que acordar debaixo de bala? Eram muitos os amotinados e dominavam a situação completamente. O primeiro a acordar foi Manoel Pinto Neno, logo preso pelo próprio Cesário.

— Teve sorte em não levar um tiro.

— De fato. Sabendo Cesário, por informação de Neno, que o senador José Júlio estava em Arumanduba (o velho viajava muito e nem sempre parava lá), se dirigiu com seu grupo, que se juntou ao de Manoel Cozinheiro. Cesário usou do mesmo estratagema da casa de Neno. Bateu na porta chamando pelo coronel:

— E eles atendiam em pessoa?

— Como não? Nunca podiam imaginar que seria um assalto. Se alguém bate à noite na porta dando o nome da pessoa, é natural que atenda. E assim foi. O velho José Júlio abriu a porta. Havia já cinquenta homens armados em frente à casa. Os demais ficaram no armazém e na usina.

— Menino, aí é que você vai ver com o coronel tinha autoridade sobre toda aquela cambada. Abriu a porta e indagou de que se tratava. Viu logo num relance que estava cercado. Pois sabe o que ele fez?

— Reagiu?

— Não. Muito calmo o coronel, que também era senador, repreendeu os amotinados. Passou-lhes um tremendo carão de corpo presente. Era uma grande falta de consideração irem incomodá-lo àquela hora da madrugada. Mandou que voltassem de manhã...

— Incrível! E não aconteceu nada? Não atiraram nele, não invadiram a casa?

— Não. Obedeceram todos. Foram embora para voltar de manhã. Por aí você vê quanto vale a força moral de um homem.

— Sim, mas correu um grande risco. Aqueles homens eram bandidos. Podiam matá-lo ali mesmo.

— O risco está em toda parte. Pois não é que o velho foi dormir de novo? O navio aprisionado. As povoações saqueadas. A cidade invadida (pois aquilo já era uma cidade). Centenas de homens armados dominando tudo e o velho conservava o sangue-frio. Cesário retirou-se, mas manteve o cerco da casa do coronel, sob o comando de Manoel Cozinheiro. Foi mantido também o cerco da residência de Neno, que era muito visado. Além dos cem homens que haviam descido em terra, os que ficavam no navio, também armados, resolveram descer e atacar os barcos no porto e o comércio, roubando o que puderam. Foi um Deus nos acuda! Conseguiram mais armas. Já era um arsenal.

Quando nasceu o sol Arumanduba se encontravam dominada por mais de trezentos homens armados.

Cesário exigiu de José Júlio vinte contos de réis e mais duzentos mil réis para um dos companheiros.

— Naquele tempo era muito dinheiro.

— Mas aí se revela mais uma vez a inteligência do coronel. Prometeu que daria quinze contos, mas em Belém, não ali, que não os tinha. Deu logo por conta dois contos e oitocentos mil réis a Cesário. Neno por sua vez entregou também dois contos ao comandante do navio, para fazer chegar às mãos de Cesário, tudo isso por conta dos quinze contos prometidos. Cabo Velho e Alfredo Tavares invadiram os armazéns e de lá roubaram as armas, munições e mercadorias que encontraram. Havia cortes inteiros de fazenda e toda sorte de gêneros, que recolhiam ao navio “Cidade de Alenquer”,

atracado no porto, pronto para levar os amotinados para Belém. Levaram como refém o Sr. Manoel Pinto Neno. E durante a viagem ainda exigiram de Neno cinco contos de réis.

— E depois, que aconteceu em Belém?

— Foram todos presos, processados e denunciados pela justiça de Porto de Moz. Era promotor o Dr. Álvaro Nuno da Ponte e Souza. Abriram inquérito. O velho senador José Júlio de Andrade só saiu vencedor porque não perdeu o sangue-frio. Do contrário teria morrido na hora. Era um homem empreendedor. Havia de tudo em Arumanduba, até uma Casa de Saúde Santa Maria, que atendia aos doentes. Financiava muita gente. Pegavam o dinheiro e não prestavam contas. Um estrupício. Todas essas terras do Paru e do Jari eram dele. Aí há de tudo, castanha, balata, seringa, sementes oleaginosas, ouro à flor da terra.

— Ouro também?

— Ora, meu filho, há uma mina perto do Rio Jari chamada Grota Rica, de onde já garimparam muito ouro. É que nesse mundão enorme ninguém dá importância. Fica tudo entregue a Deus.

A noite já avançava. Mauro aprendera mais uma lição da história subterrânea da Amazônia. Seus olhos se fixaram em uma flor de mururé que colhera pela manhã, em local alagado. Como poderia uma planta tão rústica, vivendo n'água, produzir urna flor tão delicada, lilás claro, rendilhada, mais perfeita do que a obra de um ourives? E seu pensamento voou para Laurinda e suas flores, muito longe àquela hora.

— Há muitas estórias do Jari e de Arumanduba. Quando os índios Apalais baixavam o velho os recebia à larga. Mandava botar a mesa e servia banquete. Índio chegava nu e saía vestido de calça de brim, blusão, alpercata e chapéu de palha. O senador Zé Júlio tinha a mão aberta. Era um chefe.

Que seria de Mauro, naquele degredo, sem a companhia de Purificação, com suas estórias reais, colhidas durante toda a existência? Nenhum outro balateiro teria sido melhor companheiro e guia. Nem Neco Dantas, agora por outros caminhos, seria capaz de ajudar Mauro a passar os dias, ensinando-lhe os pequenos segredos da selva, desde a caça às onças e o corte firme do córtex da balateira. Indica-lhe os nomes das plantas, dos pássaros, dos frutos e das flores.

Nos seus deslocamentos passavam às vezes por enormes castanhais:

— Nessa região é que os aviados do senador José Júlio vinham colher castanha, deste lado do Maicuru, e do outro lado no Paru e no Jari. Daqui para diante tudo é cheio de castanhais. Uma riqueza.

Mauro observava bem a natureza, aprendia a se defender dos espinhos e das folhas cortantes ou venenosas e a enfrentar cobras e onças.

— Você vai acabar sendo um bom gateiro. Disse-lhe certa vez Purificação.

Seria mais um título. Ao lado do outro: “Dr. em Balata”, o de “gateiro”, isto é, exímio caçador de onças.

Purificação ensinou Mauro a se orientar na selva sem necessidade de bússola. O sol, o nascente e o poente eram sempre observados. As próprias horas ele as dizia contemplando o céu, pela altura do grande astro. Sol a pino, meio-dia. Os acidentes do terreno, a vegetação, os pequenos cursos d’água, tudo servia de referência.

— Não vamos viajar para o norte, vai dar nos campos gerais. Ponderava Purificação. As balateiras lá produzem menos e são diferentes. São menores, até parecem outra planta. Há muita na fronteira com as Guianas, que os gringos exploram. Eles entram em território brasileiro e vêm colher a balata que é nossa.

E depois de uma pausa:

— Se fosse só a balata estaria tudo bem. Levam coisas de muito maior valor.

— Como assim, indaga Mauro?

— Há alguns anos atrás eu trabalhava num campo perto da serra “duas irmãs”, no baixo Maicuru. São duas serras muito bonitas. Pois quase todo dia vinha um helicóptero de Santarém e pousava naquelas serras. Não sei o que eles procuravam lá. Eu acho que era minério.

— E de quem eram esses helicópteros?

— Diziam que eram estrangeiros. Não sei bem. Mas quem pilotava não era brasileiro. Eles tinham como base Santarém. Só perguntando para os graúdos de lá.

— Isso é história da carochinha, seu Purificação.

— Carochinha nada, menino. Eu vi o aparelho descer várias vezes no alto da serra. Vi com estes olhos. Outra coisa, a 80 quilômetros de Alenquer há

uma mina enorme de ametistas. Ninguém explora. Dizem que não é comercial. Eu tenho amostras guardadas. São pedras roxo claras.

— E os campos gerais, o que tem lá?

— Ah! esses campos são bons para criação, principalmente de bodes. Mas nunca ninguém se interessou pelo assunto. Seu pai já quis montar uma fazenda lá, mas não teve ajuda.

Diálogos como esse, de qualquer forma, traziam para Mauro novos ensinamentos. Abriam-lhe os olhos para uma realidade que ele jamais conhecera. Sentia que não era mais o filho de Pedrão, mas um homem que se enrijecia, procurando ter ideias próprias sobre a imensa região que o destino, ou a desgraça, lhe dava oportunidade de devassar.

Os Porões da Pátria



Terminada a sangria de uma rebolada de balateiras, tornava-se necessário prosseguir na invasão da floresta em busca de novas árvores. A tarefa já se tornava por demais pesada. Os facões não cessavam de funcionar, afastando obstáculo, cortando cipós e galhos baixos. Primeiramente se fazia o reconhecimento do terreno. Talvez as “virgens” estivessem perto, dispensando, assim, o transporte imediato dos blocos já prontos.

A região se apresentava sombria, e úmida, naquela estação do ano. Mauro, de tanto conviver com as plantas, e depois das explicações de Laurinda, passara a interessar-se pelas espécies novas. Indagava sempre, ao avistar uma árvore diferente, mais alta, ou mais esgallhada:

— Que é isto? Que é aquilo?

— Aqui tem de tudo — explicava Purificação. Angelim rajado, acapu, maçaranduba, castanheira, piquiá.

Mauro se surpreende: num recanto da selva, como se fosse arranjado por algum botânico fantástico, muitas orquídeas presas a galhos frondosos.

— É um viveiro — explica Purificação.

A recordação de Laurinda se alia à imagem daquelas flores multicores, delicadas, variadas. Mauro se assusta, parece ter ouvido um mugido de boi. Pula para trás.

— Não é nada, menino. É sapo. Aqui dá de tudo. Sapo grande muge também.

Mauro se recordava de um orquidário do Museu Goeldi e de outro do Bosque Rodrigues Alves, em Belém. Nunca, porém, se interessara pelo assunto. Sua vida, àquele tempo, era outra, e outras eram as atrações da juventude.

— Vamos, menino! Vamos que não há tempo a perder! Pondera Revoredo.

— Um minuto só!



Seus olhos se espalham por aquelas delicadas plantas nos galhos de outros vegetais de boas proporções.

— Esta é uma cataleia — explicou Revoredo.

— Essa outra é uma chuva-de-ouro. Falou Purificação. Miudinha. Aquela é a cabeça-de-boi. A outra, cabeça-de-negro. E esta a orelha-de-burro.

Expressões populares batizavam aquelas espécies. Os nomes científicos eram desconhecidos. Tudo para Mauro possuía sabor de novidade. Penetrava agora em um novo mundo, antes desconhecido.

— Se for estudar essas orquídeas, menino, você fica maluco e a família não sabe — fala Purificação. Há centenas, por todo lado. Cada uma de cor e forma diferente. E têm nomes complicados. Meu antigo patrão possuía um orquidário. Cada orquídea apresentava uma chapinha com um nome arrevesado, que eu mesmo pregava. Eu me lembro de uma tal *Brassavola*; outra era *Campilocentrum*. A mais bonita se chamava *Maxillaria*, que o patrão mandava buscar no Amazonas, toda amarela com as bordas escuras.

— Não dá pra levar? Indaga Mauro.

— Dá não! Mais adiante se encontra mais. Deixa pro fim da safra.

Mauro ainda lançou um olhar para aquele raro conjunto de orquídeas. Depois observou que em outros locais se repetia o espetáculo. Aqui e ali surgia uma orquídea agarrada a tronco robusto, exuberante em sua pureza vegetal.

Mauro recordava o que lhe dissera o Pereirão: “Vai ver coisas bonitas!”

As imagens das pessoas às vezes ficam vinculadas a um fato, a um objeto, e uma coisa qualquer, mesmo vulgar, que logo as trazem à nossa lembrança. São os mistérios da natureza humana, essa obra-prima da criação. Por que Mauro, toda a vez em que surpreendia uma orquídea perdida na floresta, recordava Laurinda? E não se tratava de recordação momentânea, algo que brilhasse como um vaga-lume no seu interior. Das orquídeas passava às cenas que vivera em casa de Farripas, os passeios pela manhã na borda da mata, as plantas bem cuidadas, as canoas atracadas, ora descarregando, ora carregando mercadorias. E as longas conversas depois do jantar. A minúscula biblioteca de Farripas, uma estante apenas de cedro polido, tudo bem disposto, sem que misturasse os livros de contabilidade com os de literatura. E os álbuns de orquídeas. Mostrara a Mauro uma revista pu-

blicada no sul, denominada *Orquídea*, organizada por um idealista chamado Luís de Mendonça.

— Por incrível que pareça, essa revista se sustenta graças ao idealismo desse homem, ajudado por alguns abnegados! São os obcecados por orquídeas no Brasil.

Mauro não se conformava com a rapidez com que as flores murchavam. Eram um sorriso da natureza, que logo se desfazia, sem possibilidade de longa duração.

Sentia o contraste entre a brutalidade da selva e a delicadeza daquelas florações, coloridas, variegadas, multiformes, algumas coma folhagem densa e muito verde, ovaladas e grandes, outras de folhinhas estreitas e longas, derramadas sobre os troncos, como se os quisessem esconder. Por que a natureza segregava do mundo e da vista dos homens tantas belezas espontâneas? O olhar humano profanaria a singeleza daquelas cores, as mãos humanas, com seu toque, poderiam fazer murchar mais depressa uma daquelas florações e talvez até secar a própria planta. A natureza se defendia dos homens. Pela manhã Mauro pusera a mão esquerda, sem pressentir, em um formigueiro. Logo a floraram centenas de formigas negras, estranhas, uma espécie que não conhecia. Em minutos a mão tufara, se enchera de pequenas pápulas doloridas. Purificação avisara:

— Cuidado com as formigas! Tem uma variedade enorme. Há umas de fogo que dão até febre! Às vezes são miudinhas. Outras são grandes.

Mauro não se precavera. A mão inchada, deveria usar somente a direita, para tudo, impossibilitado de trabalhar bem por dois ou três dias.

— Tamanduá gosta dessas formigas. Explicou Revoredo. Quando se mata o bicho e se abre o estômago, está cheio de formigões. Mesmo assim se come a carne assada na brasa.

A selva os atacava como podia, com as formigas, as cobras, as onças, os espinhos. A luta era permanente entre o invasor e a mataria bruta. Mas o homem era mais forte. Agarrava as feras vivas, pelas patas em armadilhas terríveis, liquidava com bichos a tiro de espingarda, e na luta corpo a corpo às vezes levava vantagem; sangrava as árvores, exterminava as aves. O homem é um formador de desertos. Parece ter sido criado para destruir aquilo que a inteligência superior do Criador colocou neste mundo. Sua

sina seria a da destruição. E não satisfeito com a eliminação dos vegetais e animais da floresta, luta contra o seu semelhante, com uma fúria que parece não ter mais fim.

Enquanto Mauro enfrentava na selva os contratempos naturais daquela vida rude, Pedro e D. Santa sofriam igualmente, em Belém, pensando no filho distante e nos perigos, que o cercavam. Um sofrimento diferente, desigual, cada qual à sua maneira. Santa sofria calada, rezava o tempo todo, não dava mostra do que lhe ia por dentro da alma. Era de sua natureza. Tornava-se bondosa e bela “de seu natural”. A fé brilhava em seus olhos. Nada a faria alterar os seus sentimentos. Cumpria a promessa de acompanhar, não apenas o Círio de Nazaré, mas, agora, outro Círio, o de S. Francisco, em Monte Alegre, procissão fluvial, que se realiza todos os anos no fim do mês de setembro.

O filho havia de livrar-se de todas aquelas forças contrárias. Ao mesmo tempo que orava por Mauro, orava também pelo partido, pelo chefe, o general, porquanto da sorte de um dependia a sorte do outro.

Já Pedrão sofria diferente. Falava alto, protestava, gritava para que todos ouvissem, insultava o governo, aquela cambada de exploradores do jogo do bicho, marginais que a revolução de trinta levava ao poder e que ali estava comendo o estado como gato come rato.

— Mas a revolução de 30 está ultrapassada! Dizia-lhe Dr. Clodomir. Você precisa ler um livro que anda por aí, do Maurício de Lacerda: “Outras revoluções virão.” É isso, Pedro. Virão outras revoluções no futuro, uma, duas, três, quatro, quantas forem necessárias, aí você engaja numa delas e concorre para libertar o estado dessa corja.

— E se os vencedores ficarem também corruptos? Você não vê, Dr. Clodomir, em 30 eu fui a favor, mas logo virei. Os homens pareciam idealistas, patriotas. Depois que se pegam em cima da carne-seca, é isso que se vê.

— É da alma humana, Pedro. Ponderava Clodomir, homem vivido e sofrido. No primeiro momento todos os revolucionários são patriotas. Prendem por um tostão um homem honesto e fazem-lhe as maiores humilhações. Depois de algum tempo se acostumam com as almofadas de palácio, as mor-

domias. É a força do demônio. Começam a brigar uns com outros, querem os melhores empregos, dividem o estado como se fosse um bolo de macaxeira: este pedaço é teu; aquele, que é maior, é meu; o outro é do teu irmão; este, que é mais gostoso, é do meu sobrinho; aquele, que está queimado, é do teu tio; este, que está bem assado, é do meu cunhado. E assim vai, irmãos, tios, primos, cunhados... e as costelas.

— Que costelas?

— Ora, as costelas! As sextas-feiras!

— Que sextas-feiras, Dr. Clodomir?

— Homem, deixe de se fazer de bobo. Você não sabe o que é a sexta-feira... a amante que o figurão só visita sexta-feira? Você não se lembra daquele milionário que foi balateiro, o Robervaldo, andava com um brilhante de seis quilates em cada dedo. Mexia as mãos quando andava, saía faísca de brilhante por todo lado. Na rua, não olhava ninguém. O nariz pra cima, fazendo careta. Mandava parar o carro da Prefeitura na esquina. Um carrão preto, com chofer preto também. Descia devagar, as mãos faiscando, o andar marcial de aventureiro medieval genovês, e lá ia para a casa da Maria do Recado...

— Mas os que preferem o sábado, ou a segunda-feira?

— Meu caro, isso é como feijoada. Uns a comem no sábado, como no Rio. No Pará é um dia qualquer da semana, na Bahia é todos os dias.

— Quer dizer que lá todos os dias são sextas-feiras?

— Não, lá todos os dias há uma sexta-feira.

— Conversa besta, Dr. Clodomir! Deixa pra lá. Vamos falar em revolução.

Pedrão não aguentava mais. Para a mulher dizia que ia tudo bem com o filho. Ficasse tranquila. Haveria de ser um doutor em balata, e era chegada a hora.

Suas preocupações aumentaram quando recebeu telegrama de Benacron, de Manaus, pedindo a sua presença com urgência. Era preciso ir. Àquela altura os balateiros já se encontravam há vários meses nos balatais, grande parte da produção se achava em blocos, duros e ferrados, prontos para serem transportados pela selva, nos inumeráveis tombos, até à margem de um dos rios, o Maicuru ou o Paru, ou de algum de seus afluentes igarapés, em que a profundidade permitisse o transporte das lingadas de dez ou doze blocos cada uma.

Pedrão se apressa. Vai a Manaus. Antes de partir D. Santa indaga:

— Por que você não fez o negócio com o Benaury, em Belém?

— Por causa da política, mulher! Enquanto o governo for contrário no estado eu tenho que negociar pelo Amazonas. Há risco de perseguição. Não deixarem embarcar a mercadoria. Criar um pretexto. Entravar. São capazes até de misturar balata com pedra nas minhas partidas só para me complicar. Como eu vou provar, depois? Há meios para tudo.

— E em Manaus não há esse risco?

— É menor. Lá eu não tenho inimigos políticos. E o Benacron é boa praça. Já jogou um dinheirão nisso. Ele está correndo risco igual ou maior que o meu. O risco que corre o pau corre o machado.

E lá se foi Pedrão, o coração aos pulos, aparentando tranquilidade, mas em matéria de coragem e coração duro nada melhor para amolecer do que os sentimentos da família. A convivência. A estima. O amor, tudo isso serve de unguento à ferocidade da alma e do coração.

Manaus, avenida Eduardo Ribeiro. Manhã de sol de inverno. Sol abafante e ambiente úmido. Ônibus e bondes barulhentos trafegando lá fora. A bela avenida recebia o sol de frente. As casas, algumas no velho estilo lusitano, pareciam um pedaço de alguma cidade portuguesa plantada em plena selva amazônica. Quanto história! Quanta tradição! As migrações! As secas do Nordeste enchendo a região. Os retirantes em busca de trabalhos nos seringais. Desde o século dezenove a cidade desempenhando um papel histórico. O encontro de raças — índios e nordestinos — imitando o encontro das águas. As recordações de Plácido de Castro em confabulações com o secretário de governo do Amazonas, às caladas da noite, a fim de defender as terras acreanas do invasor. O porto fluvial, flutuante, recordações dos ingleses, gente que estava em toda a parte, escavando, futricando, explorando, arrancando dinheiro de todos os continentes para sustentarem uma corte sofisticada. Pedrão, enquanto esperava na antessala, lembrava ainda o Dr. Clodomir, homem bom de prosa, em Belém, quando lhe dizia:

— Seu Pedrão, o mundo é como uma goiaba. Linda por fora, rosada. Mas se você abre está cheia de bichos. Há gente que faz o papel desse bicho.

Como o mundo por dentro. Só sobra a casca. O inglês é o bicho de goiaba do mundo.

Num desses diálogos uma mocinha estudante de literatura protestou:

—Protesto, Sr. Clodomir! O inglês é um povo fabuloso! Veja as estradas de ferro que há pelo mundo. A arte inglesa é muito fina. E a literatura: só um Shakespeare vale por toda a Bélgica.

E a mocinha continuava, agitada:

— Um Keats, uma Elisabeth Browning, um Walter Scott, e os políticos, um Cronwell, um Disraeli...

— Há, esse não! Esse era um grande homem, mas sua origem era outra. Inglês porque nasceu na Inglaterra.

Pedrão não entendia nada daquilo, os nomes lhe soavam aos ouvidos como as “bolachas” ou os “telefonemas” do delegado Carlindo nos ouvidos dos pobres prisioneiros da delegacia de Belém.

O inglês na verdade estava presente em toda parte. Pedrão olha sobre a mesa um magro catálogo de telefones de Manaus, onde se lia, no alto: “Pará *Telephone Company*.” Companhia inglesa, com filial em Manaus, matriz em Belém, o que não era muito de gosto dos mais bairristas. Entendiam que devia haver duas companhias inglesas: uma seria Manaus *Telephone Company*, pretensão justa a ser sacada do futuro.

O escritório de Benacron não era luxuoso. Instalações de comerciante abastado, autêntico. Não precisava apresentar fachada. Mas o que corria de dinheiro ali dentro era capaz de competir com as águas do Rio Negro. Dinheiro para financiar borracha, castanha, óleo de pau-rosa, copaíba, sementes de toda espécie, desde murumuru a cumaru, exportação de madeira (um pedido de 200 mil dormentes para a Espanha, como atender?), financiamento de balata, um império, isso o que estava à vista, porque por trás desse edifício colossal havia os alicerces: o ouro, os diamantes, as pedras em geral. Pedro tivera notícia da descoberta de uma mina de ametistas no alto do Curuá, estava autorizado a vendê-la. Benacron bem poderia adquiri-la. Toneladas de ametistas. E ouro da “Grotta Rica” do Rio Jari, e do Paru, e mina que se afundava no solo, não se sabia a capacidade total e parecia não ter fim. Ouro quase puro. Uma riqueza sem fim.

Dr. Clodomir, certa vez, dissera a Pedrão:

— Essa região do Pari e do Jari tem muito ouro. Esse é o Eldorado dos espanhóis. Leia os livros de Coudreau sobre a Guiana brasileira e a pretensão da França de fazer uma nação no Cunani. Um colosso! No fim do século encontraram uma pepita com catorze quilos de ouro! Catorze quilos!

O pensamento de Pedro fervilhava. O silêncio do ambiente propiciava aquela enxurrada de recordações desencontradas. Ouvia-se apenas o ruído dos carros na rua, vez por outra o grito de um vendedor ambulante ou o zunido das moscas, que voavam, como se dessem pulos, da mesa para a cadeira, da cadeira para o chão, do chão para a parede.

Os olhos de Pedrão se fixaram num quadro na parede. Poesia? Benacron não era dado a poesias. Homem de comércio, frio, calculista. Ali poderia estar, quando muito, o quadro de uma mina de ouro, ou a fachada de um banco, ou o retrato de um figurão de sua estima, nunca uma poesia. Chega mais perto e lê, pausadamente:

CONTA E TEMPO

*Deus pede estrita conta do meu tempo,
é forçoso do tempo já dar conta;
mas como darei em tempo tanta conta,
eu que gastei sem conta tanto tempo?*

Pedrão faz troça de Benacron, mentalmente: — Logo vi que esse cara só podia pensar em conta e em tempo. Não pensa noutra coisa. Mas vamos lá aos versos:

*Para ter minha conta feita a tempo,
dado me foi bem tempo e não fiz conta,
Não quis, sobrando tempo, fazer conta;
quero hoje fazer conta e falta tempo*

Isso parece um aviso. Pensa Pedrão. Quando ele quer se descartar dos fregueses dá logo um recado na entrada: quero hoje fazer conta e falta tempo.

Prossegue:

*Oh! vós que tendes tempo sem ter conta
não gasteis esse tempo em passatempo,
cuidei enquanto é tempo em fazer conta.*

*Mas, oh! se os que contam com seu tempo,
fizessem desse tempo alguma conta,
não choravam como eu o não ter tempo.*

Abre-se a porta e entra um homem baixo, moreno, que dá “buenos dias” a Pedrão. Um rosto aberto, muitos dentes à mostra quando ria, mas uma catadura muito fechada quando se fazia sério. Uma figura estranha, aquela. Como se pode ser carrancudo e risonho ao mesmo tempo?

— *Usted* me desculpa, fala o homem, *Señor Benacron Ilegó?*

— Sim, diz-lhe Pedrão. Está com uma visita, não sei se é um freguês ou uma freguesa.

— *Yo soy boliviano*. Fala o homenzinho.

Pedrão mais uma vez se lembrou do Dr. Clodomir. Esse o acompanhava sempre à distância. Era como uma alma de reserva. Clodomir além de ser útil à família, como profissional, fizera-se amigo. Quase sempre acompanhava uma visita médica com uma cerveja. E Já vinham as longas conversas. Clodomir lhe dissera:

— Quem *habla* não gosta de quem fala.

Ao que Pedrão objetara:

— Mas quem *habla* não fala?

Naquele momento Pedrão enfrentava um homenzinho simpático, só quando ria, e capaz de meter medo a crianças, se fechava a carranca.

— *Usted tiene muchos negocios?* Indaga o boliviano. *De donde es?*

— Sou de Belém. Tenho negócios de exportação.

— *Ah, si, talvez se pueda hacer alguno negocio.*

O homenzinho vinha da Bolívia, talvez de Santa Cruz de la Sierra, a pátria da coca, talvez de Cochabamba, ou de Cobija, na fronteira. Poderia também ser um daqueles milionários famosos, os donos do estanho. Quem sabe? Quem vê cara não vê coração.

O homem não se explicava bem. Que negócios seriam aqueles? Talvez pedras preciosas, ou cocaína boliviana? Tudo seria possível.

O boliviano entremeava a conversa comercial com assuntos outros, como que a amortecer o impacto de qualquer proposta. Fita os olhos nos versos de Laurinda Rabelo e exclama:

— *En mi patria tenemos también buenos poetas. Hay muchos versos populares, folclóricos. Por ejemplo:*

*Vuestro don, señor hidalgo,
es el don del algodón,
pues que, para tener don,
necesita tener algo.*

— *Se pued también decir:*

*pues que para tener algo,
necesita tener don.*

Pedrão riu amarelo e observou:

— Eu não entendo de literatura. Os únicos versos que aprendi, quando era menino, tenho gravados aqui dentro e não saem nem a porretada, dum tal Zé de Matos:

*Tinha uma palhoça, ardeu,
um papagaio, fugiu,
Tinha um só dente, caiu,
tinha um cachorro, morreu,
Dois tostões tinha de meu,
tentou-me o demo, joguei-os;
Achando-se assim sem meios,
para manter os meus brios
tinha uns chinelos, vendi-os,
tinha uns amores, deixei-os.*

O boliviano riu ruidosamente, de tal forma, que parece ter apressado a entrevista de Benacron com o outro freguês. Abre-se a porta e sai uma senhora muito elegante, pisando firme.

— Oh Pedrão, você veio depressa, homem? Fala Benacron, abrindo os braços.

— É isso, homem, os problemas são muitos e a gente tem pressa.

— Vamos entrar, vamos entrar. Fala Benacron nervoso. Preciso lhe falar.

E logo depois de fechar a porta:

— As coisas estão ficando feias. Não é que os americanos compraram as fábricas de balata da Inglaterra? Compraram tudo. O danado do gringo, sem qualquer aviso, adquiriu instalações, tudo, está sozinho no mercado. Vai agora impor o preço. Já recebi um telegrama em que baixa a cotação da balata. Veja lá: O preço estava em 260,00 o quilo, agora só quer pagar duzentos.

— Pretendo fornecer este ano 600 toneladas, Benacron, seriam cento e cinquenta e seis milhões.

É, meu, mas vai baixar para 120 milhões. Há uma diferença de 36 milhões. Benacron suava por todo o corpo. A camisa molhada, a testa porejava. Pedrão recebia o impacto com aparente calma.

— E agora, Benacron? Por que não tenta outro país. A Alemanha?

— Pode-se tentar, mas é um pouco tarde. Já peguei dinheiro do americano. Além do mais o alemão compra das Guianas, de Paramaribo, através da Holanda. Caiena fornece para a França, é mercado tradicional desde o século passado. O Brasil nem sabia ainda que tinha balata e os franceses já a exploravam em 1890. Você quer ver uma coisa? Benacron abre a gaveta e retira dois pequenos livros. Veja aqui, são dois estudos franceses sobre a balata das Guianas no século passado: em 1895 Adolphe Bally, Emile Brunet e outros já obtinham concessões do governo da França para explorar balata na comuna de Sinnamary, com base no regulamento de 18 de janeiro daquele ano. O governo francês dava *permis d'exploration* para áreas definidas, certas, de 25.000 hectares. Eles chamavam ao produto “*gomme de Balata*”. Veja aqui este *Moniteur de la Guyane Française* de junho de 1895, está cheio de editais para exploração de ouro e balata na Guiana. Nós brasileiros entramos muito tarde no negócio.

— E a deles parece ser melhor, pondera Pedrão.

— É verdade. Eles não fervem, como nós. Secam ao sol. Fica mais elástica. Secam em lâminas, como se fosse couro de porco. A nossa vai nesses blocos e às vezes até com barro ou pedra dentro.

— Não a minha. Adverte Pedrão.

— De fato. A sua é a melhor. É limpa. E é por isso que mantemos os negócios.

E remata:

— Agora, com essa nova notícia, não posso pagar mais de cem por quilo. Nosso dinheiro está no fogo. Nosso lucro tem que ser proporcional.

Pedrão saiu meio tonto do escritório do Benacron. Como enfrentar aquela situação? Centenas de homens nos balatais do Maicuru, do Paru, do Curuá de Alenquer e em outros sítios, vivendo todos à sua custa, as famílias em Monte Alegre, Almeirim e Alenquer, custeadas por Pedrão. Um mundo de dinheiro jogado naquela aventura. Pedrão não tinha condições de procurar novos mercados. Alemanha, França, Itália, para ele, eram apenas nomes sonoros. Sua imaginação formava de cada nação uma ideia muito pessoal e extravagante, de acordo com a cara dos alemães, franceses e italianos que conhecia. Julgava da simpatia do país pela simpatia dos seus filhos no exterior. E o Japão? Difícil de entabular qualquer negociação direta. Também não havia intermediários, pois quem se atreveria a entrar naquele circuito, que começava em Nova Iorque e terminava na floresta? A não ser Benacron, Benaury e mais uns dois ou três menores exportadores, todos vinculados a grupos internacionais poderosos, ninguém poderia romper aquela cadeia de ferro, (ou de ouro), que vinculava tantos seres humanos. Benacron expunha as suas razões:

— Nós arriscamos nosso dinheiro. Por que o governo não funda um banco para financiar? Nós é que somos o Banco e se vem um prejuízo o governo não indeniza.

Benacron, em segundos, passava da maior afabilidade à maior grosseria.

Era verdadeira a queixa do exportador. Desempenha um papel social e econômico, que ninguém mais enfrentaria, tudo dependendo das ligações internacionais, e da raça. Os portugueses, abastados comerciantes, preferiam as tabernas e padarias da cidade, as serrarias, os galpões sobre os barrancos. Os sírios e libaneses se enfronhavam no regatão ou em indústrias de produtos regionais, mas sem o capital suficiente para enfrentar países importadores. Pedrão lembrava-se do seu amigo Natalino, que montou uma fábrica de guaraná e mandou amostra para os Estados Unidos. Veio

um pedido de cinco milhões de garrafas. Onde ele iria buscar cinco milhões de garrafas para abastecer os americanos, ele, coitado, que se julgava um grande industrial, porque produzia vinte mil? Havia um contraste entre a opulência da região e a pobreza de seus habitantes. Daí o êxito de um Benacron, amigo de compradores internacionais, com crédito nas praças de Londres, Nova Iorque e Amsterdam, peça de uma máquina gigantesca que começava a montar-se para, a pouco e pouco, dominar o mundo. Empresas que surgiam, com ramificações por vários continentes, dedicando-se a dezenas de atividades diferentes e até antagônicas, com mil faces, ora como sociedades anônimas, ora como entidades em nome coletivo ou limitadas, ora até individualmente, com o nome de um homem só à frente, dado como multimilionário internacional, de nacionalidade duvidosa, com nome alemão, prenome hebreu, certidão de nascimento suíça, nacionalidade americana, e passaporte de três ou quatro nações, a seu critério. Não era o caso sequer de binacionalidade, de dupla, mas de quádrupla nacionalidade. Sim, era o impossível que acontecia, o impossível legal.

Seu advogado certa vez lhe dissera:

— Você sabe o que é o impossível legal? É o absurdo que se consegue às vezes com a interpretação da lei.

O que estava ocorrendo com a balata aconteceria com a castanha-do-pará, com o cumaru cristalizado, com o babaçu, com o cacau, com a madeira, com as essências, com a copaíba. E o ouro? Este saía por caminhos subterrâneos, que nenhuma força era capaz de remover. Os caminhos subterrâneos da mãe-pátria, por onde escorrem as suas riquezas. Os porões da pátria.

Pedrao saiu meio tonto do escritório de Benacron. Levava uma paulada ou um bofetão da sorte, agora, com aquela quebra de preço, incontrolável. Quem obrigaria os importadores americanos a pagar mais? Reclamar para quem? Não exportar, seria a solução. Estocar, para esperar melhor oportunidade. Mas o produto seca, endurece, “enferruja”, como diz o vulgo, se estraga todo, perde peso, uma tonelada hoje daqui a um ano pesa oitocentos quilos, com o risco de não se aproveitar mais para a indústria delicada de telefones, aparelhos elétricos em geral, bolas de golfe, aviões, etc. Nem mesmo os produtores sabiam para que poderia servir aquela balata toda. Às vezes misturavam os leites e o estrangeiro nem dava pela estória. Uma

infinidade de espécies existe na Amazônia, desde a balata verdadeira, à murupita e a curupita, muito parecidas, a maçaranduba e outros vegetais que produzem látex. A mistura da murupita, embora com menor elasticidade, não dava para perceber. O gringo comprava tudo. Devia ter em que aplicar e ganhar muitos milhões.

— A variedade das balateiras — disse certa vez a Pedrão um técnico do ministério — é enorme. São todas da espécie das sapotáceas. Mas há outras árvores que também produzem látex, como a seringueira. Pelo menos cinquenta variedades. A natureza é pródiga: o mesmo acontece com as flores. A diversidade das orquídeas dá para encher páginas de livros, cada uma com um formato e um colorido especial.

Baixava sobre os balateiros uma nuvem negra de consequências imprevisíveis. A diminuição do preço teria repercussão maior no ano seguinte, quando muitos se desinteressariam pela dura empreitada. Ficariam nas cidades aumentando o número dos párias. Naquela atividade, já eram párias, também, mas párias alegres, voluntários, com trabalho certo, embora com risco de vida e longe da família. Afinal de contas a produção anual devia pesar um pouco na economia do país. Havia anos em que a exportação do Pará chegava a atingir cerca de mil toneladas. E tudo dependia dos meios de produção, que poderiam elevá-la até duas mil toneladas por ano.

E ainda havia quem sonhasse, como o Antônio Feitosa, com a exploração por aviões! Um sonho em que muitos não acreditavam e que ele, com seu idealismo, prometia tornar realidade, tentando abrir campos de aviação em plena floresta, no Rio Curuá, no Cuminá, no Paru, no Maicuru, no Jari. Haveria de comprar um ou dois Catalinas, dizia ele. O campo da Confusão já ia adiantado. Feito à mão, com enxadas e pás, e machados. Piçarra transportada em padiolas, com homens gemendo sob o peso da carga, como animais.

Quase noite, mal percebe Pedrão, ao sair da avenida Eduardo Ribeiro, que o acompanhara o boliviano, de nome Solino Lopez, sempre com os dentes à mostra, propondo negócios, via Cobija. Negócios para ganhar muito dinheiro, dizia ele. *Se usted tiene oro yo tengo cocaína.*

Pedrão avista ao longe o Teatro Amazonas. Lembra um bolo confeitado em plena selva, testemunha de uma época de fausto e de imprevisão. Relembra as cenas que lhe contara o pai, patrão de seringueiros: os bares

iluminados, a música por toda parte, as bebidas mais finas à disposição, mulheres importadas, companhias líricas, seringueiros acendendo cigarro ou charuto com cédula de quinhentos mil réis, uma loucura coletiva, que depunha contra um povo e uma nação. Uma burrice geral.

Quanta riqueza e quanta pobreza ao mesmo tempo! Pobreza não apenas a de recursos materiais, mas a outra, também, a do espírito, consagrada na Bíblia e que o compadre Queiroz, pastor protestante, tentava explicar a Pedrão:

— Não é pobreza de espírito, imbecilidade. É pobreza *em* espírito, isto é, a pessoa que por dentro é humilde, singela, pobre. Muita gente pensa que é pobreza *de* espírito, o que é outra coisa.

Assim ia o pensamento de Pedrão, enquanto os bondes passavam, bondes ingleses, da Manaus *Tranways Co. Ltd.*, martelando pesadamente nos trilhos ou rangendo nas curvas, bondes velhos agora, com tanto uso; ao longe o cais, da Manaus *Herbor Company*, também inglesa, flutuante, obra-prima de engenharia.

Lopez entrega a Pedrão um papel, com o seu nome, a indicação do hotel em que se hospedara, o Baré INN e o telefone, por sinal, da Pará *Telephone Company*, também inglesa. Recorda então Pedrão o que lhe dissera certa vez o Dr. Clodomir:

— O Brasil é uma ilha cercada de ingleses por todos os lados. Vá ao Rio e veja a Light com um contrato de 90 anos. Também, quando terminar o contrato, vamos receber todo o patrimônio já pago, de graça, sem nada mais indenizar. Essa será a hora do nosso lucro!

Clodomir era bom crítico, mas um mau futurólogo.

Pedrão guardou a papeleta do boliviano, homem à procura de negócios, que negócios seriam? Solino, por pouco não era Solano. *Se usted tiene la balata yo tengo cocaína*. Fronteira aberta, negócio certo, capaz de enriquecer qualquer um e levá-lo aos mais altos postos.

Pedrão deveria voltar no dia seguinte a novo encontro com Benacron. Seu pensamento, porém, estava longe, ora em Belém, ora nos balatais, onde àquela hora se decidia a sorte de muita gente.

A noite descera sobre Manaus. Pedro seguia pelas ruas semidesertas no centro comercial, como se fora um sonâmbulo. Uma imensa lua se mostrava no céu nebuloso. Seus passos ecoavam como marteladas na solidão.

Ao penetrar na rua Sete de Setembro, o ambiente é outro. Uma grande aglomeração. Prédio vasto com muitas janelas iluminadas. Automóveis roncando sobre o calçamento irregular, ambiente festivo e inusitado. É o Clube Rio Negro em dia de festa. Pedrão se aproxima sem dar muita atenção a toda aquela multidão aglomerada na porta, especialmente moças e senhoras, serenando. Carros param, mulheres bem-vestidas descem com seus acompanhantes. Ouve-se música, uma alegria contagiante está no ar, mas esbarra ante a alma de Pedrão, indiferente a tudo. Pouco a pouco se afasta, os sons vão ficando para trás. A cabeça fervilha. As preocupações não deixarão Pedrão dormir àquela noite.

No Rumor do Eldorado



No dia seguinte, muito cedo, Pedrão já se encaminhava para o escritório de Benacron. Não dormira bem à noite. Seu pensamento divagava. Ora estava em Belém, ora nos balatais, ora em Manaus. O centro de suas preocupações, agora, era Benacron, com aquela notícia da baixa do preço da balata já encomendada, uma revolução em todos os planos traçados.

Um calor de inverno parecia subir da terra. Os paralelepípedos, desgastados pelas rodas de carroças e pelo sacolejar dos velhos bondes, começavam a esquentar com os raios do sol. Inverno e quente. Como poderia ser isso, quando em outras plagas inverno era sinônimo de frio e verão do calor? Mas Pedrão estava habituado a desafiar calor e umidade na floresta, sua vida inteira nada mais fora do que um desafio à natureza amazônica. Curtira a malária na selva. Outras doenças regionais ele as enfrentara e saíra vencedor. Havia febres que vinham e iam sem que se soubesse o nome. São vírus — explicava o Dr. Clodomir. Na Amazônia há mais de trinta vírus desconhecidos. Agora, tinha a impressão de que os primeiros sinais de velhice começavam a apontar. Já se sentia mal no calor intenso, em certas ocasiões, e às noites, às vezes, seu sono se povoava de sobressaltos e pesadelos. Acordava com o coração aos pulos, mudava de posição, logo mais voltavam os sonhos ruins, que o forçavam a tomar nova postura.

O Teatro Amazonas recebia na cara de pedra todo o sol equatorial. Há decênios que, todos os dias, era saudado pela aurora na sua imponência artística, como um imenso bolo preparado para um festim fantástico em que todos saíam embriagados.

Benacron ainda não chegara ao escritório.

Lá já se encontravam duas pessoas: Solino, o boliviano, e Antônio Feitosa, velho amigo, magro, seco de carnes alto, figura de idealista, como um Quixote sonhador:



— Você já sabe da última? Foi logo indagando Pedrão, dirigindo-se a Feitosa. Benacron recebeu aviso da América de que o americano não quer pagar o preço previsto. Vai baixar mais de dez por cento. Prejuízo.

— Logo agora! Logo agora! Fala Feitosa, e põe as mãos na cabeça, amargurado. E prossegue:

— Logo agora que estou planejando construir pistas para avião.

— Você não acha que isso é loucura? Onde os aviões? Como transportar blocos de balata via aérea? Isto aqui é Brasil, meu velho, não é Estados Unidos. Falta tudo: combustível, peças, mecânicos, pilotos. É uma engrenagem enorme, que vai devorá-lo.

— Pois olhe! Fala Feitosa com firmeza. Vou comprar um Catalina para experiência. Se der certo comprarei outros. O Catalina é anfíbio, avião ideal para a Amazônia. Tanto desce em terra como na água, nos rios, nas pistas de barro. É uma maravilha. E possui boa tonelagem para carga.

— Mas onde você vai fazer esses pousos?

Feitosa retira do bolso um mapa um tanto rústico, sebento de uso, e mostra a Pedro:

— Veja aqui! Escolhi regiões estratégicas: no Cuminá, município de Alenquer. É zona de balata. Outro mais longe, que já até iniciei e você sabe disso, no Confusão e mais adiante no São Francisco, também em Alenquer. Há outros locais em vista para os lados do Maicuru, do Paru e do Jari: o Macau, o Serinha, o Anatum, o Campo Geral, o Carecuru. Os municípios de Alenquer, Monte Alegre e Almeirim vão ser beneficiados. Tem também o Molocopote. Cada avião pequeno pode transportar 330 quilos de balata. Em dez voos eu coloco na sede do município mais de três toneladas. Ganho tempo, e tempo é dinheiro. O que se faz em um ou dois meses, através dos rios, posso realizar em um ou dois dias.

Pedrão admirava a fibra daquele homem. Vivia lutando. Tendo ideias. Produzindo, tentando criar coisas novas, pondo em prática sonhos e ideais. Conhecia a Amazônia a fundo, e o Baixo Amazonas palmo a palmo. Poderia estar muito rico se não fora tão honesto. Vez por outra empobrecia, perdia tudo num negócio perigoso, outras vezes recuperava as finanças e iniciava nova aventura.

Na última safra a balata subira de preço assustadoramente. Feitosa pos-

suía contrato com Benacron que lhe permitia rescindir pagando dez por cento de multa. Venderia a batata a outro comprador com trezentos por cento de lucro. Aconselhado a utilizar a cláusula, Feitosa recusou. Dissera-lhe o advogado:

— Não há nenhuma infração nisso. O contrato prevê a rescisão. Você obedece ao contrato. Paga dez por cento a Benacron e ganha duzentos e noventa por cento de Spiegelhafen em Nova Iorque.

Não e não. Respondeu-lhe Feitosa. Eu nunca fui rico até hoje e me lembro sempre dos conselhos de meu pai. Sou cliente de Benacron há muitos anos. Não vou fazer isso agora só porque o preço subiu.

Entregou a balata. A vantagem de Benacron foi a cerca de trezentos por cento. Feitosa se limitou a receber o que normalmente contratara, um lucro modesto em comparação com a fortuna que jogara fora.

— Você vai ver agora, pondera Pedrão. Benacron, ano passado, teve um lucro enorme com você. Com todos nós. Entregamos a balata que poderíamos ter vendido a outro. Agora inverteram-se os papéis. Vamos ver como ele se comporta.

Na verdade, a reviravolta era enorme. Pelas notícias vindas de Nova Iorque a baixa de preço poderia atingir de dez a cinquenta por cento. E toda a vez em que se davam limites instáveis a tendência era descer ao máximo da desvalorização.

— Prepare-se logo para os 50%! Aconselha Pedrão. Não consegui dormir esta noite. Já estou sentindo umas coisas que antigamente não sentia. Meu coração dá pulos de noite, acordo sonhando com cobras e lagartos.

— Contanto que não seja a “cobra-grande”. Faz humor Feitosa.

O boliviano, que parecia dormir, abre os olhos. Fingia cochilar, mas escutava toda a conversa, em silêncio:

— *Por que ustedes se envuelven en negocios tan inseguros? Yo tengo buenas mercadorias, com lucro rápido, que no dependen ni de verano ni de invierno... Benacron no quiere hacerlos. Tiene miedo, no se de que...*

Feitosa e Pedrão se entreolham. Não lhes interessam os negócios escusos do boliviano. Mas, curiosos, indagam quase a uma voz:

— Que negócios são esses, senhor...

— *Solino, señor, Solino López...*

O boliviano arregala os olhos, contempla em redor como a ver se há testemunhas, depois, baixando a voz, aproximando a cadeira dos dois interlocutores:

— *Es la coca... buena... de Santa Cruz de la Sierra... puede venir refinada...*

— Não, isso não, protesta Feitosa. Você está doido, homem?

— *Esa... misma pregunta me ha hecho ayer el señor Benacron... Pero no hay nada de anormal... Hay personas muy importantes acá que la compran... y se quedan ricos, hacen viajes, construyen edificios, tienen casa en Miami... y ayuda también en las campañas políticas... es fuerza de la plata... sí... la plata...*

E o boliviano esfregava os dedos da mão direita, enquanto repetia, como último argumento:

— *Es la plata... la platita...*

E prossegue:

— *Se ustedes quieren pueden refinela acá... Hay mucha selva... no se descubre nunca...*

— Nós não somos disso! Protesta Feitosa. Acho que o senhor bateu em porta errada.

O boliviano se calou. Recuou a cadeira. E se recolheu ao seu silêncio anterior, com os olhos semicerrados, como quem dormita.

Entra Benacron apressado e manda logo que Pedrão e Feitosa passem à outra sala.

Ataca logo o assunto:

— Os casos de vocês dois são iguais. É o preço da balata. Mr. Blomberg baixou o preço. Ou melhor, não foi ele, é o comércio internacional, a Bolsa, uma porção de fatores influindo nisso. Não adianta recorrer a outros compradores, Spiegelhafen, Kleinerberg, Schweinkopf, Eselzahn, Kulneu, eles brigam entre si, mas em última análise são sócios. Estão controlando o mercado inglês. Compraram as fábricas da Inglaterra.

— E a Holanda?

— Não adianta! Eles compram das Guianas, do Caribe, são fregueses tradicionais. E, assim mesmo, em cada firma holandesa há um Schweinkopf ou um Spiegelhafen. Lá as firmas são Schweinkoph & Noodt... ou Spiegelhafen & Loon, Pferdefuss & Lonck.

— E a Alemanha?

— A mesma coisa. Lá está a Kurnagel & Schweinbrent... Mudam as figuras, mas o capital é um só. Não procurem entrar nesses segredos. Aliás, eu já estou até falando demais... Vocês me inspiram confiança, são amigos velhos.

— Ano passado eu podia ter ficado rico, mas perdi para cumprir a palavra. Aventurou Feitosa. Se seguisse o conselho do advogado não precisava trabalhar por vários anos.

Benacron, com seus olhos azuis, o fita nos olhos negros:

— É verdade. Mas o que você quer consegue aqui. Se precisa de dinheiro faça um vale. Somos gratos e bons amigos. Não esqueço.

— Eu só quero que o americano sustente o preço. Nada mais. Se contratou por 230 o quilo, não pode pagar 200 nem 150.

— Vocês já pensaram se Blomberg diz que só paga cem? Nós vamos chorar pitanga, mas o jeito é aceitar ou estocar a balata, que também apodrece...

Feitosa e Pedrão se entreolham. Eram homens honestos. Habitados a muitas lutas. Viam-se agora numa encruzilhada. Não seria possível fazer voltar da selva todo aquele exército equipado, em plena guerra. Seria prejuízo total. Deveriam prosseguir. Fazem um último apelo. Que Benacron firme algum documento com Blomberg assegurando pelo menos o preço de duzentos e vinte. E garanta perda e danos, como aconselhara o advogado.

Benacron promete tudo. Irá comunicar-se com Nova Iorque. Dará outras notícias depois.

Feitosa e Pedrão se retiram, um nó na garganta, vontade de dizer palavras, o boliviano dormitando na sala de espera. Agita-se com a abertura da porta e ainda tem tempo de acercar-se dos dois e sussurrar-lhes ao ouvido:

— *No olviden. Yo estoy en el Hotel Baré... el Baré Inn... a sus ordenes...*

Aproxima-se o meio-dia. Pedrão precisava viajar. Poucos voos aéreos, Catalinas de Panair do Brasil com escala em Santarém e Monte Alegre. Barcos silenciosos se amontoavam no porto, de todos os tamanhos, desde transatlânticos a iates e botes.

Sol a pino. O calor aumentava. Os dois homens, como comandantes de exército fantasma na floresta, sentiam-se sem apoio do comando mais alto. Situações bem difíceis estavam habituados a enfrentar. Mais uma batalha se esboçava à sua frente. Batalha de vida e de morte, agravada, para Pedro, com outras batalhas paralelas: o drama do filho, a política, os bancos, as famílias

dos balateiros, um mundo de responsabilidades a pesar sobre os ombros de um só homem. Onde estaria Mauro àquela hora? E o grupo chefiado por Neca Dantas, em rumo diferente, do qual não tivera mais notícias? Onde? Separava-os de Manaus uma distância de quase mil quilômetros.

Neco Dantas vacilara inicialmente entre caminhar no mesmo rumo de Purificação, em busca do Rio Paru, ou seguir em sentido contrário, para oeste, até atingir o curso do Curuá e do Cuminá, no município de Alenquer. Para ambos os lados havia balatas virgens. Conhecedor da região, encontraria em qualquer ponto onde colher o látex. As instruções de Pedrão não lhe retiravam tais iniciativas. Os balateiros, em seu conjunto, semelhavam um exército, com comando e subcomando em vários escalões. Não era em vão que denominavam *tropas* aqueles grupos de homens adestrados, empenhados em dura batalha em plena selva. Havia esforço de guerra, com ameaças internacionais, em que se costumava chamar de Exército da Borracha os exploradores de seringueiras. O mesmo podia dizer-se dos balateiros. Os comandos ficavam sediados em Manaus e Belém, representados por Benacron e Benauri, respectivamente. É bem verdade que havia um comando maior em Nova Iorque e Londres, mas esses estavam muito longe e só mantinham contato com os seus representantes amazônidas. Na escala descendente os patrões de balateiros eram os subcomandantes imediatos, aviados e aviadores ao mesmo tempo, financiadores de centenas de homens e respectivas famílias. Os grupos que se embrenhavam na floresta, por sua vez, obedeciam a chefes diretos, os mateiros. Neco Dantas era o chefe daqueles balateiros todos, mas logo depois, na hierarquia, vinha Purificação. Por isso Neco Dantas preferiu seguir o mesmo rumo de Purificação, para leste, em demanda do curso do Rio Paru.

Acompanhava-o Zózimo, que desta vez se desligou do seu parceiro na caça às onças. Integravam mais esse grupo Ernestino, o marajoara, Manoel Pedreira, nordestino, Sebastião Silva (Sabá), bom de rifle.

Era preciso distribuir os homens de acordo com as suas aptidões. E para que parecesse mais com um exército os iniciantes da difícil missão, chamados conscritos, treinavam meses seguidos antes de serem engajados.

Treinavam em castanheiras ou árvores do igual porte em Monte Alegre ou no Cuçaru. Neco Dantas era o instrutor. Explicava aos neófitos como atracar o cinto de couro e passar-lhe o cabo de aço, como prender às pernas os esporões de ferro, como apoiar-se com os pés fincados no tronco e galgar as alturas como simples movimento dos braços. Ensinava-lhes como fazer as incisões, em linha vertical e nas laterais. O mais aprendiam depois, na prática, a colheita dos embutidores, o cozimento do látex, a surra com água e o acondicionamento nas caixas, até estarem prontos os blocos para a ferra.

Neco Dantas dera ordem para que navegassem pelo igarapé Honorato ao ponto mais distante, algumas léguas daquele em que ficara Purificação. Surpresas não faltaram, com o encontro de uma cova de onça. A região começava a apresentar alguns blocos de granito, redondos, com aspecto diferente da que até então haviam percorrido. A cova das onças exalava mau cheiro à distância, ninguém conseguia se aproximar. Um bafo nauseabundo contaminava os arredores.

Zózimo entende de onça. E ponderou:

— As onças em geral fedem muito. A cova é mal cheirosa. Mas essa está demais.

Recomendou que todos se mantivessem à distância. Pé ante pé, demonstrando sangue-frio e experiência, aproximou-se o que pôde e detonou o rifle em direção da cova. Duas onças vermelhas pularam fora e fugiram desabaladamente.

Ainda tentou alvejá-las, sem resultado.

Elas arrastam veados e antas mortas para dentro da cova. Não comem tudo e o que sobra apodrece. Daí esse mau cheiro.

Neco Dantas recomendou que prosseguissem caminho. Não adiantava perder tempo com onça vermelha, cujo couro nem sequer era comercial. Durante todo um dia vararam a mata e pousaram, para dormir, num pequeno descampado. Havia balateiras em redor. Ali montaram acampamento, construíram os seus tapiris para extração da balata.

Os dias corriam assim, cada um dos grupos de balateiros caminhando na mesma direção, mas separados por enorme distância. Não poderiam se encontrar no Rio Paru, devido a longa caminhada a percorrer e as montanhas, que já se mostravam no horizonte.

Zózimo dera demonstrações de doença, febre, malária na certa, logo combatida com comprimidos da “farmácia” que os acompanhava.

Sabá metera a mão numa poça d’água e levava o choque de um puraquê. Não dava para matar, mas o peixe elétrico metia medo. Existia muito na região, especialmente nas poças perto de cachoeiras ou corredeiras. As chuvas perturbavam a atividade normal, mas não impediam que, mesmo assim, todos trabalhassem, as roupas sujas e molhadas, a lama no chão atapetado de folhas secas, os borrachudos e carapañas picando e zunindo nos ouvidos, contratempos a que já estavam acostumados e que se tomaram rotina.

A produção crescia. Blocos ferrados se acumulavam ao lado dos tapiris. O grande problema seria, ao fim da safra, o regresso. Voltar pelos mesmos caminhos a fim de tomar o curso do Maicuru ou contornar pelo Rio Paru e descer até Almeirim? Esta última solução era quase impossível, maior a distância, região montanhosa, mas o Paru oferecia a vantagem de ser um rio de grande porte, onde se fazia sentir em menor escala o verão, que costuma baixar o nível das águas. Havia um tempo certo para o regresso. A partir daquele limite os balateiros ficavam sob a ameaça de não poder lançar os blocos nos córregos e rios e ter que esperar outro inverno. Um risco que todos conheciam e deviam enfrentar, com os olhos sempre no céu, para observar as nuvens e as chuvas, ou nos rios, a fim de controlar o seu nível. Se as águas comesçassem a baixar era hora de parar com a expedição e dar sinal de regresso.

Da mesma forma que Purificação, Neco levava um calendário onde toda manhã cancelava um dia. Só assim saberia se estava vivendo um domingo ou uma quarta-feira e qual o mês do ano. Havia combinado começar a descer no dia 1º de agosto, aproveitando os córregos ainda cheios.

Neco Dantas lamentava não poder ultrapassar a montanha que ali avançava, separando os cursos do Maicuru do Paru. Fácil seria passar do Paru para o Jari, nunca, porém, do Maicuru para o Paru. A montanha dos Sete Lagos era uma barreira praticamente intransponível para homens carregados como animais.

Ouvira falar na Grota Rica, localizada entre o Paru e o Jari. Uma mina de ouro profunda de que lhe dera notícia Ernestino:

— Eu estive lá, falou Ernestino. Tem muito ouro. E só cavar. Basta subir pelo Jari até o Rio Cuca. Para o lado do Paru está a Grota Rica. Mas não dá para ir pelo Maicuru. Tem também o Igarapé Curuapi, afluente do Jari, com muito ouro.

Às vezes tinha vontade de desligar-se do grupo, ou seguir em frente, com grupo e tudo, atravessar a montanha e procurar ouro do outro lado. Mas seus compromissos com Pedrão eram sérios. Não podia fazer isso. Seria uma aventura. Mas sonhava em preparar uma expedição, enquanto o ouro não fosse encontrado por outros que farejavam aquela região.

Já conversara com gente instruída, em Belém, sobre o assunto. Um velho professor de História, Dr. Desidério, lhe dissera:

— O Igarapé Curuapi, afluente do Paru, possui uma gruta formada de rochas micáceas que os índios dizem ser o “Palácio de Ouro do Eldorado”.

E ante o espanto de Neco Dantas o velho mestre foi buscar um livro e lhe mostrou:

— Olhe aqui! Este livro foi escrito por um cientista e pesquisador francês chamado Crévaux, no século passado. Veja o que ele diz na página 91: “As serras de Tumuc-Humac são constituídas de terrenos primitivos absolutamente idênticos aos que fornecem o ouro da Baixa Guiana, havendo todo motivo para acreditar que elas são ricas em produção aurífera.”

Neco Dantas sonhava com a Grota Rica, haveria de encontrá-la algum dia, tantos os indícios de sua existência.

E prosseguindo:

— Não é só isso. Leia neste livro de Henrique Santa Rosa, *Pela Amazônia Paraense*: “nas margens do igarapé Curuapi, afluente do Jari, indica ele (Crévaux) a existência de uma gruta formada de rochas micáceas, que os índios dizem ser “o Palácio de Ouro do Eldorado.”



Segunda parte
(Os algemados)



*Para que tantos homens de fala estrangeira,
robustos e tranquilos,
joguem golfe,
tão despreocupados de tudo,
é preciso talvez que dezenas de crianças passem fome
nalgum lugar do mundo
(trecho de um poema inédito do autor)*

*Aquele que poupa a vara não ama seu filho.
(Provérbios, 13, 24)*

*“Quand on a vécu la vie sauvage, la vie civilisée
désenchante, il a faut se remettre compter, calculer, s’inquieter
du lendemain, de l’avenir. Il faisait si bon se laisser vivre
là-bas, dans les maisons indiennes des prairies, indifférent,
délivré. Chasse, pecher, sans besoins, sans chef, dans la
liberté absolue, dans l’égalité véritable, indépendant,
calmé, dans le vaste désert, sous la sourire du ciel équatorial,
oubliant, oublié!”*

*(Henri Coudreau — La France Equinoxiale — Voyage à
travers les Guianes et l’Amazonie, p. 419)*

Os Pródromos da Anarquia

Mauro, deitado na rede enegrecida pelo uso, não consegue adormecer. Mal dormita vê ferros incandescentes, fumaça, brasa sobre todas as coisas, as árvores, as folhas, os homens, as feras. Delira. Passara toda a tarde ajudando a ferrar blocos de balata. Sentira-se mal ao anoitecer. Que seria? Purificação suspeitava de malária. Aquele febrão, o rosto vermelho, olhos vermelhos, um calafrio que nem todo o calor da fogueira conseguia dominar. Mauro vomitara. Queixara-se da comida. Bem dissera que não lhe apetecia comer carne de tamanduá. Um bicho horrível! Focinho comprido, o rabo embandeirado, os movimentos moles, animal que deitava como gente e como gente abria os braços, oferecendo um amplexo muito amigo. E o estômago cheio de formigas. Não, não comeria tamanduá. Mas as caças começavam a escassear naquela região. A vegetação se tomava mais rarefeita, pedras, muitas pedras, redondas como se fossem feitas por um escultor. Rochas por todos os lados. Cobras, especialmente a coral e a surucucu, pico de jaca. Revoredo sugeria outra hipótese:

— Mordida de cobra. Pode ter sido. Por aqui há muita serpente venenosa.

Os homens já se acostumavam com elas. Nos primeiros dias Mauro se apavora. Depois, Purificação explicou:

— Você vendo cobra no tapiri não mexa com ela. Não provoque. Ela vai ficando até se acostumar com o nosso cheiro. Depois não morde mais.

Estória ou verdade, o certo é que muitas vezes Mauro via serpentes enroladas no fundo da canoa, nas traves do tapiri, ou deslizando vagarosamente sobre as palhas. No princípio fugia. Depois foi se acostumando. O homem se acostuma com tudo, até com as cobras.

— Não pode ser picada de cobra. Ele não sentiu nada, nem viu nenhuma. As que há por aqui já se habituaram ao nosso cheiro.

Era o olfato das serpentes, tão apurado quanto a dos cães.

— Foi o tamanduá, dizia Mauro, com os lábios trêmulos.

Purificação deu-lhe água quente para beber e vomitar. Só assim serenou um pouco. Vinham os pesadelos. Ora era o ferro em brasa, ora a imagem de Regina, ora a de Laurinda. Pedrão também aparecia, muito zangado. Só D. Santa o consolava nos sonhos. Mesmo assim D. Santa lhe aparecia com uma cobra enrolada nas pernas, lembrando velha imagem de santa, que vira certa vez assim.

E mais as chuvas. Intensas. Brutais. Chicoteando a cobertura de palha, apagando a fogueira, de onde se elevavam colunas de fumaça. Purificação procura remédios para estômago, aparelho digestivo, lê bulas, mas prefere aplicar os vomitórios vegetais, que a experiência na selva lhe ensinara.

— Com a ipecacuanha ele melhora. Ou então com o paracaxi ou o lou-ro-puxuri, medicina florestal.

Toda uma noite assim era demais. Mauro pela primeira vez sente que as forças da selva são mais poderosas que o homem. E depois do vômito a diarreia constante. Diarreia na selva, com chuva e à noite, castigo selvagem. Só consegue dormir com tranquilidade pela madrugada, o estômago vazio de tanto vomitar. A chuva amainara. Carapañas. Uma umidade penetrante desafiava qualquer cobertor. Mesmo assim o sono veio suave, para compensar tantas horas de desassossego e agitação.

Com a aurora, anunciada pelo urro cavernoso das guaribas, agasalhadas nas forquilhas das grandes árvores, o sol parecia trazer-lhe novas mensagens. Raios se filtravam pela folhagem. A mata se aquecia a pouco e pouco. Mauro só muito tarde voltou a si, exausto, enormes olheiras. Perdera em uma noite todo o vigor que conquistara em quatro meses de selva. A palidez fazia sobressair a barba negra.

— Com outra dessas, seu Pura, eu bato o pacaú.

— Bate nada, moço! Isso faz parte. Agora é que você vai ficar durão, sarado de tudo, com corpo fechado. A gente precisa passar por essas provas. Vacina de tamanduá.

— Maldito tamanduá, seu Pura.

— Que jeito! Por aqui não há quase caça. As antas preferem a beira do rio. Já estamos muito longe. É preciso começar a pensar em voltar.

Mauro, na hora do sofrimento se lembrava das palavras de D. Santa: — ofereça o sacrifício a Jesus!

Dezenas de blocos de balata se acumulavam, prontos para serem transportados nos ombros. Mais dois meses de selva e a tarefa estaria cumprida.

E Mauro? Que fazer com ele? (Pensava Purificação). Como regressar a Monte Alegre sem saber qual o destino do processo, nem como iam as coisas políticas?

Purificação, porém, confiava em Pedrão e em N. S. de Nazaré.

— Moço, você vai ver que quando a gente chegar de volta está tudo resolvido. A eleição está na porta. Só estou esperando que isso se decida para regressar. A produção está quase no limite.

E depois de uma pausa:

— O diacho é que a gente não sabe como andam as coisas em Belém.

As coisas em Belém iam boas e iam más. Boas quanto às perspectivas de êxito eleitoral, de reviravolta política a favor dos interesses de Pedrão; mas em sentido geral, a baderna nas ruas, o povo inquieto, os jornais insuflando, de lado a lado, a Assembleia com cenas de pugilato, os pródromos da anarquia. As atenções se polarizavam nas figuras pitorescas dos dois chefes, como se se tratasse de exércitos em luta, de um lado um coronel, do outro um general, uns com o poder na mão sem condições de resolver os eternos problemas, outros prometendo mundos e fundos para uma população despreparada e crédula.

— O negócio, em política, é prometer tudo. O povão acredita. Dizia o deputado Caldeira. Depois da eleição a gente não cumpre. Aí o povo já esqueceu! Povo não tem memória!

Deputado Aquilino concordava e ponderava:

— Tenho quase cinquenta anos de experiência política, antes e depois da revolução de 30. Cidade, município e vila onde o homem público realiza obras não lhe dão nenhum voto. Perde sempre.

— No meu município — acrescentava o deputado Robalo —, nas ruas que calcei não me deram nenhum voto. Onde nada fiz a votação foi maciça.

O doutor Cerdeira, deputado também, dava aulas aos companheiros:

— Isso é o que se chama a psicologia das massas. Vocês precisam ler o livro de Gustavo le Bon: *Psicologia das Multidões!* E outro: *O Príncipe*, de Maquiavel! Nosso chefe não leu o primeiro, mas leu o segundo. E sabe de cor a vida de Napoleão, grande estrategista. Vocês não acham que ele parece com Napoleão?

— No tucupi... no tucupi... Interveio enfezado o deputado Roberval, do outro partido, correligionário do general. O coronel pode ser Napoleão no tucupi. Então você quer compará-lo com o corso?

Deputado Aquilino pensava que era corso de carnaval.

— Você não vê que está ofendendo, Roberval? Comparar o nosso chefe com figuras de carnaval, um arlequim qualquer?

— Corso, meu amigo, não é o do carnaval. É corso mesmo. Veja no dicionário: é da Córsega. A ilha em que nasceu Napoleão Bonaparte.

Tais diálogos se passavam na sala das comissões, onde se debatiam os interesses coletivos, antes da sessão, o velho palácio Antônio Lemos, testemunhas da história, com o quadro monumental da instalação da primeira Câmara dos Deputados, na República. Figuras circunspectas, pelo menos na pintura, sobressaíam. Homens bem-vestidos, bem-apresentados, solenes, tendo à mesa personalidades históricas.

Escutam-se três tiros. Os deputados se entreolham.

— São na entrada. Fala Aquilino. Estão assaltando alguém.

Todos correm para o corredor, uma confusão geral. Novo tiro ecoa. Deputado Cerdeira se dirige para o telefone. Tenta chamar a polícia. Ouvem-se apenas as suas palavras nervosas.

— Chamem o chefe de polícia. O quê? Não está? Chamem o delegado Manfredo. O quê? Não está? O delegado Carlino. O quê? Não está? Não há nenhum delegado aí? Nenhum? Como pode ser? Onde está essa polícia? Quem fala? O quê? O guarda de plantão? Se chegar o chefe ou algum delegado diga que está havendo um atentado na Assembleia.

Desliga. Tenta ligar para o governador.

— O quê? O governador não está? Para onde foi? Para o interior? Quando volta? E o secretário-geral? Também não está?

Entra correndo um servente, aos gritos:

— Agrediram dois deputados! Tem gente ferida! Mataram...

Logo em seguida entram dois deputados da oposição, correligionários do general, aos berros. Um sem paletó, a camisa rasgada, sangrando. O outro com as roupas esfarrapadas. Foram assaltados à porta da Assembleia, a bala, ambos sangravam, nervosos. Gritavam em altas vozes; um mais do que o outro:

— Esses canalhas! Bandidos! Ladrões!

Os agredidos, um médico, o outro advogado, boa posição social, estimados, foram ao plenário.

— Roubaram até o meu anel de grau. Fala o advogado, líder da oposição. Foi presente de meu pai...

A essa hora o povo começava a vociferar lá fora. As multidões se aglomeravam à frente do edifício, dominando a praça. A Polícia Militar, pois que a civil era como se não existisse, tentava dominar a plebe agitada, desarmada. O presidente da Assembleia, deputado Queiroz, inquieto, ajeitava os óculos e esfregava o nariz nervosamente. Era preciso reunir a bancada, não realizar a sessão, seria uma solução hábil, evitar tumulto enquanto as coisas se mostravam tão azedas.

— É melhor não fazer a sessão, sugeriu o presidente, apoiado por um dos deputados, talvez o velho Engelsüss, nome bonito, que em alemão quer dizer anjo doce. Se abrir a sessão vai haver o diabo. Vamos deixar isso para amanhã, enquanto as coisas esfriam.

— Para amanhã nada! Fala o líder do governo. Ninguém pode estar solitário com essa violência. Eu vou protestar! Não fomos eleitos para defender indignidades! Sou líder do governo, não sou líder de bandidos!

— Mas... pondera Engelsüss, nós somos maioria, e o que a maioria decidir se cumpre.

— O líder sou eu e minha orientação é para que se faça a sessão. E que protestemos. Já disse que não estamos aqui para aplaudir indignidades.

— Isso foi molecagem do secretário-geral, o Ferdinando Carreira...

— Não, não. Fala alguém. É o pessoal da Comissão de Estradas de Rodagem com o coronel Vinhoto à frente.

— Seja quem for o autor atentado... Dois deputados foram agredidos e quase mortos... Temos que ser contra isso.

Lá fora a multidão se exasperava, jogava pedras em políticos. Um caiu estatelado, ferido na cabeça. Nada tinha a ver com a briga, fora apenas socorrer um amigo. O clima era de agitação, de febre coletiva, de cabanagem.

Os jornais muito concorriam para isso com seus artigos violentos. O estado há muitos anos dominado por uma facção, assistia agora à luta fratricida. Grupos contrários queriam o poder, a qualquer preço. Era um parto doloroso, o de arrancar o poder das mãos de quem o domina por tanto tempo. Parto lento, a sangue-frio, com fórceps. A oposição aguerrida. Uma elite de advogados, médicos, banqueiros, comerciantes, se punham à linha de frente, desencadeando luta em que todas as armas eram válidas, desde os argumentos jurídicos aos insultos e nomes feios. Deputado Correntino, de Bragança, se excedia nas diatribes. Sessão agitadíssima, só discursos de protesto, a começar pelo do próprio líder do governo, jovem embora, que não estava solidário com o atentado estúpido.

Aberta a sessão, o primeiro a falar foi o próprio líder do governo.

— Assistimos a uma ocorrência que depõe contra a dignidade de um povo. Em meu nome e em nome de toda a minha bancada, eu condeno, eu deploro esses acontecimentos que maculam a nossa história política. Reuni a minha bancada e obtive unânime solidariedade no protesto que ora faço. Se faltasse essa solidariedade, eu renunciaria imediatamente o meu mandato. Fui eleito para defender os interesses do povo e não para acobertar malfeitores. Não sei a quem atribuir o mando desse covarde atentado. Se ao governo, não é assim que ele se defende das acusações que lhe são feitas.

E muito emocionado, prosseguiu:

— Não falo só em meu nome, mas no de todos os meus companheiros de bancada, para manifestar a nossa repulsa. Dois nossos colegas de parlamento escaparam milagrosamente de ser mortos, mas foram brutalmente agredidos. Isso não é política. É selvageria. E nós não estamos aqui para apoiar selvagens e criminosos.

O líder da oposição que fora agredido falou também:

— A atitude do líder da maioria salvou a dignidade do Legislativo paraense, porque conspurcado ele está diante do que acabamos de sofrer. Não podemos deixar de responsabilizar o governo pela agressão a mim e ao meu colega. Houve entendimentos, houve premeditação. Fomos avisados,

antes de irmos para cá, de que iríamos ser vítimas de agressão. Não nos intimidamos que fizessem tal coisa. Não acreditávamos que fizessem tal coisa. Mas ao entrarmos na Prefeitura, fomos agredidos e visados por armas assassinas. O mais revoltante é a indiferença policial por tudo.

Não nos acovardamos. Fomos eleitos para sempre defender o povo. Quero responsabilizar o governador pelos acontecimentos. O seu lugar é aqui, em Belém, e não veraneando na sua fazenda na zona bragantina. S. Exa. parece que perdeu a sua autoridade e deixa o estado entregue a malfeitores. O estado está sem administração. Não tem polícia, e sim um bando de irresponsáveis que se alia aos malfeitores para defendê-los e ajudá-los a matar, porque somente pela Providência Divina aqui nós ainda estamos com vida. Fomos assaltados e agredidos por um grupo numeroso, de mais de dez pessoas. Agredidos dois cidadãos que vinham exercer o seu dever, que têm sabido cumprir o mandato que o povo lhes outorgou. Pois bem, por nós termos sabido cumprir o nosso dever, estamos com a nossa vida em perigo. Oh democracia! Que regime democrático! Isso não é democracia; é selvageria.

E finalizando:

— As agressões, as lesões físicas que recebemos, eu e meu colega, ficarão na História, como um ato de selvageria contra legítimos representantes do povo, essa consciência livre que o governador quer sufocar. Mas havemos de vencer. Jamais a prepotência vencerá o império da lei.

O outro agredido, mais exaltado, falou depois:

— Continuarei a defender o povo, nesta tribuna, custe o que custar, até com o sacrifício da própria vida. Dentro desta casa, apesar das diversidades do terreno, por várias vezes têm surgido debates acalorados, mas as nossas divergências acabam aqui. A democracia é isto. Temos um nome a zelar. No entanto, os adventícios que aqui vieram enriquecer vêm menoscabar a dignidade dos paraenses. Ofendem-se diante de minhas denúncias, denúncias indesmentíveis. Reagem, pela covardia, porque são incapazes de um encontro de homem para homem. Covardes, atacaram dois cidadãos pais de família, que, à hora certa, vinham para os seus trabalhos nesta casa. Tive aviso por uma pessoa amiga de que se tramava contra a minha vida. Preocupado em cumprir o meu dever, esqueci de avisar meus queridos pais, minha esposa, de que algo estava para me acontecer.

E prosseguiu narrando como ocorrera o atentado:

— Quando nos aproximamos da escadaria, inopinadamente fomos atacados por um grupo de indivíduos sem responsabilidade. Atacaram-nos e jogaram-nos ao chão. Quando reagimos, fizeram fogo contra nós disparando, por quatro vezes, as suas armas. Covardes! Levaram meu paletó, tendo nos bolsos objetos de minha estimação. Não posso apontar pessoalmente quais sejam os agressores. Gostaria que os seus mandantes se descobrissem e não se acobertassem na capangagem da Comissão de Estradas de Rodagem.

E terminando:

— Muito me sensibiliza o gesto do líder da maioria. O povo do Pará algum dia terá um governo digno, acima dos partidos. Vou terminar. Estou esgotado. Não sendo atleta, assim mesmo reagi e atingi com um soco um dos agressores, um fulano de bigode. Bandidos. Não me mataram. Eu continuarei daqui a ser sempre o mesmo defensor desse povo que sofre e é vilipendiado.

Muitos oradores se seguiram. Um deles, ainda estudante, fogoso e sem temor, narrou que perseguira os atacantes — um numeroso grupo, que se refugiara em uma caçamba de cor verde, chapa branca, estacionada em frente ao Corpo de Bombeiros.

Os jornais publicavam manchetes alarmantes: AMBIENTE PREPARADO PARA A MORTE. A VIDA DE MEU IRMÃO VALE EXATAMENTE A SUA, em consequência do telegrama do irmão de uma das vítimas ao chefe político do partido governista. TENTATIVA DE HOMICÍDIO CONTRA DOIS DEPUTADOS. VIBROU DE INDIGNAÇÃO O POVO.

As eleições estavam perto. O estado parecia pegar fogo, como se um incêndio lavrado queimasse as suas entranhas. Ninguém vivia tranquilo.

Terminada a sessão, um dos deputados, militar da reserva, comanda a passeata de protestos pelas ruas.

— É o cabano! É o cabano! Diziam todos.

À frente da massa humana lança gritos de protestos e em certo trecho para, a fim de falar à multidão:

— O governo apodrece! É preciso reagir, como no tempo de Cabanagem.

A agitada passeata de solidariedade percorre as ruas principais. Começa a anoitecer. As últimas pessoas saem do palácio municipal onde funcionava o Legislativo.

Desembargador Arlindo Leão, em roda de amigos, comentava:

— Vocês não acham que o líder do governo se excedeu, condenando o atentado?

Corria, à voz pequena, que tudo fora tramado à revelia do governador, homem sereno e bom de seu natural, incapaz de uma violência. Difícil seria definir responsabilidades. O secretário negava a autoria intelectual. Teria sido o pessoal da Comissão de Rodagem. Houvera conchavos anteriores a que não estariam estranhos dois deputados. Suposições apenas, não provadas. Havia uma agitação geral, contagiante. O jornal *Folha do Povo* a soltar artigos violentíssimos, que faziam recordar a Cabanagem, quando, de 1830 a 1836, o Pará se ensanguentara, em dura luta, que se espalhou pelo interior. Nomes de heróis cabanos eram lembrados a toda hora, principalmente Angelim e Vinagre. Artigos, firmados com pseudônimos, recordavam cenas de revoluções passadas. Ser cabano era ser agitador, incendiário, terrorista, insuflador das massas, pronto a lutar e morrer.

Com o dedo em riste, um dos agredidos, deputado João Maria, ainda falou para o povo na rua. Apontava para o alto, farrapos da camisa agitados no ar, ensanguentados:

— Esses canalhas, que dominam o estado, têm os seus dias contados!

Ondas humanas continuavam a se acumular lá fora. Terminada a sessão era preciso evitar novamente que fossem agredidos. Os capangas se infiltravam. Difícil seria identificá-los.

O próprio líder do governo desce as longas escadarias com dois opositores agredidos, um de cada lado. Em torno a multidão. Acompanha as duas vítimas até a rua. Toma um táxi, com um deles, o advogado, seu colega, adversário político, mas não inimigo, e o conduz até à sua residência, entregando-o agitado e desarvorado pela brutalidade do ataque, a sua esposa, distinta senhora, serena ante o drama que acabara de ocorrer.

A pergunta do desembargador Arlindo Leão ficara no ar:

— O líder do governo não se excedeu defendendo os agredidos?

O governo era acusado. Outros diziam:

— No partido esse líder está com a carreira cortada. O chefe não vai aceitar isso. O que o chefe quer é que se baixe o pau e vem o líder e se opõe?

Outro completava, caboclo do Salgado, ganhador de eleições e com a espinha dorsal mais azeitada do que roda de engenho:

— O chefe agora vai marcá-lo. Aproveita os serviços dele, mas na primeira oportunidade vai dar-lhe o golpe. Quem for vivo, verá. Já ouvi o chefe dizer que o líder é como laranja doce: “Aproveita-se o caldo e joga-se a casca fora.”

A bancada toda estava solidária com o líder. Desaprovar a sua atitude, agora, seria jogar-se contra vinte e dois deputados. Senador Pandolfo e deputado federal Lameirão aconselharam o chefe:

— Tire partido da situação, coronel. Mande a bancada e o partido prestar solidariedade irrestrita ao líder. Afinal de contas o líder salvou a situação. Se tivesse apoiado o assalto ou se omitido, toda a acusação seria contra o governo e o nosso partido. E mande abrir inquérito. É de boa estratégia apoiar publicamente o líder.

Todos ficaram solidários. Aplausos. Palmadinhas nas costas. Abraços. Mas os prognósticos do deputado Aquilino eram certos. Os dias estavam contados.

Corriam boatos de provável empastelamento de jornais. Vez por outra assassinavam alguém no interior. Comícios propiciavam ambiente favorável a tais agitações. Tudo seria possível. As eleições às portas. Ninguém queria perder. Uma derrota representava a derrubada geral: dos empregos, das comissões, da exploração do jogo do bicho, dos favores oficiais, um mundo de vantagens que ninguém dispensa sem luta. O povo, normalmente calmo, quando se enfurecia lembrava um mar revolto. Difícil seria contê-lo. O *Radical* se excedia em artigos incendiários. A *Folha do Povo* não era menos atrevida. Valia tudo. Política de província numa democracia relativa.

A Feira dos Balatais

As manchetes do jornal *Radical* anunciavam que a expedição policial-militar enviada a Monte Alegre, composta de dez praças, dois cabos, um sargento e um tenente, cumpria sua missão, subindo o Rio Maicuru em três embarcações, à caça da FERA DOS BALATAIS. Estava em jogo, dizia, a autoridade da justiça.

Mauro, que jamais vira uma fera solta, era obrigado a surpreender quase diariamente onças fugindo sorradeiras pelas folhagens, especialmente as vermelhas, sempre mais temerosas dos homens; conhecia agora toda sorte de bichos que antes só contemplara em Belém, no Museu Emílio Goeldi, mansos, através das grades. Ele também era uma fera, para o jornal.

A *Folha do Povo* o defendia. Os exageros transformavam as lutas políticas e pessoais em competições esportivas. Havia torcida de lado a lado.

Pedrão, a conselho do Dr. Clodomir, procurava um novo advogado especialista em questões criminais: Dr. Amarante, famoso pelos júrís em que funcionara, com tal arte, que sempre conseguira absolvições. Dr. Amarante Brasileiro da Silva, sereno, mas firme na argumentação, convencia às vezes os jurados até às lágrimas. Assim fora ao defender um assassino, criminoso primário, que liquidara o companheiro de trabalho a golpe de enxó. D. Amarante fez ver aos jurados que se tratava de um homem jovem ainda, aquele réu, e que poderia prestar bons serviços à sociedade e à família. Bastava dizer que era filho único e, àquela hora, sua mãe, velhinha, aguardava em lágrimas o julgamento. Ela, a mãe, que perdera o marido bem cedo, ficando com encargo de criar aquele filho, via-o agora às portas da penitenciária, sem que o seu crime fosse dos mais graves. Fora provocado pela vítima, agredido, esbofetado, e quem diante de uma bofetada, teria calma suficiente, como a do Cristo, para oferecer a outra face? Quem? Nós, seres humanos, temos reações naturais. A lei previa a legítima defesa. Não havia delito a punir.

Além da agressão física de que fora vítima, o acusado se viu agredido moralmente. Antes de esbofeteá-lo, a vítima o insultara com palavrão que não podia repetir e que se referia, precisamente, àquela mãe velhinha e aflita. Defendera assim a sua honra, a da sua genitora e a própria paz social, não havendo assim motivos para ser segregado em uma prisão durante longos anos por crime inexistente. Os jurados se comoveram. A assistência também. Ouviram-se até soluços de algumas mulheres que choram por tudo. O resultado não se fez esperar: absolvido por unanimidade.

Terminado o júri, um dos jurados, comerciante de subúrbio, cara redonda e cabelo liso, acerca-se do advogado, comovido:

— Dr. Amarante, gostei muito de sua defesa! Queria oferecer uma ajuda para a mãe do réu. Eu pertenço à Sociedade dos Amigos do Próximo, a SAP, hoje de âmbito universal, fundada na Índia e agora está em todo o mundo. Prega a caridade. O amor ao próximo de verdade, não é só em palavras.

— Mas...

— Não se acanhe, doutor... Queria dar um cheque para essa velha mãe. Como se chama ela?

— Mas...

Dr. Amarante parou, ainda vestido de beca, transpirando por todos os poros, sem saber o que dizer àquele generoso jurado.

Metendo a mão no bolso retirou um talão de cheques. Dr. Amarante recusava o cheque:

— Não, muito obrigado. Eu nem sequer conheço a mãe do réu. Parece até que ela já morreu há muito tempo... mas fico grato pela sua boa intenção...

Era assim, Dr. Amarante. Usava de todas as armas para vencer as questões, e as vencia, porquanto aliava à astúcia a boa cultura, a palavra bonita, orador de primeira. Havia naquilo tudo uma ponta de generosidade, já que cobrava pouco pelos bons serviços. E era um perigo numa tribuna de júri.

Pedraõ acertara em cheio Dr. Amarante, apolítico, amigo de gente dos dois partidos, seria o advogado ideal.

Foi logo requerendo um *habeas-corpus*, ao juiz, a favor de Mauro.

E explicava:

— Sei que vai negar. Depois impetro outro direto ao tribunal.

O réu era menor, alegava. Mauro na verdade já completara 18 anos. Mas

até que se fizesse a prova em contrário o *habeas* estaria concedido. Não havia provas. Devia o juiz deixar que o moço fosse processado em liberdade. Revogasse a prisão preventiva, já decretada.

Juiz indeferiu. Não havia prova, sim, da menoridade. Como fazê-la? Para fins criminais era “maior”. Quanto às provas de autoria do crime dependiam ainda da instrução completa, de ouvir algumas testemunhas, perícia, etc., etc., de forma que não haja por que deferir o *habeas corpus*. Havia indícios veementes.

Com as manchetes nos jornais noticiando que a expedição policial fora enviada de ordem do chefe de polícia, Dr. Amarante ingressou com novo pedido de *habeas corpus*. A competência seria do Tribunal, porquanto a coação, no caso, alegava, era do secretário de estado. Argumento fraco, fora requisição do Judiciário, o chefe de polícia apenas atendia, de acordo com a lei, uma requisição. Mas Dr. Amarante depositava grande esperança no seu requerimento. Iria defendê-lo pessoalmente no Tribunal. Convenceria os egrégios. O juiz devia requisitar força da delegacia, no município, nunca do chefe de polícia na capital.

Pedraõ andava inquieto. A baixa do preço da balata. O financiamento dos balateiros. As despesas com a defesa de Mauro. Uma indisposição indefinível lhe anunciava que a sua saúde de ferro começava a enferrujar. Desde Manaus não se sentia bem, despertava à noite com o coração aos pulos, insônia, pesadelos, falta de apetite, uma porção de sintomas somados, que punham o médico, Dr. Clodomir, em dificuldades.

— Você precisa ter calma, recomendava Dr. Clodomir. Sua doença é mais de origem moral. Mas os problemas morais também matam.

Passava-lhe calmantes. A pressão queria subir. Serpasol hora certa. A inquietação continuava. Havia na alma de Pedro vários focos de desespero: o balatal com Mauro, Manaus com Benacron, Monte Alegre com Clodoaldo e Pereirão. As despesas crescendo. Quando passara em Monte Alegre se assombrara com as notas que lhe apresentara Clodoaldo. Todas as famílias de balateiros a retirarem dinheiro e mercadorias, desde feijão, arroz e farinha, a caderno e lápis para os filhos que estudavam no grupo escolar. Alguns, soltos à beira do Gurupatuba, passavam os dias tomando banho de rio, os maiores pescando, todos, porém, numa dependência financeira total. Era

o famoso exército dos balateiros, cujas raízes ali se encontravam, naquelas famílias famélicas, vivendo como palafitas à beira d'água e na submissão irremediável ao patrão imediato.

— As contas vão altas. A política leva seu bocado. Explicava Clodoaldo, assistido por Pereirão. A família do Zózimo está quase toda doente. Malária entrou de porta adentro. Só faltou atacar malária no cachorro, mesmo assim tem pira.

— Família do Purificação é muito grande. Faz despesas dobradas.

— Família do Neco Dantas tem problemas de uma filha estudando em Belém. A mulher pede vale toda semana.

De que iria viver aquela gente toda se não cumprisse o financiador a palavra empenhada? Quando o balateiro regressava da selva, seis ou oito meses depois de subir o rio, queria encontrar a família em ordem, a mulher fiel em casa, os filhos com saúde, embora descalços e quase nus. Seria a hora de tirar a forra da sorte, comprar coisas para os seus, embebedar-se até cair, os mais ajuizados compravam uma casinha nova, ou melhoravam a estrutura da casa velha, quando não adquiriam outra melhor, se o dinheiro chegasse para tanto.

Nenhuma assistência social dava cobertura à atividade daqueles homens. A profissão de “balateiro” não encontrava definição legal. Quem se lembraria, nas almofadas governamentais do Rio de Janeiro, de olhar para centenas de brasileiros perdidos na selva, sem saber o que fazer do futuro?

Compensava seu esforço, apenas, a resignação, o hábito da natureza selvagem, do deserto, da solidão, da floresta, com suas surpresas e os seus encantamentos. O homem, ser telúrico, em certos momentos, parece habituar-se com o cheiro da terra, como as serpentes se acostumando com o odor humano. Pisavam no tijuco com gosto, mergulhavam nas águas barrentas com prazer, subiam em troncos grossos e ásperos com certa fúria dominadora, sangravam as árvores com volúpia, como quem abre um ubre de onde lhe sai o leite, o sustento. Dormiam sob palhas, ouvindo os ruídos das cobras que apitam, dos sapos que mugem, os tique-taques dos pica-paus, urro das guaribas, o realejo desafinado dos carapañas, só defendidos pelos mosquiteiros de tarlatana nem sempre capazes de impedir a entrada clandestina de um ou outro mosquito indiscreto, que fazia voos rasantes sobre as orelhas das suas vítimas. O pensamento como que se desligava do

mundo. Melhor seria não pensar na mulher, nem nos filhos, nem nos amigos. Era como se morressem para o mundo e a sua volta ocorreria (como) um renascimento. Ressuscitavam, aqueles mortos-vivos, felizes muitas vezes, e até saudosos, quando regressavam das aventuras da caça à onça, da perseguição ao gato maracajá, do tiroteio por mutuns e marrecas, das pescarias, todo um mundo que lhes ficava familiar. Já não se acostumavam à vida apagada e monótona, sem acidentes nem perigos. Sonhavam então com as cachoeiras e as corredeiras, apesar dos borrachudos e poraquês. Com a queda da Muira, a Pancada Grande, a cachoeira Medonha, a do Castanhal, a da Laje e tantas outras, com seus degraus de pedra, suas escaladas, seus poços, seus redemoinhos, seus sumidouros, onde se poderia cair e desaparecer para sempre. Dias e noites ficavam à espera de outra safra. Eram então uns nostálgicos. Nem a convivência da família, da mulher e dos filhos pequenos era capaz de quebrar-lhes na alma aquela nova paixão, a da aventura, que estava circulando em seus sangues, sem jamais poder sair. Para eles a felicidade estava na selva.

Se algum morria, era necessário encontrar substituto. Como um exército bem organizado, começavam os serviços dos recrutas, os “conscritos”, candidatos a balateiros, que passavam a usar esporões de aço nas subidas de troncos nos quintais, fios de aço e cinto de couro grosso, num aprendizado que ia desde o manejo do facão à colocação dos embutidores, ao cozimento do látex e a preparação dos blocos.

Duro serviço paramilitar aquele. O governo deveria dar a cada um, sem maiores perguntas, dizia Pereirão, uma carteira de reservista do exército da selva, tão preparados se encontravam para enfrentar todos os reveses e sair, quase sempre, vencedores.

Pedrão, na juventude, passara por aquilo tudo. Agora era um comandante reformado para as lutas da mata, mas sempre na linha de frente como patrão, financiador e intermediário. Só agora Mauro começava a compreender o pai. A sua energia. A sua rigidez, a sua agressividade. O homem que não vergava. Mauro principiava a dar-lhe razão. O velho sabia o que estava fazendo. Feliz se considerava de ter podido conhecer aquele outro mundo, cheio de perigos, mas, ao mesmo tempo, repleto de encantamentos selvagens de toda natureza, que jamais esqueceria. Começava a sentir-se parecido com o pai.

Conhecedor dos perigos da floresta, inquietava-se Pedrão com a sorte de Mauro. Não se arrependia do que fizera, mas nem por isso deixava de passar seus momentos de intensa preocupação.

Todos os fatores negativos se uniam contra ele. Na hora da crise emocional, surgia a crise política, aliada à crise financeira. Clodoaldo lhe fizera ver que a política arrancava seu bocado. E que bocado! As despesas cresciam. Era preciso ganhar a eleição. Dinheiro para clube de futebol, dinheiro para eleitor comprar remédio, comprar roupa, consertar a palhoça. Despesa para transporte, para alimentação. A imaginação dos eleitores criava novas modalidades de sacar dinheiro do escritório. Candidatos de várias categorias se apresentavam. Prometiam tudo para Monte Alegre: estância hidromineral, verbas para construir um hospital e um hotel bem junto às fontes minerais, indústria de cimento, um novo porto, dragagem de canais, agricultura, pecuária, novas agências de banco. Se todas as promessas se efetivassem, Monte Alegre teria justificado o seu nome, com tanta alegria que surgiria na alma daquela gente. Passadas as eleições, empoleirados nas cadeiras das assembleias, da Câmara e do Senado, alguns o esqueciam, e o município seguiria sua triste sorte do burgo centenário abandonado ao deus-dará.

Clodoaldo mostrava a Pedrão os vales. Vales que não valiam nada. Nunca mais voltariam às suas origens. Fora dinheiro puro saído como água por torneira aberta. Desde chuteiras para futebol a bois para corte no dia das eleições. As listas corriam pelo comércio. Havia os que davam para os dois lados, uma parte para o partido do coronel, outra para o partido do general. Qualquer deles que vencesse o doador generoso estaria bem compensado, sem problemas com o Poder Público.

Poder Público, coisa pública, *res publica*, mulher pública, mera coincidência vocabular.

A expedição policial contra Mauro preocupava Pedrão. Mandou ordem para Clodoaldo despachar dois homens em direção ao Alto Maicuru à procura dos balateiros. Que avisassem Neco Dantas ou Purificação, enquanto era tempo. Se fosse preciso, desviassem o rumo, dessem um jeito de, apesar das montanhas, procurar as margens do Paru. Havia alguns pontos em que

poderiam passar. Só os entendidos saberiam localizar essas passagens, na cabeceira de alguns igarapés, como o Tacurava ou o Tacurana, ambos afluentes do Paru. Podiam seguir também pelo Ipixuna, afluente do Maicuru. Ou buscar o Paicuru, como desvio estratégico.

Bem sabia Pedrão que dificilmente uma expedição policial encontraria os balateiros. Mas era sempre bom prevenir. Dois homens experientes se deslocariam com mais rapidez do que todo um contingente militar. Chegariam na frente, em tempo de dar aviso.

Clodoaldo despachou Pantaleão e Garibaldi, dois veteranos dos balatais. Cedeu-lhes canoa com farnel suficiente para um mês de viagem, bons rifles e munição. Que fossem com Deus! As instruções eram para, em caso de luta, liquidarem com o tenente Justino. Sem comando, a expedição estaria perdida.

Pedrão, em carta minuciosa, narrava ao filho a situação política, o estado do processo, os prognósticos para os dois meses vindouros, em que esperava vitória nas eleições e mudança de todo o panorama. D. Santa mandou junto uma pequena imagem de N. S. de Nazaré, manchada de lágrimas, enquanto rezava, à noite, pedindo à Virgem pelo filho.

Tantas preocupações se justificavam plenamente. A política cegava os homens e enrijecia os seus corações. Sejam capazes de tudo. Assaltar, matar friamente, sem nenhum resquício de sentimentos humanos. Pedrão também possuía os seus adversários e inimigos. Concorrentes comerciais, velhos desafetos políticos, capazes de tudo. Aquela expedição militar punha em perigo não a liberdade, mas a vida de Mauro. Pedrão sabia disso. Um encontro em plena mata redundara em massacre. Neco Dantas e Purificação não entregariam Mauro pacificamente. Fácil seria aos policiais liquidarem com ele na floresta. Alegariam resistência à prisão. Estavam de posse de um mandado judicial. Quem iria provar o contrário? Se Mauro conseguisse salvar-se em um entrevero na floresta, haveria mortos, assim mesmo, porquanto a polícia também não se renderia a balateiros. Uma grande desgraça ameaçava o destino daqueles homens perdidos na selva, a serviço de inglórios ideais.



Os soldados poderiam ser bons na cidade, nas ruas calçadas. Na selva iriam sofrer. Como entrar na mata com aquelas botas e perneiras grossas,



bonés e fuzis e ainda mais esquipados, com a obrigação de transportar os mantimentos nas costas, nas cachoeiras, puxando as canoas com cordas fortes, a fim de galgar tantos degraus de pedra? Se fosse uma meia dúzia de saltos, tudo seria fácil. Mas as cascatas se sucediam e, muitas vezes, elas próprias se dividiam em dois, três ou quatro degraus de sete a dez metros cada um. Tudo aquilo lavado pela água corrente, que desaba com violência. Aqueles homens não estavam preparados para tão dura missão. A primeira coisa de que se desfizeram foram as perneiras. Depois as botas.

Mas havia uma ordem a cumprir, e soldado — dizia tenente Vanvão — é superior ao tempo. Também não sabiam se comportar diante da aparição de uma onça. Desconheciam os hábitos dos animais da floresta. Corriam quando não deviam, avançavam quando desaconselhável. Os animais têm instinto aguçado. Conhecem quando o homem os enfrenta com coragem ou quando se acovarda. Até certo ponto, parecia uma maldade lançar seres válidos naquela aventura, da qual não se sabia se saíam com vida.

Seus brios, porém, estavam expostos à crítica pública. Os jornais, em manchetes, instigavam os policiais. Tenente Justino se julgava no dever de cumprir bem a missão, trazendo o réu preso como uma fera.

Além do mais integrava a política contrária a Pedrão. Queria mostrar força, humilhar o adversário, “subjugá-lo”, apresentar serviços.

Os soldados foram escolhidos de acordo com as conveniências da missão. Um aspecto grotesco, na verdade, apresentavam aqueles homens armados, de farda cáqui, sem perneiras. As botas, em pouco tempo, tiveram que substituí-las por alpercatas grossas, capazes de enfrentar os espinhos e o lamaçal. Alguns largaram os quepes, cobriam as cabeças com chapéus de palha, aba larga. Defendiam-se assim do sol de meio-dia, sol inclemente, quando se apresentavam expostos nas canoas ou em descampados. A polícia, a esse tempo, ainda não possuía capacetes.

— Você não se iluda, Pedrão, dizia Dr. Clodomir. A subida dessa tropa é difícil e perigosa, mas eles a realizam. Pois no século passado, sendo as coisas muito piores, uma mulher, a viúva do cientista Henri Coudreau, não subiu o Maicuru? Enfrentou mil dificuldades, teve que vadear rios, ultrapassar quedas d’água, dormir ao relento, comer caça e pesca e ainda escrevia, tirava fotografias e levantava croquis do rio e seus afluentes! E era mulher!

A Amazônia foi devassada por ela e o marido, e depois da morte deste, lá para os lados do Trombetas ou do Curuá, ela prosseguiu sozinha.

E depois de uma pausa:

— É verdade que ela dispunha de bons mateiros e recebia apoio do governo do estado. Os caboclos a defendiam com unhas e dentes. E muito antes dela outros exploradores, homens de ciência, andaram por ali. Um francês, Jules Crévaux, partiu da Guiana Francesa e percorreu todo o curso do Rio Paru e parte do Jari. Escreveu um livro hoje raro. Encontrou ouro, prata, cobre, manganês, o diabo, em uma só viagem. Os brasileiros nunca encontraram nada e quando encontram no dia seguinte vem o desmentido. Por isso há perto da nascente do Oiapoque um pico chamado Crévaux.

Pedrão se preocupava, e com razão. Confiava agora em Garibaldi e Pantaleão, emissários de Clodoaldo. E em Farripas, por cuja casa deviam forçosamente passar os policiais. Farripas descobriria meios e modos de entretê-los um pouco, atrasando a missão.

O *Radical* estampava notícias diárias. Retrato de Mauro aparecia nas colunas policiais. Para o conseguirem recorreram ao colégio: a reprodução de uma fotografia antiga em que Mauro se achava com os cabelos grandes, dando a impressão de *hippie* ou *playboy*. Por meio da arte fotográfica, adulteraram a foto, aumentando o tamanho dos cabelos e carregando as feições, para que ficasse com cara de fera. A fera dos balatais. A última esperança de Pedrão se concentrava no *habeas-corpus* requerido por Dr. Amarante. O tribunal haveria de sensibilizar-se com aquela situação. Tratava-se de um jovem de 19 anos, não havia provas. “Esse é o argumento”, dizia Dr. Amarante, batendo com o punho da mão direita na esquerda, como quem dá murros. “Esse é o argumento.” Não há provas, nem mesmo indícios de que sejam veementes! Ninguém pode ser incriminado sem provas. E apesar de todas as diligências realizadas não conseguiram prova alguma. “O réu se evadira”, afirmava o juiz no despacho. Deveria primeiro apresentar-se para depois impetrar a ordem. Não podia conceder *habeas corpus* a um foragido. Mas o “foragido” era inocente. Não se apresentara por temer violências. Poderia ser espancado, ter as unhas arrancadas nos porões da Central, ficar surdo com os “telefones” do delegado Carlindo. Dr. Amarante conhecia bem os meandros policiais e o de que seriam capazes os desafetos políticos de

Pedraão. Poderiam eliminar o rapaz e depois alegar que fora suicídio, ou doença congênita qualquer, parada cardíaca ou uso de maconha. Laudo se arranjava, e bem-feito.

O mesmo risco estaria correndo agora na floresta. Fariam até sumir o corpo, jogado numa cachoeira, absorvido por algum sumidouro, sem testemunhos, a não ser o de Deus.

As eleições deram quase em empate. Uma diferença de quinhentos votos a favor do coronel, mas que poderiam ser suplantados numa suplementar, em que faltavam votar milhares de eleitores. Em muitas seções, as urnas haviam sido violadas. Noutras, embora sem indícios materiais, a votação saía maciça para um dos candidatos, conforme a preferência do violador. Delegado Carlindo, especialista no assunto, fora convocado. Atas falsas, boletins adulterados, com tal engenho e arte, que difícil seria descobrir onde se achava a fraude. E quando os candidatos apresentavam os mesmos sobrenomes era preciso dobrar a fiscalização. Se um era Joaquim Braga e outro Manoel Braga, alguns escrutinadores, sob o olhar complacente dos fiscais cansados e sonolentos, gritavam: BRAGA, cinquenta votos nesta uma. Mas qual Braga? Só depois dessa pergunta é que saía o prenome. Manoel, Manoel. Seria mesmo o Manoel? Não seria o Joaquim?

Clodoaldo formara um pelotão do troca-troca. Mocinhas que saíam à rua na manhã da eleição, com chapas nos bolsos, a fim de fazer a troca. Caboclo inexperito atendia o chamado delicado. Quem não atende o chamado de uma moça graciosa?

— Meu tio, deixa olhar sua chapa! Vamos ver se seu voto está certo. Eu sou delegada do partido...

O caboclo inocente arrancava com dificuldade a chapinha do bolso da calça. Num passe de mágica era trocada por outra, isso quando não fosse do mesmo partido.

— Está bem, está certo o seu voto. Mas a chapa devolvida era outra.

D. Noca colocava garrafas de licor na sala de jantar e puxava conversa com os caboclos que passavam na porta, em direção da sessão eleitoral. Conversa

vai, conversa vem, uma dose de licor, a conferência da chapa, a troca. Caboclo saía direto para o gabinete indevassável, a cumprir o seu dever cívico.

Democracia às escâncaras, não a absoluta, por ser inviável, mas a relativa, regada a licor e amaciada pela voz das mocinhas do interior. E tudo aquilo custava dinheiro, não pouco dinheiro, nunca escriturado. Haveria de sair de algum lugar.

Por isso o compositor Borboleta fizera um chorinho, que começava assim:

*Eta, Pará! Eta Pará! Eta Pará!
Raco, raco, raco, raco
Terra boa pra enricá...*

*O dinheiro de eleição,
que chamam corrupção,
Há de sair d'algum lugar
d'algum lugar, d'algum saco
d'algum buraco
com tanto puxa-saco*

*Sai da bolsinha da Maria
Do cofre do coronel,
Do bornar do gerar
Há de sair
Há de sair,
d'algum lugar... d'algum buraco
com tanto puxa-saco...*

*Eta, Pará! Eta Pará! Eta Pará!
Terra boa pra enricá...*

Por causa desse choro, Borboleta pegou três dias de cadeia. Não tinha nada que misturar gente importante com toda aquela gozação. Eleição é ato cívico. O chamado da pátria amada. Não era lícito fazer brincadeira de

mau gosto com coisas tão respeitáveis. Sorte teve de não ser enquadrado na Lei de Ordem Pública.

— Essa é a democracia relativa. Explicava Dr. Clodomir a Pedrão. A democracia pregada por grandes filósofos que estão surgindo... Seguem a pista da teoria da relatividade de Einstein...

Pedrão se apavorava com o resultado do pleito, embora não definitivo. Quinhentos votos? Como o general iria suplantar o adversário? Onde arranjar, na última hora, meio milhar de votos?

— Vai apelar para a ignorância, Pedrão, você vai ver. Não vai haver mais fraude, agora. Tudo vai ser certinho. General vai botar fiscal lá dentro, um capitão, ou major, vai dormir com as urnas, olho arregalado, mão no parabélum, não deixa ninguém encostar, a imagem da eterna vigilância. Quem se aproximar das urnas leva chumbo. Você vai ver que, se as suplementares forem honestas, general ganha.

— Mas quem diz que não vão emprenhar as urnas? As bichinhas ficam sozinhas no tribunal, noite adentro, só elas e o guardião. Tentação é o diabo, dormir junto assim, em pleno silêncio da madrugada, dá vontade de fazer besteira. É muita intimidade.

— Faz não, homem. Isso aqui não é Chaves, na costa do Marajó. Jogaram a urna de verdade na água. Foi levada pela foz do Amazonas para o alto-mar. Você já pensou no susto do tubarão quando quiser engolir uma urna?

— Mas essa anularam.

— Não anularam a urna, que não havia, morrera afogada, mas mandaram fazer suplementar. As mais importantes são as da capital. Mesmo que no interior haja fraude, em Belém não haverá. Além do mais, está saindo força embalada para cada seção do interior em que vão fazer suplementar.

O ambiente ficava cada vez mais carregado.

A sorte do estado ia decidir-se. Um domínio de muitos anos via-se ameaçado. Coronel não dormia, não apavorado, porquanto, não era homem de se apavorar, mas preocupado com milhares de amigos lançados na aventura, da qual era o chefe. A derrubada seria geral.

Coronel manda chamar o deputado Silvino.

— Deputado, foi logo falando, a voz rouca e metálica, eu vou ganhar esta eleição. A diferença é pequena, quinhentos votos. Mas não vou poder

assumir o governo. Esse povo está muito assanhado, fazendo arruaça nas ruas. Só posso assumir depois de ver o estado pacificado. E o senhor é o homem que eu escolhi para fazer essa pacificação.

— Como assim, coronel?...

— O senhor vai ser eleito presidente da Assembleia, que é o substituto do governador. Eu peço uma licença de seis meses e o senhor governa o estado nesse período, para pacificá-lo. Depois me passa o governo. O senhor é o homem indicado. Tem boas relações com essa gente... da oposição. Tem amigos dos dois lados, e pode tranquilizar o estado.

— Mas, coronel, para que eu consiga essa pacificação há necessidade de uma coisa: que eu tenha carta branca na escolha do secretariado. Terei que organizar um secretariado neutro. Há homens de valor, que todos estimam, e que não são políticos militantes.

— Quem?

— O Dr. Trinital, por exemplo. Seria um bom secretário de Justiça. Advogado, futebolista, estimado nos clubes. Para a Fazenda o Dr. Leiva, funcionário federal com longa experiência fazendária e dos correios. Para a Educação o Prof. Mourinha, conheço desde menino. É meio ranzinza, mas é homem sério e trabalhador. Tem também o Santelmo, jornalista, não possui inimigos. Para a Saúde o Dr. Gorgurão.

— Está bem. Está bem. O senhor tem carta branca para escolher quem quiser. Prepara-se para governar o estado por seis meses.

— Mas, coronel, como o senhor vai conseguir que a Assembleia me eleja presidente? Falta um voto.

— Já tenho esse voto. É o deputado Ibrahim. Já falei com o irmão dele, que é meu amigo e garantiu que o Ibrahim votará conosco. É o fiel da balança. O senhor será eleito por um voto a mais. Maioria apertada. É o diabo quando se precisa de um fiel de balança!

Deputado Silvino já começava a organizar o seu secretariado, a dura missão em vista, o povo nas ruas ululando, o mesmo povo que dantes carregara nos braços o coronel. Fora preciso um general para acabar com toda aquela festa.

E se o general ganhasse? O coronel não queria nem pensar nessa hipótese. Não admitia que se falasse em tal assunto. A vitória era dele. O destino

sempre lhe sorria, mesmo nos momentos mais difíceis. Os caboclos do interior não faltariam na melhor hora. Os caboclos eram seus.

Mas quem decidiria o pleito seria a capital, a heroica cidade, teatro de tantas lutas no passado e que via reacender-se a fogueira que há mais de um século fora acesa pelos revolucionários cabanos.

A fogueira permaneceria acesa, lavrara em todos os recantos da cidade, antes tão pacífica e acolhedora. A qualquer provocação a multidão se mostrava nas ruas, surgia como por encanto, parecia brotar da terra, como formiga.

Dr. Clodomir, agora mais frequentemente em casa de Pedrão, como seu médico de confiança, advertia:

— Estamos vivendo momentos parecidos com os de 1935. Vocês não se lembram. Faz algum tempo. Gente de barriga furada com baioneta na praça dos Quartéis, o povo nas ruas, o coronel, naquele tempo major, injustiçado, acuado, perdendo o governo, pela traição, a intervenção federal na porta.

— Olha que uma intervenção federal até viria na hora, pondera Pedrão. Pelo menos não se corre o risco desse coronel vencer. O fio da balança está na vertical.

— É como copo cheio, seu Pedrão. Um pingo a mais transborda.

Telefone chama, Pedrão atende:

— Vocês estão ouvindo o apito da *Folha do Povo*? Perguntam do outro lado da linha.

Na verdade, começara a soar a sirene do jornal, dominando toda a cidade.

— É da casa do general! Fala o major Rolando. Mataram o Elesbão, o redator do *Radical*.

— Como foi?

— Ninguém sabe ao certo. Parece que o povo invadiu o jornal, quebrou tudo, mataram o jornalista e feriram quase todo o mundo. Só não tocaram fogo porque a turma do deixa-disso não deixou. Não. Não foi a polícia. Esta não tem condições mais de manter a ordem.

O jornal continuava a apitar desesperadamente. D. Santa recolheu-se ao quarto, o terço na mão, rezando e chorando ao mesmo tempo.

Dr. Clodomir, muito sereno, olha Pedrão nos olhos e diz apenas:

— Não precisa nem contar. Eu já previa isso tudo.

— Mataram o Elesbão. Agora vão culpar o general. Dizer que foi ele que mandou. E não sabem quem foi. Diz o major Rolando que foi o povo, a massa popular. Ninguém controla mais o povo.

— Autoria incerta! Delito das multidões! Bom para os advogados. A defesa está na cara. Vai todo o mundo absolvido. A responsabilidade se dilui onde há numerosos autores.

O rádio ligado transmitia aos berros a notícia infausta. Falava-se em intervenção federal, em suspensão do pleito, quase definido. Em punição do general. Outros queriam punir o coronel. Os boatos obedeciam às preferências pessoais dos boateiros. Uma raça de muita imaginação, de gênio folclórico, a dos boateiros. Não se sabe onde moram, quem são, o que fazem. Vivem como certos bichos da floresta, que desaparecem como por encanto, mas à noite aparecem, ou mesmo de dia, como as guaribas na madrugada, os bacuraus, os tentens e os pirilampos, ou, durante o dia, as cutias e camaleões, disfarçados entre as folhas da floresta.

A luta agora não era mais à mão armada, nem por artigos escritos, era pela palavra falada, a luta dos boateiros, um exército de cada lado, a pelear nas esquinas, nos cafés, nas festas, nas recepções familiares, cada qual vendendo a estória ou a sua anedota ao capricho dos próprios sentimentos.

A mais completa democracia relativa do mundo.

O Regresso – Os Tombos

Mauro não reconhecia mais aquelas mãos como suas. Olhava-as, à noite, à luz da lamparina, e tinha a impressão de que lhe haviam trocado ambas as mãos, agora calosas, encarunchadas, as unhas enormes, cheias de terra. Tentava limpá-las em vão. O sujo da selva penetrava fundo. Suas mãos não faziam diferença das de Revoredo. As de Zeca Andrade até se apresentavam bem. O filho de índio conseguia limpá-las, não sabia como, talvez nos igarapés. Não podia ver curso d'água que logo se metia dentro, mergulhando até o pescoço ou nadando como uma enguia. Os pés de Mauro também estavam uma vergonha. Que diria D. Santa quando lá chegasse, como tal figura? E Regina, ao contemplar aquela pele tostada de sol, as mãos inchadas de tanto trabalho, os pés maiores, pois haviam crescido, ou tufado, longe dos sapatos, agora com alpercatas de solado de pneu, mergulhados na lama ou na folhagem podre o dia todo, castigados de espinhos e de lascas de troncos. Seus pés também não pareciam mais ou menos. A barba crescera. Quando chegara era quase imberbe. Ao contato com a natureza, parece que os ares da mata e os alimentos naturais, a carne fresca das caças, o peixe fígado na hora, as vitaminas das frutas naturais da Amazônia lhe haviam feito bem ao corpo todo, agora maior, quase um palmo mais alto, o peito estofado, o rosto recuperando as cores normais, desde que se envenenara com a carne de tamanduá. Não dispunha de espelho. Nenhum dos outros balateiros se dava ao luxo de levar espelho para a selva. Mas os igarapés, quando mansos, eram o melhor espelho. E Mauro às vezes se debruçava à margem dos córregos e, sem tocar a água, mirava-se, vendo a sua imagem sobre um fundo verde de folhagens, que outras não eram senão as árvores refletidas na linfa. Lembrava-se então do tempo da escola, a professora Nonoca mandando decorar versos para ler nas festas de fim de ano, cabendo a Mauro um poema que não esquecera de todo, de Cecília Meireles, e que procurava recordar aos pedaços:

*Eu não tinha este rosto de hoje
assim calmo, assim triste, assim magro
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força
tão paradas e frias e mortas,
eu não tinha este coração
que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
eu não tinha este rosto de hoje*

.....
*eu não tinha este coração
que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

Às vezes, tinha medo de mirar-se no espelho das águas e encontrar outro, alguém que não fosse ele mesmo: aquele cabelão descendo pelos ombros, o bigode caído sobre a boca, a barba como se fosse uma juba. E então compreendia por que as onças vermelhas se apavoraram diante do bicho homem. Horrendo, o ser humano, no seu estado natural.

Estava assim. Como a poeta que não reconhecia mais as suas faces e as suas mãos, castigadas pela idade; enquanto as dele ali estavam maltratadas, não pelo tempo, mas pelas intempéries em pleno sertão, o inferno verde que não era tão inferno, embora fosse verde; e o paraíso perdido de outros escritores que nem sempre parecia paraíso, nem perdido. Era um misto das duas coisas, dependendo do local. A extensão imensa permitia que a Amazônia parecesse monótona, quando, na realidade, apresentava

uma variedade singular de espetáculos, para aqueles que a devassaram de verdade e não se limitaram a arranhar o litoral, contemplando dos navios a selva, o exclamando, vitoriosos: — Eis o inferno verde! Eis a terra imatura! Eis a região da Cobra Norato, Cobra Grande! E quando voltavam à sua terra natal, ao asfalto das grandes capitais, ao gabinete luxuoso de seus apartamentos atapetados, escreviam, então, sobre o Inferno Verde, o Paraíso e a Cobra Grande! O maior blefe cultural de todos os tempos.

Mauro fora dos bons alunos e sabia raciocinar. O silêncio da mata, em algumas horas, principalmente à noite, lhe permitia pensar e repensar tudo. O que estudara, o que vivera, os exemplos do pai (que começava a admirar mais do que nunca), a santidade da mãe, o amor de Regina, os carinhos de Laurinda, a solidariedade de tantos homens, que mal conhecia e que passaram a ser seus guardiães, como cães adestrados a proteger o dono. De agora em diante, pensava, ao voltar aos cursos, não aceitaria tudo o que os professores dissessem. Daria apartes e ponderaria. A floresta não era nada daquilo que lhe haviam ensinado. Havia trechos esmagadores, é verdade, na subida das cachoeiras, com mil pragas em redor, desde o borrachudo no ar ao poraquê nas poças d'água, e as ameaças, a guerra moral dos jurutauis, pássaros que davam gargalhadas, como se viessem de outro mundo; ou os apitos de locomotiva da Jaquirana boia. Com o tempo se acostumara com tudo. Os irracionais muitas vezes temiam o ser humano. Fugiam dele. Mauro então imaginava, se, em vez de ter nascido gente, fosse a onça, como encaitaria aquele bicho andando sobre duas pernas, branco, bronzeado ou preto, cabelos grandes, barbas enormes, dois olhos em fogo, avançando para ele, como uma coisa na mão, que o instinto lhe dizia ser uma arma mortífera? Qual seria o raciocínio da onça, se é que onça raciocina? Sempre lhe ensinaram que os animais são irracionais, mas como pode ser irracional um tigre que vê um homem, conclui logo que está em perigo, e corre apavorado? Ataca, sim, se provocado. Avança e torna-se temibilíssimo, se mal ferido.

— Fuja de uma onça ferida, aconselhava Purificação.

O animal atingido, escorrendo sangue, não cede. Agride de qualquer maneira. Outros só o fazem à traição, vendo o homem despreocupado, ou em fuga. Os maracajás, por exemplo, gostam de surpreender felinamente o ser humano, lançando-se em pulos dos galhos baixos. Só agora Mauro

entendia por que o professor de português lhe falava em certos adjetivos com origem animal: aspecto tigrino, alma felina, traição viperina, e outras mais. E concluía que talvez por isso os seres humanos, muitas vezes, lembram animais. Há os que têm cara de cavalo, geralmente boas pessoas, inofensivas e leais; os com feições de gato, traiçoeiros e sádicos; os com expressão de coruja, principalmente alguns deputados, que olham, olham, prestam uma atenção enorme, falam pouco, ou nada, mas conservam o ar inteligente; os caninos, os bovinos. Quando o professor Malaquias chegava em aula zangado, o colega Orlandino dizia logo:

— Professor hoje tá com cara de boi! E de boi-tatá!

Mas havia o boi brabo e o boi manso. Outro lembrava o murucututu, o que lhe valeu o apelido. Quase todos os apelidos eram de origem animal. A fauna amazônica se prestava imensamente para tais exercícios mentais: um bedel pequenino, sem pescoço, Humberto, era conhecido por tartaruguinha; o porteiro alto, pescoço longo, emigrado do triângulo mineiro, era chamado tamanduá; a servente gorducha, de pernas finas, a seriema; o professor de latim, nariz enorme, chamavam-no tuiuiú. O corpulento professor de química, pesando pelo menos cem quilos, era o cobra-grande. Quando entrava em aula Orlandinho, sempre moleque, cantava baixinho:

— Lá vem a cobra-grande, ôi, ôi...

A gargalhada era geral. Professor não entendia, ou fingia não entender. Achava graça também, tanta a sua bondade. Não passava recibo. Ria com os jovens e todos ficavam amigos. Sabia dialogar.

Mauro se recordava de ter visto em livro gravuras comparando os rostos dos seres humanos com os dos animais. Os líderes pareciam gaviões. Os políticos velhacos lembravam raposas, as de rabo pelado. Um dos professores mesmo lhe falara a respeito de uma nova ciência, de origem estrangeira, em que se estudava a fisionomia das pessoas, algo parecido com Gestalterapia. E ele, Mauro, que estaria parecendo agora? Sorte sua não ter pegado um apelido, talvez por muito respeito ou medo a Pedrão, cuja fama atravessava o tempo. Fama de violento. De valentão. Quem se atreveria a apelidar o filho do patrão? Mas ele mesmo não era Pedrão e a mulher Santa?

A mata não abrigava apenas bichos feios e peçonhentos. Apresentava o seu lado positivo: as garças muito elegantes, o pescoço comprido como se

fora de mola, a graça em tudo. Graça e garça eram palavras que se escreviam com as mesmas letras, por uma coincidência vocabular, com outras razões mais profundas. Uma infinidade de aves de todos os tamanhos e coloridas, os guarás vermelhinhos ao sol, os grandes tuiuiús e a colheiras, capricho estranho da natureza, os mutuns, os japiins, os uirapurus.

Era precisamente nos descampados, quando saía da mata, que se mostrava outra Amazônia. Um clima mais seco. Nada de humidade da selva. O céu aberto e claro. Os campos a se estenderem a perder de vista, dando a impressão de serem ocupados por civilizados, quando, na verdade, ali só havia solidão e índios escondidos. Os índios não se viam. Conheciam a arte de despistar, de sumir da vista, pareciam presentes, embora não se mostrassem de todo. Região dos Apalais. Mauro já recebera instruções para a hipótese de haver encontro com indígenas. Os rios, naquele trecho, mostravam-se de menor porte. Havia cabeceiras de afluentes de outros maiores. Difícil identificar todos, muitos ainda não batizados com nomes portugueses, outros apenas conhecidos por denominações indígenas, que nem sempre os exploradores conservavam e até grafavam de maneiras diferentes.

Olhados em conjunto, os balateiros, depois de tantos meses de isolamento, pareciam homens primitivos. Lembravam os trogloditas desenhados nos livros de estudo de Mauro, misto de homem e de macaco, talvez gorilas. Nus, seriam capazes de fazer fugir raposa. Como poderiam, aqueles bichos de duas pernas, ser filhos de Deus e à sua imagem, pensava Mauro, lembrando os conselhos de D. Santa e as aulas de religião?

Logo mais recordava as recomendações da mãe e, para satisfazê-la à distância, procurava, na pequena maleta já desgastada pelo atrito da selva, o livrinho de Santo Inácio de Loiola. Andava esquecido dele. Nunca mais o consultara. Nos primeiros dias fora-lhe útil, muito embora não entendesse certas passagens e não tivesse a quem consultar. Os “exercícios espirituais” exigiam um guia, um instrutor, e naquele ermo, para quem apelar? O único instrutor de que dispunha era Purificação, mestre em assuntos da selva, gateiro profissional, caçador de onças e maracajás. Só mesmo um coração de mãe faria chegar às suas mãos aquele livrinho, que ela ganhara de um tio padre, escondido na mala sem que o pai o pressentisse, porquanto Pedrão não queria o filho lendo tais coisas, que, para ele, debilitavam o homem.

Desejava-o machão, como ele, pai, sempre fora. Disposto a enfrentar bichos e homens na mata, lutar se preciso, puxar faca e revólver nas horas exatas, não recuar. Perigo, afinal de contas, está em toda parte. Basta estar vivo para ser candidato à morte. A pouco e pouco, porém, Mauro se habituava às duas coisas. Enfrentava os desassossegos da floresta com mais presença de espírito depois que lia alguns trechos daquele livrinho estranho. Como poderia Santo Inácio ser tão pio e tão forte, ao mesmo tempo? Tão piedoso e tão viril? E tão superior às coisas do mundo, a ponto de recomendar a “indiferença por todos os objetos criados”, de tal forma que não valorizássemos mais “a saúde do que a enfermidade, as riquezas do que a pobreza, a honra do que o desprezo, uma longa vida do que uma curta existência” desejando e escolhendo apenas o que nos “conduz mais seguramente ao fim para o qual fomos criados”.

Como enrijecer a alma, a ponto de desprezar o que os homens mais prezam neste mundo: a saúde, as riquezas, a honra e uma longa existência? Seria uma renúncia total, para a qual Mauro não se achava preparado. De qualquer forma, a leitura lhe fornecia forças estranhas, vindas não sabia de onde, mas que forças eram. O livrinho o auxiliara a conviver com aqueles homens estranhos com resignação e coragem e a enfrentar os perigos de todas as horas. Ele, que chegara medroso de tudo, inexperiente em tudo, receando fracassar, motejado até por Zózimo, via nascerem novas energias de fontes desconhecidas, algo que brotava de dentro para fora, e que o enrijecia.

As horas mais tristes eram as de chuva, à noite. A explosão dos balatais se faz no inverno. Mas em qualquer tempo na Amazônia chove. Trabalhar com chuva era o hábito de quase todos os dias, principalmente à tarde. Nada de correr, procurar abrigo, como ocorre na cidade. Se fosse esconder-se do temporal teria que passar tardes inteiras e algumas manhãs sem fazer nada, olhando para o tempo, o que não se coadunava com a lei dos balatais. O corpo esfriava. A roupa, já velha e suja, ensopada. Mauro, mais bem servido do que os demais, quando podia, trocava de roupa. Lavava a usada. Mas até esse hábito começou a alterar-se. Enrolava-se à noite na colcha que D. Santa lhe colocara na mala, o único aconchego que encontrava naquele deserto, e que lhe fazia recordar a mãe. Os demais balateiros já estavam acostumados

àquela vida. A pele não tinha mais o que engrossar. Um equilíbrio natural se estabelecera entre ele e o meio ambiente. Faziam parte da natureza, como as onças e os jabutis. A alimentação forte talvez fosse a sua defesa.

Chegava enfim a data do regresso. Purificação avisava quase todos os dias. A balata se acumulava, disposta em pequenos montes, cada bloco com cinquenta quilos. Como iria Mauro ajudar aqueles homens a carregar cinquenta quilos nas costas? Mas os outros não o faziam? Seriam super-homens? Haveria de enfrentar a nova situação. O Igarapé Honorato já se achava bem longe, a muitos quilômetros, ou, como dizia Purificação, a cinquenta tombos do local ou mais, talvez sessenta ou oitenta tombos. Mauro andou treinando, ajudado por Sidônio, Zeca Andrade e Revoredo. Colocou um bloco ao ombro, dentro de um jamanxim, com o auxílio dos balateiros. Primeiro pensava abaixar-se, pôr-se quase de joelhos, como quem reza. Depois, com as duas mãos, fazendo torção no corpo, devia agarrar com força o jamanxim e colocá-lo às costas. Nada ele abrir as pernas, pois havia perigo de herniar-se. Depois de ter o bloco sobre o ombro devia levantar-se devagar e marchar. Marchar como um soldado equipado na selva, apenas com uma diferença: enquanto os soldados marcham com a cabeça erguida, peito tufado, Mauro caminhava com a cabeça comprimida pelo bloco, o peito recurvo, aguentando todo o peso. E nada de correr, pois cansaria mais ainda. Nem devagar nem muito depressa, marcha normal, evitando os buracos, os paus, os cipós, os espinhos, as formigas, as folhas que cortam e queimam, as poças d'água, as cobras, olhar atento a tudo, como se fosse uma jaquiranamboa, com asas e lanternas acesas. Quando chegasse ao primeiro tombo seria o instante de descansar. Não descansar como na tropa, com os pés afastados, a arma na mão, em pé. Dava uma volta sobre si mesmo e sentava, da melhor maneira possível, as pernas abertas, os joelhos para o alto, até que passasse a canseira. Retomava a mesma tarefa, o bloco nas costas, as mãos no jamanxim, o andar trôpego, na frente um balateiro carregado, atrás, outro, naquele cortejo pela floresta, que lembrava uns condenados às penas do inferno. Se Dante Alighieri, em vez de florentino, fosse amazônico, teria imaginado para o seu purgatório um suplício semelhante. Homens pecadores, carregando e descarregando blocos de cinquenta e sessenta quilos, riqueza para o mundo, não para eles. Riqueza para os que, àquela hora,

se achavam nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Alemanha e em outros países, confortavelmente instalados em casas e escritórios, riqueza para os intermediários de Manaus e Belém de mãos limpas, automóveis na porta, bem-vestidos, manejando apenas os cordões invisíveis do financiamento, essa rede tênue, essa teia de aranha sutil que atravessa os oceanos, cobre as nações mais pobres e prende em suas tessituras milhares de homens indefesos. Purificação contava o número dos tombos para medir a distância.

Os blocos feitos às proximidades dos rios poderiam ir até cem ou cento e vinte quilos. Quanto mais longe da margem menores seriam, a fim de permitir o transporte. Por isso Purificação dera ordem para que se fizessem alguns menores de trinta e quarenta quilos, a fim de permitir que Mauro cooperasse no transporte, tão longe estava.

Os tombos também variavam com o tamanho do bloco, o peso a obrigar o homem sobrecarregado como um animal a parar e pedir repouso. Cinquenta a cem metros separariam um tombo do outro. Cinquenta tombos, à razão de oitenta metros cada um, em média, dariam quatro quilômetros de distância. Às vezes essas distâncias eram superiores, atingindo cinco, seis e oito quilômetros, o que retardava a transferência de toda aquela carga até à margem, onde novo serviço deveria iniciar-se: o da preparação das lingadas, com cabos de aço e madeira leve, de preferência cedro. Só assim poderiam boiar. Sem a madeira os blocos afundariam e tudo estaria perdido. Também se desviavam do rumo normal. Dez blocos amarrados, ligados, formavam um conjunto de melhor controle através das águas. Guiados pelos balateiros em suas canoas, levados como um estranho rebanho aquático, seguiam o curso normal dos córregos, riachos e outros afluentes até atingir o rio principal, o Maicuru, naquela região, ou, em outras, o Paru, o Jari, Cuminá, o Trombetas, o Curuá, em Alenquer. Até nisso a exploração da balata se parecia com o exército e sua disciplina. Os blocos deveriam atender a certos padrões, bem como as lingadas, lançadas uma atrás da outra, quando prontas. A correnteza ainda se fazia forte, apesar das ameaças de verão. Quando uma outra se prendia a galhos nas curvas do rio sinuoso, tornava-se necessário removê-la, dar-lhe uma ajuda para que pudesse prosseguir em sua longa peregrinação até o grande rio.

Há dois dias Mauro não fazia outra coisa senão transportar balata nos

ombros. Blocos de trinta quilos ou de quarenta. Mesmo assim, para quem não se habituara àquela vida, era muito duro. Pensava então no pai. Como Pedrão começara a luta pela existência, naquelas matas, carregando nas costas aquele peso bruto, como conseguira amearhar algo, passar de porqueiro a porco, isto é, de balateiro a patrão, comprar a sua casinha em Monte Alegre, o seu sítio, a primeira fazenda, transferir-se para Belém, colocar os filhos em boas escolas, influir na política, ser um homem respeitado, que o era, se não por bem, por mal. Por que Mauro não vira isso há mais tempo? Por que não pensara mais no pai, em vez de se fixar apenas na imagem da mãe, santa até no nome, mas com vida bem mais suave, apesar de companheira de todas as preocupações e lutas do marido? Sim, D. Santa fazia jus à sua parte no balanço da vida. Sem ela ele nada teria feito de construtivo. A educação, os hábitos, a finura, levaram-na a polir o marido, a dar-lhe novo aspecto, e através de seus conselhos a obter muitas vitórias. Se os filhos estudaram foi mais por vontade dela do que dele. Por Pedrão os filhos iam cedo para o balatal. Nada de escola, de caneta e papel e livro na mão. O Brasil — dizia — está cheio de diplomados que não sabem nada.

— Leia o livro da natureza, meu filho! Costumava dizer.

E rematava:

— O livro está aí, aberto, para quem quiser!

Gostava de falar nas alvoradas na selva, como uma coisa maravilhosa. Mauro não acreditara muito, mas agora verificava ser tudo verdade. A alvorada na selva, aquele mundo de aves emitindo sons de todos os tons, desde o grito das araras e tucanos, aos apitos da jaquiranamboa, e mais os roncoss cavernosos da guariba. Uma orquestra como qualquer conjunto humano jamais conseguiria imitar. Sabiás e japiins barulhentos, pios-pios e aves menores, silvos, gritos, berros, que surpreendiam a mata e apavoravam, às vezes. Noutras horas, o silêncio.

Enquanto Mauro carregava os blocos ia pensando naquilo tudo, o passado passava sobre todo o presente, desfilava, e como se fora um sonâmbulo, seguia o estranho cortejo, Purificação à frente, logo depois Revoredo, depois Mauro, Sidônio e finalmente Zeca Andrade. E não devia fazer feio. Só pedir para tombar quando os outros tombassem. Se um parasse antes dos companheiros perturbaria todo o cortejo. Tinha que aguentar firme.

Uma disciplina paramilitar, em que tudo se realizava em conjunto, como uma ordem unida fantástica em plena selva. Exercício duro, como nenhum recruta já vira. E ainda ter que conquistar a comida, através de caça, mais do que a pesca, porquanto haviam penetrado fundo na floresta. Se a região era boa de caça a comida agradava, desde a anta ao jabuti, o caititu, o veado, mas à proporção que se distanciavam da margem e que procuravam o norte ou oeste, a mataria se tornava mais rarefeita, as caças mais raras. Deviam recorrer às cobras, comê-las assadas, manjar ao qual já se habituara desde os primeiros dias. Como andariam as coisas em Belém? Naquele primeiro momento do regresso, uma nova preocupação assaltava o seu pensamento: como estaria todos, Pedrão, D. Santa, Regina, os colegas? Como o receberiam? E o processo? E os jornais? Um leve aperto no coração se insinuou ao pensar naquela floresta imensa, que aprendera a conhecer e a amar. Por mais estranho que parecesse, começava a sentir saudade da selva, do perigo, das caçadas, do trabalho bruto, e até dos sons, da orquestração sinistra da floresta, que se gravara em seu inconsciente, como uma sinfonia maravilhosa. Teria sangue índio? Estaria fervendo em suas veias um pouco daquele sangue tapuio, que o fizera adaptar-se à vida bruta e, agora, a ter uma ponta de saudade daquilo tudo? Mais do que das chuvas torrenciais, começava a sentir saudades daquelas alvoradas de que tanto falara seu pai. Os momentos, que não foram de sofrimento, e sim de alegria, sobressaíam agora, sobrepujavam todos os demais, como se só eles existissem. Num dia de sol a caçada à anta, que atingira, na beira do rio, a virada às tartarugas e a coleta dos ovos, as fogueiras, os assados que ele mesmo se esmerava em preparar, ensinado por Purificação; o peixe moqueado, que na cidade nem sequer sabia como fazer, preparado ali mesmo, na terra úmida, com sabor que não encontrava em nenhum restaurante da cidade. Tudo isso concorria para esquecer as horas de pavor, os borrachudos perseguindo, o frio da floresta, em certos trechos, penetrando até os ossos, o desconforto, os golpes na mão, as formigas, as doenças, as febres, todas as indisposições orgânicas, que fora obrigado a enfrentar. O tempo filtrava as desgraças e só deixavam passar em seu pensamento os momentos de ventura, mais o sol que a chuva, mais o alegre que o triste, mais o lado bom e humano dos companheiros do que o lado selvagem, que dormitava em cada um deles.

O regresso! Enfim! O regresso! Mas um regresso lento, trabalhoso, perigoso, de cerca de um mês, amarrando lingadas, presas a cordões para controle à distância, enfrentando corredeiras e quedas d'água, que se sucedem, como se todas juntas fossem uma só, com longas corredeiras, num rio tortuoso que se despenca das montanhas com pressa de chegar.

— É preciso cuidado, menino! A descida é mais perigosa do que a subida! Você vê que a água puxa. Para subir é mais fácil, embora mais demorado. Se perder o comando a água arrasta e pode desabar na cachoeira.

Mais perigosa a volta, também, porque deviam ter sempre em vista as lingadas de balata, controladas no matolão de pontas de cordas. Dez lingadas, cada uma com dez blocos, à média de cinquenta quilos cada bloco, num total de cinco toneladas. Cinco mil quilos de látex arrancados daquelas plantas seculares, que ali ficavam, como virgens estupradas, à espera de outros exploradores no futuro, caso sobrevivessem. Prostituíam as árvores. Os blocos amarrados em lingadas desciam lentamente pelas águas, boiando, semiexpostos, como se fossem cabeças de búfalos mergulhados na correnteza.

— A produção poderia ser maior se não fosse a chuva. Este inverno foi muito forte. Explicava Purificação, fazendo um balanço geral. A média de produção de um balateiro é de oitocentos a dois mil quilos. A gente podia ter produzido uns seis mil, sem contar Mauro.

Mauro ajudara muito, em tudo. Só não conseguira subir com êxito em algumas balateiras. Mesmo assim apresentara produção.

— Você vai ganhar também. Dizia Purificação, dirigindo-se a Mauro. Trabalhou, ganhou. E sob a marca PP colocava um M.

Quantos homens, àquela hora, em toda a selva, realizavam operações idênticas? Dois mil quilos por um homem, produção máxima em cinquenta balateiros o mercado internacional receberia cem mil quilos, cem toneladas. Isso apenas em uma região, porquanto à margem esquerda do Amazonas os balatais se estendem por vários municípios na Guiana brasileira.

Mauro contemplava aqueles blocos todos boiando, levados pelas águas e calculava quantos o seu pai preparara, no passado, com as próprias mãos, para poder adquirir a casa em que morava, os bens que possuía, modestos embora, e quanto, quanto teria dado a ganhar aos gringos que o financiavam!

Quanto?

A mata em redor, nas margens do rio, parecia impenetrável. Silenciosa e muda em certas horas da tarde, despertava com o crepúsculo e com a aurora. No crepúsculo seres diferentes libertavam-se de seu torpor, ou de seu sono diurno, pareciam renascer para a vida. Na aurora, outro espetáculo, outras aves, outros habitantes da floresta acordavam com o sol, saudando-o do alto das copas, e expondo ao fundo azulado do céu as suas asas, ora vermelhas, como as dos guarás, ora pretas e amarelas como as dos tucanos ou marrons, como as dos paturis e numerosos passarinhos, verdes como os periquitos, ou alvas como as asas das garças, abertas sobre o espelho reluzente dos lagos.

Mauro já começava a ter vontade de regressar um dia àquele ermo. Viver ali seria impossível, mas voltar! Conviver com toda aquela natureza bruta, mas festiva e inocente. Gostaria de trazer Regina, mostrar-lhe aquilo tudo, dizer-lhe como vivera, como sofrera e como trabalhara, para fazer homem, naquela nova escola, em que se diplomara sem festas, mas se diplomara, conquistando uma experiência que os anos não apagariam nunca.

E aprendera a amar a natureza e os homens, seus semelhantes. Aprendera a sentir em toda a sua grandiosidade a obra da criação. Por trás daquilo tudo, de toda aquela força que rebentava em cores e em sons, deveria haver uma inteligência superior que a ordenara, que a concebera para o homem, aquilo que o professor de religião dizia chamar-se Deus, mas que não sabia bem explicar por que se esmerara, como um artista fantástico, em tanta beleza.

— Leia o Livro de Salomão, meu filho. E lhe dava a Bíblia, que Mauro jogava para o lado. Nesse tempo preferia o samba.

Quando lhe falavam em Salomão pensava logo no teque-teque que vendia armarinhos à porta, batendo duas reguazinhas de madeira: — teque-teque, isso porque não sabia falar bem o português e era melhor chamar a atenção, com aquele singelo instrumento, do que falar errado: — Sanhur, num ganha nada pra ucê...

Não! não era aquele o Salomão a que se referia D. Santa, era o outro, o do Cântico dos Cânticos, cujas vestes, por maior que fosse a sua pompa, não se igualaria à dos lírios do campo. Ali não havia lírios, mas não muito longe, no monte Paituna e no Ererê, havia açucenas brancas em estado normal, mais alvas ou tão alvas quanto os lírios. E aquelas margens eram todas cheias de palmeiras, que faziam lembrar a Mauro um trecho que Regina lhe

lera certa vez: “Subirei à palmeira, pegarei em suas palmas; então os teus peitos serão como os cachos da vida e o cheiro da tua respiração como o das maçãs.” (Cant. 7.8)

As imagens se embaralhavam no pensamento de Mauro. Ora a selva, ora a cidade, ora Purificação e seus companheiros, ora D. Santa, Pedrão. Os momentos mais suaves eram aqueles em que relembraava Regina, com Laurinda de permeio.

Levava para Laurinha a recordação da selva: uma orquídea como ela jamais vira, das mais originais, que Purificação disse ser um filodendro, de pequeno porte, mas com lindas flores douradas; e uma outra, catleia soberba, de flores grandes, claras e luminosas, que colhera com as próprias mãos.

Que ofertaria à Regina, daquele ermo? Nem mesmo orquídeas poderia transportar, tantos os incômodos da viagem e a distância a percorrer. As flores fenecem rapidamente. Tudo fazia para salvar as orquídeas de Laurinda, aconchegadas num canto da pequena maleta, que transportara no final da via-crúcis dos numerosos tombos, realizada por várias vezes. Fora um peregrinar constante pela selva, sempre pelos mesmos caminhos, mas como se fossem novos. Uma vez percorrido um trecho, no dia seguinte não se encontravam mais sinais de passagens. Tudo voltaria ao natural como se a natureza complacente teimasse em manter-se virgem. Os rios corriam, os matos se enchiam de flores e frutos, o sol nascia e se punha no horizonte, a vida continuava em seu ciclo eterno, guiada por forças superiores e inexplicáveis.

Zeca Andrade prometera a Mauro um muiraquitã. Esse seria o presente de Regina, um muiraquitã verdadeiro, de pedra verde, com propriedades fantásticas, capaz de fazer a felicidade de um ser humano. Filho de índio, Zeca Andrade iniciara Mauro nos segredos dos mitos da selva. Divindades desconhecidas para ele, como Guaraci, o sol, Jaci, a lua, e Rudá, o amor, estavam sempre em suas narrações, que atraíam Mauro para um outro mundo, em que se apresentara apenas como um iniciado.

Quando teria nova oportunidade de voltar àqueles sítios? Nunca mais, talvez! Estava muito longe da civilização, do conforto, das atrações que a vida moderna oferece ao ser humano. Para trás ficava aquela floresta que Mauro aprendera a amar, centenas de árvores, antes belas e verdejantes,

agora decadentes e moribundas. Em breve, onde existira uma rebolada de balateiras, cercada de morcegos à procura dos frutos, só haveria um amontoado de ressequidos vegetais. Imensas feridas se formariam no corpo da selva. A pouco e pouco definhariam, sangradas, oferecendo à natureza o exemplo do que é capaz a força humana destruidora, impulsionada pela ambição. Buracos nasceriam na mata. Para preenchê-los, só dezenas de anos de paciente reconstituição. As árvores novas, de espécies diferentes, inúteis talvez, viriam substituir as altas e verdejantes balateiras. Nalgum lugar do mundo seres humanos se aproveitavam do leite daqueles vegetais para aumentar o seu conforto, criar comodidades, desenvolver as indústrias, montar um novo mundo de aviões supersônicos, submarinos atômicos, naves espaciais. Um novo mundo no qual não haveria lugar para homens com corações sensíveis, capazes de sentir a dor daquelas plantas, como se eles próprios estivessem feridos e estigmatizados para sempre.

Ao lado dos belos espécimes vegetais, Mauro, vez por outra, encontrava árvores que deveriam ser belíssimas, mas totalmente abafadas, envolvidas, subjugadas por galhos, cipós e folhas diferentes, que se enroscavam nos troncos e nos ramos, sugando a seiva e quase destruindo a planta maior.

— São parasitas. Explicava Purificação.

A palavra parasita trouxe à lembrança de Mauro a figura do Dr. Clodomir, sempre bonacheirão, em longas conversas com Pedrão.

— São uns parasitas! Exclamava Clodomir. Vivem à custa da nação! O Brasil poderia ser uma grande potência se não fossem os parasitas!

Mauro não entendia bem a conversa, mas a palavra lhe ficara no inconsciente, como uma coisa feia: parasita!

Na escola sempre ouvira falar que o Brasil um dia seria uma grande potência. Gigante pela própria natureza, dizia a professora, estava fadado pelo destino a ser o país do futuro.

Em dia de aniversário recebeu de presente um pacote bonito, com papel colorido e fita verde e amarela. Abriu e leu o título: *Brasil, País do Futuro*, de Stefan Zweig.

Não lera todo, atraído naquela época pelos exercícios de judô e mais as brincadeiras da idade. Só agora é que se apercebia, ligando o sentindo das palavras, da razão invocada por Clodomir para que o país não se transformasse na verdade numa grande potência. E Mauro observava as árvores.

Uma delas, frondosa, deixara de produzir frutos porque toda a sua seiva, que era o sangue vegetal, era sugado pelos parasitas, envoltivos, dominadores, terríveis, capazes de destruir, em seu amplexo infernal, a mais pujante espécie da floresta.

Quanta coisa estava aprendendo, ligando ideias, formando opiniões, unindo o presente ao passado, e preparando o futuro. Quanta!

— São uns parasitas! Repetia muitas vezes Dr. Clodomir. Sugam toda a energia da nação em bandalheiras, negociatas homéricas. E o que se vê é isto que aí está: o nordeste seco e faminto, o sul já com áreas miseráveis também, o sertão abandonado, a lavoura decadente, as cidades cada vez maiores, inchando, não crescendo, mas inchando. O êxodo...

E como bom médico Dr. Clodomir fazia o seu diagnóstico:

— Nossas cidades dia a dia incham mais. São hematomas na carta geográfica.

Mauro, que não sabia o que era hematoma, ligava a palavra à outra — parasita. Então o Brasil seria mesmo como aquela árvore imensa, outrora robusta, que as ervas de passarinho e apuiseiros procura destruir?

— Sim, é isso mesmo! Insistia Clodomir. Há homens neste país que são os apuiseiros. Vivem à custa do corpo da nação.

Tudo aquilo passava e repassava no pensamento de Mauro, de mistura com recordações de Regina e dos bons tempos da cidade. Ainda não tinha idade nem experiência para resolver os problemas nacionais. Mas seus olhos se abriam, a pouco e pouco.

Um mau pensamento ocorreu a Mauro:

— Será que meu pai é parasita?

Não, Pedrão não poderia ser parasita, com aquelas mãos grossas, aquela vida toda dedicada ao trabalho, à luta, para conseguir um lugar ao sol.

O mau pensamento prossegue:

— Será que Purificação e demais balateiros são parasitas? Não estão, com suas mãos, sangrando impiedosamente aquelas árvores? Mauro procura a resposta dentro de si mesmo. Os balateiros não vivem, sobrevivem. Sua atividade destruidora se exerce em nome de outros, de terceiros. São instrumentos inconscientes de uma sangria pela qual não são responsáveis. Basta contemplar os seus olhos, a sua pele grossa, as suas mãos calosas, a sua miséria.

A Grotta Rica e o Sumidouro



O outro grupo de balateiros, chefiado por Neco Dantas, também alcançava produção semelhante à de Purificação e seus companheiros. Cerca de cinco toneladas de balata se amontoavam em blocos, que variavam de trinta a oitenta quilos cada um, dependendo da produção do dia, do grau da fervura, da proximidade ou não das margens dos rios. Ocasões havia em que, ao levar o látex aos cem graus, ao fogo, nem todo o cozimento permitia fundir blocos iguais, com a mesma pesagem. Daí a variedade de tamanho. Neco se distanciara mais ainda, aproximara-se do Paru, rumo do Jari. Mais longe não fora devido às montanhas que lhe barravam a passagem.

Veza por outra, porém, Neco se afastava de seus companheiros e, sozinho, penetrava na mata. Em duas ou três oportunidades assim agira, pela parte da manhã, quando o céu era limpo e o sol mais claro. Que buscava, a sós, na floresta?

Conhecedor da região, tendo palmilhado o Jari e o Paru muitas vezes, Neco sabia o que queria. Não muito longe do Anatum, suspeitava da existência de ouro. Seus olhos, mesmo quando procurava balateiras, tudo investigavam, à cata de algum vestígio de minerais. Aquele distanciamento do outro grupo era propositado. A mata mais rarefeita, as pedras em abundância, o terreno com a configuração bem diferente do Baixo Maicuru ou do Baixo Paru, dava demonstração de abrigar minerais. Muitas vezes vira em mãos de índios Apalais, que desciam o Jari, pequenos adornos de ouro. A Grota Rica se localizava, entre o Jari e o Paru. Mas, indagava a si mesmo, se existem minas do lado de lá do Paru, por que não existir também na outra margem? Os demais companheiros mal suspeitavam daquelas pesquisas.

Um pequeno córrego, cantando sobre pedras, lhe oferecia o primeiro indício. Ouro de aluvião. Seguiu pelo seu curso, em busca da cabeceira. Toda a manhã passara nessa busca, sem resultado total. Voltaria. Dois ou

três dias mais tarde, depois de despistar os companheiros, Neco Dantas regressou ao mesmo sítio e seguiu o mesmo córrego, que descia das montanhas, entre pedregulhos e vegetação rasteira. Mesmo sem bateia, mas com o uso de chapéu de palha, lavou um pouco do cascalho. Era ouro, sem dúvida, e muito! Os pontos amarelos brilhavam agora na mão espalmada. Ouro! Que fazer? Abandonar a expedição, sozinho? Que imagem deixaria junto a Pedrão, seu financiador? E o crédito? Que lograria fazer, sem ajuda, perdido naquele deserto? Poderia ser flechado por índios, adoecer, ou ver-se atacado traiçoeiramente por uma fera. O homem só é sempre um desamparado. Um companheiro a mais, que fosse, seria útil. Por outro lado, estava com uma outra mina de ouro à sua disposição, as quatro toneladas de balata já prontas para os “tombos” pela floresta.

Neco preferiu guardar segredo. Organizaria depois outra expedição, em que fosse, na verdade, o chefe e não um simples financiado. E assim daria boas contas ao patrão. Ele, ali, era o chefe de todos e não poderia fugir ao compromisso assumido.

Além do mais, havia indícios da presença de índios. Rastros num descampado, uma pena de tucano mais adiante, um ou outro galho quebrado davam ao mateiro os sinais de presença estranha. E quem mais, naquele ermo, se não índios?

Regressando ao tapiri Neco Dantas deu a ordem de regresso. A data combinada com Purificação, 1º de agosto. Haveriam de encontrar-se em qualquer ponto do trajeto do Rio Maicuru, talvez na confluência do Igarapé Honorato. Começou assim a “descida”, os homens carregados com seus pesados blocos, tombando de cem em cem metros, em via-crúcis tenebrosa através da floresta.

À proporção que caminhavam, observavam que a vegetação se modificava aos poucos, tornava-se mais densa. Novas espécies vegetais se apresentavam, desde a umarirana, a tatajuba, a tamanqueia, o pau-ferro, o louro vermelho, a muratinga, a pajurá, a murapinina, a maparajuba e outras. Pés de acapu e acapurana, cuaruba vermelho e ouro rosa se apresentavam, esparsamente, pela floresta, o que fazia Neco Dantas medir mentalmente toda aquela riqueza, sem saber qual a maior, se a vegetal, que ali se expunha aos olhos de todos, se a mineral, que mal entrevira nas cabeceiras do

córrego. E aquelas terras não possuíam dono, ou melhor, eram do governo! Cada um que chegasse montava acampamento e cortava as balateiras que quisesse e descia o rio, como explorador de um tesouro a todos pertencente, em condomínio ideal.

E muitas dessas árvores rebentavam em frutos, como os bacurizeiros, cuja madeira, amarelo-escura, servia para construções civis e navais. Outras, como a andirobeira, além da madeira vermelha, semelhante ao cedro, fornecia óleo medicinal, capaz de curar muitos males.

Enquanto Neco Dantas e seus homens transportavam os blocos, presos em jamanxins de fibras, às costas, Purificação se distanciava, já com as lingadas dentro d'água, começando a descer o afluente. Aproximava-se do Maicuru, pronto para enfrentar as cachoeiras da Laje, a da Onça, a do Repartimento, a Quebraquilha, a Morro Grande, a Medonha, a do Buraco, e outras.

A cachoeira Medonha apavorava os raros exploradores que por ali apareciam. Purificação avisara:

— É preciso cuidado com essa cachoeira! É traiçoeira como só!

Abria-se em vários braços, com muitas ilhas internas, pelo menos quatro, de grandes proporções, e seis pequenas. Apesar de ornada de ilhas, não mostrava nenhum canal de acesso à navegação. Tudo pedra, à flor d'água, banhada pela correnteza que despenca do alto. A força do líquido projetado impede qualquer controle. Haveria um recurso: desceram a pé, pela terra firme, como já acontecera em outras oportunidades e mesmo fora tentado na subida. Mas, agora, as lingadas criavam novos problemas. Subir caixões com mercadorias, açúcar, sal, munições e outras coisas indispensáveis parecia bem mais fácil do que baixar com algumas toneladas de balata, amarrados os blocos em lingadas servidas por madeira leve e fios de aço. Carregar as canoas, na ida, fora tarefa dura, uma das mais difíceis de toda a expedição. Com a descida, agora, atracadas em cordas, dobravam as dificuldades, diante da força bruta da correnteza. As margens, enfeitadas de blocos de granito esféricos, dificultavam sobremodo a tarefa. Pedras enormes, polidas pelo tempo ou pela lixa das águas correntes, especialmente no inverno, tomavam aquele formato. Eram bolas imensas de granito, dispostas de ambos os lados,

como se um decorador caprichoso e gigantesco houvesse arrumado, uma a uma, daquela maneira.

Vista de cima, a cachoeira apresentava aspecto soberbo, com as águas e espumas se infiltrando, grossas, em várias direções, rompendo a muralha ou devoradas pelos sumidouros.

O Rio Maicuru, naquele trecho, é uma sucessão de cachoeiras, às dezenas, como se todo ele compusesse uma só catarata, prolongada pelo meio da selva, com maiores ou menores saltos, aqui e ali. Desde a Muira o panorama é o mesmo, passando pela da Fartura, a Panacu, a do Pixuna, a dos Jamaracus, a do Cumaru, a Miriti, a Javari, a do Buraco, a Medonha, a Morro Grande, a Quebraquilha, a do Camaleão, a do Estêvão, a da Baunilha, a do Castanhal, a do Repartimento, o salto do Poção, a Buritizal, a da Anta e muitas mais, menores ou maiores, com nomes que a memória humana ainda não fixou definitivamente ou que mudam em cada rascunho da região.

A Medonha fazia-se digna do nome que ostentava. Apavorava qualquer um. Mesmo assim, era bela.

Purificação ordena que se fixe a canoa na margem, no alto, enquanto descarregam a precária bagagem: restos de suprimentos, em fim de safra, a maleta de Mauro, os mosquiteiros de tarlatana, as roupas esfarrapadas e sujas, uma estranha bagagem de aventureiros ou de párias do deserto. Tudo que levaram, ou quase tudo, fora aos poucos consumidos. Havia saldos de sal e açúcar, sem os quais não poderiam viver. O sal transformava-se em massa úmida, só reconhecível pelo paladar. O açúcar, em latas, ficava amolecido pela umidade. As lingadas de balata, uma a uma amarradas a galhos da margem, ali permaneceram à espera da escolha do bom lugar para despejo pela cachoeira. Revoredo recebeu ordem de descer por terra, com Zeca Andrade e Sidônio, levando as bagagens e, logo depois, a canoa, num caminho improvisado, aberto a golpes de facões, entre pedras enormes e roliças. A primeira etapa estava vencida. A manhã inteira para conseguirem transportar a canoa do ponto mais alto até a base da Medonha, com as bagagens todas. Pelas duas horas da tarde Purificação deu ordem de largar as lingadas, uma a uma. Pura e Mauro, no alto, desfaziam os laços das cordas no matulão e empurravam com varas as lingadas na direção do salto maior, mais fundo e mais largo. Mauro estava atento a uma das lingadas, que trazia

os blocos com a sua marca, poucos embora, mas que lhe deviam ser creditados. Nove pertenciam a Purificação, Revoredo, Sidônio e Zeca Andrade. Um a um os blocos são arrastados pela torrente. Somente depois que um chega à base e é controlado por Revoredo, Sidônio e Zeca Andrade, é que Purificação e Mauro lançam outro. E para que não se projetem rio abaixo, os três balateiros recebem nova missão: amarrá-los novamente a galhos, puxá-los para a margem e prendê-los de qualquer forma, em pedras, até que se termine toda a operação.

Duas lingadas, que se achavam à montante, talvez pela distância, não tomaram o rumo do canal escolhido, uma pedra obstruía a sua passagem e as desviava para o outro lado.

— Cuidado com o sumidouro! Gritou Purificação. O sumidouro! Mais além um enorme redemoinho dava sinal de um imenso sumidouro, por onde a água penetra em avalanche, indo sair muito longe, em local não identificado. Embarcação ou ser humano, que ali se precipite, desaparecerá. Em vão será qualquer busca, porquanto o que o turbilhão arrasta não volta mais à luz do sol. Um imenso buraco se abre, tomado pelas águas espumantes, e tudo devora.

Uma das lingadas, incontrolada, seguiu esse rumo e, depois de vultear várias vezes sobre si mesma, precipitou-se no abismo; a outra, ante o impacto de uma pedra, retrocedeu e salvou-se.

— Eu avisei! Gritava Purificação, aflito. Eu avisei! Dez blocos perdidos! Dez blocos!

Dez blocos de balata, cerca de meia tonelada, acabaram de se perder, devorada pelo sumidouro, cujo fim ninguém conhece. Nem mesmo os homens indicados para desencalhar lingadas poderiam dar jeito. Em geral, nas descidas normais, as lingadas, nas curvas do rio, que são muitas, prendem-se a galhos e ficam paradas. Nem mesmo a correnteza brutal as arranca, presas a cipós e garranchos ou pedras. Um dos homens, perito nessa tarefa, costuma percorrer largo trecho do rio, com a missão de desencalhar as lingadas, ou mesmo os blocos isolados quando se desprendem e não afundam totalmente. Nem todos os blocos possuem o mesmo peso e a mesma densidade. Depende do ponto alcançado por ocasião do cozimento. Alguns, menos densos, boiam sobre as águas; outros, que são maiores, mais pesa-

dos, afundam. O desencalhador vai pouco a pouco puxando para o centro do curso d'água aquelas lingadas presas, ajudando o seu curso. O perigo está na proximidade das cachoeiras e dos sumidouros, onde balata, canoa e ser humano podem ser tragados. Assim ocorrera com uma lingada, fruto de tanto trabalho, tantos dias e noites em pleno sertão.

Que fazer agora? Purificação demonstrava espírito forte, habituado a ganhar e a perder.

— Foi a vontade de Deus! É tocar para a frente! Se a gente tiver sorte pode ser que a lingada apareça adiante, saia nalgum furo.

Esperança vã. Ele mesmo sabia, por longa experiência, que os blocos perdidos no curso do rio podem ser encontrados até por outros balateiros. Quando são honestos, entregam ao dono, de acordo com as marcas. Mas o que penetra no sumidouro nunca é recuperado. Quantos sumidouros Purificação encontrara na vida? Na selva e fora dela?

— A vida é assim mesmo. (Dizia ele a Mauro, em tom de consolo.) A vida é um sumidouro. Podia ser pior. Temos nove lingadas ainda inteiras. Nenhuma se espatifou. Dez por cento da produção se fora assim, de um momento para outro, de maneira não desejada, nem prevista.

Mauro se deixara abater. Acompanhara todo o trabalho de coleta daquela matéria-prima. Ajudara a colocar embutidores, a transportar, a ferver, a marcar. Suas costas ainda permaneciam doloridas do exercício bruto a que se submetera durante vários dias. A própria selva parecia desforrar-se dos que a desbravavam e saqueavam. Era uma maneira de vingar-se, também.

À noite acamparam à margem do rio, junto à cachoeira do Buraco. Antes haviam passado pelo Travessão do Remanso, lugar em que o rio se estreita para 25 metros, a correnteza aumenta, mas a travessia se faz sem maiores dificuldades. Outras gargantas convergem para a garganta maior do rio. Uma camada de pequenos seixos recobre o leito das águas, seixos que rolam ao menor contato, levados pela torrente. A cachoeira do Buraco compõe-se de três blocos de pedra, que desafiam as águas. Estas se precipitam de uma altura de sete metros. Redemoinhos perigosos se formam e a água desce em funil, tornando impossível qualquer passagem por dois daqueles obstáculos de granito. Purificação prefere pisar em terra em vez de tentar a passagem pelo terceiro bloco. Pedras, muitas pedras em redor, adornam o panorama.

— Isso é pedra de amolar. Explica Purificação. Uma riqueza aqui jogada fora.

A região apresenta aspecto diferente do Baixo Maicuru. Ainda há muitas pedras, por todos os lados. Ao longe, para quem livra a vista da vegetação, que não é muito densa, percebe o perfil de montanhas. Predomina o carascal. Não há árvores altas. A terra pedregosa dá a impressão de que as plantas vivem mais do ar do que do solo.

Purificação procura manter alto o moral dos companheiros:

— Podia ser pior! Estamos todos vivos! Balata se tira outra, no próximo ano! A vida não se recupera!

Mauro, mesmo assim, mantinha-se reservado, preocupado como que poderia acontecer na hora da prestação de contas. Pedrão aguardava uma certa quantidade de balata, calculada por cabeça. Cada balateiro deveria produzir de mil a dois mil quilos. E as explicações que Pedrão teria a dar, por sua vez, a Benacron, em Manaus, do qual já recebera dinheiro e que, naquele jogo todo de interesse, deveria também recebera sua parte, que era sagrada? Benacron só pagaria a balata entregue. A que se perdeu, perdida estava. Não havia seguro para aquele tipo de negócio aleatório. E quem iria acreditar, na capital, na palavra dos balateiros, de que na cachoeira Medonha afundaram tantos blocos do produto? Quem? E mesmo que acreditassem, nenhuma consequência comercial haveria. Apenas um pouco de piedade, de palavras consoladoras, que não pagavam dívidas.

— Por todos esses rios há sumidouros. Explicava Purificação. No Paru é pior. Há uns imensos. Quem não tiver experiência não se meta a navegar ali. Pode desaparecer com barco e tudo e ninguém vê, nunca mais.

Ninguém vê, nunca mais! Aquelas palavras ficaram ecoando na alma de Mauro a noite toda. Não conseguira dormir! A perda da balata, as saudades de casa, os borrachudos importunando, apesar do mosquiteiro de tarlatana, a incerteza do que estaria ocorrendo em Belém. Desligado de tudo, tudo poderia ter-lhe acontecido. Pessoas amigas teriam desaparecido. E D. Santa, como iria de saúde? E Pedrão? E Regina? E todos os seus colegas, a esta hora talvez despreocupados da sorte de Mauro, depois da triste aventura? Talvez nem mais se lembrassem dele.

O mundo todo parecia desabar sobre Mauro.

Pela manhã, bem cedo, ao som dos primeiros roncões das guaribas, Mauro já estava de pé. Pouco dormira. Um novo dia, uma nova luz, um sol radioso dourava as copas das árvores baixas e imprimia reflexos de cristal na crista das águas, que marulhavam sobre as pedras e arrastavam os seixos. Afinal de contas ele sempre se mostrara forte e não seria agora, por causa de uma lingada de balata, que iria esmorecer. Mauro se refaz. Penetra nu na água fria, em local abrigado da torrente.

— Cuidado com poraquê! Grita Purificação. Já levei um choque.

Mal ouvira o aviso e uma chicotada o lança para à margem, seguida de outra chicotada, com a descarga elétrica violenta com que o peixe se defende dos invasores de seus domínios.

Mauro pula logo para a margem.

— Foi sua sorte! — Adverte Purificação. — Se você fica n'água, ele não deixava você nem levantar a cabeça. Era descarga em cima de descarga até você se afogar.

O braço direito e a perna esquerda de Mauro estavam dormentes. A descarga elétrica produzia seus efeitos.

— Isso passa logo. Não há de ser nada. Podia ser pior.

A filosofia do “podia ser pior” era, até certo ponto, um consolo. Sim, poderia ter sido bem pior, uma picada de cobra venenosa, um ataque frontal de onça, uma perna quebrada nas pedras, uma flechada de índio. Poderia ser pior!

Apesar de tudo, Mauro se encantara com a selva. Um sentimento indefinível se apossava de seu coração à proporção que abandonava a região selvagem, região que aprendera a conhecer e a amar.

Sempre ouvira dizer que terra que se conhece é terra que se ama.

Conflito na Selva

Purificação e seus homens acamparam ao lado do Salto do Jamaracus. A paisagem era imponente e original. Em plena selva amazônica proliferavam cactos em redor, os jamaracus, que davam nome ao sítio. Muitos dias de viagem, desde o acidente da cachoeira Medonha, conseguiram vencer, rio abaixo, uma a uma, as quedas-d'água, ora desfazendo as lingadas no alto e transportando os blocos por terra, até refazê-las embaixo; outras vezes, lançando-as no pedregulho, sujeitas a rebentar ou desaparecer nalgum sumidouro.

A noite fora tranquila. Mauro procurava reconhecer o local por onde passara há tantos meses! Difícil de identificar, depois de algum tempo, o mesmo roteiro, os mesmos acidentes, a mesma paisagem. A selva engana e despista. Antes, subira, agora descia aquele curso d'água cheio de curvas e corredeiras, cada qual com suas características. Um paredão de pedra atravessa de uma a outra margem com altura de cerca de quinze metros, nalguns pontos. Três ordens de degraus se estendem embargando a marcha das águas. É uma escada de granito gigantesca, montada pela natureza, cada degrau com cerca de sete metros de altura. E por ela desaba o aguaceiro com estrondo. O rio, cuja largura varia a todo momento, chegando a atingir até trezentos metros, engargala-se ali em canal estreito de cerca de vinte metros apenas, pela margem direita.

A cachoeira dos Jamaracus é um dos mais fortes obstáculos à conquista da região. Muitos exploradores esbarram. Retrocedem, receosos de enfrentar aquela massa de pedra e água, fortaleza natural quase inexpugnável.

Nos dias anteriores, haviam deixado para trás muitos saltos também perigosos, entre eles as cachoeiras do Miriti, a Javari, a do Buraco, passando pelos afluentes da margem esquerda, o Igarapé do Ambrósio, o do Saisal, o Cana Brava, e, da margem direita, o Igarapé Água Azul.

Agora, no acampamento, reinava silêncio. Amanhecia. Mauro, ainda deitado na rede, contemplava os caprichos da natureza, plantas de bom porte agarradas à pedra, as raízes à mostra, alimentadas pela umidade do ar, em luta feroz pela sobrevivência. Como poderiam ter vida aqueles vegetais? As raízes não dispunham de terra para absorver o sustento necessário. O ar úmido, o sol, as chuvas, bastavam. As raízes circundavam os blocos de pedra, esforçando-se por sustentar-se. Algumas pontas se projetavam para o alto, outras esticavam em direção da água, quando próximas à margem. Lembrava então Mauro os versos de Dulcinéa, que Regina lhe declamara ao ouvido, há tanto tempo, na cidade:

*O grito mudo daquela árvore,
arrancada do solo,
com as raízes apegadas à terra,
eu compreendi,
quando senti
nas raízes magoadas de meus dedos
a dor das minhas mãos arrancadas das tuas!*

Os dedos seriam como aquelas raízes, que se atracavam, atraídas pelas forças da natureza. Arrancá-las assim seria algo dolorido e antinatural, pungente, cantado nos versos de Dulcinéa.

Mauro se sentia também qual se fora uma daquelas árvores, as raízes arrancadas da terra, com seus gritos mudos, ele, que não podia queixar-se a ninguém, nem gritar ou esbravejar. O tempo de esbravejar já passara, meses atrás, quando enfrentara o desconhecido, inexperiente de tudo, exposto à natureza e aos homens. Agora, em pouco tempo, adquirira outra envergadura. Forrara-se de qualidades que nunca julgara possuir, e que nele se achavam latentes, como um tesouro guardado, esperando o primeiro momento de provocação para eclodir. Assim fora a sua reação perante Zózimo. Assim fora ao ter de enfrentar a floresta, com sua fauna estranha. E o trabalho, as canseiras, o sol, a chuva, tudo! Aquele desconforto, para ele, já se tornara normal. Não observava mais certos detalhes que na cidade levaria a sério: se a rede estava suja e começava a esburacar; se a comida não se preparava

com muito asseio, contanto que fosse carne fresca de caça, assada na brasa e agarrada com as mãos; se a água era ou não pura, porquanto filtrada ali não havia. Vez por outra encontravam nascentes, ou córregos de água aparentemente limpa e própria para uso humano. O organismo se defenderia das investidas dos germens, que por acaso o assaltassem. Já se habituara a tudo. Sentia-se parte integrante da natureza, como aqueles jacamins da floresta, ou as antas e mutuns. Dormir ao relento, se preciso, defecar no mato todos os dias, tomar banho de rio, comer frutos silvestres, como iguais nunca encontrava em qualquer mercado, colhido ao natural. Vida de bicho, mas vida, de qualquer forma, que o conquistara! Agora entendia por que Pedrão amava tanto a selva. Até que as cobras não eram tão más quando bem preparadas e temperadas. Era preciso escolher o tipo de cobra, da mesma forma que os macacos, uns bons, outros ruins de panela. No mais, tudo lhe parecia bem. As suas inquietações não se achavam na selva, mas na cidade. Não se localizavam no exterior, mas dentro de sua alma. Seu pensamento, seu coração, seus nervos vibravam dias e noites com as recordações de Pedrão, D. Santa e Regina. Vez por outra procurava no fundo da mala, já amassado, o retratinho de Regina e ficava muito tempo a contemplá-la, imaginando como estaria agora. Mais alta? Mais magra? Mais bonita, sem dúvida. Podia ter mudado em alguma coisa, menos na cor dos olhos, que não se alteram nunca. Precisava cobrar o presente de Zeca Andrade para Regina, o muiraquitã, bem verde, feito de pedra desconhecida na região, com uma figura de bicho, sapo talvez, que traz felicidade e a fartura.

— “Muiraquitã é bom amuleto.” Explicava Zeca Andrade. Dizem ser feito pelas índias Amazonas, as icamiabas.

E ante uma pergunta curiosa de Mauro, continuava:

— Moravam no lago Espelho da Lua, no Jamundá. Faziam muiraquitã de vários tamanhos, alguns com figuras de bichos, maiores, outros menores, compridos, redondos, quadrados. Variavam muito. A cor também muda, uns são verde-cana, outros verde-malva, vários verde-oliva. Prepondera o verde-jade.

— E para que servem? — Indagara Mauro.

— Dão sorte. Curam doenças. Mas é preciso conhecer bem. Há muitas peças parecidas que não são verdadeiros muiraquitãs, como os *polidores*, os *tembetás*, as *moletas*. Sebe como se conhece o verdadeiro?

E sem aguardar resposta:

— É pelo orifício por onde passa o cordão, que o prende ao pescoço. O buraquinho. Por ele os entendidos conhecem quando é verdadeiro e quando é falsificado.

Mauro se adaptara aos costumes daqueles homens simples.

— Meus homens são escolhidos. — Dizia sempre Pedrão. E na verdade o eram. Zózimo fora uma exceção, antes não revelada. Tornara-se útil por ser bom no rifle e na subida das balateiras.

A mata se cobria de sol, que começava a banhar de luz as copas das árvores. O marulho das águas se misturava com o ruído multifário da floresta. Zizis das primeiras cigarras, que anunciam o verão. Gritos estridentes de surpresa, verdadeiros berros de aves estranhas, o assovio das antas, o ronco das guaribas, ao longe a gargalhada da jurutaui e o apito da jaquiranamboia. Toda aquela orquestração parecia saudar a aurora que se anunciava em focos de luz. A mata não deixava ver o sol no horizonte. Seus raios penetravam por toda a imensidão verde, levando calor, alegria, vida, e desfazendo as sombras da madrugada.

Um estrondo abala todo o pequeno acampamento. Subitamente Mauro, Purificação, Revoredo, Zeca Andrade e Sidônio pulam em sobressalto, cada qual querendo alcançar a sua arma. Uma voz autoritária ecoa na floresta:

— Não se mexam!

Um destacamento de soldados desfigurados põe cerco aos balateiros.

— Sou o tenente Justino, da polícia, em nome da justiça. Tenho ordem de prisão contra Mauro Pedro da Silva!

Purificação não tem tempo de refletir:

— Se prende um prende todos. Eu sou responsável pelo rapaz e ele daqui não sai só.

Tenente Justino dá um passo em frente, o revólver Taurus na mão direita. Os soldados engatilham os seus rifles.

— Agora quem manda aqui sou eu! — Fala Justino. — Eu prendo quem quiser!

Purificação tenta pegar o rifle. Justino dispara a sua arma, atingindo a mão direita de Purificação, que cai para o lado.

— Ninguém se mexa! Joguem as armas no chão!

Os balateiros obedecem. Mauro tenta socorrer Pura, este com a mão sangrando. Zeca Andrade dá um salto para trás.

— Não se mexa, moço! Ordena Justino. Se não quer levar chumbo!

Retira do alforje um par de algemas.

— Você é que é Mauro Pedro? — Indaga, dirigindo a Mauro.

E remata:

— O filho de Pedrão China?

Um dos soldados coloca algemas em Mauro. Sidônio, Zeca Andrade e Revoredo nada podem fazer. Zeca Andrade tenta ainda alcançar o rifle, no que é impedido por um bofetão de Justino, que o projeta ao chão. As armas são recolhidas.

Justino ordena a um dos soldados, indicando Purificação:

— Socorra esse homem. Há medicamentos aí na caixa.

O ataque de surpresa, àquela hora da antemanhã, entre sombras, desbaratou todas as esperanças de Mauro. E agora? Que lhe aconteceria, preso de justiça, em miserável estado, entregue nas mãos daquela fera humana, capaz de matá-lo em plena mata? Por pouco o tenente Justino não sacrificara a vida de Purificação. E o faria com o maior sangue-frio. Sua justificativa, comprovada pelos depoimentos dos soldados, seria a de resistência. Fez questão de ler em voz alta o documento que lhe fora entregue de ordem do juiz, mandando prender Mauro Pedro da Silva, réu com prisão preventiva decretada, acusado do crime de homicídio na pessoa de Fabriciano da Anunciação, no dia tal, do mês tal, no local tal. Ordenava que Mauro apusesse o seu ciente no papel e deu ordem para levantar acampamento e baixar de imediato.

— E as balas? Pergunta Revoredo.

— As balas podem ficar aí amarradas. Ou então vocês ficam com elas enquanto nos distanciamos com o preso. Salvo se manifestarem qualquer reação. Nesse caso, terei que levar todos presos. Por enquanto estou sendo camarada. Levo só o réu da justiça.

E aponta para Mauro.

Justino fora mais ladino do que muita gente pensara. Não se atrevera a subir todo o curso encachoeirado do Rio Maicuru. Estudara a região, ou bem se informara. Foi até onde suas forças permitiram e ali ficou, refazendo

as forças e aguardando, escondido na mata, o regresso dos balateiros, que sabia efetuar-se naquela época.

Eles não podem permanecer o tempo todo na floresta! Têm que sair da maloca.

Também não quis esperar muito embaixo, na cachoeira Muíra ou na Fartura, porquanto fora informado de que Garibaldi e Pantaleão haviam seguido na frente, a fim de desviar a rota para o Rio Paru. Havia a alternativa de Alenquer. Sabia que do Maicuru, das duas serras do Portão, há picada que leva às colônias agrícolas, na estrada Lauro Sodré, numa distância de cerca de quarenta quilômetros. Podiam passar também do Maicuru para o outro município por cima, pelo Rio Curuá, seguindo do Macau para a Confusão, onde havia picada com cerca de sessenta quilômetros, em plena selva, no rumo de Alenquer.

Aguardara Justino pacientemente, dias e dias, refazendo os seus homens já cansados, ocupando-os na caça e na pesca, enquanto a sua presa maior — o réu Mauro Pedro da Silva — não aparecesse.

Tudo lhe fora avisado. Parecia haver espiões no escritório de Clodoaldo ou na casa de Farripas. Tudo relataram a Justino: o rumo seguido por Neco Dantas e Purificação, o tempo que levariam na coleta da balata, a época provável do regresso. Justino sentia-se satisfeito com o êxito da missão, êxito que só seria completo quando chegasse à capital e fosse entrevistado pelos jornais, tendo ao lado, algemada, a “fera dos balatais”. Só não conseguiria agradar os colegas da gloriosa corporação, onde nunca fora bem-visto. Sofrera reforma antes e conseguira anular o ato e voltar ao serviço, por influência política. Nesse setor seus créditos se apresentavam grandes, mas manchados de sangue.

Preso Mauro, ordenou aos balateiros que permanecessem em pé, de costas, as mãos para cima, na nuca, enquanto o destacamento policial se afastava, rio abaixo, na canoa *Periquita*, que lhes fora cedida pela delegacia do município.

— Só fiquem à vontade quando ouvirem um tiro.

Ao dobrar na primeira curva do rio, Justino dispara para o alto. Deixara os balateiros desarmados, sem a companhia de Mauro, Purificação com a mão ferida, amarrada, em curativo improvisado, e sem armas de fogo.

Recolhera as espingardas. Sabia que aqueles homens se alimentavam de caça, principalmente. Como iriam caçar, agora, sem armas?

— Vão comer peixe! Respondera Justino. Tem também muito cupuaçu na mata. Jamacaru também se come.

Não havia outra alternativa, senão descer logo, viajar quanto antes. Deviam ainda atravessar várias corredeiras e saltos, como os de Viração, Ipaupixuna, a da Lontra, a Panacu, a da Fartura e a Muíra. Missão dura. Mas aqueles homens, depois de muitos meses de luta, já se haviam transformado em gigantes. Seus braços musculosos, sua força extraordinária, facilitavam a tarefa de transporte da canoa, dos mantimentos e dos blocos de balata.

— Até que estamos com sorte! Falou Revoredo. Ele podia roubar-nos toda a balata e ficaria por isso mesmo!

— Não estamos livres disso. Ponderou Purificação. Talvez esteja aguardando que se chegue na cachoeira da Fartura ou na Muíra para matar-nos e roubar a balata. Quem vai depois acusar? A situação está do lado dele. Serra de cima. Tem na mão um mandado da justiça. Basta dizer que nós resistimos e foi obrigado a usar as armas. Pois o governo não fornece fuzil e munição?

Purificação era experiente. Sabia do que seria capaz aquele homem, odiado pelos próprios colegas, punido inúmeras vezes, barrado nas promoções, mas que sempre arranjava um jeito de sobreviver.

No mesmo dia conseguem alcançar a cachoeira da Lontra e montar acampamento. Mal se instalam ouvem tiros, não muito distantes.

— Deve ser o tenente Justino. — Fala Purificação. — Acampou mais abaixo. É bom a gente ficar por aqui mesmo. Não convém por enquanto encontrar com ele. Estamos desarmados.

— E por que não se ataca de noite? Sugere Zeca Andrade?

— Sem armas, Zeca?

— Tem facas e facão, seu Pura.

Zeca Andrade tinha o hábito de colocar a faca de lâmina larga nos dentes e realizar assim toda sorte de serviços: subir em árvores, atravessar rio a nado, correr pela mata. Sua boca de índio parecia servida por mandíbulas de ferro. A faca não caía nem mudava de posição.

— É loucura, Zeca! Eles podem matar Mauro e vamos ficar com essa dor na consciência. Acesa a fogueira, assados os saldos da carne de anta,

não foi de alegria a refeição. Carapanãs zuniam, aos montes. Vez por outra borrachudos importunavam. O calor e a fumaça da fogueira sempre os afugentavam. Tentariam dormir assim mesmo, menos Zeca Andrade, que nada mais falou sobre a possibilidade de assaltar ao destacamento policial.

A noite fechou em si mesma, sinistra e negra. Viam-se apenas os pontos luminosos dos inumeráveis vagalumes piscando aqui e ali, em rápidos volteios. Noite alta, Zeca Andrade ainda permanece desperto. Sua alma de índio sonda a floresta, seus olhos fitam algo naquele negrume, como se pudessem enxergar onde outros não conseguem divisar coisa alguma. Por experiência, sabia que o tenente Justino não acampara muito longe. Seus ouvidos aguçados distinguiram rumores que outros não suspeitavam. Colava a cabeça ao solo e parecia receber mensagens. Levanta-se sorrateiramente, ele que tinha por hábito dormir estirado sobre o chão. Os companheiros, exaustos das tarefas do dia, rersonam. Só Zeca Andrade está desperto e se movimenta, como um animal da floresta, em direção do rio. Sabe que o destacamento se encontra logo adiante, na curva do Maicuru, no encontro com o Igarapé Castanhal, não muito longe da cachoeira da Lontra. Zeca Andrade segue para uma aventura. Poderia fazê-lo de canoa, mas assim poria em risco o transporte de todos. Prefere nadar um pouco e andar pela margem, onde for possível. A correnteza ajuda. Mergulha e boia como uma lontra e em pouco tempo divisa a fogueira do acampamento de Justino.

A noite o favorece. Some pela folhagem. Seus passos de índio não são percebidos. Quer atacar de surpresa. Seu alvo é o comandante, o tenente Justino. Sabe que cobra se atinge na cabeça. Eliminado Justino o resto do destacamento ficará desarvorado. Só assim libertará Mauro, vingará a afronta da manhã, quando fora desarmado de surpresa. Recuperará as espingardas e evitará que toda a produção de balata seja mais adiante roubada. Na sua mente julga agir por legítima defesa. A vida de todos está em sério risco com aquele destacamento dominando o curso do rio deserto, sem ter para quem apelar. A ordem judicial em poder de Justino não interessa a Zeca Andrade. Sua mentalidade de índio não se ajusta bem aos usos civilizados. Seu raciocínio é imediatista e primário. Sente-se no dever de assim agir. Obedece a forças estranhas, atávicas talvez.

O sangue selvagem ferve nas veias. Não esquece a bofetada que levou pela manhã, sem possibilidade de reagir no momento. Justino agora vai receber o pagamento.

Mauro, algemado, estava sempre com um soldado ao lado. Por ordem do tenente teve as algemas presas a um tronco de árvore. Temia a sua fuga, à noite, mesmo sem poder fazer uso das mãos. Justino sabia que, preso, em estado de desespero, é capaz de tudo. A fogueira, quase toda em brasa, clareava um pouco o local. Não se distinguem feições, mas viam-se vultos. Zeca Andrade se insinua pela folhagem. Seus pés, habituados à selva, fazem-se leves. Não dava para perceber sua aproximação. Todos dormiam. Até a sentinela escalada ressonava profundamente. Mauro, vencido pelo cansaço, adormecera, também, embora inquieto, movendo-se a todo instante. Sonhava com Regina, talvez, o retrato dela amassado num dos bolsos do blusão, última recordação que há vários meses o acompanhava.

O tenente se esparramara no chão coberto de folhas, um grosso cobertor o cobria dos pés à cintura. Zeca Andrade espreitara tudo. Identificara a todos. O clarão da fogueira permitia a olhos, como os dele habituados ao lusco-fusco da selva, perceber o que homens da cidade não enxergariam.

Um salto no escuro. Um berro que atravessou a noite. Zeca Andrade apunhalara Justino. Todos despertam. Instintivamente tomam de suas armas. O vulto de Zeca Andrade é percebido por um dos soldados que, à queima-roupa, sobre ele dispara. O corpo de Zeca rola pelo chão, em estertores. Em minutos está morto.

Justino levanta, sangra muito, dá ordens, grita. Esbofeteia o sentinela que dormia no posto. Pede a caixa de medicamentos. À luz da fogueira retira a blusa e examina o ferimento, profundo, mas exterior.

— Não é grave, felizmente! Exclama. Mas vai sangrar muito. Alguém aconselha que lave nas águas do rio. As águas se tingem.

Um curativo improvisado faz voltar-lhe a calma, pelo menos aparentemente.

Justino pensava em fuzilar o sentinela. Mauro, aflito com a presença do corpo de Zeca Andrade, seu companheiro de balatais, não continha sua emoção. Pediu a Justino que ao menos mandasse enterrar o cadáver.

— Cachorro não se enterra! É comida de urubu!

No tapiri de Purificação todos ouviram o estampido e despertaram. Revoredo, estremunhado, procurava em vão o rifle, esquecido de que o tenente o levava. Sidônio falou:

— Foi um tiro. Zeca Andrade não está. Isso são artes dele.

Todos procuram Zeca. Os três correm os arredores. Gritam. Chamam. Ninguém responde. Um pássaro qualquer pia na mata. Uma guariba desperta e ronca, sinal de que se aproxima a alvorada.

Em breve o sol começa a aclarar a cachoeira da Lontra, como se nada de grave houvesse ocorrido durante a noite. A floresta desperta com o sol. Enche-se de cantos e gorjeios e gritos e berros e estalos, somados ao murmúrio cristalino das águas, que batem e redemoinham nas pedras da cascata.

Em seu acampamento, Justino dá ordem de partida. O ferimento, embora sem gravidade, é extenso. A faca resvalara em vez de atingir o tórax, seu destino, penetrara e rasgara o antebraço. Fora a sua salvação. Logo do lado esquerdo! Zeca Andrade visava o coração, mas a escuridão da noite não lhe permitira alcançar o alvo mortal.

Purificação, Revoredo e Sidônio desamarram as lingadas. Começam também a descer o rio, sempre atentos à recomendação inicial do tenente Justino:

— Conservem distância! Se se aproximarem mando bala!...

E mandava mesmo. Tenente Justino, o Vanvão, não era de brincadeira. Alguns o chamavam também *pata de mula*, tão violento era o seu soco de antigo boxeador. Não se enquadrava, porém, nas gloriosas tradições de sua corporação, esta com nome na história e rasgos de heroísmo inesquecíveis, em outros tempos.

Pretendem atingir, quanto antes, o Cuçaru, a casa de Farripas, onde sabia haver socorro. Mas para isso seria necessário viajar muito, passar pela cachoeira Panacu, a da Fartura e a Muíra, esta, o último obstáculo a quem desce, e o primeiro a quem sobe o Rio Maicuru. A Muíra era a porta de entrada do desconhecido. Da Muíra ao Cuçaru teriam ainda que passar pelo Igarapé Andiroba, onde começam as primeiras palhoças dos povoados Cuiabá, Pai Luiz, Paricatuba, Cauçu, Nazaré, penetrando pelo Rio Paituna, até o Cuçaru. Uma longa caminhada, talvez para dois ou três dias, se bem puxada. Em nenhum daqueles lugares poderiam obter socorro ponderável,

em caso de ferimento grave. Tenente Justino se munira de medicamentos. Um cabo enfermeiro já lhe aplicara antibiótico, prevenindo qualquer infecção.

— Dá para chegar até Cuçaru. Falava cabo Ambrósio. O pior já passou!

E querendo cortejar o comandante:

— O senhor nasceu de novo, tenente! Também o senhor parece que tem o corpo fechado!

E tinha. As cicatrizes o confirmavam. Não apenas o corpo, a alma também era fechada.

Tenente Justino, antes da partida, ordena a dois soldados que lancem ao rio o cadáver de Zeca Andrade.

— Não pode ficar aí! Vai atrair urubu! No rio é melhor. As piranhas dão conta dele.

— Não faça isso, tenente! Protesta Mauro. Mande ao menos enterrar!

— Não se meta, menino! Largue de ser besta!

Mauro perde a calma:

— O senhor não passa de um covarde!

Mauro estava com as mãos algemadas, tendo sempre ao lado um dos soldados, embalado. Sabia que qualquer reação seria inútil, mas não aguentava mais. Lembrava-se de Zeca Andrade, sempre prestimoso, subindo nas balateiras, a faca presa aos dentes, ou na caça, ardiloso e rápido. Em muitos momentos lhe fora útil. Prometera-lhe o presente de Regina — um muiraquitã — que nunca mais poderia entregar. Ali estava, agora, morto, irremediavelmente morto, exposto ao tempo, sujeito a ser devorado pelos urubus, se ficasse ao relento, ou pelos peixes e piranhas, se lançado ao rio.

Àquela hora as águas do Maicuru pareciam descer com mais violência ainda. À proporção que rolavam das cachoeiras, a torrente aumentava, servida por afluentes de todos os lados, pequenos igarapés, às vezes invisíveis ao observador comum, mas igarapés, que se insinuavam pela folhagem, arrastando águas de todas as direções. A mata se tomava também cada vez mais densa, mais verde, mais alta; só se sabia da existência de um pequeno afluente quando as águas, em determinado local, marulhavam, corriam da margem para o leito, numa aparente inversão da ordem natural. Só os grandes igarapés, mais largos e robustos, se abriam aos olhos de qualquer um,

mostrando as suas mandíbulas verdes, a mataria dos dois lados, definindo rumos, e se projetando na distância.

As águas se lançavam barrentas, aqui e ali revoltas, ao encontrarem pedras, onde se formavam redemoinhos ou sumidouros grandes ou pequenos, ou poços, redutos de piranhas e poraquês, que só os olhos experimentados dos mateiros poderiam localizar.

— O senhor não passa de um covarde!

Aquelas palavras saíram da boca de Mauro com toda naturalidade.

Falou devagar, rangendo os dentes, olhando fixo para o tenente. Justino se aproxima de Mauro e aplica-lhe violenta bofetada.

— É o que você precisa! Faça-se de besta e o mato!

— É um covarde! Covarde!

Repetiu Mauro, querendo em vão desvencilhar-se das algemas, o soldado já agora tentando segurá-lo pelo braço, a fim de evitar que avançasse.

As algemas impediam que Mauro usasse os braços. Mas podia movimentar as pernas. De repente dá um salto para o alto e tenta alcançar Justino com um golpe de caratê. As mãos algemadas provocaram o desequilíbrio do corpo. Mauro cai, sem alcançar o tenente, que recuou, num salto para trás. Por pouco não foi atingido. Mauro não tem condições de lutar com os braços imobilizados e sem armas contra um adversário armado e bruto.

O soldado Salústio ajuda Mauro a levantar-se.

Tenente Justino se aproxima e desfere nova bofetada, com a outra mão, na face direita. Mauro tenta cuspir-lhe no rosto.

— Sua sorte, moço, é este papel!

Justino mostra a ordem de prisão.

— Não fosse esse papel e você ia se ver comigo, seu maconheiro!

Por que maconheiro? Os noticiários dos jornais de Belém, contrários à política de Pedrão, deviam ter envenenado a alma dos leitores. Para eles, Mauro não passava de um maconheiro, “fera dos balatais”, ou “monstro dos balatais”.

Ali estava, agora, fera ou monstro, algemado, vendo um amigo morto ao chão. Purificação distante, a mão ferida a bala. Todos ameaçados de morte e roubo por aquele homem de farda que se dizia agente da lei.

Que lei era essa, pensava Mauro, que invertia as coisas, armava malfeitores contra pessoas pacíficas?

— Tire as minhas algemas, se tem coragem! Arrisca Mauro.

E gritava:

— Tire estas algemas, seu cachorro! Insistia.

Justino encostou o cano do revólver na cabeça de Mauro.

— Você está querendo morrer, moço!

Mauro tentou dar um safanão. As mãos do soldado o impediam.

Agora eram dois que o agarravam. Os demais assistiam, impávidos, as armas engatilhadas, como se Mauro fosse algum gigante que tivessem de conter.

— Atira, bandido! Exclama novamente Mauro, em desespero. Completamente alucinado, estorce-se, tenta abrir as algemas, puxando os braços para os lados. Os pulsos feridos começam a sangrar.

Justino, num minuto de reflexão, recolhe o revólver.

— Se eu o matar agora vão dizer que cumpri mal missão.

E depois de um momento, fitando bem Mauro nos olhos:

— Você vai chegar lá vivo! Amarrado como gato maracajá! Vai ser fotografado pelos jornais! Eu não vou estragar agora a minha promoção. Você, para mim, é um bom prato.

E dando uma medonha gargalhada:

— Sim, a minha promoção! Promessa do coronel! Todos nós vamos ser promovidos!

E dirigindo-se aos soldados:

— Soldados vão ser cabos! Soldado Pereira, Pessoa e Miranda! Todos cabos! Cabo Ambrósio vai ser promovido a sargento! Todos promovidos! À sua custa!

Justino gargalhava como um louco.

Mauro ainda está fora de si:

— Covardão é que você é! Ainda vamos nos encontrar um dia. Eu sem algemas. Você sem pistola nem fuzil. Quero ver a sua cara quando quebrá-la ou lhe aplicar um golpe de caratê.

Justino se enfurece.

— Tem mais, moço! Não o mato porque o quero vivo. Mas vai levar porrada o tempo todo.

Desfere outra bofetada no rosto de Mauro. Os soldados continuam segurando o prisioneiro. Justino retira o cinturão:

— Agora você vai apanhar de cinturão, como cachorro.

Desfere violentos golpes com o cinto sobre Mauro, em várias direções.

Cabo Ambrósio interfere:

— Já chega, tenente! Não vá estragar a sua missão. Leve o rapaz com vida.

E tentando convencer pelo argumento:

— Ele já vai me dar muito trabalho com os curativos.

Salústio parece apoiar Ambrósio, mas não fala.

Mauro sangrava. Pequeno filete de sangue escorria-lhe do nariz. As mãos se feriram com as algemas. Todo o corpo se achava fustigado pelo cinturão.

Justino ordenou ao cabo Ambrósio e ao soldado Pereira que transportassem o corpo de Zeca Andrade até a confluência do primeiro igarapé com o Rio Maicuru.

— No igarapé é melhor. Deve ter piranha. No Rio Maicuru ele pode encahar nas pedras e ficar boiando por aí, atraindo urubus.

E fazendo-se de entendido:

— O rio corre muito, puraquê e piranha preferem as águas mais paradas. Tem mais: tirem a roupa dele. O cadáver deve ser jogado nu. Toquem fogo nos trastes.

Mauro não sabia mais que fazer. Os braços imóveis, não poderia reagir. Já dissera o suficiente a Justino. Insistir seria inútil ante tanta insensibilidade.

Ambrósio e Pereira carregam o corpo de Zeca Andrade, já despido, seguro pelos braços e pernas, a cabeça caída. A imobilidade do morto causaria piedade a qualquer ser normal. Justino se fazia indiferente. Uma vítima a mais não pesava em sua consciência.

Estavam acampados perto da curva do rio, onde desagua o igarapé da Lontra. Fácil aos dois soldados lançarem, do alto do barranco, o corpo de Zeca Andrade, salpicado de sangue, atrativo para as piranhas. Enquanto isso os outros soldados incineravam a roupa do morto.

A água se tingia de vermelho e borbulha, como se de repente ali surgisse um estranho olho-d'água. Súbito marulho acompanha a agitação de cente-

nas de piranhas, que se regalam com voracidade. Em poucos minutos, de Zeca Andrade só restarão os ossos submersos. Uma mancha de sangue se dissolve na correnteza.

— Assim foi melhor. Justifica-se Justino. Ao menos não fica prova. Ele se afogou, ouviram?

Fala gritando, dirigindo-se aos soldados. E insiste:

— Morreu afogado!

E prossegue:

— Se perguntarem em Belém que foi feito desse homem a resposta é essa. Ele se afogou! Foi comido pelas piranhas! Tinha a mania de agarrar jacaré dentro d'água, com a faca na boca, e a piranha papou.

E depois de uma pausa:

— Lembrem-se que também estão sujeitos a processo. Se inventarem história eu enrolo vocês todos.

Os policiais nada responderam. Mauro parecia sonolento. Qual um sonâmbulo foi quase arrastado para a canoa em que devia descer o Rio Maicuru, em direção do Cuçaru. A água empurrava a embarcação com violência. Mesmo assim Mauro, deitado no fundo do barco, adormeceu. Adormeceu e sonhou. Sonhou com Pedrão, este com os braços abertos, exclamando:

— Você não nega que é meu filho! Gostei de ver! Enfrentou tenente Justino! Você agora é um homem! Um homem com H maiúsculo!

Mauro abraçava o pai, a mãe chorava, também no sonho.

Pedrão exclamava:

— Essa mulher é chorona! Só sabe chorar! Não vê que Mauro não é mais criança, agora é um homem, um homem de verdade!

Havia outras pessoas no sonho. Mauro embaralhava as imagens. Ora era Regina, ora Farripas e a filha, ora Clodoaldo, muita gente junta, em redor, admirando-o, como se fosse um ser do outro mundo, ou alguém que houvesse ressuscitado.

Um sacolejo da embarcação fez Mauro despertar. Olhou em redor. A mata, sempre a mata. O rio, sempre o rio. A canoa raspava algumas pedras. Passava por uma corredeira. Os homens usavam varas.

Apesar de tudo, Mauro se sentia agora mais tranquilo. Sonhara como pai. Um sonho que parecia real. Era agora um homem, dissera-lhe o velho,

no sonho. Um novo Pedrão que nascera ao contato com a selva e que ali estava, de mãos algemadas, entregue a um facínora, a caminho da prisão ou da liberdade, mas sem se render.

Mauro tem impressão de que ainda sente no corpo o abraço prolongado e apertado do pai. Contempla em volta, sonolento, procurando a imagem de Pedrão. Seus olhos, porém, se fixam na catadura do tenente Justino, que o observa todo tempo como se o quisesse agredir.

E Purificação, onde andaria, àquela hora? É o pensamento que assalta Mauro, preocupado com os amigos que ficaram para trás na selva, com o produto de muitos meses de trabalho.

Depois adormece, sem sonhos.

As Algemas

As algemas! Mauro sentia cada vez mais incômodas as algemas a lhe castigarem os pulsos, já feridos. Devia locomover-se assim, os braços quase inúteis, os únicos movimentos possíveis para o alto, as mãos juntas. Em nenhum momento tenente Justino permitia que se tirassem aquelas argolas de ferro. Elas, as algemas, eram o símbolo da autoridade violenta. Nem mesmo a expressão de amargura tocava os corações daqueles homens rudes, habituados a cumprir ordens sem discuti-las. Apenas um dos soldados, Salústio, parecia condoer-se, mas, mesmo assim, na presença do cabo Ambrósio ou do tenente fechava a cara, disfarçava, para não cair em desgraça. Assim são as ditaduras.

Mauro era obrigado a comer com as mãos algemadas. Nos primeiros dias não acertava, a comida caía das mãos. Justino não permitia que nenhum policial ajudasse. Com o tempo e a prática, já se habituara a levantar as duas mãos ao mesmo tempo, numa disciplina de ginástica.

— Quando me arrancarem essas algemas, desabafou Mauro a Salústio, vou passar muito tempo levantando as duas mãos ao mesmo tempo.

Lembrava-se então de um garoto da vizinhança, que quebrara a perna e passara muitos dias engessado, sem condições de pisar no chão. Quando ficou bom, retiradas as ataduras e gesso, não sabia mais andar normalmente. Pulava como canguru. Deram-lhe logo o apelido: *canguruzinho*. Nunca mais se livrou daquele nome indebitamente acrescentado ao seu: José, ou Zeca é Canguruzinho, o que fazia os colegas mais moleques chamarem-no *Zecacanga*.

Mauro se recordava dessas pequenas coisas, quando acordado, e as revia, alternadas, durante o sono, em pesadelos. Quantos dias ainda teria que suportar tal situação. Via-se entregue indefeso nas mãos, daqueles homens armados, em plena selva, sem poder reagir. À noite sonhava frequentemente

com o pai. Eram sonhos quase reais. Tinha a impressão de que o velho ali estava, falando em voz alta para outras pessoas: “Mauro agora é um homem de verdade!” Outras vezes, desesperado, dando ordens, gritando, protestando, sem que Mauro, nas sombras do sonho noturno, pudesse bem distinguir com quem o pai dialogava de forma tão desabrida.

As algemas castigavam, feriam. Os borrachudos, de que se livrara no alto Maicuru, ali eram mais frequentes. Nos balatais se defendia com os mosquiteiros de tarlatana. Não havia possibilidade de entrarem mosquitos. Mas ali, no Baixo-Maicuru, a selva se fazia mais densa, as águas mais abundantes, as cachoeiras mais frequentes e os mosquitos, aos milhões, eram como uma orquestra fantástica que se divertisse à custa da desgraça alheia.

— Nada de mosquiteiro! Ordenara Justino. Homem não precisa de mosquiteiro. Isso é utensílio de mulher... ou de maricas!

Mauro escutava em silêncio. Resolvera não provocar verbalmente o tenente, não por covardia, mas convencido da inutilidade de qualquer reação, acorrentado como estava.

As picadas de borrachudos começavam a aparecer, a coçar, a inchar; aqui e ali, ora na perna, ora no braço, ora no rosto. Pequenas manchas vermelhas se espalhavam pelo corpo todo. Mauro tentava coçá-las, nem sempre o conseguindo, dependendo do local em que se apresentassem. Roçava às vezes uma perna num tronco de árvore, ou o dorso, como os animais. A coceira aumentava. Formavam-se pequenas pápulas. Pior quando sentia sede. A humilhação de pedir água, às vezes negada. Salústio era o único policial a compadecer-se, mesmo assim não podia facilitar, ante os olhares fiscalizadores do tenente. A viagem se fazia penosa e lenta. O barco raspava pedras, ultrapassava pedregulhos, comandado por Justino, o motor de popa entregue a Fabrício, perito no ofício.

— Quando chegar na cachoeira Muíra vamos parar! Ordenou Justino.

Parar para quê? Que significava aquele “parar” tão expressivo? Acampar por um dia, por uma hora, por alguns minutos? Mauro não entendia a razão daquela parada, quando o objetivo era prosseguir, viajar o mais rapidamente possível, a fim de sair daquele inferno.

Chegando à cachoeira do Muíra, Justino ordenou que todos passassem para o barranco. Fez amarrar as embarcações a um tronco, à margem do rio.

— Vamos acampar aqui. É preciso esperar os balateiros.

Esperar os balateiros? Por que essa espera se, ele próprio, determinara a Purificação que ficasse para trás? Algo de anormal estava acontecendo, que Mauro ainda não conseguira captar.

— Precisamos socorrer aquele homem. Falou Justino, referindo-se a Purificação. Está com a mão ferida de bala.

E prosseguia:

— Além do mais os balateiros devem sentir fome. Estão sem arma de fogo e não têm condições de caçar na mata. Não sou tão mau quanto vocês pensam.

Mauro não considerava o tenente capaz de generosidades. Purificação e seus homens se defendiam como podiam, com a velha experiência de mateiros. Se não conseguiam caçar, pescavam. Além do mais, pequenos animais poderiam ser agarrados, como os jabutis e havia mil maneiras de surpreender os mutuns e outros bichos da selva bons para alimentação. Difíceis de agarrar só os macacos, que eram derrubados à bala e, assim mesmo, por bons atiradores. Os bichos pulavam velozes e pareciam zombar do homem, soltando gritinhos.

Uma nova face do caráter de Justino agora se revelava. A hipocrisia se aliava à covardia. Em seu cérebro se aninhavam ideias sinistras. De violento e cruel passara a aparentar bondade e comiseração. Representava um papel:

— Vamos aguardar os balateiros! Foi a última ordem que Mauro escutou de Justino.

A embarcação atracada ao barranco, todos os policiais em terra, armam-se as barracas de lona.

Purificação se atrasara. A mão ferida, a falta de Zeca Andrade, os acidentes do terreno cada vez mais selvagem, concorriam para o atraso. Nas cabeceiras do rio a natureza se fizera mais suave, a vegetação rarefeita. À proporção que desciam o curso d'água a mata se mostrava mais densa, as árvores mais altas, as cachoeiras mais íngremes. Além do mais, na subida, não enfrentavam a dura tarefa de transportar as lingadas de balata, fruto de tanto trabalho. Aquela era toda a sua riqueza. Meses e meses de luta contra o desconhecido. Era preciso muito para não ver desatarem-se e desabarem rio abaixo os blocos de balata. Se tal acontecesse a recuperação se tomaria mais difícil e, em certos casos, impossível.

Sidônio ponderara:

— Convém ter cuidado com o tenente Justino. Talvez seja melhor não se aproximar muito dele.

Mas agora, que o tenente acampara, como evitar o encontro? A Muíra era uma cachoeira estratégica, o ponto final de longa trajetória. Dali por diante ficaria mais fácil, a bons mateiros, o acesso ao Cuçaru e deste a Monte Alegre. A ideia de acampar não seduzia Purificação. Seria perda de tempo. Além do mais estavam sem armas até para defesa das onças. Deviam pôr em ação os facões e as facas, seus instrumentos de trabalho e de luta.

Em dois dias Purificação e seus homens se aproximam da Muíra. Justino acampara exatamente um pouco antes, aproveitando a curva do rio. O encontro tomava-se inevitável, uma vez atingida a curva fechada. Justino, a propósito, recomendara silêncio. Já se escutavam na mata as vozes dos balateiros, bem perto, Purificação dando ordens a respeito das lingadas:

— Cuidado! Amarra aqui! Amarra ali! Empurra! Deixa descer! Eram vozes de comando na selva e o barulho dos blocos arrastados pela correnteza, às vezes detidos pelas pedras, imobilizados, exigindo remoção.

Na curva do rio, Purificação avista, a pouca distância, o acampamento de Justino. Não desejava aquele encontro, mas intimamente, regozijava-se em rever Mauro. Tornara-se seu amigo, era como um filho adotivo. Um meninão que ajudara a tornar-se homem de verdade, destemido e forte.

Justino ordena:

— Alto! Vamos parar!

Os policiais, já instruídos, ajudam a agarrar as lingadas de balata, uma a uma, puxando-as para a margem e amarrando-as a troncos.

— Para que isso, tenente? Indaga Purificação.

— É ordem! Não discuta! Vamos parar!

Purificação desejaria reagir, mas como? Os soldados, armados de fuzis, espreitam na retaguarda, prontos para agir.

Justino aponta para seus homens e adverte:

— Têm ordem de atirar. Obedeçam, se não querem morrer!

Sidônio e Revoredo se entreolham. Há nos seus olhares uma ameaça, que Justino logo percebe.

— Não adianta tentar reação! Além do mais eu quero ajudar vocês. Devem estar com fome. É preciso cuidar desse ferimento. (Aponta para a mão de Purificação.) Fiquem bonzinhos e tudo sairá bem.

Sidônio leva a mão à cintura querendo sacar a faca. Justino dispara o revólver na direção dos pés dele, sem atingi-lo. É uma advertência. Com um gesto de cabeça ordena a três policiais que agarrem Sidônio, logo algemado. Três contra um.

— Se alguém tentar reagir atiro para matar! E ponho algema em todos! É a última ameaça.

Como reagir? Mauro e Sidônio algemados, Purificação com uma das mãos inutilizada. Que poderiam fazer os demais?

Em poucos minutos os policiais dominavam a situação. A ordem era levantar acampamento e viajar o quanto antes. Descer o rio em busca de Cuçaru e Monte Alegre.

— E a balata? Pergunta Purificação.

— A balata fica aí. Está segura. Ninguém vem roubá-la. Depois vocês vêm buscar. Eu não posso misturar a minha missão como comércio de vocês.

— Mas que temos a ver com isso tudo? O senhor já não prendeu Mauro?

— Sim, mas estive pensando esta noite. Vocês também são criminosos. Acoitaram um foragido de Justiça. Se eu deixar vocês soltos posso ser punido. Vocês resistiram à prisão. Estão enquadrados: acoitamento e resistência à prisão. Está na lei.

Que fazer, ante tais argumentos? Sidônio bem advertira Purificação ao perigo daquele encontro. Era bem compreensível que Justino estivesse com o olho na balata, mercadoria que representava dinheiro vivo, lucro certo. Tudo seria possível naquele degredo. Mas como voltar ao local e recolher o produto?

Filho da região, Justino possuía parentes em Monte Alegre. Fácil lhe seria enviar outras pessoas, de sua confiança. A balata desapareceria. A desculpa já estava arquitetada. Poria a responsabilidade nos índios. A mata parecia infestada de selvagens, que vinham de longe, vez por outra. Não se mostravam facilmente, mas sondavam os brancos à distância. E tudo que ficasse em abandono era por eles recolhido. Índios já habituados a fazer negócios com

aventureiros, a trocar peles silvestres por cachaça, sementes oleaginosas e outros produtos da selva por um enfeite dourado ou qualquer quinquilharia.

Purificação não pensara nisso. Caíra na armadilha. Só um milagre salvaria aquela mercadoria toda. A própria vida estava em permanente perigo. Convinha não dar motivos. O tenente seria capaz de fuzilar a todos, alegando resistência. Em momento propício Purificação soprou ao ouvido de Sidônio:

— É melhor não reagir. Ele quer pretexto para matar.

O recado foi de ouvido em ouvido, em um ou outro momento de distração dos policiais. Difícil seria manter sob controle total tantos homens durante as vinte e quatro horas do dia. Além do mais, havia uma tênue esperança: o regresso do grupo de Neco Dantas. Purificação sabia que Neco reagiria de qualquer forma, como um suicida voluntário. Mas seria uma hipótese aceitável naquela situação de infortúnio total.

Navegaram o dia todo, desviando dos obstáculos, em suas embarcações, a de Purificação com a presença de três soldados armados de fuzil, feições patibulares, nada amistosas. De um barco a outro seria fácil atingir com arma de fogo. Mesmo que se esboçasse qualquer reação Justino estava pronto para massacrar a todos de uma vez.

A selva se adensava, os galhos retorcidos se debruçavam sobre as águas, vez por outra surgia um afluente empurrando as águas do Maicuru, os pedregulhos das corredeiras, acima o sol, em algumas horas; em outras, a chuva e o vento abalando a estrutura das árvores seculares.

Acamparam, à noite, à margem direita. Os balateiros não falavam, por ordem de Purificação. Mauro às vezes gemia, as algemas roçavam a pele em carne viva, as feridas aumentavam com as picadas dos borrachudos. Não se sentia bem, mas não reclamava. Tudo haveria de ser como Deus quisesse. O pensamento em Deus aflorava e, por associação de ideias, lembrava-se de D. Santa, sempre orando, pedindo a todos os santos pela vida do filho. Sentia que Deus estava presente, apesar de tudo. E recordava as palavras que lera no tombadilho de um barco à vela: “Apesar de todo o sofrimento, muito obrigado, meu Deus.” Muito obrigado, meu Deus! Era o que desejava dizer, apesar de todo o tormento. Ainda estava com vida e são, embora castigado, mas vivo, o que adiantava era chegar vivo. Já nem pensava no processo. Recordava a mãe, Regina, Laurinda, D. Leonor, as pessoas boas

que o acolheram em casa de Farripas. Conversava com o pai em sonhos, alguns tranquilos, outros em desespero, como se o velho estivesse ali, de corpo presente.

À noite os pirilampos rasgavam a escuridão como se quisessem, com sua luz efêmera, suprir a falta da luz da lua. Noite negra indevassável. Os sons da mata, tão familiares a Mauro, não o amedrontavam mais. Já sabia distinguir os guinchos dos macacos, dos gritos das aves e dos apitos da jaquiranam-boia. Ao cair da tarde uma chuva fina e persistente molhava tudo. Mesmo assim armaram as barracas. Mauro sem poder ajudar, Sidônio também, as mãos imobilizadas. Os soldados agitados, os demais balateiros dando tudo de si, num começo de intimidade que a promiscuidade obrigava. Tinham que cumprir ordens. Pela noite adentro a chuva foi crescendo de intensidade, desabando com estrondo sobre a galharia, aliando o seu ruído ao ruído do rio, que se projeta aceleradamente em direção do Amazonas. Chuva de não se enxergar a três metros de distância (apesar da defesa da fronde da mataria), agravada pelos ventos, que estrondavam, derrubando, aqui e ali, algum vegetal mais antigo e menos resistente. Vez por outra se ouviam o estalo e o desabar da planta atingida. Raios iluminavam de surpresa o negrume da noite. O ruído dos trovões rolava continuamente sobre as cabeças dos homens já habituados a tais cenas. Foram várias horas de tempestade, a água de qualquer forma se insinuando pelo chão ou pelas lonas já gastas e mal ajustadas. A lama se infiltrando por baixo, atingindo os pés dos que se mantinham sentados. Mauro armara a sua rede atracada a dois esteios, ajudado por Revoredo. Com as algemas não poderia fazer grande coisa. Mesmo assim não se entregava, e com as duas mãos presas ainda segurava esteios e cooperava, tanto quanto possível. Num dos momentos oportunos Revoredo sussurrou ao ouvido de Mauro:

— A ordem é não reagir nem falar. Ficar quieto.

Justino já estranhava aquela atitude serena de homens tão bravos. Não reagirem. Não protestavam. Não diziam nada. Cumpriam as ordens. Era a impotência diante da força e da brutalidade. Quem poderia levantar as mãos contra Justino? Um tiro certo o liquidaria de imediato. E isso desejava o tenente, bárbaro e ambicioso, já pensando em apoderar-se de toda a balata acumulada.

Depois de meia-noite a chuva começou a amainar. Voltou o chuveiro ralo e teimoso, pinicando as lonas, mas convidando ao sono. Mauro adormeceu. E sonhou. Viu-se em casa. Todos alegres. A mãe o abraçava. O pai, como sempre, falava alto, orgulhoso do filho. Regina o abraçava, o acariciava longamente, cobria o seu rosto de beijos, a testa, as faces, os olhos. O seu vestido decotado caía sobre o colo nu, mostrando os seios arfantes, que Mauro beijava enquanto uma música muito suave se ouvia, alguém que tocava à distância, música ao longe, de sua preferência. Tudo era alegria, pessoas entravam e saíam. No sonho Mauro não conseguia identificá-las, tantas e tão variadas as suas fisionomias, mas pareciam amigas, porquanto sorriam, cantavam e falavam com carinho. Há muito não lhe vinha tão doce enlevo em sonho, como se fosse realidade. Tudo sorria. Mas um movimento brusco e uma voz de trovão o despertou daquele delicado engano. Mauro desperta. Abre os olhos. É Justino, que lhe balança a rede com violência e o mira nos olhos, como um algoz. Mauro nada diz. Estremunhado, ainda delicado com o sonho que se esvanecera, todo o seu corpo vibra, tem a impressão de que Regina ainda está a seu lado, sente o pulsar de seus seios túmidos. Parece ouvir as vozes da mãe e do pai. A realidade ambiente, apesar de tudo, ainda não conseguia dominar os seus sentidos. Justino fala, pausadamente:

— Olha, moço! Eu quero lhe dizer umas coisas. Vamos partir de manhã cedo. Seus amigos vão também, estão todos presos. A balata fica aí amarrada ou escondida. Vocês podem colocar em terra e cobrir de folhas. Ninguém suspeita. Vim dar-lhe um aviso: recomende aos seus amigos obediência. Se reagirem atiro para matar. Você também está incluído na advertência, com mandado da justiça e tudo. Eu tenho sempre um meio de me defender e justificar.

Mauro não respondeu nada. Ficou em silêncio, o que parece ter irritado o tenente.

Justino completa a sua mensagem:

— Quanto à balata, tenho gente de confiança que pode vir buscá-la depois. Vocês fiquem tranquilos, que a mercadoria será levada até Monte Alegre.

Mauro sabia dos planos diabólicos de Justino. Queria apoderar-se das lingadas e estava disposto a tudo. Contava com proteção em Belém, ninguém

podia contra ele. Nem mesmo os superiores, que o detestavam, conseguiram quebrar-lhe a força política junto ao governo. Só uma virada política seria capaz de levá-lo à desgraça e ao ostracismo.

Mauro adormeceu novamente. Outro sonho voltou a iluminar-lhe a alma. Desta vez não era Regina, mas Laurinda que o afagava. Seu pai era substituído por Farripas e D. Santa por D. Leonor. O Cuçaru, a morada de Farripas, a varanda dando para o rio, a coleção de orquídeas de Laurinda, a selva em torno, o canto dos japins. Laurinda curava as suas feridas. Tratava as mãos laceradas pelas algemas, os punhos quase em carne viva, as pernas e os braços repletos de pequenas chagas provocadas pelas picadas dos borrachudos. Apesar de tudo Mauro se sentia tranquilo, como nunca estivera antes, na selva. Nem mesmo o gesto brusco de Justino ao despetá-lo conseguira afugentar-lhe a tranquilidade da alma. Uma tranquilidade estranha, antinatural, em meio de tanta amargura e desespero.

Os Fuzis do Tenente Justino



O sol ainda brilhava forte, em plena tarde, quando os policiais e seus prisioneiros se aproximavam do Cuçaru. Dois dias de viagem levaram da cachoeira do Muíra às proximidades da casa de Pampas. O tempo ruim, na véspera, com muitas chuvas, atrasara a viagem. Mauro e Sidônio em nada podiam ajudar, sempre algemados, Purificação com a mão enfaixada. O grupo de Neco Dantas não dera sinal de vida, o que (pensava Purificação), fora bem melhor. O confronto na selva daria em mortandade de lado a lado. O coração de Mauro dava pulos. Até que enfim iria rever os amigos! Quanto tempo! Abraçaria Farripas e D. Leonor. Abraçaria ainda mais Laurinda, para a qual trazia, escondida na maleta e envolta em folha de bananeira do mato, um pé de orquídea, que julgava raro, já muito maltratado, esmagado entre as roupas sujas e pequenos apetrechos. Esperava retirar logo aquelas algemas, símbolo de escravidão, abrir novamente os braços, saudar a aurora, viver a vida a seu gosto. Ah! A liberdade! Só uma coisa o preocupava: uma vez liberto das algemas havia contas a saldar com o tenente Justino. Seus braços, agora, muito mais musculosos, seu peito saliente e robusto lhe davam energia para esmagar Justino, pondo em prática as antigas lições de judô e caratê, que recebera durante as férias no Rio de Janeiro. Em alguns meses se agigantara. Não era mais o mesmo mocinho quase imberbe. Tornara-se um homem, em tão pouco tempo, como o desejava o pai. Mas como agredir Justino em casa de Farripas, e sem armas? E se o tenente, feroz como era, o crivasse de balas? Acercou-se de Purificação e confidenciou-lhe seu propósito.

— Não faça isso, moço! É loucura! Contra a força não há resistência. Ele tem muitas armas e o liquida. Você está ficando burro, ou maluco?

Para falar assim é porque se sentia com razões. Pura não era covarde, mas a experiência dos anos o ensinara a viver.



— Mas você não agiu assim, na cachoeira?

— Mas veja o resultado. Adiantou?

E Purificação mostra a Mauro a mão inutilizada.

— Eu agi por impulso. Agora é diferente. É preciso usara cabeça. Finja que é bonzinho. Um dia a política vira e ele vai comer cadeia.

O rio, àquela altura, começa a espriar-se e a se multiplicar em canais em direção do Lago Grande, do Gurupatuba e do Amazonas. Não é mais aquela correnteza íngreme, desabando de cachoeira em cachoeira. Atingira a planície e agora corria suavemente, a superfície lisa, amarela, refletindo a luz fascinante do sol.

Galhos, cipós, canaranas, palmeiras silvestres, ornaram a paisagem verdejante. É a planície, finalmente a planície, um cosmorama de cores em que predominam os matizes variadíssimos do verde. A Amazônia que muitos imaginam: plana, a perder de vista, muita água, vitórias-régias, garças muito brancas voando baixo, aves de todos os tamanhos soltando gritos estridentes, ora alçando voo, ora pousando, como se estivessem sempre insatisfeitas. Uma outra Amazônia, bem diferente daquela em que sofrera durante tantos meses, à montante dos cursos d'água, em direção da chamada Guiana brasileira, rica e deserta.

Esta é a Amazônia rasa e lisa dos turistas da literatura amazônica, encantados com a cobra-grande, que nunca viram, e que apesar disso existe, com vários nomes. Aquela mesma Anaconda de que falava o balateiro que a contemplava em suas andanças pelo Alto Solimões.

Mauro sentia-se como se estivesse a caminho de casa, já nem se apercebia das dores provocadas pelas algemas, nem com as chagas em que se haviam transformados as picadas de borrachudos. O barco navegava vagarosamente. Premembecas boiavam, aqui e ali, escondendo, possivelmente, pirarucus e peixes-boi. Ansiava por ver os entes queridos. Não tanto a saudade das coisas da cidade. Pelo contrário, já sentia saudades da selva, nos altos rios e das aventuras que vivera: a extração da balara, as caçadas, os riscos, as emoções, as plantas, os cantos e os gritos das aves e dos animais selvagens, até o ronco soturno da guariba, que lhe anunciava a aurora, se incorporara àquele patrimônio sentimental que levava em sua alma. E os companheiros, rudes embora, mas seres humanos, com um lastro de bon-

dade e de grandeza encoberta pelo infortúnio. Em cada um surpreendera qualidades admiráveis, que muitas vezes não encontrara em colegas da capital, filhos de pais ricos, educados à maneira moderna: o sentimento de solidariedade na hora do perigo, a capacidade de luta, a vigilância permanente e natural, a noção do dever. É bem verdade que nem todos possuíam tais qualidades. Havia bandidos, ladrões e assassinos por toda a parte. Mas a tropa que Pedrão preparava era selecionada, tanto quanto se poderiam selecionar homens para missão tão bruta, inglória e mal remunerada.

Daquelas mãos grossas saíam produtos vegetais para abastecer as grandes metrópoles. Àquela hora, em Londres e Nova Iorque, homens de olhos azuis, faces rosadas e nariz adunco calculavam à distância as libras e os dólares que iriam ganhar, como num passe de mágica, com as dezenas de toneladas de balata extraída de maneira brutal em plena selva. Aviões supersônicos rolariam sobre pneus confeccionados com tal matéria-prima. Abastados lordes ingleses jogariam suas partidas de golfe, despreocupados do mundo, batendo com os tacos em bolas de balata, sem imaginar sequer como chegaram a ser feitas. As principais cidades de todo o mundo, com suas construções de concreto e ferro, utilizariam material isolante resistente e, mais do que eles, as fábricas precisariam da balata para fortalecer as suas instalações elétricas. A borracha natural e a artificial seriam incapazes de suprir as qualidades da balata natural. A técnica ainda não conseguira produzir um sucedâneo com idênticas propriedades. O mundo precisava da balata e do balateiro. Este, trapo humano, iria receber a parcela mínima de sua remuneração, insuficiente para oferecer à mulher e aos filhos condições primárias de conforto e higiene. Agiam com naturalidade, os balateiros, aquele era o seu destino, aquele o seu meio. Não saberiam viver de outra forma, a não ser perigosamente, arriscando a vida todos os minutos do dia, indiferentes ao perigo, convivendo com a desgraça e hóspedes da amargura.

Assim vinha aquele grupo; agora, aprisionado, sob as ordens de um tenente, o representante da ordem e, eventualmente, da justiça, com um mandado de prisão no bolso e um mundo de ambições na mente.

Justino retarda a viagem. Manda diminuir a velocidade das embarcações. Quer chegar ao Cuçaru à noite.

A tarde avança. Ouvem-se ruídos à distância. Estouros. Não são tiros, como os dos fuzis de Justino. É o pipocar de foguetes. Dezenas de foguetes que rompem o espaço, atravessam as matas, ecoam por todos os lados como se, de repente, a natureza resolvesse celebrar algum festejo de forma humana, soltando foguetes.

— Foguetes a esta hora? Que será? Indaga Justino em voz alta, como falasse sozinho.

— Festa de santo não é... responde o cabo Ambrósio. É muito cedo. E hoje, que dia é? Não será domingo, ou algum feriado, dia de santo?

— Só se for São Mauro... Responde Justino ironicamente.

Seus olhos fitam à distância como quem procura adivinhar. Novos foguetes. À proporção que se aproximam mais se avolumam os estrondos. Agora já divisam, no lusco-fusco do poente, o risco das varas no ar e o estouro no céu, formando pequenos flocos de fumaça que o vento, antes de dissolver, arrasta para longe. Uma poalha de fumaça cobre o firmamento.

— É na casa de Farripas. Diz Salústio. Estão comemorando alguma coisa. Talvez o aniversário do velho.

Até chegarem lá já será noite escura, sem lua.

Foguetes, uma festa, uma comemoração, sim, das mais expressivas, que viria fazer transbordar de alegria o coração de Mauro: comemoravam a vitória eleitoral do chefe e amigo de Pedrão ao governo do estado. Os fogos anunciavam a boa nova em plena selva. Justino não suspeitava sequer do que estava ocorrendo na capital. Longe de tudo e de todos, em plena selva, sem meios de comunicação, perdera a noção do tempo. Um pequeno rádio de pilha que levava, como parte do equipamento, deixara de funcionar logo nos primeiros dias. Polícia pobre, despreparada para missões daquela natureza. As vidas se desenrolavam na seiva como se estivessem todos em um outro mundo estranho e impenetrável.

As sombras da noite descem sobre a paisagem. Dentro de meia hora de viagem as duas embarcações se aproximam do trapiche de Farripas. Muita gente curiosa, a casa cheia, foguetes e mais foguetes. Ouve-se música. É a festa da vitória. Farripas e D. Leonor aparecem no trapiche curiosos, à espera daquela expedição macabra em que um tenente, um cabo e muitas

praças embaladas trazem Mauro e Sidônio algemados, Purificação com a mão ferida, todos prisioneiros.

A noite é negra. Os foguetes, vez por outra, explodem e iluminam subitamente o cenário. Veem-se, então, muitas pessoas sobre o trapiche, atraídas pelo ruído das embarcações. A iluminação da ponte é precária. A casa de comércio está fechada. Apenas a ampla residência de Farripas se mostra toda iluminada. No alpendre, que olha para o rio, caboclos dançam arrastando os pés no assoalho de madeira crua. Gritos. Alegria. Vivas. Por instantes cessa a música, que logo volta aos ares através de alto-falantes colocados em várias posições, um dentro da sala, outro no alpendre, um terceiro do lado de fora, irradiando para a floresta e para o rio, até onde podem ser alcançados, os sons de sambas e marchas carnavalescas.

— Viva o general! Viva o nosso partido! Viva Farripas!

Caboclos embriagados se estiram no chão úmido e dormem. Outros, cambaleantes, movimentam-se em várias direções, os olhos vermelhos. As luzes elétricas às vezes tremem quando o motor possante, localizado atrás da casa, sofre qualquer pane. Os sons também sentem o efeito da brusca interrupção de corrente, mas logo voltam a ecoar, assustando as aves nas matas e transmitindo, em todas as direções, os gritos de entusiasmo de toda aquela gente. Em certos momentos a algazarra fica infernal, quando se misturam os gritos com a música e o estouro dos foguetes.

Farripas costumava ceder o alpendre para a caboclada se divertir, em dias memoráveis. Não permitia, porém, que toda aquela gente penetrasse em sua enorme residência, onde os aposentos privados, bem fechados à chave, ficavam do lado dos fundos, em face da floresta. Toda a festa se fazia na frente, junto ao trapiche, no largo alpendre repleto de gente, a cachaça e a cerveja servidas imoderadamente em dia de tanto júbilo.

Há muito ansiavam por aquela vitória. Era um desejo de todos. Com interesses de vária ordem ligados ao governo e ao fisco Farripas via findar-se uma época — que dizia ser de perseguição. Todos os amigos de Pedrão sofriam as mesmas amarguras. Os filhos foram demitidos dos cargos. Os amigos tiveram suas terras invadidas. O fisco a conferir tudo, a apertar por todos os lados. Uma inquietação geral que já se tornara insuportável. A po-

lícia e a fazenda, que eram estaduais, tornavam-se instrumento eficazes da política no interior, vinculados a outros: a instrução a saúde pública, tudo o que dependia do governo sob controle. Nenhuma nomeação de adversário ou de parente de adversário.

Para os amigos os favores, para os inimigos a lei. Era a palavra superior.

E a lei às vezes se fazia pesada como um cacete, rebentando sobre a cabeça dos amargurados adversários.

Todos esperavam “a virada”. Os mesmos fatos viriam ocorrer no campo oposto. A derrubada em massa dos adversários políticos, o fisco a farejar infrações, as terras de arrendamento para exploração vegetal subtraídas de uns e entregues a outros, as professoras demitidas, a polícia a prender e espancar. Eram faces da mesma medalha, às vezes mais, outras menos violentamente.

Justino desconfiava daqueles foguetes ao longe. Por isso retardara um pouco a chegada, a fim de aproximar-se à noite. Ser-lhe-ia mais fácil evitar problemas sérios. Pedrão era estimado. Mauro estava algemado como algemados vinham os demais balateiros. Uma reação violenta poderia fazer explodir uma luta de grandes proporções. Farripas dispunha de armas no armazém, e munição, para venda aos caboclos. Espingardas de caça, mas de qualquer forma eram armas de fogo. E um grande estoque de facas e facões. Os caboclos exasperados e bêbados tornavam-se perigosíssimos. A aguardente fazia subir-lhes para a cabeça um verdadeiro furor. Mansos e pacatos, quando sóbrios, seriam capazes das maiores crueldades, quando embriagados. O próprio Justino, filho da região, sabia disso tudo. Pensava em passar adiante, não atracar no porto de Farripas. Mas, por outro lado, precisava abastecer-se. Os soldados começavam a dar demonstração de cansaço com a vigília noturna, sempre alertas, de olhos abertos, apesar de conduzirem homens algemados. A qualquer momento poderia haver surpresa. Neco Dantas, àquela hora, já devia estar descendo o rio Maicuru com seus homens armados e as lingadas de balata. Além do mais, o atraso da viagem se, por um lado, permitira a Justino chegar à noite e com os balateiros prisioneiros, oferecia oportunidade para que Neco Dantas se aproximasse cada vez mais.

Raciocinando com rapidez Justino dá ordem para que as embarcações não atraquem. Que fiquem ancoradas a pequena distância do trapiche, mas

isoladas, a fim de impedir o acesso. Se todos aqueles homens, muitos deles embriagados, pulassem do trapiche para as embarcações, impossível seria conter-lhes a fúria. Que ficassem à distância. Gritando para Farripas, que contemplava do alto do trapiche, ordena que lhe mande uma pequena iga-rité, com capacidade para três pessoas apenas, mais o remador. Dá ordens a cabo Ambrósio para controlar as canoas e passa ao trapiche com dois soldados embalados.

Com a escuridão da noite ninguém se apercebera ainda de que Justino trazia prisioneiros. Farripas, porém, sabia da missão de Justino. Alvoroe-va-se. Chamava a mulher. A filha. Recomendava que fossem para o interior da casa e se trancassem. Um moço forte, branco, pestanas grossas, acompanhava Farripas para todos os lados. Mauro não o conhecera. Era sobrinho de Farripas, viera de Portugal, de Valença do Minho, e em pouco tempo se fizera noivo de Laurinda.

— Que se passa, indaga Farripas a Justino, quando este e dois soldados armados se apresentam no trapiche.

— Quero falar com o senhor em particular. Diz Justino.

Os três se introduzem na casa. Farripas os conduz para a sala a que chama escritório. A música cessara por um momento, os foguetes também.

Farripas, procurando apresentar sangue-frio, recomenda:

— Prossegue, rapaziada! A festa continua!

E sob os estrondos de foguetes e o som ensurdecedor dos alto-falantes a festa prossegue.

Nesse momento atraca no trapiche uma canoa com vários homens. É a charanga do seu Lula, com um violonista, um tocador de clarinete, um de cavaquinho e um com a bateria. Instrumentos velhos, surrados, mas que ainda serviam para animar a festa. O alto-falante berra: *O teu cabelo não nega, mulata...*

— Para o rádio, pessoal! A festa agora é do Rancho dos Xavantes!

Atracam mais duas canoas com homens e mulheres; eles de calça e blusa novas, chapéu de palha, elas com vestidos coloridos, muito pintadas, laços vermelhos no cabelo, um bloco heterogêneo à moda caipira.

Logo mais o flautista avisa:

— Eta pessoal! Está quase na hora da quadrilha. Começa a preparar!

É que à meia-noite deviam mudar toda a festa e passar a dançar a quadrilha. Velho hábito do interior, incentivados por D. Leonor, que mandava abrir as portas da varanda.

Farripas e Justino entram no escritório. Dois soldados ficam à porta com ordem de não deixar ninguém passar.

— Que há de novo, tenente! Fala Farripas. O senhor encontrou os homens?

— Não faça muita pergunta, senhor Farripas! Eu estou precisando de uma lancha. Tenho que seguir já para Monte Alegre... Lancha e algum rancho. Pouca coisa. Alguma comida e refrigerantes. Os soldados viajaram o dia todo quase sem comer...

— E Mauro, tenente?

— Eu já lhe disse que não faça perguntas. Estou cumprindo uma ordem da justiça.

Farripas levanta, num impulso, e exclama como quem explode: eleição! O resultado final saiu hoje de manhã.

E apontando para fora:

— Essa festança toda é comemoração da vitória! A situação agora é outra! O coronel foi para o beleléu...

Tenente Justino não deu nenhuma demonstração de abalo.

— Sr. Farripas! Já lhe disse que estou cumprindo uma ordem da justiça! Isso não tem nada a ver com eleição. Cumpro a ordem até o fim.

E depois de uma pausa:

— Mande fornecer a comida e as bebidas. E logo. Veja a nota da despesa para entregar em Belém ao comando. O comando paga. Inclua o frete da lancha.

— Tenente vai me desculpar. Entendo seu pedido, ou melhor, sua ordem. Mas eu queria alguma notícia de Mauro. O senhor compreende... eu sou amigo do pai dele. Foi meu hóspede... A mulher está preocupada.

No outro compartimento da casa Laurinda encostara o ouvido à parede de madeira para escutar a conversa. Queria notícias de Mauro. Ainda se recordava dele. O noivo ali estava, o português de Valença, o Aníbal, atendendo o pessoal da festa, na distribuição de bebidas. D. Leonor também se mostrava intranquila, ora entrando no quarto da filha, ora vindo à sala, ora

à varanda e ao alpendre, procurando divisar, na escuridão, alguma coisa que revelasse o que se encontrava nas duas embarcações, à distância.

Farripas afinal se decide:

— Tenente, vou atendê-lo! Queira esperar um momento. Vou dar ordens à minha mulher e aos empregados para prepararem o caixote com as bebidas e a comida que pede. Mas não seria melhor que eles viessem comer aqui?

E apontando para a festa, que atroava lá fora:

— Aqui está mais alegre. Todos podem comer e beber. Podem dormir aqui e viajar amanhã. A casa é grande, tem quartos para hóspedes. O senhor deve estar cansado.

— Não, muito obrigado. Tenho que viajar agora. E não esqueça a lancha.

— Sim, sim, minha lancha, a N. S. de Fátima, está atracada aí. Vou falar com o motorista. O diabo é se o homem estiver bêbado...

— Não tem problemas, Sr. Farripas. O cabo Ambrósio entende de motor...

— Também tenho que ver se não está com algum defeito. Esta manhã andou pregando por aí, pipocando o tempo todo.

— Não importa, Sr. Farripas. Dá-se um jeito. Ambrósio é mecânico.

Farripas se retira por alguns momentos. Chama D. Leonor à parte:

— O homem está bruto. Quer lancha, comida e bebida. Desconfio que leva Mauro preso...

— E que vamos fazer?

— Essa caboclada poderia libertar Mauro. Mas é um risco. O tenente, de qualquer forma, representa a autoridade. Tem um mandado da justiça. E eu, apesar de tudo, preciso estar bem com as autoridades.

E prossegue, como quem pensa em voz alta:

— Além do mais, se houver barulho vai correr sangue e haverá mortes. Os caboclos estão embriagados e são capazes de puxar a faca...

— O Aníbal está apavorado. Nunca viu disso na terra dele... Anda de olho arregalado...

— Olha, mulher! O mais prudente é atender o tenente. Manda fazer o rancho e chama o motorista, o Canarana. Que se vá para o raio que o parta!

Farripas volta ao escritório:

— Pronto, tenente! Está tudo providenciado. O motorista é o Canarana. Já mandei chamar. A mulher e o Aníbal estão preparando o caixote com as

bebidas e comidas. Vou lhe dar uma nota de tudo, o senhor me faz o favor de assinar a 2ª via. É só um momento.

Farripas resolveu não perguntar mais por Mauro. Aqueles homens armados de fuzil seriam capazes de tudo. Monte Alegre estava perto, uma questão de três ou quatro horas de lancha. Pereirão e Clodoaldo resolviam o problema. Além do mais Pedrão estava sendo esperado. A virada política movimentara todos os amigos. O que era tristeza, antes, se transformara em alegria, nos arraiais do partido outrora da oposição.

Em poucos minutos passam homens com caixotes para a pequena escada do trapiche, em direção da lancha.

Canarana está a postos tendo ao lado dois soldados embalados e o tenente Justino, que ordena:

— Ponha para virar o motor e se aproxime das canoas, lá fora, no meio do rio.

O rio, àquela altura, nada mais é do que um grande canal, com cerca de cem metros de largura, ligação do Maicuru com Monte Alegre. O Maicuru ficara para trás, com suas águas correndo em direção do Lago Grande, de onde escorrem para o Gurupatuba, que banha a cidade.

A escuridão não permitia que se visse nada além de dez metros. Os foguetes, agora menos frequentes, ainda espocavam, vez por outra. Alguns, luminosos e em chuveiros de luz, despejavam centenas de gotas coloridas, que logo desapareciam.

A pequena orquestra dos Xavantes (que nada tinham de índios, a não ser o nome), começava agora a ensaiar a música para a quadrilha da meia-noite, sob o comando de mestre Lula, num francês de roça:

— *Attention! En avant! En arrière! Retournez! Dansez! Balancez! Chantagez des dames! Attention! Dames à droite! En chaine!*

E em seguida:

— Caminho de roça! Le tunnel! Lá vem chuva!

Uma mescla de francês mal pronunciado e português caipira; aproveitando usos locais: caminho da roça! Lá vem chuva! E todos fingiam que caminhavam na ponta dos pés ou se abrigavam da chuva imaginária, bem amazônica.

O motor da lancha estronda na escuridão. Em breve se aproxima das duas canoas em que estão algemados e os demais soldados.

— Vamos! Vamos! Ordena Justino. Passem rápido para a lancha! E elevando a voz:

— Rá-pi-do!

Em poucos momentos a N. S. de Fátima larga velozmente em direção de Monte Alegre. O motor martela e estronda no negrume da noite. A música no Porto de Farripas cada vez mais se distancia. Mesmo assim se percebe perfeitamente o que dizem e o que cantam.

Cantam agora o hino da vitória:

*Viva a vitória,
do generá...
O homem mais bravo,
que há no Pará...*

*Como ele forte,
outro não há...
Ê o redentor
deste Pará...*

Os prisioneiros se abrigam como podem, agora com mais conforto, na lancha. Nas canoas viajavam incomodamente, o uso dos remos e das varas esgotavam a todos. Mesmo algemados, tenente Justino os obrigava na selva a usar as varas, com as duas mãos, quando as águas ficavam mais rasas e era preciso ultrapassar corredeiras.

Pelo menos havia comida nova, refrigerantes que há muito não provavam na vida primitiva da floresta.

Mauro sondava com os olhos a escuridão. Procurava ver Laurinda. Trazia na maleta, já quase inutilizada, mas em condições talvez de ainda salvar-se, a muda de orquídea...

Tenente Justino comenta em voz alta:

— Vocês não viram um portuguezinho que estava no trapiche? Veio de Portugal, agora. Vai casar com a filha do Farripas... Ele deve estar dançando a quadrilha com o cabroal...

Ao longe ouvem-se, já quase sumindo no horizonte, os sons da quadrilha da meia-noite: *Balancez... En avant... Retournez...*

Mauro fechou os olhos, imaginando como seria aquela festa. Fechou os olhos e adormeceu. Viu-se em sonhos dançando com Laurinda, ela com uma enorme orquídea multicolor presa ao vestido, à altura dos seios, dançavam a quadrilha, de que ele se lembrava, nas festas de S. João nos clubes grã-finos da capital.

— *Balancez... En Avant... Retournez...*

E misturando o mau francês com o toque caipira:

— “Caminho da roça!...”

Um solavanco na embarcação o fez despertar. É que passara, roçando o casco da lancha, um tronco solto, boiando sobre as águas...

Tenente Justino dá ordem para diminuírem a velocidade. Só queria chegar a Monte Alegre com a alvorada. Nada de pressa.

Mauro adormece novamente. A festa, em seu pesadelo, se transformara em uma grande luta armada. Via-se com um chicote na mão surrando tenente Justino. Os demais companheiros armados de facões cortando as cabeças dos soldados, menos a de Salústio, que no sonho havia ficado solidário com os balateiros. Tiros explodem e atingem o depósito de gasolina de Farripas, ao lado da mercearia, além do alpendre. Um fogaréu se levanta para o céu, aclarando a mata e o rio, enquanto as mulheres gritavam, os homens se matavam. Subitamente as águas se tingem e ficam totalmente vermelhas. Era um rio de sangue que passava em frente ao Cuçaru, tudo rubro, iluminado pelas labaredas do incêndio formidável.

Com os primeiros raios de aurora, Mauro desperta. Esfrega os olhos. Contempla em redor. Tudo era um sonho, ou melhor, um pesadelo, que vinha somar-se ao pesadelo que estava vivendo na existência real.

Um outro incêndio se manifestava no horizonte: era o sol que se levantava avermelhando o céu e a floresta, enquanto se aproximavam de Monte Alegre, a cidade risonha montada no barranco, a montanha ao lado, de onde centenas de garças brancas voavam, saudando o nascer de um novo dia.

Monte Alegre faz-se Triste



Monte Alegre desperta. Canoas atracam no trapiche e nos barrancos. O mercado, no lusco-fusco da madrugada, começara a encher-se de gente, vinda de todas as procedências. O sol espanta as sombras sobre a cidade, pondo à mostra, de um lado, as águas crespas e movediças do Rio Gurupatuba e do outro a serra verde, pontilhada do branco das numerosíssimas garças, que ali se recolhem para dormir.

Justino calculara bem. Não queria chegar a Monte Alegre de noite, mas na antemanhã. Temia também aportar em pleno dia, com as casas todas abertas, o povo nas ruas, com receio de aglomeração e possíveis reações. Tudo deveria ser feito antes que despontasse a aurora. Assim mesmo, nada impediu que os canoeiros e vendeiros do mercado vissem passar o estranho cortejo: os balateiros algemados, Mauro entre eles, a escolta policial armada, soldados à frente e atrás, a fim de evitar fuga ou ataque inesperado.

A surpresa do evento não permitia qualquer reação momentânea. Quase toda a cidade ainda dormia, as casas com as janelas fechadas. Só mesmo os canoeiros, pescadores, açougueiros e verdureiros do mercado estavam em sua faina; um ou outro bêbado cambaleava pelas ruas, enquanto alguns, deitados em calçadas, sonhavam com a vitória eleitoral. Na véspera a bebedeira tinha sido fora do comum. A foguetearia estourara em todos os bairros. Em vários locais houve dançarás, forrós, e quadrilhas da meia-noite. Tudo isso, de qualquer forma, militava a favor dos planos de Justino. A população, cansada, ainda dormia. Por isso, logo se dirigiu à delegacia de polícia, na cidade baixa, próxima à Prefeitura. Delegado Saturnino, que morava ao lado, chamado de surpresa, surge ainda sonolento. Saturnino era velho conhecido e amigo de Justino, fora nomeado ainda no regime do coronel, inimigo acérrimo de Pedrão, Clodoaldo, e todos os da oposição. Com um passado de violências em outras delegacias, fora especialmente



escalado para passar as eleições em Monte Alegre, reduto oposicionista.

Em poucos momentos Mauro e todos os balateiros foram recolhidos a xadrezes, de mistura com bêbados, prostitutas e assassinos.

— Agora não precisam mais de algemas. Fala Saturnino. Eu cuido de vocês...

Mauro sentiu um enorme alívio ao lhe retirarem os ferros. Mesmo recolhido à enxovia infecta, a simples liberação dos braços parecia-lhe a volta total à liberdade. Não se apercebia de que havia ainda grades e paredes impedindo os seus movimentos, o seu direito de ir e vir. Não poderia romper aquelas paredes, não muito fortes, mas de qualquer forma paredes antigas de alvenaria e grades de ferro. Purificação e Mauro ficaram num xadrez, com dois delinquentes, um deles deitado e dormindo profundamente; outro desperto, sentado no chão, toda vez que olhava para Mauro escancarava a boca e ria como um louco. Mauro sussurra ao ouvido de Pura:

— Vamos ter problema com esse sujeito. Parece doido!

— Cuidado com ele! Deve ser criminoso de morte.

Revoredo e Sidônio foram recolhidos ao xadrez nº 2, com um velho ladrão e um rapaz, aparentando dezoito anos, ambos sonolentos, deitados ao chão, como se estivessem agonizantes.

Mauro ainda escutou quando Justino falou ao delegado:

— Vou agora à casa do juiz. É preciso conduzir os presos para Belém e falta transporte. Não tem nenhuma gaiola para sair?

— Daqui a três dias parte o Estrela D'Alva, informa Saturnino. Vai levar um carregamento de óleo de pau-rosa, que vem de Santarém.

Justino sabia ser preciso zarpar quanto antes. Pisava terra inimiga. O município era dominado pela oposição, o governo do estado perdera a eleição. A revanche viria logo e com toda brutalidade. Ficar três dias em Monte Alegre seria temerário.

— Eles ganharam a eleição, mas a posse é só daqui a alguns meses. Falou ainda Saturnino. Até lá vai passar muita água por baixo da ponte. Enquanto eu for delegado cabra safado não tem vez comigo.

E batia com a mão direita no enorme revólver, preso ao cinto. Tudo aquilo Mauro sofria calculadamente. Combinara com Purificação não reagir mais, a fim de evitar mortes. Justino parecia ansiar por um ato qualquer violento de

Mauro e dos balateiros para satisfazer seus instintos sanguinários e matar, como já matara Zeca Andrade.

A notícia, porém, passou a correr célere. As janelas das casas começaram a abrir-se, não para mirar o sol e o dia que avançava, mas para ouvir notícias que corriam de esquina em esquina.

— Chegou o tenente Justino! Prendeu os balateiros! Trouxe Mauro algemado, o filho de Pedrão.

No mercado a azáfama tornou-se maior. Uns falavam, outros escutavam. As empregadas, as mãos cheias de verduras, ou com cestas levavam a notícias para os seus patrões:

— Chegou o contingente! Prenderam os balateiros. Purificação está ferido! Mataram Zeca Andrade.

— Cada balateiro daqueles possuía muitos amigos e parentes. Purificação era estimado de todos. A família, numerosa, habitava em vários pontos do município. Clodoaldo e Pereirão foram logo avisados, ainda em suas casas, despertados por pancadas violentas nas janelas:

— Acorde, seu Pereirão! Os balateiros chegaram! Estão todos presos!

— Acorde, seu Clodoaldo! O filho de Pedrão está na delegacia! Mataram Zeca Andrade!

A novidade foi se espalhando como vento de tempestade. Mataram Zeca Andrade!

O delegado telegrafou logo para o juiz criminal de Belém que expedira a precatória para prisão de Mauro. Era preciso transportar os presos para a capital e solicitava transporte. Navio gaiola só daí a três dias. Justino queria forçar a saída imediata do Estrela D'Alva. Era caso urgente. O comandante Everdosa recusava atendê-lo.

— Não posso, tenente. Dizia Everdosa. O navio não é meu, nem é do governo. É da empresa Navizônia S.A. Traga ordem dos donos e eu largo.

Com a derrota eleitoral do governo, Justino evitava qualquer violência contra o comandante. Os tempos agora iam mudar. Além do mais, os homens de Navizônia eram ligados ao partido vitorioso. Havia fornecido dinheiro, bens e transporte para as eleições. O Cândido Severo e o João Continentino, maiores da empresa, ligados a poderosas entidades, não eram homens para serem provocados naquela emergência.

Justino procura o representante da companhia em Monte Alegre, o José Fábio.

— O senhor quer que eu perca o emprego, tenente? O navio está esperando um carregamento de pau-rosa de Santarém. É carga muita, para exportação. Se o Estrela D'Alva chegar a Belém sem esse óleo eu perco o emprego. O navio da Mormack que levará o produto já deve estar chegando a Belém. Vai para os Estados Unidos.

Esbarrava ante dois obstáculos: os interesses comerciais e a derrota eleitoral do governo. Era a “virada”. As portas, que antes se abriam por temor, agora já se fechavam agressivas. A vitória para a oposição fora uma injeção de coragem nos mais tímidos, aqueles que, em geral, depois de conquistada a vitória, se tomam mais agressivos.

O tenente já temia até andar pelas ruas sozinho, embora armado. Fazia-se acompanhar de duas praças, ou do cabo Ambrósio.

Telegrafou para o juiz em Belém e para o comando solicitando instruções em face da inexistência de transporte urgente. E recolheu-se à delegacia, hóspede provisório da casa de Saturnino, o delegado que, no município, representava a força política do governo derrotado.

O povo se aglomerava em frente ao mercado, na cidade baixa. Da cidade alta desciam pessoas curiosas. A igreja de Santa Luzia, na Praça Tiradentes, logo abriu as suas portas. Padre Klaus, alemão de Essen, ao ver o povo em atitude estranha e ameaçadora pelas ruas, mandou fechar o templo, na frente, deixando apenas aberta a porta lateral, entrada da sacristia. O povo se agitava e isso preocupava o sacerdote, logo agora que havia a promessa de uma visita do bispo D. Amando, de Santarém, que costumava fazer retiro em Monte Alegre. Aquela cidade seria a última a servir de retiro, em tal oportunidade. A política assanhava os ânimos. Tradicionalmente oposicionista a cidade agora passaria a aliar-se ao futuro governo e a esperar o cumprimento das promessas — que não eram poucas: estância hidromineral, uma fábrica de cimento, um cais novo em vez do velho trapiche de madeira, estradas para as colônias japonesas e nordestinas, escolas, hospitais, tudo o que a imaginação dos oradores engendrava no delírio dos comícios.

O povo descia da cidade alta, onde a igreja de S. Francisco, na praça Barão do Rio Branco, também se fechara. O povo descia, a dois, a três, a

cinco. As famílias dos balateiros queriam ver seus chefes prisioneiros, algemados, como criminosos. Mulheres e crianças faziam parte do irregular cortejo. Eram filhos ou sobrinhos de alguns balateiros. Os amigos também se movimentavam. Manter Purificação preso? Um homem de trabalho, com tantos amigos por todo lado? E Revoredo? E Sidônio? Onde estava Zeca Andrade? As mulheres procuraram o prefeito, indisposto com o delegado Saturnino, que respondeu bruto:

— Eu só cumprio ordens do governador! Os homens estão presos pela autoridade, por determinação da justiça. Não posso atender.

Prefeito Juvenal alegava que apenas Mauro era preso da justiça os outros não.

— Resistiram à ordem da Justiça. Puxaram armas. Lei é lei, senhor prefeito. Estão presos com base na lei. Lei para mim não é potoca.

Era a velha política: para os amigos os favores, para os inimigos a lei. A lei agora era mais dura do que porrete de maçaranduba. A lei. Entidade quase mitológica invocada vez por outra, para fazer o mal.

Prefeito deixou a delegacia aborrecido. Telegrafou protestando ao governador, ao tribunal, ao presidente da República, ministro da Justiça. Acusava Justino do assassinio de Zeca Andrade. Os telegramas eram transcritos na *Folha do Povo*, em Belém, onde serviam de manchetes: VIOÊNCIA EM MONTE ALEGRE. INOCENTES ALGEMADOS.

O jornal *O Radical*, de orientação contrária, insistia nas suas manchetes terríveis: PRESA A FERA DOS BALATAIS. FOI PRECISO ALGEMAR O MARGINAL.

Pedrão lia aqueles noticiários e se indignava. Evitava que os jornais chegassem às mãos de D. Santa. Mesmo assim, um deles, escapou à fiscalização. Uma vizinha indiscreta telefonou:

— D. Santinha, você já viu o absurdo? *O Radical* diz hoje que Mauro foi algemado, acorrentado! Diz que está com corrente de ferro nos pés, algemas nas mãos. Chama ele de fera dos balatais.

D. Santa chorava, ainda com o telefone na mão. Chorava e rezava. Rezava e sofria. Seu coração não aguentava mais. Reafirmava as promessas, especialmente a de S. Francisco, de acompanhar o Círio, procissão religiosa nas águas de Monte Alegre, e oferecer uma tonelada de balata para a igreja.

— Uma tonelada! Comentava D. Osmarina, vizinha do outro lado da rua. Uma tonelada! É dinheiro muito. E como está o quilo da balata? Pedrão concordava. Era capaz de dar toda a produção da balata, não fossem os compromissos internacionais. Benacron mostrava-se inquieto. Mandara um emissário a Belém, outro a Monte Alegre, já havia um pequeno atraso na entrega, questão de dias, mas que influía nos negócios no exterior. E nos preços, que podiam baixar, logo agora que as empresas americanas estavam em negócios para adquirir o remanescente das indústrias inglesas em Liverpool.

— Um dia de atraso pode estragar tudo. Exclamava Benacron, os olhos azuis muito abertos, como se fossem duas portas de cofre à espera do numerário.

Enquanto isso o povo descia. Descia da cidade alta. Vinha dos subúrbios. Do Surubeju, do Parisol e outros lugares, do Lago Grande, do Cuçaru, até do Tapará, já para os lados de Santarém, área disputada por Monte Alegre e zona de sua influência.

O povo descia a pé, a cavalo, em carroças (os que as tinham), em canoas e igarités, pelos rios, canais, furos e paranás. Descia. Descia e se aglomerava na praça Tiradentes e, mais adiante, na rua 15 de Novembro. Padre espiava pela janela da sacristia, desconfiado. Nunca vira uma aglomeração como aquela, assim espontânea, sem ninguém convocar, como se todo o mundo estivesse contagiado por estranha energia invisível, que a todos eletrizasse. Padre espiava e rezava. Chamava às vezes um ou outro conhecido e perguntava que era aquilo, o que estava acontecendo.

— É o filho de Pedrão que chegou algemado. É Purificação algemado. É Revoredo algemado. É Sidônio algemado. O delegado queria pedir reforço de tropa. Dispunha de poucas praças. Durante a eleição o contingente fora aumentado. Viera de Belém um pelotão, depois outro, e mais outro, toda uma companhia embalada. O município estava agitado. Vez por outra ocorria um crime de morte. O estado todo aliás era o mesmo fogareiro em que se incensavam os líderes salvadores da pátria ou se incineravam os desafetos. Um vulcão lavrado, que vez por outra explodia, aqui e ali. Uma arruaça de rua, uns bofetões em vereador, um tiro mortal. Tudo aquilo objeto de manchetes escandalosas e passageiras. Um mês depois ninguém se lembrava

das taponas do Severino, nem da alma do Amaralino, assassinado friamente, deixando mulher e filhos pequenos.

Compositores e poetas da roça compunham seus versos e canções, adulterando às vezes as mais famosas:

*Oh adversário porque
estás tão triste,
o que foi que aconteceu?*

Ou então:

*O sangue vai rolar
Cabeça cheia eu não posso aguentar...
Saca, saca, saca, saca o punhar
E enfia até... o calcanhar...
Deixa o sangue rolar..*

E rolava mesmo. Manchava por alguns dias o barro amarelo ou a terra negra e as pedras das calçadas da cidade. As chuvas levavam tudo, as calçadas e as consciências.

O povo descia. Descia e se acumulava não só na praça Tiradentes, em torno da igreja de Santa Luzia, mas em frente da delegacia, mais longe. Muitos queriam ver os prisioneiros, por simples curiosidade, outros desejavam rever e abraçar os parentes e amigos enxadrezados. Os soldados agora já estavam postos em frente ao prédio, em posição estratégica. Não deixavam ninguém entrar. A massa humana aumentava. Tenente Justino e delegado Saturnino dialogavam. Justino queria atirar, matar dois os três: bala pra lá e pra cá... no fim se conferia o resultado. Mas Justino morava em Belém. Passada a refrega punha-se ao fresco, enquanto Saturnino ficava no lugar, morando, andando nas ruas, cumprimentando os amigos, não podia agravar a situação, principalmente agora, que o governo fora derrotado nas urnas.

— Calma, tenente Justino! Vamos ver se com bons modos a gente afasta o povo.

Um alto-falante foi colocado na janela da delegacia e Saturnino falou:

— Recomendo ao povo que se afaste da delegacia. Cada um vá para sua casa!

Um silêncio geral recebeu as palavras do delegado.

O dia avançava, o sol escaldava, às dez horas. As cabeças expostas, muitos de chapéus de palha, homens, mulheres e crianças de mistura.

Saturnino insiste:

— Vão todos para as suas casas! As mulheres e crianças devem sair logo. Os balateiros são presos da justiça e não se pode soltar.

Quando delegado falou que os balateiros eram presos da justiça uma vaia geral cobriu suas palavras. Gritos, assovios, morras, um jovem de barbas grandes trepou numa cadeira, que não se sabia de onde viera, e gritou:

— Abaixo a ditadura! Morra o delegado! Viva a redenção!

Um aplauso geral não permitiu que continuasse logo. Vivas, palmas, gritos em vários tons, de mulheres e crianças, estas sem saber do que se tratava. Para seus olhos miúdos talvez aquilo fosse um carnaval, uma diversão qualquer, um boi-bumbá diferente.

O rapaz barbudo, animado pelos aplausos, prossegue:

— Povo de Monte Alegre! Basta de tanta arbitrariedade neste município! Basta! É chegada a hora de cobrar o preço da nossa vitória! Delegado perdeu autoridade moral. É a hora da redenção! Basta!

O povo repetia em coro: Redenção! Redenção! Redenção! Saturnino tudo escutava. Ele, que sempre afagava o revólver, e prometia impor sua autoridade a qualquer preço, começava a sentir o peso da derrota. A massa humana era cada vez maior. Ninguém arredava pé:

— Redenção! Redenção! Redenção!

Antes que o orador prosseguisse, Saturnino toma do alto-falante e recomenda:

— Atenção! Atenção! Como o povo não está obedecendo, os soldados vão entrar em ação.

Esse era o desejo de Justino, desde o início.

— Se tivesse feito isso logo, enquanto havia pouca gente — fala Justino — a coisa não chegaria a esse ponto.

No xadrez, Mauro, mal desperto, escutava a gritaria, sem bem entender o que se passava lá fora. Sabia que havia reação popular. Purificação re-

conhecera a voz do barbudo, estudante em Belém, ligado a Monte Alegre, onde possuía família.

Os soldados começam a dispersar a multidão, afastando os que se achavam na primeira fila com os fuzis apontados, empurrando, primeiro com certa prudência, depois com força. O povo não queria ceder. Começaram as coronhadas. Um homem cai. Uma mulher desmaia. Justino dispara o revólver para o alto. Uma correria louca se inicia. O estrondo do “Taurus” estabelecerá o pânico. Ouvem-se outros estampidos. Tiros de fuzil. O povo recua, mas logo volta à carga. Chovem pedras sobre a delegacia. Partem-se vidraças. Pedras e mais pedras, de todos os lados. Todos os que podem procuram paus e pedras. Até as crianças, ao longe, catam-nas pelo chão, lançam-nas ou oferecem aos mais velhos.

Mauro, Purificação, e um dos presos sacodem as grades com as mãos como quem quer arrancá-las. Cadeia de interior, mais para prender bêbados, diz Purificação, não devia ser muito forte. Mas as grades estavam firmes. Prisão antiga, feita nos bons tempos (pois também há bons tempos para as cadeias), dificilmente conseguiriam destruir aquelas varas de ferro bem ajustadas.

No mais aceso da luta Mauro tem uma surpresa. Salústio, que se postara próximo ao xadrez, do lado de fora, aproveita momento de confusão e estende uma das mãos pela grade. Uma chave. Passa uma chave, que logo Mauro segura. Justino não vira. De cócoras junto à janela, vez por outra tentava olhar para fora e disparar o revólver. Sua atenção toda se concentrava no que se passava na rua. A delegacia ameaçada de invasão. Dá ordem para que muitos soldados saiam e enfrentem o povo, enquanto ele e Saturnino permanecem no interior, defendendo-se como podem. Saem alguns soldados. Ficam dentro apenas cabo Ambrósio e Salústio.

Não mais que de repente a surpresa. Mauro conseguira abrir a porta do xadrez e, como um gato maracajá, se atirou sobre Justino. Agarra-o com facilidade, porquanto o tenente, preocupado com a agressão exterior, não observava as celas. Mauro dá-lhe rápido golpe no pescoço, que aprendera nos seus cursos de caratê. Tenta levantar o revólver, porém Mauro aplica-lhe violento pontapé no braço.

Pela surpresa do ataque a arma de Justino cai ao chão e Purificação a apanha. Salústio não interfere. Ambrósio tenta interferir e leva um empur-

rão do outro preso desconhecido, que também se safara da prisão. Justino, agora de pé, reinveste contra Mauro, que recua um pouco e como quem voa aplica-lhe, à distância, com o pé, as pernas retesadas no ar, outro violento golpe de caratê. Um pé de Mauro atinge o rosto de Justino como se fora um coice. A seguir os dois se atracam. Mauro domina Justino pelos braços, imobilizando-o. Lá fora o ruído aumenta. Ambrósio não sabe se luta com os fugitivos ou com os agressores de fora. A avalanche exterior é maior. Mauro surge à porta com Justino imobilizado pelos braços. Aplica-lhe um “colete”. O povo urra, vibra e vaia. Larga e projeta o tenente ao meio da massa popular.

Mauro, Purificação e os dois presos vêm para a rua desarmados, desgrenhados, as roupas velhas esfarrapadas, enquanto o povo aplaude e vaia ao mesmo tempo. Os soldados, na rua, tentam em vão dominar a massa humana.

Alguns homens procuram carregar Mauro nos ombros. Purificação se acerca e fala-lhe ao ouvido:

— É melhor não fugir! Lembre que o homem tem um mandado da justiça. Se fugir vai complicar as coisas. Aguenta firme por aí. Vamos dar um jeito de falar com o juiz.

Justino, armado agora com um fuzil, reingressa na delegacia.

Muitas mulheres fogem pelas ruas laterais, algumas arrastando filhos pelas mãos, ou carregando-os ao colo. Mas os homens permanecem. Já há feridos e um morto. O sangue aumenta o furor da massa humana. Uma pedra atingiu cabo Ambrósio na cabeça. Começa a sangrar, aponta o revólver para a multidão e dispara em várias direções até descarregar toda arma. Logo procura carregá-lo novamente. O povo se enfurece ainda mais. Uma bala espoca no reboco mole da parede, ricocheteando. Outro projétil, vindo do povo, parte uma vidraça. Há homem e armados na multidão. Os soldados se dão as mãos, formando fileira, a fim de conter a avalanche, mas já é tarde. A multidão recua e avança em maior número.

Ouvem-se sinos. São da igreja de Santa Luzia. O povo já conhece aqueles sons, que às vezes os desperta às seis horas da manhã, noutras os acompanha às missas dominicais, ou, durante as procissões e festas dedicadas à Santa, dobram por muito tempo.

Repentinamente muitos olhares se voltam para o lado da igreja. Ouve-se uma voz, primeiro fraca, depois vigorosa, que parece cobrir o ruído da turba enfurecida:

— Atenção! Atenção! Por favorrr! Por Favorrrrr!

Todos se viram para escutar aquela voz, já de muitos conhecida. É padre Klaus, o rosto vermelho, a barba branca caindo sobre a batina amarelenta, os cabelos ao vento, os braços para o alto, com um crucifixo nas mãos, que eleva, para que a multidão o veja: o sol esbate sobre a imagem e provoca reflexos de luz.

— Por Nosso Senhor Jesus Cristo! Por Nosso Senhor Jesus! Repentinamente o alarido começa a diminuir. Das janelas da delegacia, agora fechadas, mas espreitando pelas frestas, delegado Saturnino e tenente Justino observam o que se passa fora:

— É padre Klaus. Fala Saturnino. Ele traz um crucifixo.

Os tiros cessaram. O clamor, qual o ruído das ondas de um mar inquieto, pouco a pouco amaina, como se ventos leves soprassem em sua superfície. A voz do sacerdote é ouvida agora à distância, por todos.

— Em nome de Nosso Senhor! Acabem com isso!

Um silêncio geral recebe as palavras do padre. Logo mais alguém grita da multidão, uma voz feminina, franzina, mas que é bem ouvida:

— Viva Deus! Viva Jesus!

Uma onda de aplausos, palmas se espalha espontaneamente. Palmas, de mistura com choros, de amigos ou parentes de qualquer ferido ou morto. Alguns atingidos por projéteis, mas ainda com forças e feridos sem gravidade, se levantam. O padre atravessa a multidão e se dirige para a delegacia.

Um silêncio geral, apenas interrompido por choros convulsos, se estabelece a pouco e pouco.

Padre Klaus entra na delegacia. Justino, exasperado, está renitente.

— Padre. Eu tenho uma ordem da justiça! Um mandado! Não posso deixar de cumprir! E o senhor está se expondo muito.

Padre oferece proteção a todos na igreja. Leva os prisioneiros para o templo de Santa Luzia. Ficarão na sua própria casa. Ou irão para a casa das freiras, o colégio da Imaculada Conceição, das irmãs Clarissas.

— Podem continuar presos. Explica o padre. Mas não na delegacia, onde podem ser mortos. Vocês todos podem ser mortos. O povo está difícil de dominar.

Justino e Saturnino se entreolham. Reconhecem a situação extrema. Justino tem uma ideia:

— Se o juiz aprovar está tudo bem.

— O juiz aprova! Fala o padre. Vamos levar os presos para o colégio das freiras. Em seguida fala com o juiz. Se ele não aprovar trago todos de volta. Palavra de padre!

De qualquer forma Justino salvava a pele com a proteção do sacerdote.

— Então vamos todos juntos. A polícia escolta os presos. O padre Klaus pede para falar pelo alto-falante:

— Atenção! Povo de Monte Alegre! Atenção! A igreja vai proteger os prisioneiros. Peço calma a todos! Vamos sair com os homens, mas peço ao povo que se mantenha calmo. Vamos levá-los para a casa das freiras. Queremos passagem.

Revoredo e Sidônio permanecem prisioneiros. Os bêbados e prostitutas, que se achavam no xadrez nº 1, aproveitam a confusão para se safarem, também. Era meio-dia quando aquele grupo de homens, cercados de soldados, o padre à frente, atravessa a cidade, em direção da Casa das Irmãs Clarissas. Parte da multidão os acompanha, principalmente as mulheres nervosas, rezando, apelando para a proteção de Santa Luzia e de S. Francisco. Mauro e Purificação, a conselho deste, integram o grupo de prisioneiros. Padre Klaus comanda o grupo heterogêneo. Delegado Saturnino e Justino também, porquanto terão que, logo em seguida, ir à presença do juiz, Dr. Menestrel, pedir instruções e conselhos. Padre Klaus assumia uma responsabilidade muito grande, dizia Justino. Estava interferindo em assuntos da justiça e da política.

— A Igreja não pode ficar indiferente, meu filho. A Igreja vive a vida da comunidade. Tem que cooperar. É vontade de Deus.

E sem que Justino entendesse falou, baixando a voz, em alemão:

— *Gott sei Dank! Gott sei Dank!* Graças a Deus! Deus seja louvado!

Uma Brasa no Coração



As irmãs Clarissas receberam com boa vontade o apelo de padre Klaus. Questão de caridade. Ponderaram apenas que não poderiam abrigar por muito tempo aqueles homens. Felizmente dispunham, completamente isolados da clausura, de alguns aposentos para hóspedes. Ali ficariam à vontade, sem perturbar as atividades normais da escola, que se situava do outro lado da rua.

Pela primeira vez, em muitos meses, Mauro podia enfim alojar-se em um quarto limpo, roupas de cama alvas, higiene em tudo. Mirou-se no espelho e se assustou. Seria o mesmo? Suas feições agora estavam duras. A barba crescera. Os olhos haviam perdido a suavidade da inocência, amadurecera muito depressa em contato com os homens e com as feras. Os cabelos grandes, a tez queimada pelo sol. Lembrou do tempo de curso primário. Mentalmente se julgou parecido com um bandeirante do livro de História, fruto da imaginação de algum pintor; talvez Fernão Dias, talvez Borba Gato. Não, estava parecido mesmo era com Tiradentes, com aqueles cabelos longos e a barba querendo acompanhá-lo. Nos seus ouvidos ainda soava o rumor da multidão: Redenção! Redenção! Redenção!

O povilêu misturava assuntos de liberdade ou religiosos com a política partidária. Tudo constituía motivação. Agora vinha a redenção! Seu pai trabalhara por ela. Que viesse logo, a tal redenção, mas de verdade, não de mentira!

Enquanto assim divagava, esparramado, com roupa suja e tudo, sobre a cama alvíssima no pátio interno, e escutava uma vozinha fanhosa, vozinha de papagaio, ensinado pelas freiras:

— Oh Jesus, coração de ouro!

E depois de alguns segundos:

— Oh Jesus, nosso redentor!



Até o papagaio sabia dar o seu a seu dono. Jesus é que era o redentor, não aquele general, ou capitão, ou tenente, que se julgava um crucificado, quando devia ser crucificado. Mauro não deixou de explodir em enorme gargalhada, ouvindo o papagaio, como se desvairasse de um momento para outro. Grotesca, na verdade, era a cena. Mauro, todo sujo, com roupa da selva, deitado em leito tão limpo, em loucas gargalhadas. Foi de tais proporções o ruído, que uma freirazinha, muito delicada, irmã Celeste, bateu à porta e, depois de pedir licença, entrou indagando:

— O que foi? Precisa de alguma coisa?

— Não, não é nada de mais, irmã.

E apontando para o pátio:

— É o papagaio...

— Ah! Sim. Nós o ensinamos. Canta todo um hino em louvor de Nosso Senhor.

O louro a esta altura repete:

— Oh Jesus, coração de ouro... nosso tesouro... redentor.

Mauro não deixa de rir mais ainda.

— Veja só, irmã. Na rua o povo gritava que redentor é o general... Se o general sabe disso manda prender esse papagaio...

— Credo, meu filho! Deixe de brincadeira. O papagaio é inocente e ele é que fala certo, apesar de tudo... Jesus é nosso redentor.

— É, irmã, mas fale baixo, para que ninguém ouça...

A freira sai. Mauro adormece de cansaço. Nem sequer tivera ânimo para raspar a barba e tomar banho. Mas, pensava, banho para que, se não dispunha de roupas para mudar? Teria que vestir os mesmos trapos, sujos de selva.

E dormindo, assim mesmo, sonhou novamente com o pai. Era sempre Pedrão falando em voz alta, muita gente em torno, e exclamando, orgulhoso:

— Mauro agora é um homem!

Enquanto isso, lá fora, o povo continuava aglomerado, parte na praça da igreja, parte em frente à delegacia na rua 15 de Novembro, parte nos arredores do Colégio Imaculada Conceição. Alguns se interessavam pela sorte dos prisioneiros, outros queriam a baderna por motivos políticos. Havia também muitos curiosos e indiferentes.

Já passava das quatro horas da tarde quando padre Klaus, tenente Justino e Delegado Saturnino conseguiram falar ao juiz, na sua própria casa. Dr. Menestrel estivera ausente, fora à serra do Ererê, interessado em penetrar na caverna e conhecer as inscrições e desenhos na pedra ali existentes.

— Pretendo escrever um livro sobre o Ererê. Essas inscrições são interessantes. Isso parece egípcio. Disse o juiz, a título de justificativa.

Dr. Menestrel abre um caderno em que desenhara várias figuras, um bicho qualquer, um sol nascente, uma lua e outras imagens reproduzidas da pedra.

— Algumas são coloridas. Explica. Isso não pode ter sido trabalho de índio.

O mistério das inscrições das serras de Monte Alegre há muito atraía curiosos e cientistas. O juiz queria talvez lavrar uma sentença irrecorrível, resolvendo aquele problema dos antepassados, ele que não estava em condições de solucionar os problemas humanos daquele dia, na outrora risonha cidade de Monte Alegre.

Acabara de chegar apressado e cansado, surpreso com as agitações de rua, o burburinho, os tiros que ouvira ecoar ao longe, quando viajava pela estrada, nos arredores da cidade.

Entra em casa simultaneamente com padre Klaus e as duas autoridades policiais, que o aguardavam na calçada.

— Vamos entrar! Vamos entrar! Diz o juiz. E indaga:

— Que está ocorrendo nesta cidade? Tiros e mais tiros?

Os visitantes sentam. O juiz não tem tempo sequer de procurar os aposentos. Uma empregada cabocla se acerca e entrega algo ao magistrado.

— Dr. Menestrel, vieram trazer este telegrama hoje de manhã. Juiz pede licença aos visitantes e abre, as mãos nervosas, o telegrama. Depois de o ler, levanta as vistas para padre Klaus e sem dizer uma palavra contempla Justino e depois Saturnino. Bate com o telegrama na mesa, segurando-o com a mão direita, e exclama, de chofre:

— O Tribunal de Justiça do Estado concedeu *habeas corpus* para Mauro Pedro da Silva.

E depois de uma pequena interrupção:

— Por falta de provas...

Passa o telegrama para Saturnino, que lê em voz alta:

Exmo. Sr. Etelvino Menestrel

Juiz Direito Monte Alegre

Tenho honra de comunicar Vossência que Este Egrégio Tribunal sessão hoje realizada concedeu por unanimidade votos habeas corpus impetrado pelo advogado Fabrício Lins a favor de Mauro Pedro da Silva vg em face da falta de provas e de indícios veemente de autoria vg para que se veja processar em liberdade perante a 1ª Vara Criminal da Capital nos termos da legislação em vigor pt Rogo providências Vossência sentido recolher mandado prisão anterior expedido e determinado regresso Belém Destacamento da Polícia Militar do Estado comandado pelo tenente Justino. Saudações Des. Castriciano Pedroso Presidente Tribunal de Justiça Estado.

— Isso é um prejulgamento do mérito... Fala o delegado. Se até agora nada conseguiram provar contra o moço, na certa vai ser impronunciado ou, em último caso, absolvido.

— Como magistrado não posso comentar a decisão. Apenas cumpri-la. Mauro Pedro da Silva deve ser posto em liberdade imediatamente. Expeça-se mandado de soltura.

— Mas há os outros, Dr. juiz. Fala temente Justino. Os outros resistiram, puxaram armas, houve tiroteio... Dois ainda estão presos.

Como juiz eu só posso me manifestar nos autos. A ordem do Tribunal é para pôr em liberdade Mauro. Solte-se Mauro, portanto...

O delegado entendia que devia soltar a todos. Justino não. Queria ter os balateiros sob controle. Medo da reação e lembrança das toneladas de balata escondidas na selva. O medo de Saturnino era diferente. Opinava pela libertação temendo a reação popular, já nas ruas. O povo seria capaz de invadir, matar, destruir.

Passava das dezoito horas quando o padre, o delegado e o tenente deixaram a casa do juiz. A noite descia suavemente sobre Monte Alegre. Escutam ao longe um ruído estranho. Vozes, gritos, como se a arruaça prosseguisse em frente à delegacia.

À proporção que se aproximam da rua 15 de Novembro o alarido aumenta. A escuridão também. Passam pessoas correndo. Um homem do povo, ao avistar o delegado, grita:

— Corra, seu delegado! Os homens estão atacando de novo a delegacia!

E tomando fôlego:

— É Neco Dantas que chegou...

Justino estremeceu. Sabia da fama de Neco Dantas. Este retardara um pouco o regresso devido às lingadas de balata. Ao chegar ao Cuçaru, avisado, deixou a mercadoria sob a guarda de Farripas e se deslocou para Monte Alegre, na mesma lancha N. S. de Fátima, que trouxera, na véspera, Justino e os prisioneiros. A embarcação atracara ao trapiche pelas dezessete horas, quando Justino e o delegado se encontravam em casa do juiz.

Dirigira-se logo para a delegacia. Muita gente em frente. Remanescentes da luta matutina ainda farejavam sangue e esperavam o cair da tarde para investir.

Farripas pusera Neco Dantas a par do que ocorrera durante a passagem de Mauro prisioneiro pelo Cuçaru. Garibaldi e Pantaleão, desgarrados na floresta, se incorporaram ao grupo de Neco Dantas. O motorista Canarana, durante a viagem do N. S. de Fátima, conduzindo Justino e os balateiros, soubera da morte de Zeca Andrade, vira Purificação ferido, Mauro e todos os balateiros algemados. Tudo isso facilmente chegou ao conhecimento de Neco Dantas, que ao aportar em Monte Alegre desejava libertar os amigos, a qualquer preço. Durante o percurso do Cuçaru à sede do município planejava a investida à delegacia. Dispunha de muitos homens. Por isso, antes de qualquer outro entendimento, ao pôr os pés no trapiche se dirigiu, acompanhado de Ernesto, Zózimo, Sebastião Silva, Manoel Pedreira, Pantaleão e Garibaldi para a delegacia, à pouca distância, na rua 15 de Novembro. Julgava que Mauro e Purificação estivessem ainda presos na delegacia, onde somente Revoredo e Sidônio permaneciam. Apenas esse propósito o movia: libertar os algemados. Se houver reação de Justino a morte de Zeca Andrade seria vingada. Neco não acendera a fogueira da rebelião. Justino fora o culpado de tudo na maneira de agir como representante da autoridade policial e judiciária.

Neco Dantas e seus homens, todos armados, ajudados por populares de diversas procedências, iniciaram o ataque. Na delegacia havia vários

soldados, cabo Ambrósio, o comissário Expedito. Alguns presos haviam sido recapturados, depois da evasão ao meio-dia. Neco Dantas, aproveitando-se de um descuido do Ambrósio, o desarma, enquanto os outros homens invadem a delegacia, como uma onda irresistível. Os soldados, sem comando, e tomados de surpresa, não tiveram como reagir. Alguns estavam sem os fuzis, ensarilhados na sala ao lado. Não tiveram tempo de alcançá-los.

Ambrósio deixara sobre a mesa um monte de algemas, com as respectivas chaves, com as quais algemara Mauro e os balateiros. Surge em Neco Dantas uma ideia: imobilizar os soldados.

Em poucos minutos Ambrósio e todos os soldados estão algemados. Não poderiam resistir. Homens primários, sem comando, e acovardados diante da fúria popular, já não atendiam com boa vontade as determinações de Ambrósio. Salústio fora o mais indiferente à violência. Tomara-se de simpatia pelos balateiros, mas não teria condições de externar esse sentimento. Cumpridor de ordens, faltava-lhe a iniciativa e o ânimo para lutar por algo sem finalidade, sacrificando a própria vida. Para ele, tudo estava consumado. Uma surpresa, porém, aguardava Neco Dantas: os seus amigos não estavam todos na delegacia.

Abertos os xadrezes, Revoredo, Sidônio e os presos foram libertados, alegres e incrédulos. Em poucos momentos ouve-se a voz de alguém do povo:

— Toca fogo! Toca fogo!

— Fogo não! Grita Neco Dantas. Eu não quero isso!

Logo surgiu um homem com uma lata de gasolina, não se sabia de onde. As chamas se elevam para o alto. O estudante barbudo obtivera o combustível. Era o mais exaltado.

Quando Justino e Saturnino alcançam a esquina da rua 15 de Novembro o prédio da delegacia tomava-se fogueira em plena escuridão. Faíscas se elevavam para o alto, levadas pelo vento em várias direções. Ao longe a paisagem: a serra Ocidental, de onde vinham estridentes gritos de garças assustadas; em frente o Rio Gurupatuba, indiferente a tantas lutas. O povo novamente nas ruas, se avolumando cada vez mais. No trapiche as embarcações se cobriam de tripulantes ansiosos por apreciar aquele espetáculo soberbo: o incêndio, que era, àquela hora, o símbolo da revolta contra a prepotência. Uma violência gerada por tantas outras anteriores.

Justino e Saturnino acharam mais prudentes regressar. Seriam truci-

dados. Receavam um confronto com Neco Dantas. Voltavam à casa do juiz para aconselhar-se e pedir garantias.

O magistrado só dispunha de sua pessoa e de um escrivão e dois oficiais de justiça. Apenas disse aos consulentes, desanimadamente, repetindo palavras que certa vez ouvira de um desembargador ilustre:

— Meus amigos, eu sou juiz. Pertencço ao Poder Judiciário, o poder que não pode...

E completou irônico:

— A pedra rolou da montanha... não posso fazer nada.

Neco Dantas sai da delegacia insatisfeito com as consequências do ataque. Desejara libertar os prisioneiros, nunca incendiar o prédio. Alguém se aproveitara do momento para desencadear o incêndio e lançar sobre ele a responsabilidade. Fora o barbudo! — Diziam todos. O barbudo!

Alguém informa que Mauro se acha no Colégio Imaculada Conceição, ou melhor, na residência das irmãs, defronte, na hospedaria.

Sem mais espera, Neco Dantas e muitos homens, alguns estranhos, se dirigem para lá. Acompanham-no os balateiros Revoredo, Sidônio, Pedreira, Zózimo, Sabá e Ernestino. No trajeto verifica ter o bolso cheio de chaves das algemas. Lança-as fora em plena escuridão. Que se danem! Os soldados, todos algemados, perambulavam pela cidade, muito envergonhados, à procura do tenente Justino ou do delegado. Cabo Ambrósio, também algemado, mesmo assim comandava aquele grupo de homens fardados e inúteis. A escuridão noturna encobria a vergonha que, à plena luz do dia, não saberiam esconder.

Neco Dantas quer Mauro! Quer Purificação! Quer Revoredo e Sidônio livres! E a balata, onde estará? Que destino terá dado o tenente Justino a algumas toneladas arrancadas da selva com tanto sacrifício? Era preciso recuperar a liberdade e o produto.

Mal chegam à casa das freiras, toda iluminada, Neco Dantas é logo recebido à porta. Lá já se encontravam Clodoaldo e Pereirão, Mauro e Purificação, sem algemas, sujeitos, mas livres.

— Tenha calma, senhor! Falou a superiora. Os homens estão livres.

— O Tribunal concedeu o *habeas corpus*! Grita Mauro para Neco Dantas.

Por um momento todos esquecem as outras desgraças. Neco abraça Mauro, abraça Pura, abraça um a um os presentes, tenta também abraçar uma freira, que recua espavorida, diante daquele homem feanudo, o famoso Neco Dantas, que lhe oferece um grande amplexo de fraternidade.

— Viva o partido! Grita alguém do lado de fora, da pequena multidão que começa a aparecer.

— Viva Deus! Responde alguém do interior da casa, talvez alguma das Irmãs Clarissas.

Livres, enfim, e vitoriosos!

Àquela hora, no único posto médico da cidade, um velho enfermeiro cuidava dos feridos, à luz mortiça da decadente usina. Dois mortos e vinte feridos, alguns com gravidade. Era o balanço. O posto não recebera material suficiente. O médico estava de férias em Belém. Acabaram o algodão, o esparadrapo e o mercurocromo, os únicos artigos de que dispunham antes. Mesmo assim, solícitos, o enfermeiro e ajudantes improvisados, faziam o possível para salvar tantas vidas.

As velhas rezavam em redor implorando milagres a Santa Luzia e a S. Francisco.

A noite sempre foi boa protetora. As suas sombras, porém, nem sempre servem de abrigo para os bons, mas para os maus, para os que agem furtivamente, para os que, como fazem os morcegos, se escondem da luz do sol e preferem os obscuros caminhos da madrugada.

Tenente Justino encontrou finalmente os seus comandados, pervagando pelas ruas, como notívagos alienados, à procura do chefe, que desertara. Pelas dez horas os achou em uma esquina da rua Major Barata, todos desarvorados. Parte do povo os seguira, vaiando, gritando, rindo, humilhando. Justino se fazia acompanhar de Saturnino, de cujas mãos recebera, momentos antes, telegrama do comando em Belém determinando o seu regresso imediato, com todo o destacamento, via Santarém, desde que não houvesse transporte direto disponível. Tratava-se, dizia o telegrama, de recomendação superior, em caráter urgente, a fim de evitar maiores perturbações da ordem pública.

À meia-noite deveria zarpar para Santarém uma lancha, a “Flor do Rio”. Pelas suas proporções não poderia viajar diretamente para a capital. Em

Santarém o destacamento ficaria a salvo da fúria popular, que lavrava em Monte Alegre. Essa fúria era como certos incêndios, que costumam a manifestar-se, mas quando explodem, conservam-se acesos por muitos dias. É da natureza do sangue amazônida. Assim fora durante a Cabanagem, no passado, Monte Alegre necessitaria de muito tempo para voltar à normalidade. Agora, era pretexto para agressões e vinditas, Justino precisava de um serralheiro. Convinha retirar as algemas dos soldados, uma vergonha, todos de braços retesados, como uns condenados, pagando bem cedo o castigo que haviam imposto aos balateiros. Mas onde encontrar, àquela hora da noite, um serralheiro? Dez horas. Duas horas apenas para providenciar o embarque. O incêndio da delegacia destruíra alguns fuzis, outros foram furtados por homens do povo. Na azáfama, quem iria impedir? Armas do governo em mãos de desconhecidos. O estudante barbudo foi o principal arrecadador das armas, não apenas fuzis, mas revólveres, cassetetes, tudo o que é de utilidade para uma polícia do interior.

— É de bom alvitre embarcar logo, recomenda o delegado. Isso pode pegar fogo de novo. Eu vou também, pois estou sem garantias. Preciso trazer reforços de Belém. Não conto com o prefeito, que é do outro lado. Não sou mais delegado, estou delegado...

— Só uma companhia inteira — fala Justino. E com metralhadoras. E eu gostaria de vir também, com o capitão Sizenando. Com aquele ninguém pode. Só lamento que tenham pegado de surpresa, senão fuzilava todos os baderneiros.

— Morreram dois, creio que os inocentes. É sempre assim. Dois pobres-diabos que estavam apenas olhando, achando engraçado. Levaram chumbo.

Cabo Ambrósio ainda sangrava um pouco da cabeça. O curativo de emergência pintara de mercurocromo toda a sua testa. Não era nada grave, mas a tintura rubra dava a impressão de ainda estar sangrando. Parecia um herói de guerra.

— Vamos embora! — Fala Justino. É embarcar! Os soldados vão assim mesmo algemados! Na lancha, se houver uma serra, a gente vai serrando.

— É melhor deixar para Santarém. Lá tem muito recurso. Aconselha o delegado.

— Mas você já viu a vergonha? Eu chegar em Santarém com a tropa toda algemada? Vou levar vaia no trapiche.

— Dá-se um jeito de desembarcar na praia, longe do trapiche e do mercado. Dá para driblar.

Em pouco tempo, Justino, Saturnino, e todos os soldados se acham na Flor do Rio.

Meia-noite. Um longo apito é sinal da partida.

A lancha navega pelo Rio Gurupatuba, batucando dentro da noite, enquanto as luzes da cidade se tomam cada vez mais distantes. Sopra uma leve brisa do Lago Grande. O prédio da delegacia parecia uma brasa no horizonte, imitando o sol no poente.

Havia um certo simbolismo naquela brasa e naquele poente. Dentro da alma de Justino continuaria também uma brasa a brilhar e a acompanhá-lo por toda a vida. A distância e a escuridão da noite poderiam em breve esconder aquele sinal luminoso, que se tornava cada vez menor. Mas na consciência ela não se apagaria jamais. A brasa o marcaria para sempre e talvez até o acompanhasse depois da morte.

Ridícula, a chegada daqueles soldados algemados a Santarém. O dia começava a clarear, o povo se aglomerava em certos locais, especialmente na praça da Matriz, no mercado e nas proximidades do trapiche. Justino queria que a lancha atracasse próximo à praça Barão de Santarém, longe do movimento. Comandante Faria discordava, era perigoso, não oferecia condições para descerem diretamente em terra, teriam que fazer um transbordo e isso chamaria ainda mais a atenção. O melhor era atracar normalmente no trapiche. E assim se fez. Pessoas curiosas vindas do bar do Meschede começaram a se acumular no velho trapiche de madeira. O sino da igreja, chamando os fiéis. Pura coincidência com a chegada daqueles homens derrotados, sob o comando de um tenente derrotado. Um a um saltam da lancha e em breve se forma um estranho cortejo de algemados. Nem sequer tenente Justino podia mandar “entrar em forma”. Pois como marchariam soldados sem movimentar os braços, todos duros? E também teriam que fazer continência com as duas mãos para o alto.

Muitas horas foram necessárias para conseguir serrar tantas algemas. Tiveram também a sua redenção.

Os Sonhos de Mauro



Fora assim o sonho de Mauro, em plena floresta, algemado e sangrando, logo depois da morte de Zeca Andrade. Fora assim. Vira o pai de perto, os braços abertos, muita gente em redor, e o velho gritando: “Mauro agora é um homem com H grande!” Em torno, na penumbra, só se lembrava de D. Santa, Clodoaldo, Pereirão, enquanto muitas outras pessoas se aglomeravam em volta. Fora assim. Agora ali estava o pai em carne e osso, os braços abertos, na casa de Clodoaldo, em Monte Alegre, e gritando para todos ouvissem: “Agora Mauro é um homem com H maiúsculo!” Abraçou o filho várias vezes, e se afastou um pouco para medi-lo de alto a baixo, exclamando: “Caramba! Você cresceu! Está mais alto do que eu!” E depois de olhar bem o novo rosto de Mauro, sim, o novo rosto, porque o antigo ele deixara na mata: “Você ficou parecido com meu pai! Vou ter que lhe tomar a bênção!”

Purificação intervém: “Foi a xepa do balatal. A comida forte. Vai ter saudade de carne de macaco e de anta. Mas o melhor ele não quis comer: os miolos do macaco. Prato fino.”

Mauro vira tudo aquilo em sonho, por antecipação. E não fora uma vez apenas. Era tal a nitidez que, na ocasião, lhe dera a impressão de realidade. Quando terminava o sonho sentia-se tranquilo, como se se tratasse de um aviso.

Pereirão explicava:

— Mauro é médium. Teve premonições.

— Médium nada! Protestou D. Santa. É protegido de São Francisco. Isso sim! Preciso cumprir minha promessa.

— Mas agora só no ano que vem. O Círio de S. Francisco deste ano já passou, quando eles estavam ainda no Rio Maicuru.

Depois de poucos dias da libertação de Mauro, Pedrão chegara a Monte Alegre. Queria rever o filho. Trouxe D. Santa. Necessitava também acertar os



negócios, receber a balata, não apenas a dos grupos de mateiros chefiados por Purificação e Neco Dantas, mas a de outros mateiros, distribuídos em várias direções, uns para os lados do Rio Paru, outros mais além, no Jari, alguns nas áreas de Alenquer. Precisava ainda ir a Almeirim, ajustar contas com os balateiros do Paru e Jari; e a Alenquer, acertar os negócios com os dos Rios Trombetas, Curuá e outros afluentes. Toneladas e toneladas de produto desciam pelas cachoeiras, aproveitando o fim do inverno, enquanto podiam navegar livremente. Só Purificação e Neco Dantas eram responsáveis por dez toneladas, que, somadas às do Paru, Jari e Alenquer, alcançavam um total de cerca de quarenta. Outros patrões esperavam os seus aviados, as suas “tropas” disseminadas pela floresta na mesma faina, em condições de oferecer ao mercado internacional uma produção superior a trezentas toneladas por safra. E balata pura, sem mistura de murupita.

Benacron já enviara outro emissário. Nova Iorque reclamava a balata prometida. Londres se fechara em copas. Os industriais americanos haviam adquirido as fábricas da Inglaterra. Tudo agora giraria em torno dos mesmos compradores. Estava eliminada a concorrência internacional. Alemanha nem sempre importava do Brasil, habituada a negócios com o Caribe, de longa data. Preferia a *sheet balata* da Guiana Holandesa.

Os balateiros se fartavam momentaneamente. Chegavam maltrapilhos, os rostos encovados, exaustos de tanta luta, alguns doentes, com malária ou avitaminose, a terrível beribéri. Eram recebidos pelas famílias numerosas, vivendo à beira dos rios ou dos lagos, ou nos subúrbios de Monte Alegre, casas de pau a pique, paredes de enchimento ou de madeira, cobertura de palha de ubuçu. De qualquer forma o reencontro parecia uma festa. Festa de pobres. A mulher desgrenhada, os filhos rotos, os menores nus, pés no chão, habituados à vida ao relento, como os porcos e os patos. Mas viviam. Sobreviviam. Conseguiram a sobrevivência na selva. Muita fruta do mato, peixe em abundância. Era só jogar a tarrafa ou o anzol, para os peixes pequenos; ou o arpão, para o pirarucu. Água, muita água para o banho de todas as horas. Os meninos de bubuia, como se fossem filhotes de búfalos, apenas a cara de fora, outras vezes só os olhos, imitando os jacarés. Chegavam os balateiros. A prestação de contas. Clodoaldo e Pereirão dando a cada um o seu. E depois aquela farra por toda a cidade, nos bares, nas baiucas, nos

dançarás e forrós. A família participava, até certo ponto, daquela ilusão de fartura, momentânea como fogo de palha. Os solteiros largavam o dinheiro na mão das meretrizes, bebidas à vontade, pagando rodadas, de que, vez por outra, os casados também participavam, em fugas estratégicas. Festança que durava pouco. O dinheiro acabava. A casa continuava a ser de palha. Os filhos permaneciam descalços e nus. As mulheres ganhavam um presente: o ventre recheado na espera de mais um filho. Quase sempre a gravidez coincidia com os primeiros meses do regresso, daí haver muito menino nascido de abril a junho. Vinham do ano anterior, da segunda metade, eram rebentos dos balatais.

O dia da prestação de contas era um deus nos acuda. Clodoaldo e Pe-reirão levaram dois dias somando, diminuindo e multiplicando para depois dividir. A produção de cada balateiro variava. Era preciso conferir pelas marcas a ferro em brasa. Aqueles ferros incandescentes feriam não apenas os blocos de balata, mas as almas dos homens. Cada balateiro trazia sua alma o sinal a ferro e fogo do desespero da floresta. E esse sinal se via também nas mulheres desgrenhadas e nos filhos seminus. Desde cedo aqueles homens se acumulavam à porta da casa colonial em que assistia o escritório. Dezenas. Não cabiam todos dentro. Era preciso obedecer à chamada, em ordem alfabética, a fim de evitar reclamações. Algumas mulheres também compareceram. A viúva de Zeca Andrade, um filho ao colo, baixa, gorda, cabocla de cabelos lisos, o vestido caído para o lado, chorava o tempo todo, limpando as lágrimas com o dorso a mão esquerda, pois com o braço direito sustentava o filho.

— Mataram meu marido! Mataram meu marido! Exclamava, entre soluços.

Que fazer, diante da morte inexorável, irreversível, a indesejada das gentes? Que fazer, senão consolar ou chorar também, ou não fazer nada, nem mesmo consolar nem chorar, que não é solução? Olhar para a frente? Era a opinião de Clodoaldo. Seguir o destino. A morte é de todos e não é de ninguém. Ela virá, um dia. Clodoaldo deu preferência, no atendimento, à viúva de Zeca Andrade. O falecido deixara saldo, sua produção fora boa.

As lágrimas desapareceram quando a viúva recebeu o dinheiro e o conferiu na presença de Clodoaldo e outras pessoas. Mesmo assim, num desabafo, murmurou, contemplando as cédulas:

— Não sei o que vou fazer da vida! E suspirou longamente.

Os demais balateiros foram entrando. Alguns alegres, os mais novos, outros preocupados, os mais velhos. Aquele dinheiro não pagava os anos de vida que haviam perdido na floresta, o desgaste físico e moral, a decadência a que se viam arrastados.

Findo o dinheiro ficavam à espera da nova safra. Os novatos se preparavam para a “tropa”, como se fossem conscritos militares. Faziam seus exercícios. Patrão só contratava balateiro experiente. Essa experiência se adquiria na própria cidade, subindo nas árvores do quintal, de preferência nos bacurizeiros, eretos e robustos, próprios para um treino daquela natureza. Outras vezes procuravam os bacurizeiros do Turu ou as orelheiras-de-macaco da avenida, na cidade alta, onde subiam e desciam, com seus esporões de ferro amarrados às botas de couro, o cinto grosso de couro cru, a roda de cabos de aço, em tomo da cintura, o terçado na mão, uma faca americana na cintura. Assim praticavam. Subiam e desciam. Desciam e subiam, até serem dados como aprovados. Estavam em condições de seguir para o *front*, para a luta, para a guerra na selva. Seu uniforme típico dava-lhes características especiais: casaco ou dólmã de brim grosso cor azul, o mais resistente possível, chapéu de palha de tucumã com as abas largas que os protegia do sol e da chuva, calça também de brim azul, comprida, pernas longas, de couro cru ou botas grossas. Depois de vestidos, davam a impressão de um exótico soldado, pronto para a guerra na floresta. Suas armas: o terçado, a faca, a espingarda e a fé em Deus; seus inimigos: as árvores de balata, as árvores que choram, os animais da selva, as intempéries. Esses os adversários a combater e derrotar. Domavam as balateiras, sangrando-as com volúpia. Seu sangue branco deslizava para os recipientes. Matavam as feras e se defendiam das intempéries.

Um verdadeiro exército, sob as ordens de um alto comandante sediado no exterior e que ninguém conhecia de perto, manobrado por patentes inferiores em Manaus e Belém, e mais os “patrões” e depois destes os “mateiros”, os “gateiros”, os balateiros da floresta, soldados rasos.

Todos os anos repetia-se o mesmo aparato. A mesma faina. A mesma saudade da família, à espera, por mais de seis meses, de tantos homens distantes. Alguns não regressavam, nem mesmo mortos. Seus corpos ficavam

sepultados na brenha, quando não eram devorados pelas feras ou pelas piranhas, como o de Zeca Andrade.

Purificação voltara ao Rio Maicuru, além da cachoeira da Muíra, a fim de reaver a balata escondida na mata. Faltava uma lingada, alguém a furtara. O ladrão não tivera condições de transportar tudo. Conduzira apenas uma lingada, mas voltaria, sem dúvida, para apoderar-se do resto. Quem seria? Os índios? Ou algum parente do tenente Justino, despachado especialmente para esse fim? Mais viável esta hipótese. Mesmo com todo o tumulto, Justino ainda reservou dois minutos para contactar com parentes, homens afeitos à região. A balata fora furtada, sem dúvida, e deveria aparecer mais adiante, embora marcada a ferro e fogo, como se faz com o gado.

O partido da redenção iria começar a cumprir as suas promessas de democracia e liberdade. Rios de mel haveriam de correr pela Amazônia, lambuzando-a toda. Haveria paz e justiça, a primeira para os amigos, a segunda para os adversários. Seria uma nova Canaã, onde todos sorrissem, olhando a luz do sol, e não chorassem contemplando o braseiro dos incêndios no negrume da noite.

De qualquer forma, uma paz de pântano descia sobre Monte Alegre, a risonha cidade, baixa e alfa, montada no morro, emoldurada de serras onde dormem as garças, fundada no século dezoito pelos desbravadores portugueses, que viam no seu aspecto pitoresco recordações da Montalegre lusitana.

Os rios continuavam a correr, o vento a soprar, as garças brancas a voejar sobre o fundo verde da serra, e os homens a se matarem, como se fossem filhos do demônio, e não de Deus.

E Regina? Mauro perguntou ao pai pela mulher amada.

— Não sei não, meu filho. Sua mãe é que deve saber. Mauro indagou de D. Santa:

— Ah! Regina?... a filha do Cerbino?... a sua namoradinha? Em vez de responder, a mãe perguntava.

Várias vezes Mauro indagara, com insistência. Queria notícias de Regina, com seus cabelos claros, seus olhos verdes, ora azuis, ora cinzentos, conforme a hora ou a emoção...

Assediada muitas vezes, D. Santa acabou por falar a verdade:

— Regina... meu filho... Regina casou... Apareceu por lá um avião resolvido a casar... foi tudo às pressas... a esta hora deve estar longe... Parece até que foi para o estrangeiro...

Mauro estava habituado a receber pauladas. Pauladas do destino. Agora mais essa, que o perturbou mais que todas as anteriores. Antes preferia cem algemas a uma notícia daquela.

Sonhara com Regina, várias vezes, de maneira agradável. No início ela o abraçava e afagava, mas nos últimos tempos chegou a vê-la de forma estranha... fugindo... levada por outro homem, cujo rosto não conseguiu reconhecer. Um homem desconhecido, com sua Regina pela mão, os dois voando como se fossem pássaros, tivessem asas, voando de forma inusitada entre nuvens. Julgava ter sido um pesadelo a mais. Fora mais uma premonição.

Por que Salústio ajudara Mauro a sair do xadrez e sempre manifestara simpatia por ele, desde a floresta? Mauro jamais esqueceria aquela manifestação de boa vontade, que se revelara em pequenas atitudes, quando tudo e todos os policiais eram contra ele. Durante a luta, a atitude arriscada que tomara poderia levá-lo a ser sumariamente fuzilado por tenente Justino. Outra não seria a sua sorte se o tenente flagrasse o gesto — que consideraria traição — de entrega da chave do xadrez. Teria que repeli-lo logo. Valeria, a Salústio, expor-se tanto, sem nenhum interesse visível?

A explicação viria depois, por meio de Clodoaldo.

— Conheci o soldado Salústio. Explicou Clodoaldo. Seu pai era nosso correligionário da Colônia da Mulata. Trabalhou para Pedrão muitos anos, até a morte. Salústio era menino e muitas vezes vinha aqui em companhia do pai. Creio até que conheceu Mauro, quando ambos eram crianças... É que Mauro não se recorda... mas Salústio não esqueceu. Foi solidário, mas pôs a vida e o emprego em risco... e o fez desinteressadamente. É um bom rapaz.

Salústio, na verdade, arriscava a vida. Estaria certo ou errado? Para Pedrão e Mauro fora um amigo leal, para Justino um traidor.

Quem o julgará?

22

A Virada

Quem poderá explicar, à luz da razão, as manifestações temperamentais da plebe, quando inflamada por alguma faísca momentânea? A multidão lembra também o mar enfurecido pelos ventos, sem direção nem controle. Não há tempo para raciocinar. Vai para onde a conduzem, os sentimentos de um transformam-se em sentimentos de todos. Basta uma palavra de ordem, mesmo insensata, para que a torrente se desencadeie e estoure e devaste.

Assim estava a capital com o resultado das eleições. O povo viera para as ruas. A sirena da *Folha do Povo* apitava o tempo todo. Esperava-se o general, o vitorioso, o Zeferino, o “forasteiro” (como dizia seu adversário) que um dia chegara à terra, sem saber como se defender dos carapañas, e agora era o homem mais forte de um estado com área de mais de um milhão de quilômetros quadrados. Dizia um seu correligionário: “Ele é como César, veio, viu e venceu.” De onde viera? Onde nascera? Que fizera para derrotar o velho líder, antigo senhor absoluto de terra natal, aquele que chamava aos homens do interior “os meus caboclos”, estimado por uns até o sacrifício, odiado por outros até o desespero? O general fazia-se instrumento de forças desencadeadas, as quais soube controlar, com especial perícia e inegáveis qualidades de comando. Era, antes de tudo, um chefe à moda castrense, um estrategista inteligente, sem a preocupação dos detalhes, sem conhecer mesmo os detalhes, mas com a visão panorâmica do conjunto. Se lhe perguntassem onde ficava o Posto Fiscal da Pedreira ou o de Saúde do bairro da Marambaia talvez não conseguisse responder; mas sabia, no amplo panorama do estado, onde estavam os pontos fracos a socorrer, quais as providências a tomar e quais os homens competentes que deveriam chamar a seu serviço. Depois, montado neles, realizaria sua tarefa. Sob esse aspecto era totalmente diferente do seu adversário. Este desejava mandar sozinho, dominar os auxiliares. Ninguém tivesse o topete de levantar a cabeça. Ele a

cortaria. Como chefe, ouvia as opiniões, fazia reuniões com um grupo restrito, escutava conselhos muitas vezes. Mas a decisão era sua. E quem fosse ouvido deveria falar como assessor convocado, quando solicitado. Nada de querer “pular mais alto que a bunda”, como dizia o seu velho inimigo jornalista Paulino Monção. Elevaria um amigo, de escrivo do Furo do Breu a chefe de polícia, Secretário de Estado ou governador, isso porque o seu capricho o impulsionava. “Farei governador até um caboclo de calça rasgada da beira da praia”, dizia. “Basta colocar o dedo na cabeça dele.” E era verdade. Dedo milagroso, aquele, que transformava ex-presos (injustamente) em delegados de polícia, emitentes de cheques sem fundos em deputados contrabandistas em titulares de alto posto, e sentia certa cerimônia quando devia tratar com homens de fina educação e cultura. Sabia respeitá-los, também. Não abdicava, porém, de um milímetro de autoridade. Fazia descer do mais alto degrau para o chão poeirento aquele que tentasse fazer-lhe sombra. Por isso, alguns mais velhacos, sabendo de sua psicologia, se desdobravam em demonstrações aparentes de humildade. — “Quem manda é o chefe, acabou-se!” E assim iam subindo. — “Chefe falou, está falado!”. Não resistia a um agrado e num relance transformava ádvenas desconhecidos ou ambiciosos em representantes do povo, premiando, não os serviços, mas a louvaminha. Coração que ora era de ouro, ora de ferro. Nasceu para ser muito amado ou muito odiado. Não havia meio-termo. Ele mesmo dizia: “Quem não é meu amigo é meu inimigo!” Já o general deixava as águas rolares, aparentemente distraído, mas exercia o comando. Era o principal. Não lhe incomodavam os secretários competentes, os auxiliares cultos, com prestígio pessoal. Deixava-os à vontade e osmoseava os seus méritos. O que fosse feito de bom ser-lhe-ia creditado. Enquanto o primeiro centralizava tudo, o segundo descentralizava. Eram duas filosofias diferentes, duas estratégias diferentes, dois comportamentos antagônicos. E assim dispunha de tempo para as suas diabruras de homem em pleno viço da idade madura. Qual dos dois estava certo? A massa humana da capital, principalmente, parecia ter cansado daquele amor de cerca de vinte anos com o já velho coronel. As multidões são como algumas mulheres, que cansam dos amores velhos e pedem novos. Ser volúvel, a multidão também se apaixona totalmente. O general era mais moço, mais alto, impetuoso, enfrentava uma física, se preciso; além do mais,

careca, cumprindo assim o que a música popular, tão ao gosto do compositor Borboleta, consagra: “dos carecas que elas gostam mais.” A multidão também adora os carecas. Queria mudar de amor. Aquela paixão sofrida, com um amante voluntarioso e absorvente como era o coronel, já a cansara. Mesmo assim fora uma vitória apertada, pouco mais de quinhentos votos a favor do general, mas suplementares, sinal de que a metade da população, especialmente do interior, estava ainda com a sua velha paixão. Muitos não se conformavam e protestavam em baixas vozes, porquanto não podiam, em uma democracia relativa, falar em voz alta:

— Foi uma vitória roubada! Aquele aparato militar no Tribunal! Um capitação em cada seção eleitoral do interior! Essas suplementares foram roubadas! A vitória era do coronel.

Coronel Cardoso vinha à janela do escritório do doutor Sabino, seu dentista, num edifício central e contemplava surpreso a multidão, lá fora, urrando, como fera:

— O quê? Esse povo está assim tão assanhado? Nunca pensei que isso estivesse dessa forma!

E estava mesmo. Quem se habituara a mandar, a dirigir, a controlar tudo, devia sofrer na alma um processo de congestão vulcânica. O mando às vezes gera o hábito da altivez e da soberba. A derrota pode levar ao maior desencanto.

Mas o coronelão era homem de luta. Haveria de voltar:

— Voltarei um dia! Darei uma lição nesse forasteiro.

— O melhor, coronel, é cair fora! Aconselhou Sabino, aproveitando-se da velha intimidade. Esse povo pode atacar a sua casa e matá-lo. O senhor sabe que contra a força não há resistência. Não confunda coragem com imprudência. O senhor mesmo me disse certa vez que “quando o cabra é duro a gente amolece”.

Todo um edifício desabara naquele momento. Os planos do governo. A escolha dos secretários. A investidura do deputado Silvino na presidência da Assembleia e no governo do estado. E se a Assembleia, mesmo assim, elegeisse Silvino?

Deputado Ibrahim, o fiel da balança, foi novamente consultado, por meio do irmão, velho amigo do coronel e funcionário do estado.

— Não tem mais jeito, coronel! Foi a resposta. Meu irmão já assumiu compromisso com o outro lado. Vai votar no deputado Ariel, representante de Marajó. Ariel vai ser o presidente e vice-governador, substituto do general.

— Como se pode mudar assim?

Muda-se, sim. A política tem segredos e fórmulas capazes de mudar tudo. E a palavra encontra sempre meios de justificar. Ariel representava um forte reduto eleitoral, fora um dos baluartes da vitória do general. Estava na linha de frente. Deputado Silvino que se lixasse, era a laranja cujo suco fora extraído. Restava agora a casca. Salvo se quisesse continuar na frente de luta, agora que o coronel se ausentaria, abandonando os arraiais por muitos anos.

O povo nas ruas. General iria chegar. Mulheres, homens, crianças, massa humana incalculável, só visita assim no Círio de Nazaré e nas grandes recepções ao coronel Cardoso no passado, se estendia pelas avenidas Nazaré, Independência, Largo de São Braz, Tito Franco, se encaminhava para o aeroporto, muitos a pé, os que não dispunham de transportes, outros em ônibus repletos, oferecidos pelas empresas locais, os mais abastados de automóvel. Era um dia de festa. O dia da “redenção” do Pará. Muitos quebravam galhos de árvores e enfeitavam a massa humana com aqueles pedaços de arbustos, indiferentes à ecologia.

Um devoto do coronel se atreveu a dizer, em voz alta:

— Para que essa galharia toda? Quem vai chegar é um ser humano, embora general, não é Nosso Senhor Jesus Cristo!

Quase matam o homem. Pastor protestante, se indignava com a utilização daquele símbolo bíblico.

— Deixem os ramos! Deixem os ramos! Gritava, como louco. Trepou em uma estátua com a Bíblia na mão e já começava a falar aos fiéis (no caso aos infieis), citando passagens do livro eterno.

O povo abafou a sua voz. A Bíblia caiu ao chão. O desarvorado orador desapareceu no meio da turba.

Muitas horas assim. Aquele aperto. O sol quente na cabeça. O povo queria ver o seu ídolo, o seu novo amor, o general Zeferino Pantaleão, rissonho, cheio de vida, a calva luzidia, bigodinho à Adolphe Menjou, que lhe grangeara simpático apelido, desde os tempos da escola de “Zeferino das

Moças”. Aquela multidão toda era como uma moça que se entregasse em seus braços, morta de amor, dando-lhe tudo sem pedir nada. Sem exigir nada como multidão. Logo mais começariam os pedidos individuais de emprego. A derrubada dos cardosistas dos cargos públicos, um massacre geral. Alguns adesistas prontos a mudar de arraiais. Tudo acertado para o grande festim da Redenção. Iriam jorrar rios de mel e de leite, como nos anúncios bíblicos. A carne baixaria de preço. Todo o mundo teria emprego (menos os adversários). As arcas do tesouro se encheriam. Os injustiçados encontrariam enfim justiça. Acabara o “mandonismo” dizia ele, a “política pessoal.” Agora todos deviam contribuir para a redenção completa do estado, com trabalho, com impostos, com sacrifício.

— Já começa a perseguição! Diziam alguns funcionários sonolentos, desabituaados do trabalho e do livro de ponto. Não tem mais jogo do bicho! Como é que a gente vai viver? O ordenado não dá.

Alguns até já começavam a arrepender-se de ter conferido o voto ao general, um homem de fora, que não se sabia de onde viera, se do sul, do centro ou do oeste.

O certo é que a multidão estava nas ruas. Seria a mesma que, tantas vezes, recebera assim o coronel? Multidão não tem cara. A metade da população permanecia em casa, as janelas fechadas, curtindo a sua desdita, enquanto a outra metade saía às ruas e praças. Era um jogo de metades. Quando uma saía, a outra ficava no lar. Havia casas em que as famílias se dividiam. O pai era adepto do coronel, mãe também, sob pena de apanhar. Mas os filhos mais taludos, já em idade de votar, se rebelavam. Eram do general. Queriam renovar. Era a *nouvelle vague* que despontava. Ficavam com o candidato mais moço, mais cheio de vida, mais atrevido, mais bonito. O outro estava ficando velho, baixinho e gorducho, não atraía mais o eleitorado jovem. Seus encantos ele os perdera no tempo. Os que viveram o passado sabiam de suas qualidades, de sua vivacidade, de sua capacidade de trabalho e de comando. Mas os jovens eram os jovens! Queriam mudar. Um dia, dizia o velho Pergentino — um dia vocês vão ver o general ficar velho e ninguém irá buscá-lo no aeroporto. Vai andar pelas ruas como um estranho. Não lhe darão bom dia... Pergentino tinha partes com o demo, adivinhava o futuro.

Pelas 10 horas, sol escaldante, o cortejo, vindo do aeroporto, deixa a avenida Tito Franco e penetra, pela praça de São Braz, na avenida Independência. Palmas, gritos, vivas, urras. É o general que chega. Querem retirá-lo do automóvel. Desejam carregá-lo nos ombros. Galhos verdes por todos os lados. Uma apoteose raramente vista, salvo quando o coronel imperava.

A multidão se expandia. Bandeirinhas nas mãos inocentes das crianças acenavam para o alto. Alguns contavam músicas patrióticas “nós somos da pátria amada” outros, canções estranhas, até a mexicana *La Cucaracha*, invenção do compositor Borboleta, àquela hora perdido no meio da multidão, cantando sozinho o seu “chorinho-que-dá-cadeia”:

Eta Pará! Eta Pará! Eta Pará!
Terra boa de enricá
Basta chegá,
tomá tacacá,
encher o borná
depois chutá
Eta Pará! Eta Pará! Eta Pará!

O general ria para todos os lados. Respondia os acenos das pessoas amontoadas nas janelas das casas. Senhoras respeitáveis, senhores, crianças, todos acenavam das janelas, das portas e portões, dos andaimes das obras em construção. Cães ladravam, assustados com o estrondo dos foguetes, ou talvez querendo também participar da recepção triunfal. Afinal de contas não havia nada de mais naquela solidariedade. A Sociedade Paraoara Defensora dos Caninos também se fazia presente, em luzida comissão. Uma ou outra casa mantinha as portas e janelas fechadas. Mas por dentro os proprietários se agachavam com os olhos nas frestas, nos buracos das fechaduras, vendo um pouco, à socapa, o estouro da plebe lá fora e ouvindo o ribombo dos foguetes. Foguetaria de ensurdecer.

General seria homenageado com um banquete. Alguém sugeriu que se fizesse algo típico, um cardápio puramente regional: pato no tucupi, maniçoba, sopa de tartaruga, casquinho de caranguejo e sobremesa de frutas regionais, desde açaí, bacaba, bacuri e tucumã. Um banquete como o coronel nunca tivera, totalmente típico.

— Não pode! Não pode! Protesta o mordomo-mor.

— General não gosta de maniçoba. Não sabe tomar tucupi. Sobremesa de tucumã, nem pensar! Vai se sujar todo e não sabe o que fazer com o caroço.

Mudaram o cardápio. Tinha que ser algo internacional, que não colocasse o homem em dificuldades, sem saber o que fazer com caroço de tucumã ou de abiu, a boca toda pegajosa de resina, atrapalhando depois o discurso, com os lábios grudados.

— Deixem essa história de tucumã para o coronel. General só come filé com batata frita ou então quibe cru, bileua e haleua!

Foi uma grande apoteose, a chegada! Depois a posse. A multidão por todos os lados, subindo as escadarias do Legislativo, as belas escadarias de mármore do Palácio Antônio Lemos. A plebe vaiando os deputados do Partido Conservador, agora em oposição. A audácia do deputado Silvino em subir à tribuna debaixo de vaia e ameaçar o general, de cara, que, se não fizesse bom governo, ali estaria para combatê-lo. E a multidão, que antes vaiaria, pouco a pouco, como um mar que amaina com novos ventos, foi batendo palmas, aplaudindo, até transformar numa consagração o que antes parecia ameaça de massacre.

Pedrao se encontrava entre os manifestantes. Integrava a comitiva, com representação do seu município. Clodoaldo e Pereirão se fizeram presentes. Afinal de contas haviam contribuído para aquele sucesso, a vitória era de todos. Mas o partido não estava unido em Monte Alegre. Embora na mesma campanha, a do próprio município, ali estavam distanciados. Na área municipal não se entendiam. Eram como água e azeite. Não se misturavam. Maus presságios para o futuro. Pedrao só se preocupava com duas coisas: a produção de balata e o processo de Mauro. Resolvendo esses problemas estaria disponível para colaborar com o novo governo. Uma experiência de quase cinquenta anos de selva o credenciava. E o governador sabia disso.

D. Santa, em casa, rezava. Os estouros dos foguetes, ao longe, interrompiam vez por outra as suas preces.

N. S. de Nazaré atendera o seu pedido. São Francisco a socorrera. Dedicara todo o seu sofrimento, durante aqueles meses, a Jesus. Seus olhos sempre vermelhos, já não tinham mais lágrimas para chorar. Mas com a vitória, agora, não sabia bem se deveria rir ou chorar. Também se chora de alegria em certos passos da vida.

Dr. Clodomir a animava:

— Alegria pede dor e dor pede alegria — como dizia o poeta!

O povilêu não gritava mais, como o fizera outrora, estrondosamente, nos comícios noturnos:

Viva o coronel Cardoso!

O chefe valoroso!

Oso... oso... oso!

Valoroso! Valoroso!

Coronel Cardoso!

O redemoinho da sorte girara mais uma vez e muitas vezes haveria ainda de girar no futuro, para um lado e para o outro... para um lado e para o outro, guiado pelas mãos invisíveis do destino.

— “Nem todas as vitórias são vitórias!” — dizia Dr. Clodomir. E rematava:

— “Essa frase é do conselheiro Acácio!”

O Círio de São Francisco

As promessas! D. Santa fizera duas promessas. A primeira, já cumprida, fora mais do marido do que dela: doar uma tonelada de balata para São Francisco. Pedrão dizia não acreditar em promessas. Todavia não se opunha a que a mulher as fizesse e se esmerava em cumpri-las.

— Pelo sim, pelo não — dizia Dr. Clodomir irônico —, é bom sempre cumprir as promessas de D. Santa... Do contrário pode dar zebra.

Pedrão cumpria calado. Uma tonelada de balata!

— É balata pra burro! Insistia Dr. Clodomir. São Francisco era tão pobre, tão pobrinho, que, se fosse vivo, não aceitaria tal oferta. Pois ele recusou a riqueza do pai, comerciante, despiu as roupas ricas e ficou nu de todo, dando lição de humildade!

— Não é pra ele, propriamente. Entenda, Dr. Clodomir! Ponderava D. Santa, é para as obras da igreja que tem o nome dele. São Francisco é o medianeiro. Ele não aceitaria a oferta se fosse para ele, pessoalmente. Mandaria distribuir pelos pobres, pelos necessitados. E isso fará padre Klaus...

Padre Klaus esfregava as mãos de contente. Havia várias obras a realizar. Logo agora que o bispo de Santarém pedia auxílio ao comércio e à prefeitura para obras de caridade! Prefeito, em vez de dar dinheiro, que dizia não ter, oferecera uma quantidade enorme de café doado pelo IBC. Bispo aceitara satisfeito. Logo mais prefeito cobra: também construía uma escola, precisava de recursos, bem que a prelazia podia ajudar. O bispo, que fora pedir, acabou oferecendo três mil cruzeiros, dinheiro muito na época, para a construção da escola de Monte Alegre, em bairro pobre da cidade alta.

Mas o padre não receberia a balata diretamente. Pedrão possuía compromissos com Benacron e os importadores americanos. Dava (ao padre) o equivalente em dinheiro. Isso não fora bem esclarecido por ocasião do compromisso. Dr. Clodomir fazia troça:

— E agora, Pedrão? Se o padre exigir o pagamento da promessa *in natura*, isto é, balata mesmo, nada de dinheiro? Se você, em vez da mercadoria, de dinheiro, o santo não vai achar ruim?

Padre não sabia negociar com balata. Além do mais os balateiros passaram muitos meses na selva, financiados, comendo e bebendo à custa dos gringos. As famílias igualmente. Rios de dinheiro estavam investidos naquela aventura. Havia os riscos de altas e baixas de preços. Mercado internacional, Wall Street pelo meio. As indústrias tinham fome. Balata não podia ser objeto de promessa. O seu equivalente, vá lá! Pedrão pagara caro a promessa, mas faria qualquer sacrifício para ver o filho de volta e a mulher sem lágrimas. Não discutia preço.

Toneladas e toneladas de balata embarcaram de Monte Alegre, Almeirim e Alenquer para Manaus. Incluindo a produção do Trombetas e Cuminá, alcançara mais de cem toneladas. As árvores leiteiras ficaram estupradas na floresta. Algumas agonizantes, outras com esperanças de nova vida. Milhares ainda virgens, escondidas, receosas da mão do homem, mas aguardando a sua vez, no futuro. Produziam, naquele Eldorado, o ouro negro.

Houve, porém, uma imprevista mudança de santo, à última hora. São Francisco já estava com a sua promessa garantida: o Círio fluvial, que D: Santa jurara acompanhar; a tonelada de balata ficaria então para Santa Luzia. Fora sugestão de Dr. Clodomir:

— Monte Alegre tem duas igrejas principais, uma na cidade alta, dedicada a São Francisco e outra na cidade baixa, de Santa Luzia. É preciso atender os dois santos.

O amigo tinha razão. Sua sugestão foi aceita. E assim Santa Luzia viu-se atendida.

Pedrão fora a Manaus, ajustar contas. Benacron alegre, mas não muito. Queria produção maior, safra maior. Os americanos estavam reclamando. As indústrias engoliam toda aquela matéria-prima com facilidade. A técnica de construção aeronáutica se aperfeiçoava. Havia estudos preliminares para voos espaciais, coisa para o futuro, mas que os laboratórios já investigavam, secretamente. E a balata, pelas suas qualidades superiores às da borracha comum, a sua resistência, prestava-se admiravelmente para enfrentar altas ou baixas temperaturas. Não dissolvia com a mesma facilidade com que

a borracha de seringueira ou a sintética se dissolviam. Pedidos enormes vinham de Nova Iorque, que englobavam sem dúvida os de Londres, agora amarradas, as fábricas inglesas, às matrizes americanas. E o armamento de guerra precisava também do produto. Os tanques, os navios de todos os tipos, os submarinos, todos eles servidos de instalações elétricas, precisando de isolantes duros e resistentes. Pedrão enchera um cheque com valor de uma tonelada de balata. A mulher queria que fosse entregue sem arruído. Clodoaldo discordou e ponderou. Pereirão também. Era preciso fazer uma festa. Juntar gente. Anunciar aos quatro ventos. Aquela doação tinha um alcance político. Os adversários nunca seriam capazes de dar tanto dinheiro para a Igreja. Não queriam comprar a consciência do padre, tão bom e humilde, coitado, a barba branca caindo pelo peitoral da batina, os olhos azuis, sempre de alpercata, atendendo um, atendendo outro, respeitando as tradições locais, ao contrário de padres de outras nacionalidades, principalmente os americanos, que procuravam alterar os costumes do povo. Embora não muito religiosos, mas de qualquer forma eram costumes, folclore misto de crença, tradição, cultura nascida da terra, como a vegetação.

Padre Klaus não ligava para solenidade. Recebia a ajuda como Santa Luzia a receberia, passando-a aos pobres e necessitados. Vaidade ali não se abrigava. Compreendia a promessa, aceitava as ofertas como esmolas, pequenas ou grandes, mas, de qualquer forma, esmolas.

Mas fez-se a sessão, ou a solenidade da entrega do valor da promessa. Vereadores convocados, juiz, delegado, promotor, as autoridades principais. Afinal de contas — dizia Pereirão — era justo que se desse publicidade ao ato a fim de incentivar outros ricos a usarem da mesma generosidade. O exemplo poderia frutificar. Um não queria ficar atrás do outro. Era bem possível que o chefe político contrário, que se elegera tantas vezes e nada dera em troca à terra, abrisse agora o seu coração, tocado pelo dedo de Deus.

Houve discurso. Pedrão preferiu ler, para não dizer inconveniência. D. Santa rezava baixinho. Ela fora contra aquela ostentação. Depois ainda serviram guaranás e doces. Padre Klaus recebeu o cheque muito vermelho, a esmola era grande e quando ela é grande pobre desconfia.

Agradeceu em poucas palavras. Quem recebia aquela esmola não era ele, e quem agradecia era a Santa, em nome dos humildes, doentes e necessitados.

Iria aplicá-la da melhor forma possível. Ela retomaria à origem. O exemplo de Pedrão era como a semente bíblica lançada em boa terra, germinaria e frutificaria. D. Santa, a essa altura, começou a chorar. Todos ficaram emocionados. Afinal de contas a festa dera certo. Muita gente presente na sacristia, depois de uma missa de domingo, quando o povo vem ao templo para rezar. Clodoaldo preferia que fosse no seu escritório. O povão veria com mais certeza que a generosidade partira daquela casa. Mas outros ponderaram em contrário. O lugar era a sacristia, o doador levava em casa do beneficiado a doação. Não ficava bem padre Klaus se deslocar para cobrar o dinheiro. “Quem dá, leva.” Opinava Pereirão. É melhor ir à sacristia. Além do mais, depois da missa, o alto-falante irradiava os discursos para a praça. O povo lá fora olhando para o tempo e para o templo, e escutando. A generosidade às vezes também exige propaganda. A mão direita precisava saber o que a esquerda fazia, para evitar bobagens. E assim fora cumprida uma das promessas de D. Santa.

A outra deveria esperar o dia do Círio de São Francisco e esse dia chegou. Risonho, claro, alegre, toda a cidade em movimentação. O Baixo Amazonas, desde alguns dias em alvoroço, canoas, barcos a motor, barcos a vela, navios, um trânsito inusitado de embarcações, vindas de Santarém, Almeirim, Alenquer, Faro, Oriximiná, Breves, Gurupá e até de mais longe, de Belém e Manaus, a fim de prestigiar ou tomar parte na bela romaria fluvial, uma das mais originais do mundo. Muitas canoas chegavam carregadas de tartarugas, muçuãs, patos e perus.

Enquanto as romarias, em todo o mundo, se realizam de preferência durante o dia, a do Círio de São Francisco, em Monte Alegre, além de ser fluvial, se efetiva no fim da tarde e entra pela noite.

A trasladação da imagem, preliminar para procissão, se faz, porém, por terra, dia de domingo, pela manhã, alguns dias antes de 4 de outubro, dedicada a São Francisco. O povo se aglomera em frente à igreja de São Francisco, na cidade alta, onde se encontra a imagem. O templo aberto. Padre Klaus à frente, o grande cortejo se movimenta pelas ruas estreitas, sai da cidade e segue pelo campo em direção da localidade Surubeju, onde a imagem ficará durante o dia, na igrejinha de N. S. do Livramento. Uma outra romaria vem em sentido contrário, do Surubeju, a fim de receber São Francisco. As duas aglomerações humanas se encontram no campo. Todos rezam, cantam. O

padre à frente. As autoridades principais, o prefeito, vereadores, delegado, professores, as freiras. Surubeju, pequeno vilarejo nos arredores de Monte Alegre, conserva original tradição. Seu próprio nome — para uns de formação indígena — para outros se originaria de umas freiras francesas, Soror Bijou, que por ali andara deixando a marca do seu apelido. A igrejainha de N. S. do Livramento recebe em festas São Francisco. Velas acesas, ex-votos, preces, durante o dia muitos fiéis ficam no templo, orando, cumprindo promessas de toda natureza.

Pedrão, D. Santa, Mauro, Clodoaldo, Pereirão, todos estão presentes. Seguem pelos caminhos ásperos do campo. A paisagem se toma diferente. Ao longe a serra do Paituna emoldurando o horizonte. O campo raso, a vegetação se faz rarefeita. Penosa viagem por terra. D. Santa justifica:

— Ofereço o sacrifício a São Francisco.

Pedrão é cercado de atenções. Há muito não acompanhava uma romaria daquelas, mas valia o esforço, embora sem muita fé. Teriam que almoçar em Surubeju, à casa de um amigo e correligionário, Expedito, a melhor do lugar, construída de madeira, casa de pobre, mas sempre aberta para os amigos, principalmente naquele dia.

Domingo à tarde. Durante todo o dia surgem pessoas de todos os lados. Caboclos que viajam de canoas, vieram de longe. Outros a pé ou a cavalo, pelo campo, alguns vêm das colônias. Muitos não participam da trasladação, mas ali se fazem presentes, prontos para levar a imagem de volta a Monte Alegre, por água. Por toda manhã a igreja de N. S. do Livramento, sempre aberta, recebe os fiéis. No cair da tarde começa o verdadeiro Círio. Centenas de embarcações no Rio Gurupatuba, atracadas ao trapiche ou acostadas ao barranco, aguardam a imagem, conduzida em andor, no ombro dos caboclos. Na frente a diretoria dos festejos, as autoridades, o padre. A trasladação se fizera por terra, a volta será pelo rio, aproveitando a correnteza das águas em direção de Monte Alegre.

Cinco horas da tarde. Em breve partirá o Círio fluvial. As águas do rio, àquela hora estão mansas, só agitadas pela correnteza e por uma leve brisa, que sopra da floresta.

Ouve-se, de repente, um enorme ruído, ruído que se avoluma até tomar-se estrondo. O povo corre. Todos querem ver, saber do que se trata. O

pacato lugarejo nunca fora teatro de tal cena, que agora se desdobra ante os olhares espavoridos dos caboclos. Um avião anfíbio desce lentamente sobre as águas. De grandes proporções, o aparelho bate duas ou três vezes sobre a superfície lisa do rio e prossegue navegando, como se fora um barco com asas, por uma grande extensão; depois regressa, os motores estrugindo até postar-se à altura do trapiche, no meio do rio.

Clodoaldo grita:

— É o Catalina do Feitosa! Ele cumpriu a promessa!

Feitosa há longo tempo sonhara com campos de aviação na floresta, a fim de transportar balata via aérea. Abrira dois, precariamente, com o uso de pás, machados, picaretas e facões. Mas abrira. Eram dois rasgos na mata, o barro vermelho se mostrando para o céu. Olhados do alto pareciam duas feridas na selva verdejante. Duas feridas, onde poderiam descer pequenos monomotores.

— O Catalina é melhor. Explicava Feitosa. Desce nos rios. Tanto em terra como na água dá resultado. É o ideal para a Amazônia. O Catalina é o jacaré dos ares... anfíbio.

Depois prosseguia, em seu sonho:

— O governo devia montar uma fábrica de Catalinas só para a Amazônia. Dizem que há muito alumínio no Trombetas. Falta pesquisar e explorar. Mas se for confirmada a notícia, a Amazônia poderá ser cortada de navios e aviões construídos com alumínio da terra...

Ali estava o Catalina do Feitosa, prefixo à mostra, as grandes letras para quem quisesse ler, com um expressivo nome: *Balateiro*.

— Esse homem é um idealista! Falou Clodoaldo.

Pedrão se aproximava:

— Queira Deus dê certo.

— Dá certo, homem! Fala Clodoaldo. Não é só balata que esses rios escondem. O avião leva também ouro, diamantes, caulim, ametistas, qualquer mineral. E isso é o que não falta nessa mataria toda.

— Sim, pondera Pedrão. Leva não se sabe para onde e nada deixa na terra. O progresso tem duas faces.

Até que Pedrão dissera algo aproveitável. As duas faces do progresso. Clodoaldo aconselha:

— Nós temos agora que acompanhar esse progresso. Fazer campo de aviação. Comprar aviões, sob pena de ficarmos para trás.

— Ponha tempo, seu Clodoaldo, ponha tempo! Nesta região tudo anda a passo de tracajá. Ponha tempo!

Aproxima-se uma canoa. Traz quatro passageiros. Alto e magro, Feitosa é o primeiro a pisar no trapiche.

Mauro quer abraçá-lo. Lera nos livros escolares que em geral os sonhadores, os idealistas visionários, são homens magros e altos. “Longilíneos”, dizia o professor de História, “como D. Quixote de la Mancha”. Lutam contra moinhos de vento, engendram grandes planos, lançam-se de peito aberto, apanham muito, mas às vezes acertam.

Feitosa, eufórico, fala para todos:

— Eu não disse que conseguia?

E apontando para o avião parado, boiando sobre as águas:

— A redenção da Amazônia está na aviação! Olhem como ele é bonito, meu Catalina!...

Todos se abraçam e se apressam. É chegado o momento importante.

Seis horas da tarde. O crepúsculo faz descer as primeiras sombras da noite. A embarcação principal, em que irá a imagem do santo, já se acha a postos. Nela têm ingresso o padre Klaus e as autoridades. Pedrão, D. Santa e Mauro integram o corpo de autoridades. O dia é de confraternização, de paz. Os adversários, em atenção ao santo, se miram à distância, mas não se hostilizam. Centenas de embarcações de todos os portes surgem, todos querendo ficar mais perto da imagem, numa competição que saem vitoriosos os mais expeditos. Em todos os barcos, alguns a motor, outros a remo, fiéis colocam sobre as águas barquinhas de boieiras, com velas acesas. As velas correspondem a promessas feitas durante o ano. Logo mais centenas de velas acesas deslizam sobre as águas, como por encanto. A correnteza arrasta aquelas chamas e em meio delas os barcos, as igarités. Coalha-se o rio de velas acesas, a noite é escura, um espetáculo fantástico encanta os olhos. As luzes vibram, às vezes, agitadas por leve brisa, refletem-se na superfície lisa do rio, enquanto, no céu, explodem centenas de foguetes, que se espalham em poeira luminosa, aclarando subitamente o firmamento. Todos rezam. Logo depois da embarcação principal, outra conduz religiosas

e convidados. Uma canoa vai repleta de foguetes e fogueteiros, outra conduz os ex-votos, braços, pernas, cabeças de cera; corpos de crianças moldadas em massa. Alguns carregam miniaturas de casas, de barcos, de animais, ou ferramentas, de acordo com o tipo de promessa feita. Os que se salvaram de naufrágio em geral trazem barcos ou navios de madeira, de cortiça ou miriti; um ou outro leva um caminhão pequeno, sinal de que se salvou de desastre rodoviário. A variedade de figuras e objetos desafia a imaginação, tais e tantas as promessas a cumprir. D. Santa, além do sacrifício pessoal, fizera várias doações para a igreja. São Francisco e Santa Luzia mereciam. Foram bons para Mauro. Salvaram seu filho.

Mauro agora parecia mais com o pai do que com a mãe. Acompanhava, obedecia, mas seu pensamento nem sempre se fixava nas preces ou no santo. Seus olhos se estendem pela escuridão. Lembra as noites que passara na selva, longe de tudo e de todos. Seu coração apertava, recordando Zeca Andrade, devorado pelas piranhas, Purificação com a mão quase inutilizada, Justino violento. As preces e cantos religiosos não o arrancavam daquela alienação momentânea. Foguetes e mais foguetes continuavam a explodir, derramavam-se em cachos de luz. As velas, agora às centenas, desciam o mesmo curso, com igual velocidade das embarcações, como se uma força sobrenatural as disciplinasse sobre as águas.

A chegada a Monte Alegre faz Mauro despertar de suas divagações. Aproxima-se a cidade, o trapiche. Centenas de pessoas esperando em terra. A imagem deve descer no trapiche e depois ser conduzida, no andor, nos ombros dos fiéis, até a cidade alta, onde se acha o templo de S. Francisco, na praça Barão do Rio Branco. Numerosas palmas dos que se acham em terra saúdam o enorme cortejo de embarcações, que comboiam o barco principal. Palmas e foguetes. Logo mais aquela massa humana que se apinhava nas canoas, botes e barcos motores, está em terra, cerca o andor. Agora já são milhares de pessoas vindas de todo o Baixo Amazonas para aquela festa excepcional. O bispo de Santarém está presente, toma a frente da romaria, tendo ao lado padre Klaus. A massa humana sobe a pouco e pouco pelas ladeiras das ruas estreitas, as casas abertas e iluminadas, toalhas bordadas às janelas, imagens, círios acesos, preces, muitos se ajoelham quando passa o andor.

Na praça Barão do Rio Branco as pessoas que aguardam a imagem se somam ao enorme cortejo. A igreja preparada, iluminada, cheia de flores, algumas naturais, outras de papel, colocadas pelas senhoras. Depois a missa celebrada pelo bispo, concelebrada pelo vigário local. O sermão. A apoteose. A bênção do Santíssimo.

Durante o sermão D. Santa chorava o tempo todo. Passou o braço direito pelo ombro de Mauro, o véu negro sobre a cabeça, chorava. O bispo fazia ver a importância daquele momento, daquela romaria, para aquele povo, a importância da fé do mundo atual, pois só nela estaria a salvação da humanidade dividida pelas guerras e pelas questões e lutas entre os homens, em toda a parte. Condenava a ostentação e o esquecimento, pelos ricos, daqueles que são pobres e carentes. E apelava para o exemplo de São Francisco, pobre e nu, que abandonou e desprezou as riquezas do mundo pelas riquezas do céu.

Pedrão não se emocionava. Seu coração estava endurecido pelos anos e pelas lutas. Mauro parecia querer seguir-lhe o exemplo. D. Santa chorava e rezava pelos três.

Longo mais, findo o ofício religioso, lá fora, o arraial. Música profana, bebidas, doces, guloseimas de toda espécie. Alto-falantes cortando o silêncio da noite amazônica. O arraial. Festa e bebedeiras que se prolongavam por toda a madrugada.

Era o último domingo de setembro, nove dias antes do dia de São Francisco, quatro de outubro, quando se encerra a festa. São nove dias de repetidos ofícios religiosos na igreja, e de arraial lá fora, as mulheres, mais que os homens, crendo e orando; os homens, mais que as mulheres, comendo e bebendo no iluminado arraial, ao som de sambas e marchas carnavalescas.

As preces de D. Santa pareciam poderosas. Todos os seus desejos se haviam realizado. A vitória eleitoral. O *habeas corpus* para Mauro e agora a sua impronúncia. Livre, totalmente livre! O juiz proferira sentença que fulminara o processo. Falta de provas. Ninguém viu nada. A vítima poderia ter sido atingida por outros veículos que passavam na mesma ocasião. Além do mais o exame médico legal revelara que ela, a vítima, encontrava-se embriagada. Um bêbado atravessando a rua constituía ameaça a todos. Mauro inocente, Mauro nada devia à justiça, era agora um homem totalmente livre.

Mas cumprira a sua pena da maneira mais dura possível, no balatal, na floresta, enrijando o corpo e a alma. Tornara-se um homem!

Justino respondia a processo pela morte de Zeca Andrade e furto de balata. Fora expulso da polícia. Os jornais estampavam seu retrato sob manchetes semelhantes às que utilizaram para Mauro: PRESO A FERA DOS BALATAIS. Outro jornal situacionista preferiu uma variante: PRESO O RATO DOS BALATAIS.

O perigo, pensava Pedrão, está em uma nova virada. É tratar de trabalhar, desde já, para as próximas eleições!

Surgia, para eles, uma nova aurora.

Outras obras do autor

Romances

OS NÁUFRAGOS DO CARNAPIJÓ (Ed. José Olympio, 1977; Círculo do Livro S/A, 1980, SP.

O OURO DO JAMANXIM, Ed. José Olympio, 1974.

Traduções do alemão

FAUSTO, de Goethe, 1ª ed. AGIR, 2ª ED. TRÊS, 3ª 6ª ED. ABRIL S/A, 4º CÍRCULO DO LIVRO. (De 1968 a 1982).

GUILHERME TELL, de F. SCHILLER. Serviço Nacional do Teatro, 1974.

ANTOLOGIA DE POETAS DE LÍNGUA ALEMÃ (Inédita)

Biografia

TEIXEIRA DE FREITAS, O JURISCONSULTO DO IMPÉRIO, Liv. J. Olympio, Coleção Documentos Brasileiros, 1958. Prêmios Brasília de Letras Jurídicas e Pontes de Miranda, da ABL.

Históricos

A EPOPÉIA DO ACRE, Dist. Record, 1864 e Ed. Forense Universitária, 1974.

A CONQUISTA DO RIO AMAZONAS, Dist. Record, 1963.

FRONTEIRAS SANGRENTAS, Cons. Cultura (PA) e Gráfica Luna, 1974.

Direito

NOVOS E VELHOS TEMAS DE DIREITO, Forense, 1973.

HISTÓRIA E FONTES DO DIREITO ROMANO, Saraiva S/A, 2 ed. 1963/74.

INSTITUIÇÕES DE DIREITO ROMANO, Max. Limonad, 4ª ed: 1962/64/68/70.

DIREITO TRIBUTÁRIO ROMANO, Rev. dos Tribunais, 1977.

PROCESSO CIVIL ROMANO, Roma, ed. Trippi 7 Di Maria, 1862 e Falangola, Belém, 1964.

A LEI DAS XII TÁBUAS, 3 edições, Gra. Barra, Belém, 1958, ed. Forense, Rio, 1964/62.

Poesia

ANTOLOGIA POÉTICA, Gráfica Lina, Rio, 1875.

Mais: Pareceres, conferências, artigos, monografias sobre assuntos literários, jurídicos e históricos.

Secretaria de Editoração e Publicações

Rafael André Vaz Chervenski
Diretor

Luiz Carlos da Costa
Coordenador-Geral

Ricardo Abril Marinho
Assessor Técnico

Rodrigo César de Melo Barbosa
Gestor de Atendimento

Tatiana Nassif Derze
Coordenadora de Pré-Impressão

André Said de Lavor
Coordenador de Impressão

André Luiz Rodrigues Santana
Coordenador de Acabamento e Expedição

Aloysio de Britto Vieira
Coordenador de Edições Técnicas

Márcio de Holanda Meireles Viana
Gestor de Produção



EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Esta é a segunda obra da Trilogia de Romances Amazônicos, de Silvio Meira, que também inclui *O Ouro do Jamanxin* e *Os Náufragos do Carnapijó*.

Em *OS BALATEIROS DO MAICURU*, o autor põe à mostra, pela primeira vez, o drama na floresta dos exploradores da balata, na região de Monte Alegre, em especial no vale do Rio Maicuru, Amazônia Oriental.

A balata, produto altamente procurado nos mercados industriais dos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e outras nações, é o látex da balateira, árvore de bom porte da família das sapotáceas, localizada exclusivamente à margem esquerda do curso do Amazonas, por um capricho da natureza.

Exploram-na, também, desde o século passado, as antigas Guianas inglesa, holandesa e francesa (as duas primeiras hoje nações independentes).

A brutalidade da colheita predatória, com a “sangria” das árvores, os perigos de toda sorte a que se expõem os balateiros, perdidos na selva, estava a reclamar, de há muito, um romance, em que esses aspectos do sofrimento humano viessem à luz da publicidade. Este é o primeiro livro, como ficção, que se escreve tendo como temática a luta dos tropeiros dos balatais.

A TRILOGIA DE ROMANCES AMAZÔNICOS DE SILVIO MEIRA

Silvio Meira, com sua escrita profundamente enraizada na realidade amazônica, nos presenteia com a Trilogia de Romances Amazônicos, composta por *O Ouro do Jamanxin*, *Os Balateiros do Maicuru* e *Os Náufragos do Carnapijô*. Cada obra oferece uma janela única para o universo amazônico, destacando as riquezas, os desafios e as histórias humanas que emergem desse cenário de beleza e contrastes. Esses três romances formam um conjunto literário indispensável, que dialoga com as questões contemporâneas sobre a preservação da Amazônia e os impactos da exploração sobre as comunidades locais. A trilogia se consolida como um marco na literatura brasileira, lembrando-nos da urgência de proteger tanto os recursos naturais quanto as histórias humanas que moldam essa região única.

SILVIO MEIRA: Professor Catedrático e Emérito da Universidade Federal do Pará. Membro Fundador da Academia Brasileira de Letras Jurídicas (ABLJ). Prêmio Machado de Assis (ABL). Prêmio Teixeira de Freitas (IAB). Prêmio Pontes de Miranda (ABLJ). Medalha “Verdienstkreuz”, em 1ª classe, da República Federal da Alemanha. Diploma “Ami de Paris” (Conselho Municipal de Paris). Jurista. Jurisconsulto. Advogado.

Encontre este livro gratuitamente em formato digital acessando: livraria.senado.leg.br



SENADO FEDERAL

